Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Rua Barão de Jeremoabo, 147 - *Campus* Universitário – Ondina 40170-290 - Salvador-BA
Fone/Fax: (71) 3283 6256 E-mail: **pgletba@ufba.br**

MARIA DO CARMO SÁ TELES DE ARAUJO ROLO

Apócope das vogais átonas [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra

Salvador

2010

MARIA DO CARMO SÁ TELES DE ARAUJO ROLO

Apócope das vogais átonas [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras e Linguística.

ORIENTADORA: PROFª DRª JACYRA ANDRADE MOTA

Salvador

2010

SISTEMA DE BIBLIOTECAS - UFBA

Rolo, Maria do Carmo Sá Teles de Araujo.
Apócope dos fonemas átonos finais [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra /
Maria do Carmo Sá Teles de Araujo Rolo. - 2010.
250 f. : il. + anexos

Orientadora: Profª Drª Jacyra Andrade Mota.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010.

1. Língua portuguesa - Variação. 2. Língua portuguesa - Bahia - Vogais. 3. Fonética. 4. Língua portuguesa - Fonologia. 5. Sociolingüística - Brasil. I. Mota, Jacyra Andrade. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 469.798
CDU - 81'282=134.3

MARIA DO CARMO SÁ TELES DE ARAUJO ROLO

Apócope das vogais átonas [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte Banca Examinadora:

_____

Profª. Drª. Jacyra Andrade Mota - UFBA
Orientadora

_____

Profª. Drª. Suzana Alice Marcelino Cardoso
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

_____

Profª. Drª. Vera Pacheco
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Salvador, de 2010.

Vista parcial do povoado do Beco

Visão panorâmica da cidade de Seabra

Dedico este trabalho a Carolina e Gabriela das quais foram roubados importantes momentos de convivência, e agora veem, com alívio, este fim de etapa.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e coragem para trilhar caminhos novos. Presença fortalecedora em todos os momentos dessa batalha.

Aos meus pais, que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade.

Ao meu companheiro Paulo, com quem compartilho minha família, meu tempo escasso, minha vida; agradeço pelo apoio constante em todas as etapas dessa pesquisa.

Às minhas filhas, Carolina e Gabriela, por compreenderem as ausências impostas pela missão da pesquisa e por tornarem mais suave essa jornada.

Aos meus sobrinhos Leandro, Daniel, Rafael, Ana Clara e Anne Catarine pelo apoio na pesquisa de campo.

À professora Jacyra, por sua orientação tranquila, precisa e eficiente, pela capacidade de passar conhecimentos de forma esperançosa, pela rigidez metodológica e pelo carinho.

Aos meus informantes que se desviaram de outros afazeres para conversar, transformando suas experiências em um rico material para o benefício da pesquisa.

À Linda, pela preciosa ajuda na fase de coleta dos dados.

À família ALiB, pela acolhida.

À Ana Regina, pela elaboração dos mapas de Beco e Seabra, especialmente para esta dissertação.

Às bolsistas Cláudia e Andréa, por terem me amparado com o programa GOLDVARB.

Às amigas, Márcia e Cristiane, pelo companheirismo nos congressos, pelas discussões que tanto enriquecem esse trabalho, por estar comigo nos momentos difíceis.

À amiga Ana Luiza, grande incentivadora que me ajudou a levantar nos momentos difíceis desse empreendimento.

À Profª Drª Vera Pacheco por acreditar em mim, pela sua atenção e disposição em atender-me, pela sua boa vontade em partilhar seu vasto conhecimento de Fonética Acústica, tornando possível o uso do programa acústico nessa pesquisa.

Ao Prof. Dr. Dermeval da Hora, pelo incentivo ao uso de um programa acústico e pelas sugestões pertinentes que tanto enriqueceram a pesquisa.

Á Profª Drª Stella Telles pelos esclarecimentos e sugestões que deu a este trabalho e pelo incentivo ao uso de um programa acústico.

À Profª Drª Bernadete Abaurre, pela atenção e pelas sugestões de leituras.

Ao Prof. Dr. Gregory Guy, pelo carinho com que esclareceu questões de análise quantitativa.

Ao Prof. Dr. Seung-Hwa Lee pelos arquivos de texto gentilmente doados para o enriquecimento dessa pesquisa.

À Profª Drª Maria do Carmo Viegas e Prof. Alan Jardel pela interessante troca de idéias sobre o tema.

Ao Prof. Dr. Cléo Altenhofen pela atenção e pela gentileza de partilhar comigo alguns dos seus textos.

A todos os amigos que me acompanharam nessa jornada, os agradecimentos são tantos e tão especiais, a todos o meu abraço ao fim dessa etapa com um profundo sentimento de gratidão.

Várzea, Bebedouro e Beco

Vamos contar a história
Dos homens deste lugar
Para a geração de agora
A eles saber honrar

Várzea, Bebedouro e Beco
Dá o mote:"Vá-be-ber":
Aqui já teve cachaças
Fabricadas a valer!

(...)

Com mais de trinta engenhos
Desde a Várzea até o Saquinho,
E muitos alambiqueiros
com alambiques no caminho.

(...)

O seu Caldas, velho Caldas,
Possuía grandes largas
De terras que se estendiam
Do Gavião à Malhada!
Não era homem precisado
E dizia gracejando:
"Quisera ser pobre um dia,
De manhã ao meio dia,
Para assim ficar sabendo
Como é que pobre sofria".

(...)

Aqui morava Zé Padre
Que negociava aguardente
Em Lençois e Andaraí
Onde ia frequentemente
Com sua tropa de burros
Daqui pra lá, de lá pra aqui.

(...)

A grande mansão dos Caldas
Hospedou, nesse entrementes,
Os coronéis da Chapada
Reunidos no armistício.
Recebeu altas patentes,
Comandantes de brigada,
Selando a paz desejada
De Horácio e Manuel Fabrício,
Comemorando a concórdia,
Muitos bois foram abatidos
E a paz foi celebrada.

(José F. de Sá Teles)

RESUMO

Este trabalho analisa a apócope das vogais [i] e [u] na sílaba postônica final de paroxítonos em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra. O objetivo principal da pesquisa é identificar os fatores condicionantes do apagamento tanto no aspecto linguístico quanto no social. Assumem-se os fundamentos do modelo estruturalista de Câmara Jr. (2004), bem como os postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008). É um trabalho de base descritiva, e nele faz-se um estudo fonético-fonológico, correlacionando fatores linguísticos e extralinguísticos que possam condicionar a apócope. Para implementação da análise foi utilizado um *corpus* formado por 5.166 ocorrências, incluindo presença e ausência da vogal átona final. Dentre essas, 3.582 foram da vogal [u] e 1.584 da vogal [i]. A amostra analisada é constituída de dezesseis inquéritos: oito em Beco, realizados pelo próprio pesquisador, e oito em Seabra, dentre os quais quatro inquéritos do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB). Como variáveis linguísticas, consideram-se a consoante pré-vocálica, a classe morfológica e o contexto fonético seguinte. Como variáveis extralinguísticas, o gênero/sexo, o tipo de questionário e a localidade. Foram utilizados para a análise dos dados os programas: GOLDVARB e o PRAAT. Apresentam-se evidências de que a consoante pré-vocálica favorece a apócope tanto da vogal [i] quanto da vogal [u] nas duas localidades. Houve uma incidência maior da apócope no discurso semidirigido, tanto em Beco quanto em Seabra. O processo de apócope, em Beco, parece estar associado ao gênero e à faixa etária, enquanto em Seabra atua, apenas, a faixa etária. Apesar da proximidade entre as duas localidades, há uma discrepância muito grande quanto à aplicação da regra. Da análise realizada, foi possível observar que a apócope em Seabra não é significativa e o índice, provavelmente, é o característico de outras áreas brasileiras. Já em Beco, a apócope das vogais [i] e [u] caracteriza-se como um fenômeno frequente, que marca linguisticamente aquela comunidade rural.

Palavras-chave: Apócope. Vogais átonas finais. Variação fônica.

ABSTRACT

This research analyzes the theme of the unstressed vowels deletion [u] and [i] in the final syllable of the words which have their stress in the penultimate syllable in two places of the center south of Bahia: Beco and Seabra. The main goal of this research is to identify the conditioning factors of the deletion, in the linguistic aspect as well as in the social one. The foundation of the structural model of Câmara Jr. (2004) is assumed plus the postulates theoretical- methodological of the Sociolinguistic Variationist (LABOV, 2008). This is an essay of descriptive base where a phonetic-phonological study is made, correlating linguistics factors and extra linguistics that might order the occurrences. To make the analysis the *corpus* was formed by 5.166 occurrences including the presence and absence of the final unstressed vowel. Among the occurrences, 3582 were from the vowel [u] and 1.584 were from the vowel [i]. The analyzed sample is composed of sixteen inquiries: eight in Beco, accomplished by the own researcher, and eight in Seabra, where four inquires of the *Atlas Linguistico do Brasil* (ALiB) were included. The pre-vocalic consonant, the morphologic class and the following phonetic context were considered as linguistic variables. As extralinguistic factors the gender/sex, age group, the type of questionnaires and the locality. The programs GOLDVARB and PRAAT were used for the analysis of the data. They come up with evidences that the pre-vocalic consonant favors the deletion of the vowel [u] as well as the vowel [i] in both sites. There was a large incidence of the final vowels deletion in the oriented speech in Beco as well as in Seabra. The process in Beco seems to be associated to the gender/sex and the age group, while in Seabra, it acts just in the age group. In spite of the proximity of the two places, there is a very big discrepancy of the application of the rules. From the analysis accomplished it was possible to observe that the final unstressed vowels deletion in Seabra is not significant and the index, probably, is the characteristic index of other Brazilian areas. But in Beco the vowels deletion [u] and [i] are characterized as a frequent phenomenon, which marks linguistically that rural community.

Key words: Final vowel deletion. Unstressed vowels. Phonic variation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Caracterização articulatória das vogais tônicas no português do Brasil	67
Quadro 02 -	Vogais pretônicas no português do Brasil	68
Quadro 03 -	Vogais postônicas não-finais no português do Brasil	69
Quadro 04 -	Vogais postônicas finais no português do Brasil	69
Quadro 05 -	Sistema das vogais orais no português europeu	74
Quadro 06 -	Ocorrências da apócope em regiões de Portugal no **ALPI**	78
Quadro 07 -	Ocorrências da apócope em localidades do **ALEAç**	80
Quadro 08 -	Distribuição da forma padrão e não-padrão da variante micaelense	82
Quadro 09 -	Ocorrências da apócope em localidades do **APFB**	84
Quadro 10 -	Ocorrências da apócope em localidades do **ALERS**	90
Quadro 11 -	Estratificação da amostra de Beco	113
Quadro 12 -	Estratificação da amostra de Seabra	114
Quadro 13 -	A variável dependente	124

LISTA DE FIGURAS

Figura	1 -	Posição do Município em relação ao Estado e sua capital	92
Figura	2 -	Mapa do Município de Seabra	92
Figura	3 -	Espectrograma “prefeito” [pɾeˈfɛjtu]	140
Figura	4 -	Espectrograma “prefeito” [pɾeˈfɛt]	140
Figura	5 -	Espectrograma “garfo” [ˈgawfʊ]	141
Figura	6 -	Espectrograma “garfo” [ˈgawf]	141
Figura	7 -	Espectrograma “bife”- [ˈbifɪ]	184
Figura	8 -	Espectrograma “bife” [ˈbif]	184
Figura	9 -	Espectrograma “fome” [ˈfõmɪ]	185
Figura	10 -	Espectrograma “fome” [ˈfõm]	185

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultados da variável [t, d], segundo a escolaridade dos falantes da área urbana 44

Tabela 2 - Resultado da variável [t, d], segundo a escolaridade dos falantes da área rural 45

Tabela 3 - Distribuição das ocorrências de [i] e [u] na amostra 137

Tabela 4 - Distribuição da presença/ausência para [i] e [u] no *corpus* 138

Tabela 5 - Distribuição da apócope das vogais [i] e [u] por localidade 138

Tabela 6 - Apócope da vogal átona [u], segundo a classe morfológica, em Beco e em Seabra 144

Tabela 7 - Apócope da vogal átona [u], segundo o contexto fonético seguinte, em Beco e em Seabra 146

Tabela 8 - Apócope da vogal átona [u], segundo a consoante pré-vocálica, em Beco e em Seabra 148

Tabela 9 - Apócope da vogal átona [u], segundo o gênero/sexo dos falantes, em Beco e em Seabra 152

Tabela 10 - Apócope da vogal átona [u], segundo a faixa etária, em Beco e em Seabra 153

Tabela 11 - Apócope da vogal átona [u], em função do gênero/sexo e da faixa etária, em Beco e em Seabra 155

Tabela 12 - Apócope da vogal átona [u], segundo o tipo de questionário, em Beco e Seabra 156

Tabela 13 - Apócope da vogal átona [u], em função das localidades: Beco e Seabra 158

Tabela 14 - Apócope da vogal átona [u], segundo a classe morfológica, em Beco 161

Tabela 15 - Apócope da vogal átona [u], segundo a consoante pré-vocálica, em Beco 163

Tabela 16 - Apócope da vogal átona [u], segundo o contexto fonético seguinte, em Beco 166

Tabela 17 - Apócope da vogal átona [u], segundo o gênero/sexo, em Beco 168

Tabela 18 - Apócope da vogal átona [u], segundo a faixa etária, em Beco 169

Tabela 19 - Apócope da vogal átona [u], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Beco 170

Tabela 20 - Apócope da vogal átona [u], segundo o tipo de questionário, em Beco 171

Tabela 21 - Apócope da vogal átona [u], por informante, em Beco 173

Tabela 22 - Apócope da vogal átona [u], segundo a consoante pré-vocálica, em Seabra 176

Tabela 23 - Apócope da vogal átona [u], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Seabra 178

Tabela 24 - Apócope da vogal átona [u], por informantes, em Seabra 180

Tabela 25 - Apócope da vogal átona [i], segundo a consoante pré-vocálica, em Beco e em Seabra 189
Tabela 26 - Apócope da vogal átona [i], segundo a faixa etária, em Beco e em Seabra 192
Tabela 27 - Apócope da vogal átona [i], em função do gênero/sexo, em Beco e em Seabra 193
Tabela 28 - Apócope da vogal átona [i], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Beco e Seabra 194
Tabela 29 - Apócope da vogal átona [i], em função do tipo de questionário e as localidades de Beco e de Seabra 196
Tabela 30 - Apócope da vogal átona [i], em função das localidades: Beco e Seabra 197
Tabela 31 - Apócope da vogal átona [i], segundo a consoante pré-vocálica, em Beco 199
Tabela 32 - Apócope da vogal átona [i], segundo o contexto fonético seguinte, em Beco 201
Tabela 33 - Apócope da vogal átona [i], em função do gênero/sexo e da faixa etária, em Beco 202
Tabela 34 - Apócope da vogal átona [i], por informantes, em Beco 203
Tabela 35 - Apócope da vogal átona [i], segundo a consoante pré-vocálica, em Seabra 206
Tabela 36 - Apócope da vogal átona [i], segundo a faixa etária, em Seabra 208
Tabela 37 - Apócope da vogal átona [i], por informantes, em Seabra 209

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Apócope da vogal átona [u], em função da classe morfológica, em Beco e em Seabra 145

Gráfico 2 - Apócope da vogal átona [u], em função do contexto seguinte, em Beco e em Seabra 146

Gráfico 3 - Apócope da vogal átona [u], em função da consoante pré-vocálica, em Beco e em Seabra 151

Gráfico 4 - Apócope da vogal átona [u], segundo o gênero/sexo, em Beco e em Seabra 153

Gráfico 5 - Apócope da vogal átona [u], segundo a faixa etária, em Beco e em Seabra 154

Gráfico 6 - Apócope da vogal átona [u], em função do gênero/sexo e a faixa etária , em Beco e em Seabra 156

Gráfico 7 - Apócope da vogal átona [u], segundo o tipo de questionário, em Beco e Seabra 157

Gráfico 8 - Apócope da vogal átona [u], em função das localidades: Beco e Seabra 158

Gráfico 9 - Apócope da vogal átona [u], em função da classe morfológica, em Beco 161

Gráfico 10 - Apócope da vogal átona [u], em função da consoante pré-vocálica, em Beco 165

Gráfico 11 - Apócope da vogal átona [u], em função do contexto seguinte, em Beco 167

Gráfico 12 - Apócope da vogal átona [u], segundo o gênero/sexo, em Beco 168

Gráfico 13 - Apócope da vogal átona [u], em Beco, segundo a faixa etária, em Beco 169

Gráfico 14 - Apócope da vogal átona [u], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Beco 171

Gráfico 15 - Apócope da vogal átona [u], segundo o tipo de questionário, em Beco 172

Gráfico 16 - Apócope da vogal átona [u], em função da consoante pré-vocálica, em Seabra 177

Gráfico 17 - Apócope da vogal átona [u], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Seabra 179

Gráfico 18 - Apócope da vogal átona [i] em função da consoante pré-vocálica, em Beco e em Seabra 191

Gráfico 19 - Apócope da vogal átona [i], segundo a faixa etária, em Beco e em Seabra 193

Gráfico 20 - Apócope da vogal átona [i], segundo gênero/sexo, em Beco e em Seabra 194

Gráfico 21 - Apócope da vogal átona [i], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Beco e em Seabra 195

Gráfico 22 - Apócope da vogal átona [i], em função do tipo de questionário e as localidades de Beco e de Seabra 196
Gráfico 23 - Apócope da vogal átona [i], em função das localidades: Beco e Seabra 198
Gráfico 24 - Apócope da vogal átona [i], segundo a consoante pré-vocálica, em Beco 200
Gráfico 25 - Apócope da vogal [i] em função do contexto seguinte, em Beco 201
Gráfico 26 - Apócope da vogal átona [i], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Beco 203
Gráfico 27 - Apócope da vogal átona [i] em função da consoante pré-vocálica, em Seabra 207
Gráfico 28 - Apócope da vogal átona [i], segundo a faixa etária, em Seabra 208

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADDU	Atlas Linguístico Diatópico Diastrático do Uruguai
AIS	Atlas Ítalo Suíço
ALE	Atlas Linguarum Europae
ALF	Atlas Linguistique de La France
ALPI	Atlas Lingüístico de La Península Ibérica
ALERS	Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALEPG	Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza
ALEAç	Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores
ALPb	Atlas Lingüístico da Paraíba
ALiB	Atlas Lingüístico do Brasil
ALPR	Atlas Lingüístico do Paraná
ALIR	Atlas Linguistique Roman
ALISPA	Atlas Lingüístico Sonoro do Pará
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
CIRC.	Circunstante
Cf.	Conforme
EALMG	Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais
GOLDVARB	VARBRUL para ambiente Windows
IPA	Internacional Phonetic Alphabet
LANE	Linguistic Atlas of New England
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPA	Internacional Phonetic Alphabet
INF.	Informante
INQ.	Inquiridor
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico-Lexical
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
VARSUL	Variação Lingüística Urbana do Sul do País
VARBRUL	Variable Rules (Regras variáveis)

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	25
1	**REFERENCIAL TEÓRICO**	29
1.1	A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	29
1.1.1	**A variável dependente**	32
1.1.2	**As variáveis independentes**	33
1.1.2.1	Os fatores linguísticos	33
1.1.2.2	Os fatores extralinguísticos	35
1.1.2.2.1	*A variável gênero/sexo*	36
1.1.2.2.2	*A variável idade*	40
1.1.2.2.3	*A variável nível de instrução*	43
1.1.3	**Variação e mudança**	45
1.1.3.1	Os problemas que norteiam os estudos da mudança	51
1.1.3.1.1	*O problema das restrições*	51
1.1.3.1.2	*O problema da transição*	52
1.1.3.1.3	*O Problema do encaixamento*	52
1.1.3.1.4	*O Problema da avaliação*	52
1.1.3.1.5	*O Problema da implementação*	53
1.2	A DIALECTOLOGIA E AS IMPLICAÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS	54
1.2.1	**Uma breve história da Dialectologia**	56
1.2.2	**A Dialectologia no Brasil**	59
1.3	BREVE INCURSÃO SOBRE A FONÉTICA E A FONOLOGIA	61
1.3.1	**As vogais no português do Brasil**	65
1.3.1.1	Posição tônica	66
1.3.1.2	Posição átona	67
1.3.1.2.1	*Posição átona pretônica*	67
1.3.1.2.2	*Posição átona postônica não final*	69
1.3.1.2.3	*Posição átona postônica final*	69
1.3.2	**As vogais inacentuadas no português de Portugal**	71
1.3.3	**Tecendo algumas considerações**	74

2	**A APÓCOPE: PERCORRENDO CAMINHOS**	76
2.1	A APÓCOPE EM TEXTOS GALEGO-PORTUGUESES	77
2.2	A APÓCOPE NO PORTUGUÊS DE PORTUGAL	77
2.2.1	**No Atlas Lingüístico de La Península Ibérica *(*ALPI*)***	77
2.2.2	**No Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores *(*ALEAç*)***	79
2.2.3	**Estudos sobre a apócope no português de Portugal**	80
2.3	A APÓCOPE NO PORTUGUÊS DO BRASIL	82
2.3.1	**No Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)**	83
2.3.2	**Em Minas Gerais**	85
2.3.2.1	*No Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG)*	86
2.3.4	**Em Santa Catarina**	88
2.3.5	**No Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul (ALERS)**	90
2.3.7	**Tecendo algumas considerações**	91
3	**A LOCALIDADE: ASPECTOS HISTÓRICOS DO POVOAMENTO**	92
3.1	A CHAPADA DIAMANTINA	93
3.2	DE COCHÓ DO PEGA A SEABRA	96
3.3	A ESTRADA DE BOIADEIRA E O POVOAMENTO DE BECO	98
3.4	TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	102
4	**METODOLOGIA**	103
4.1	O *CORPUS* DA AMOSTRA	103
4.2	AS ENTREVISTAS	104
4.3	OS QUESTIONÁRIOS	107
4.4	OS INQUÉRITOS	109
4.4.1	**Os inquéritos de Beco**	110
4.4.2	**Os inquéritos de Seabra**	110
4.4.2.1	Os inquéritos do ALiB no *corpus*	110
4.4.2.2	Os inquéritos realizados pelo pesquisador	111
4.5	OS INFORMANTES	112
4.5.1	**Beco**	114
4.5.2	**Seabra**	116
4.6	A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS	118
4.6.1	**O levantamento dos dados**	119

4.7 A ANÁLISE ACÚSTICA DOS DADOS 122
4.8 AS VARIÁVEIS 124
4.8.1 **A variável dependente** 124
4.8.2 **As variáveis independentes** 124
4.8.2.1 As variáveis linguísticas 125
4.8.2.1.1 *Grupo 1: Consoante pré-vocálica* 125
4.8.2.1.2 *Grupo 2: Vogal ou semivogal da sílaba antecedente* 127
4.8.2.1.3 *Grupo 3: Dimensão do vocábulo* 128
4.8.2.1.4 *Grupo 4: Classe morfológica* 129
4.8.2.1.5 *Grupo 5: Tipo de frase* 130
4.8.2.1.6 *Grupo 6: Posição da palavra na frase* 130
4.8.2.1.7 *Grupo 7: Contexto fonético seguinte* 131
4.8.2.2 As variáveis sociais 131
4.8.2.2.1 *Grupo 8: A variável gênero/sexo do informante* 131
4.8.2.2.2 *Grupo 9: Faixa etária do informante* 132
4.8.2.3 Variáveis discursivas 132
4.8.2.3.1 *Grupo 10: Tipo de questionário* 132
4.8.2.4 Variáveis geolinguísticas 132
4.8.2.4.1 *Grupo 11: Localidade* 132
4.8.2.4.2 *Grupo 12: Interferência individual do informante* 132
4.9 O SUPORTE QUANTITATIVO 133
4.10 A CODIFICAÇÃO DOS DADOS 134
5 ANÁLISE DOS DADOS 136
5.1 DESCRIÇÃO E APRESENTAÇÃO GERAL DOS DADOS 136
5.2 A APÓCOPE DA VOGAL [u] 139
5.2.1 **A apócope da vogal [u] em Beco e em Seabra** 142
5.2.1.1 As variáveis linguísticas 144
5.2.1.1.1 *A classe morfológica* 144
5.2.1.1.2 *O contexto fonético seguinte* 145
5.2.1.1.3 *A consoante pré-vocálica* 147
5.2.1.2 As variáveis sociolinguísticas 152
5.2.1.2.1 *A variável gênero/sexo* 152
5.2.1.2.2 *A variável faixa etária* 153

5.2.1.2.3 *Cruzamento entre as variáveis gênero/sexo e faixa etária* 154
5.2.1.3 As variáveis discursivas 156
5.2.1.4 As variáveis geolinguísticas 157
5.2.1.4.1 *A localidade* 157
5.2.2 **A apócope da vogal [u] em Beco** 159
5.2.2.1 Variáveis linguísticas 160
5.2.2.1.1 *A classe morfológica* 160
5.2.2.1.2 *A consoante pré-vocálica* 162
5.2.2.1.3 *O contexto fonético seguinte* 166
5.2.2.2 As variáveis sociolinguísticas 167
5.2.2.2.1 *A variável gênero/sexo* 167
5.2.2.2.2 *A variável faixa etária* 168
5.2.2.2.3 *Cruzamento entre as variáveis gênero/sexo e faixa etária* 169
5.2.2.3 As variáveis discursivas 171
5.2.2.4 Interferência individual dos informantes, em Beco 172
5.2.3 **A apócope da vogal [u] em Seabra** 174
5.2.3.1 As variáveis linguísticas 175
5.2.3.1.1 *A consoante pré-vocálica* 175
5.2.3.2 As variáveis sociais 178
5.2.3.2.1 *Cruzamento entre as variáveis gênero/sexo e faixa etária* 178
5.2.3.3 Interferência individual dos informantes, em Seabra 179
5.2.3.5 Alinhavando algumas conclusões – vogal [u] 181
5.3 A APÓCOPE DA VOGAL [i] 183
5.3.1 **A apócope da vogal [i] em Beco e em Seabra** 186
5.3.1.1 As variáveis linguísticas 187
5.3.1.1.1 *A consoante pré-vocálica* 187
5.3.1.2 As variáveis sociolinguísticas 192
5.3.1.2.1 *A variável faixa etária* 192
5.3.1.2.2 *A variável gênero/sexo* 193
5.3.1.2.3 *Cruzamento entre as variáveis gênero/sexo e faixa etária* 194
5.3.1.3 As variáveis discursivas 195
5.3.1.3.1 *O tipo de questionário* 195
5.3.1.4 As variáveis geolinguísticas 197

5.3.1.4.1 *A localidade* 197
5.3.2 **A apócope da vogal [i] em Beco** 198
5.3.2.1 As variáveis linguísticas 199
5.3.2.1.1 *A consoante pré-vocálica* 199
5.3.2.1.2 *O contexto fonético seguinte* 200
5.3.2.2 As variáveis sociolinguísticas 202
5.3.2.2.1 *Cruzamento entre as variáveis gênero/sexo e faixa etária* 202
5.3.2.3 Interferência individual dos informantes, em Beco 203
5.3.3 **A apócope da vogal [i] em Seabra** 204
5.3.3.1 As variáveis linguísticas 205
5.3.3.1.1 *A consoante pré-vocálica* 205
5.3.3.2 As variáveis sociolinguísticas 207
5.3.3.2.1 *A faixa etária* 208
5.3.3.3 A interferência individual dos informantes, em Seabra 209
5.3.3.4 Alinhavando algumas conclusões – vogal [i] 209
5.4 GRUPO DE FATORES NÃO SELECIONADOS 211
5.4.1 **Grupo de fatores não selecionados nas rodadas conjuntas, Beco e Seabra – vogal [u]** 211
5.4.1.1 Vogal ou semivogal da sílaba antecedente 211
5.4.1.2 Dimensão do vocábulo 212
5.4.1.3 Tipo de frase 212
5.4.1.4 Posição da palavra na frase 212
5.4.2 **Grupo de fatores não selecionados nas rodadas individuais, em Beco – vogal [u]** 212
5.4.3 **Grupo de fatores não selecionados nas rodadas individuais, em Seabra – vogal [u]** 213
5.4.3.1 A Classe morfológica 213
5.4.3.2 O contexto fonético seguinte 213
5.4.3.3 O tipo de questionário 213
5.4.3.4 O gênero/sexo 214
5.4.3.5 A faixa etária 214
5.4.4 **Grupo de fatores não selecionados nas rodadas conjuntas, Beco e Seabra – Vogal [i]** 214

5.4.4.1 A Classe morfológica 214
5.4.4.1 O contexto fonético seguinte 215
5.4.4.3 O tipo de questionário 215
5.4.5 **Grupo de fatores não selecionados nas rodadas individuais, em Beco – vogal [i]** 215
5.4.6 **Grupo de fatores não selecionados nas rodadas individuais, em Seabra – vogal [i]** 215
5.4.6.1 O gênero/sexo 216
CONSIDERAÇÕES FINAIS 217
REFERÊNCIAS 223
ANEXO A- Ficha social do informante 228
ANEXO B - Autorização do informante 230
ANEXO C - Roteiro para entrevista – Temas 231
ANEXO D - Roteiro para entrevista – QFF 232
ANEXO E - Algumas transcrições: Temas – Beco e Seabra 239
ANEXO F - Algumas transcrições: QFF – Beco e Seabra 241
ANEXO G - Carta 35 do EALMG 243
ANEXO H - Distribuição da apócope nos três estados do Sul do Brasil, segundo o ALERS 244
ANEXO I - Chave de codificação do grupo de fatores – Vogal [u] 245
ANEXO J - Chave de codificação do grupo de fatores – Vogal [i] 248

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a língua como fenômeno social está intimamente relacionada a atitudes sociais dos falantes dentro de uma comunidade. Os indivíduos são socialmente diversificados, tanto em função dos vários papéis sociais que a sociedade lhes impõe quanto nas expectativas de padrões de comportamento que são criados para cada um deles, indicando que a língua falada, de um modo geral, é heterogênea e diversificada, posto que o sistema linguístico da fala se configura como um sistema de possibilidades.

Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar — variação diatópica — seja conforme a situação em que se está falando — variação diafásica — seja conforme as diferenças de estratos sociais dentro de uma mesma comunidade — variação diastrática. Pode-se estudar ainda a variação diacrônica ou histórica, que consiste em verificar as diversas manifestações de uma língua através dos tempos.

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise sincrônica das comunidades de Beco e Seabra para constatar diferenças com relação ao português padrão. Tal análise pretende verificar a presença ou ausência das vogais altas finais [i] e [u] na realização da fala, bem como definir as condições que favorecem ou restringem a variação, tendo em vista que, como observa Silva (2007, p.85) "a distribuição das vogais postônicas finais e das vogais postônicas mediais caracteriza a variação dialetal (ou mesmo idioletal) no português brasileiro".

Seabra foi escolhida por ser uma cidade que reúne características peculiares tanto no aspecto geográfico quanto no aspecto regional. É uma das microrregiões do Centro Sul Baiano e o centro geográfico da Bahia. Possui comércio expressivo e facilidade de acesso local, o que faz da cidade o centro também para as comunidades adjacentes, pois possui uma infraestrutura que supre suas necessidades educacionais, econômicas e de saúde. Com isso, na sede, convivem falantes oriundos de diferentes municípios e distritos e, consequentemente, deve reunir todas as suas variantes. Cada falante preserva seu traço linguístico como se estivesse garantindo a sua identidade, comprovando o que Lemle (2005, p.48) diz: "a língua falada por uma pessoa torna-se marca de sua identidade. Damos valor ao modo como nossa comunidade se expressa, temos apego à forma de língua falada pelos iguais que nos cercam".

A comunidade rural de Beco, distante a 10 quilômetros de Seabra, foi escolhida pelo fato de, em pesquisas preliminares, ter revelado um distanciamento entre o português padrão e

o português não-padrão com relação ao apagamento dos segmentos fonéticos átonos [i] e [u] na última sílaba das palavras como, por exemplo, "– Não eu pag [ˈpag] fret [ˈfrɛt]" (*Não, eu pago frete*); "Aqui é bem sec [ˈsek] (*Aqui é bem seco*). Essas variações são fenômenos fortemente marcados entre os falantes de Beco e os identificam como pertencentes a tal comunidade.

É um trabalho de base descritiva, desenvolvido à luz dos postulados da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) e dos fundamentos do modelo estruturalista de Câmara Jr. (2004), e nele faz-se um estudo fonético-fonológico, correlacionando fatores linguísticos e extralinguísticos que possam condicionar as ocorrências.

A opção pelo estudo da apócope em átonas finais na linha variacionista, com base em dados coletados de amostra de dialetos populares, justifica-se pela constatação de que, nessa área, ocorre o desaparecimento das vogais átonas finais [u] e [i], tornando, assim, pertinente conhecer e descrever os fatores que os condicionam. Os falantes parecem conservar marcas linguísticas que lhe são muito peculiares e que são importantes na identificação dos grupos.

Tendo em vista que na análise quantitativa existem programas estatísticos especialmente elaborados para o tratamento de dados linguísticos e sabendo que uma das principais características da sociolinguística variacionista é a quantificação das ocorrências de cada variante em relação às variáveis analisadas, adotou-se, para a análise do banco de dados desta pesquisa, o GOLDVARB 2001, a fim de observar os ambientes linguísticos e extralinguísticos em que a aplicação da regra era mais frequente.

Para implementação da análise foi utilizado um *corpus* formado por 5.166 ocorrências, incluindo presença e ausência da vogal átona final nas duas localidades. O *corpus* foi constituído de 16 inquéritos, 8 de Seabra e 8 de Beco. Em Seabra foram selecionados quatro inquéritos entre os que integram o Projeto ALiB — *Atlas Linguístico do Brasil* — e foram realizados mais quatro inquéritos na sede. Quanto a Beco, foram realizados 8 inquéritos na comunidade para apuração da ocorrência do fenômeno. Em todos os inquéritos foi considerado o mesmo perfil do informante utilizado pelo Projeto ALiB.

De acordo com as técnicas da pesquisa sociolinguística (LABOV, 2008), pretendeu-se, nesse estudo, confrontar os dados da comunidade de Beco com os dados de Seabra, uma das localidades que fazem parte do *Atlas Linguístico do Brasil*, para observar a ocorrência do desaparecimento das vogais átonas finais [i] e [u] na realização da fala dos informantes. Parte-se do pressuposto de que a variação linguística é fator marcante nos falantes desta região e de que existem fatores estruturais e sociais que condicionam o uso de uma ou de outra variante

nos diversos fenômenos linguísticos. Buscar os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem estar controlando este processo de variação é o que pretende esta análise.

Alguns processos fonético-fonológicos têm despertado grande interesse da comunidade linguística e de estudiosos em geral como, por exemplo, as vogais átonas pretônicas e as postônicas não-finais. As vogais átonas finais têm sido pouco estudadas no português do Brasil. Estudos pioneiros, como os de Oliveira (2006) e Viegas e Oliveira (2008) na cidade de Itaúna em Minas Gerais, revelam que o fenômeno do apagamento de vogais átonas finais na realização da fala está presente no português do Brasil. Isso só confirma a hipótese de que as vogais átonas finais, por serem mais flexíveis, flutuam mais em decorrência da variação dialetal, permitindo não só a neutralização, mas também o seu apagamento. Em vista disso, este trabalho se reveste de um caráter exploratório que tem muito a colaborar com a pesquisa para um maior conhecimento do português brasileiro.

Espera-se que esse estudo possa servir de incentivo a outros pesquisadores, a fim de engajarem na pesquisa e desvendarem a realidade sociolinguística do português do Brasil.

Esta dissertação organiza-se em 5 capítulos resumidamente apresentados nos parágrafos seguintes.

No capítulo 1, são apresentados os pressupostos teóricos divididos em duas seções: a primeira, de base variacionista, é desenvolvida sob os postulados da Sociolinguística Quantitativa de William Labov, segundo o qual as línguas humanas são inerentemente variáveis e sujeitas a mudanças. A segunda seção trata do aporte teórico de base fonético-fonológica sobre o qual se sustentou o eixo da pesquisa. Seguindo os preceitos estruturalistas de Câmara Jr., fez-se uma descrição vocálica do português do Brasil, confrontando-o com o português de Portugal no que diz respeito às vogais átonas finais, ressaltando algumas diferenças e semelhanças.

No capítulo 2, tem-se um panorama geral da apócope em Portugal e no Brasil, partindo do século XIII, passando pela documentação em atlas linguísticos nos dois países até a sua documentação em estudos realizados atualmente em Portugal e no Brasil.

No capítulo 3, são apresentados os aspectos histórico-geográficos das localidades, com ênfase na importância dos “Caminhos” como componentes essenciais no contexto histórico geral.

O capítulo 4 aborda os aspectos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Descreve-se a metodologia adotada desde a escolha do fenômeno a ser estudado, passando pela constituição do *corpus*, perfil dos informantes, transcrição dos dados até os *softwares*

utilizados para análise dos dados: GOLDVARB e PRAAT. Serão explicitados os fatores que foram selecionados para análise e explicados os motivos pelos quais foi feita essa seleção.

No Capítulo 5, serão apresentados e discutidos os resultados, especificando os fatores linguísticos, sociolinguísticos, discursivos e geolinguísticos, selecionados pelo programa como favorecedores da ausência ou presença das vogais átonas finais [i] e [u].

Por fim, serão apresentadas as conclusões finais e algumas indicações de pesquisas futuras que possam contribuir para uma descrição mais aprofundada do fenômeno em análise neste estudo.

A seguir, encontram-se as referências, anexos e apêndices. Nos anexos, estão reunidos dados referentes aos informantes (Anexo A), o termo de autorização dos informantes (Anexo B), os questionários utilizados nas entrevistas: Temas (Anexo C) e QFF (Anexo D), alguns trechos de transcrições (Anexos E e F), Carta 35 do EALMG (Anexo G), o quadro completo com a distribuição da apócope no ALERS (Anexo H), a chave de codificação da vogal [u] (Anexo I) e da vogal [i] (Anexo J).

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo divide-se em duas seções. A primeira trata dos pressupostos teórico-metodológicos de base variacionista, desenvolvidos a partir da década de 60, por William Labov. A segunda trata do aporte teórico de base fonético-fonológica sobre o qual se sustentou o eixo da pesquisa, tendo a fonologia estrutural matosiana como norteadora dos trabalhos. Respaldando-se nessas duas teorias, busca-se um ponto de diálogo entre ambas, a fim de obter explicações para o fenômeno estudado.

1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística é uma das áreas da Linguística Moderna que estuda a língua em situações reais de uso e tem como objeto de estudo os padrões linguísticos observáveis dentro de uma comunidade de fala, tendo em vista o que Labov (2008, p.21) afirma: "Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre". Sendo assim, a Sociolinguística concentra-se na investigação dos fenômenos linguísticos em seu contexto social, analisando-os sistematicamente através de um sistema heterogêneo constituído por regras variáveis.

As bases metodológicas da pesquisa variacionista foram lançadas por William Labov, linguista norte-americano, com seu importante estudo na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, EUA. Esse modelo de análise nasceu em 1963 e apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Embora não tenha sido o primeiro a se ocupar da dimensão social da linguagem, Labov destaca-se por ser o principal formulador da teoria sociolinguística na qual busca entender a língua em seu contexto social, estabelecendo relações entre contextos sociais e fenômenos linguísticos.

A linguagem e a sociedade são intrinsecamente ligadas de modo inquestionável. Uma não pode ser concebida sem a outra. Dentro da sociedade e considerando a comunidade de fala, a língua se configura como um potencial e eficiente instrumento de interação na comunicação humana.

Sendo a comunidade de fala o eixo norteador dos estudos sociolinguísticos, Labov (2008) a entende como um grupo de falantes que compartilha a mesma língua e um conjunto de normas linguísticas e atitudes sociais frente à língua. Essas atitudes sociais para com a

língua são extremamente uniformes dentro de uma comunidade de fala, pois os falantes comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros grupos externos à comunidade (LABOV, 2008). É pela utilização da língua dentro da comunidade de fala que o indivíduo constroi seus valores, sua relação com o outro e sua identidade. Apesar de o objeto da Sociolinguística não ser a fala do indivíduo, o estudo dos aspectos individuais da fala dentro da comunidade é importante, pois é ele quem sinaliza processos essenciais de inovação ou mudança no seio da comunidade.

O próprio termo *comunidade* reveste-se de uma característica essencialmente social que se distingue pelas normas e valores que são atribuídos à língua, como se pode observar na concepção de Fernández (1998, p.19):

> Una comunidad de habla está formada por un conjunto de hablantes que comparten, efectivamente, al menos, una lengua, pero que, además, comparten un conjunto de normas y valores de natureza sociolinguística: comparten unas mismas actitudes linguísticas, unas mismas reglas de uso, un mismo critério a la hora de valorar socialmente los hechos linguísticos, unos mismos patrones sociolinguísticos[1].

Adiante, o autor acrescenta:

> Los miembros de una comunidad de habla son capaces de reconocerse quando comparten opinión sobre lo que es vulgar, lo que es familiar, lo que es incorrecto, lo que es arcaizante o antiquado[2].

Tendo em vista que a linguagem é um fator eminentemente social, o autor destaca as normas sociolinguísticas como condição necessária para o pertencimento à comunidade de fala e marca distintiva entre os diferentes grupos. Os membros de uma mesma comunidade são integrados quanto ao uso da fala, às normas e aos valores compartilhados.

Qualquer língua falada por qualquer comunidade sofre variações. É na diversidade de usos da língua pelos falantes que ocorrem as variações e mudanças que vão transformando a língua. Em uma mesma comunidade de fala existem formas linguísticas em variação, pois a língua se concretiza no falar e a fala é um ato individual. Dentro de uma mesma comunidade de fala, as formas alternantes de expressar o mesmo conteúdo recebem o nome de variantes linguísticas, como esclarece Tarallo (2005, p.8):

---

[1] Uma comunidade de fala está formada por um conjunto de falantes que compartilham, efetivamente, ao menos, uma língua, mas que, além disso, compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística: compartilham umas mesmas atitudes linguísticas, umas mesmas regras de uso, um mesmo critério na hora de valorar socialmente os fatos linguísticos, uns mesmos padrões sociolinguísticos.

[2] Os membros de uma comunidade de fala são capazes de se reconhecerem quando compartilham opiniões sobre o que é vulgar, o que é familiar, o que é incorreto, o que é arcaizante ou articulado.

> Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas de variação dá-se o nome de "variantes". "Variantes linguísticas" são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.

Tais variantes linguísticas estão profundamente ligadas à vida de cada indivíduo e à realidade em que ele se insere, permitindo a informação dentro de um grupo social. Todos os falantes se entendem dentro de um contexto porque há regras de comportamento linguístico que os falantes de cada comunidade tem internalizadas, as quais manipulam automaticamente. Na verdade, a língua falada, de um modo geral, é, a um só tempo, heterogênea e diversificada, posto que o sistema linguístico da fala é um sistema de probabilidades.

Para Labov (2008, p.151-152), "o estudo da variação social na língua é simplesmente um dos muitos aspectos do estudo das estruturas linguísticas variantes". Esse estudo sociolinguístico visa à descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável, buscando estabelecer relações entre a variação observada e os processos de mudança que estão acontecendo. A evidência empírica e o tratamento estatístico de dados que, na análise variacionista, são duas motivações que levam o linguista a pesquisar essas estruturas variantes da língua, permitem observar o processo de mudança em andamento, considerando a dinâmica da interação social no curso de uma mudança como diz Labov (2008, p.151-152):

> Uma motivação para o linguista estudar tais estruturas é que elas oferecem comprovação empírica para resolver análises estruturais alternativas no nível funcional, dando soluções empíricas a problemas que, de outro modo, permanecem insolúveis. Em segundo lugar, as estruturas variantes são definidas por métodos quantitativos que permitem os estudos detalhados de mudanças linguísticas em progresso.

A Teoria Variacionista dá ênfase à variabilidade linguística e tem por objetivo descrever os processos de variação e mudança, tendo em vista fatores linguísticos (variáveis internas) e fatores sociais (variáveis sociais). Esses fatores atuam de maneira probabilística na variação da língua, tornando possível definir as condições que favorecem ou restringem a variação.

Pode-se concluir que a pesquisa dentro da Sociolinguística Variacionista exige um levantamento criterioso dos dados de língua falada, descrevendo a variável e traçando o perfil das variantes; importante também é considerar os fatores estruturais e sociais que possam condicionar o processo na investigação científica. Sendo assim, o aparato metodológico para lidar com a variação das vogais átonas finais [i] e [u] na comunidade de fala em estudo encontrou respaldo na sociolinguística variacionista, sobre a qual se baseiam os subsídios para

a investigação, permitindo saber em que medida essas formas variam e a motivação para esta variação.

1.1.1 **A variável dependente**

Partindo do pressuposto de que 'social' é um termo associado a traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e 'estilística' associada às alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala, Labov (2008, p.313), define variação social e estilística:

> A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer "a mesma coisa" de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística

Essas variantes ditas de várias formas configuram um fenômeno variável chamado variável dependente.

A variável dependente, na visão de Labov (2008), deve estar ligada a três propriedades úteis para que sirva de foco para o estudo de uma comunidade de fala: em primeiro lugar, é importante que ela seja frequente, ocorrendo espontaneamente no curso da conversação; segundo, que ela seja estrutural, ou seja, quanto mais integrado o item estiver num sistema maior de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico; e, em terceiro lugar, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada, ou seja, uma distribuição por estratos na sociedade como faixa etária, classe social, gênero, entre outros.

A variação linguística está presente, praticamente, em todos os níveis da língua, desde o mais concreto (fonético-fonológico) ao mais amplo (discurso), passando pela gramática e pelo léxico. Neste estudo, por exemplo, observa-se um caso de variação fonético-fonológica que é a apócope das vogais átonas [i] e [u] nas localidades de Beco e Seabra/BA.

Campoy e Almeida e (2005) dizem que a simetria referencial e funcional entre as formas linguísticas nem sempre é perfeita e transparente, de tal modo que pode haver diferenças de um outro tipo que estabeleçam um paralelismo semântico menos claro entre as diferentes unidades. O autor distingue dois tipos de variáveis linguísticas: as que expressam o mesmo conteúdo e as que implicam alternâncias entre formas com significados diferentes, como os casos de variação sintática, léxico-semântica e pragmática.

1.1.2 **As variáveis independentes**

Os parâmetros postulados por Labov (1972) dizem que "toda variação linguística é condicionada por fatores estruturais e/ou por fatores sociais ou externos". Isso mostra que não existe variação livre, ela é impulsionada por fatores condicionadores. Se não é o contexto linguístico que determina sempre o emprego de uma das formas, parece que sempre se interpõem fatores externos para decidir qual forma irá ocorrer numa dada situação de fala. Tendo em vista que a variação linguística não é aleatória, há uma variável concebida como dependente e influenciada por variáveis independentes de natureza social e estrutural.

Todos os fatores sociais estão subordinados aos imperativos do sistema linguístico. As variáveis sociais influenciam na escolha das variantes, mas nem sempre essa escolha é condicionada por estes fatores. Existem certos fenômenos de variação regulados apenas por pressões do próprio ambiente linguístico em que se realizam. Há casos, também, em que o uso de certas estruturas linguísticas depende quase que exclusivamente das pressões de ordem externa ao sistema. Essas variantes extralinguísticas, especialmente as sociais, atuam onde o sistema da língua permite.

O homem vive integrado em uma sociedade na qual a organização própria de seus grupos é regida por regras. Os códigos de comportamentos dentro do grupo social (etário, profissional, geracional, etc) o diferenciam dos demais e permitem a identificação mútua no grupo. A forma como a pessoa fala faz parte desse conjunto de códigos. Essa variação, baseada em fatores sociais, faz parte do campo de estudo da variação diastrática, diagenérica, diageracional, diafásica, além da variação diacrônica que ocorre através do tempo e a variação diatópica, ligada ao espaço geográfico. Os diversos tipos de variação ocorrem motivados pelos mais diferentes fatores que os condicionam ou os restringem dentro de uma determinada comunidade de fala. Ferreira *et al* (1996, p.480) dizem: "Cabe à Sociolinguística estudar este tipo de variação, tentando estabelecer correlações entre variáveis sociais e fenômenos linguísticos".

1.1.2.1 Fatores linguísticos

Os fatores linguísticos são aqueles de natureza interna que exercem pressões sobre os usos da língua. Nesse conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza

fonético-fonológica, morfossintática, semântico-lexical e os discursivos. Tais fenômenos referem-se a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o significante e o significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua.

Considerando esse conjunto de variáveis internas, Fernández (1998) adverte para o fato de que a variação fonético-fonológica é, sem dúvida, a mais estudada, a mais conhecida, e a que apresenta menos problemas teóricos na hora da exemplificação e interpretação. Isso ocorre porque as variantes de um fonema não implicam alternâncias entre formas com mudança de significados. Exemplo desse tipo de fenômeno ocorre na comunidade em estudo, onde há presença e ausência da vogal átona final como em [tuˈmat] ~ [tuˈmatɪ]; [ˈpov] ~ [ˈpovʊ]; [aˈkel] ~ [aˈkelɪ]. Ao contrário da variável fonético-fonológica, todas as outras variáveis sofrem algum tipo de alteração.

Exemplos de estudos com variáveis fonético-fonológicas são numerosos. Um desses exemplos é o estudo de Labov (2008) na ilha de Martha's Vineyard, realizado em 1963, cujo fenômeno em foco era a centralização do núcleo dos ditongos /ay/ e /aw/ que estava se deslocando para a pronúncia não-padrão [ɐɪ] e [ɐu] ou até mesmo [əɪ] e [əu]. Dentre os fatores observados por Labov para descobrir o padrão que governava a distribuição dos ditongos centralizados, estavam as variáveis linguísticas. Ao observar a influência da consoante subsequente, Labov verificou que as obstruintes, orais surdas, apicais e oclusivas eram favorecedoras de centralização; as líquidas, nasais, sonoras, velares e fricativas não eram favorecedoras de centralização. Com relação à consoante antecedente, observou que "as consoantes iniciais mais favorecedoras em sílabas centralizadas são /h, l, r, w, m, n/, com o alofone glotal oclusivo de zero encabeçando a lista. Assim, as palavras favorecidas são do tipo *right, wife, night, light, nice, life, house, out."* (LABOV, 2008, p.39).

No Brasil, diversos estudos tem surgido no campo fonético-fonológico, como, por exemplo, a tese de doutorado de Bisol (1981) sobre as vogais pretônicas em quatro comunidades sociolinguísticas diferenciadas do extremo sul do país na fala popular e na fala culta; o estudo de Vieira (2002) sobre as vogais médias em posição postônica não-final e final; o estudo de Pagotto (2004) sobre a realização das consoantes oclusivas alveolares na cidade de Florianópolis; a tese de Mota (2004) sobre o /S/ em coda silábica no português de Salvador, e muitos outros trabalhos igualmente relevantes para a pesquisa sociolinguística. Tais estudos observam os fatores linguísticos como possíveis condicionadores dos respectivos fenômenos em análise.

Outras variáveis que também são bastante habituais, depois das fonológicas, são as morfossintáticas, como mostra Lopes (1995) em seu trabalho sobre o comportamento linguístico de homens e mulheres com relação ao uso de *nós* e *a gente*. Dentre os seus objetivos, destaca-se o de verificar se a substituição de *nós* por *a gente* corresponde a um fenômeno de variação estável ou mudança. Nesse estudo, a autora cita três grupos de fatores linguísticos selecionados na subamostra das mulheres: tempo verbal, modalização e tamanho do grupo e mostra que os tempos do subjuntivo (presente (0,96), futuro (0,95), e imperfeito (0,79)) e o pretérito perfeito do indicativo (0,90) favorecem a presença do pronome *nós*. Os tempos verbais não marcados (infinitivo e gerúndio), o futuro do pretérito e o presente do indicativo tendem a ocorrer com *a gente*. O pretérito imperfeito do indicativo pode ocorrer com qualquer uma das duas formas, pois o peso relativo se aproxima da média (0,51). As mulheres, ao modalizarem o seu discurso, empregam o *nós* (0,94) para exprimir sua opinião e *a gente* para marcar um maior descomprometimento com o enunciado (0,77). Além disso, empregam ainda *nós* em referência a um grupo limitado de pessoas (0,61), preferindo *a gente* quando o referente é um grupo indeterminado (grande) (0,56).

1.1.2.2 Fatores extralinguísticos

Os fatores sociais que atuam sobre a variação ocorrem de maneiras diferentes nas comunidades e exercem de alguma forma pressões contínuas sobre a língua, conforme afirma Labov (2008, p.21): “As pressões estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto no passado, mas como uma força social imanente, agindo no presente vivo”. Esses fatores motivam a evolução linguística e estão presentes em situações naturais de interação social.

Nos termos de Mollica (2004), esses fatores estão relacionados a traços próprios dos falantes ou demais características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento de fala. Nesse conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo, como etnia e sexo; os propriamente sociais, como escolarização, nível de renda, profissão e classe social; e os discursivo-interacionais, como o grau de formalidade e a tensão discursiva.

Sabe-se que os fatores sociais não atuam da mesma forma em todas as comunidades. Alguns fatores tendem a exercer uma maior influência no processo de variação. Alguns grupos sociais são mais influenciados pela idade, outros têm na escolaridade um maior poder

de determinação, outros, o nível socioeconômico, e, ainda, em outros grupos, o sexo pode ser irrelevante como fator condicionador da variação. Tudo isso faz com que o uso social da língua seja cada vez mais heterogêneo.

Considerando essas características sociais da linguagem, Fernández (1998, p.34), adverte:

> Las investigaciones sociolingüísticas deben ir precedidas de un análisis sociológico de la comunidad y de estudios exploratórios que permitan comprobar cuáles son las variables realmente importantes en la estructura social y cuáles son las que previsiblemente pueden influir más en el uso social de la lengua[3].

Levando em consideração a afirmação de Fernández (1998) sobre a investigação linguística, serão detalhados os fatores sociais que, possivelmente, devem exercer uma maior influência sobre a variável nas comunidades de Beco e Seabra como o gênero/sexo, a idade, o nível de instrução, e o tipo de questionário.

1.1.2.4.1 *A variável gênero/sexo*

A língua é um meio através do qual a identidade do indivíduo se revela. Se este indivíduo vive em uma sociedade, a língua vai refletir o subgrupo a que ele pertence, revestido de características linguísticas, sociais e culturais próprias da comunidade em que vive.

Os gêneros masculino e feminino são categorias procedentes de uma construção histórica, cultural e social, e, na Sociolinguística, a fala de homens e mulheres é objeto de permanente discussão. Homens e mulheres não falam da mesma maneira. Essa diferenciação é tida como possível fator condicionante da heterogeneidade linguística.

A discussão entre o gênero/sexo dos informantes tem se aprofundado muito nas últimas décadas, especialmente no ramo dos estudos culturais. Chambers e Trudgill (1994) apontam para o fato de que homens e mulheres são socialmente diferentes, pois desempenham papéis distintos na sociedade; por isso as mulheres tendem a usar uma variante de um nível mais alto que os homens. Leite e Callou (2005, p.38) observam que "a identidade de homem/mulher interage com outras identidades culturais, não podendo ser vista isoladamente, e sim em conjunto com outros fatores".

---

[3] As investigações sociolinguísticas devem ser precedidas de análise sociológica da comunidade e de estudos exploratórios que permitam comprovar quais são as variáveis realmente importantes na estrutura social e quais são as que podem influir mais no uso social da língua.

Monteiro (2000, p.72), diz: "o que mais importa no estudo da fala de homens e mulheres são as discrepâncias no uso das estruturas da língua". Pressupõe-se que as mulheres empregam menos variantes estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis aos valores sociais que condicionam o uso da língua.

Fernández (1998, p.37), após ter observado diversos estudos sociolinguísticos relativos ao sexo como variável social, inclusive o de Labov, chega à seguinte conclusão:

> La mujer, generalmente, es más sensible a las normas prestigiosas que los hombres; dicho de otra forma, las mujeres muestran una actitud más positiva que los hombres hacia los usos que se ajustan a la norma, a la vez que los hombres suelen ceñir sus usos a los llamados «vernáculos» y a las variedades locales con más intensidad que las mujeres[4].

O registro desses usos distintos por homens e mulheres, de acordo com esse autor, se tem feito a propósito de todos os níveis da língua, desde o fonético até o discursivo.

Para Chambers e Trudgill (1994), não existe uma única explicação que seja amplamente aceita para a diferença na fala de homens e mulheres, mas existem alguns fatores que apontam para esta diferença. Homens e mulheres são socialmente diferentes, pois a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamento também distintos. Deste modo, sendo o gênero uma dimensão sociocultural que o indivíduo adquire ao ser socializado, este refletirá acentuadas diferenças linguísticas na fala de homens e mulheres. Os autores (1994, p.132) dizem que a diferenciação sexual consiste no fato de que "Las mujeres usen, em general, menor número de formas de estatus bajo que los hombres[5]".

Chambers e Trudgill (1994, p.103), tomando por base os resultados da pesquisa de Trudgill (1991) sobre o inglês de Norwich em que investiga a pronúncia do sufixo *-ing* (*reading, working*) e observa a variação entre o [ŋ] e o [n], dizem que a diferenciação sexual revela claras diferenças linguísticas entre os sexo dos falantes. Os autores observaram que, em cada grupo social, os homens têm pontuações mais altas com relação à variante não padrão do que as mulheres. Sobre esse resultado, os autores ressaltam que

---

[4] A mulher, geralmente, é mais sensível às normas prestigiosas que os homens; Dito de outra forma, as mulheres mostram uma atitude mais positiva que os homens na direção dos usos que se ajustam à norma, uma vez que os homens costumam restringir seus usos aos chamados «vernáculos» e às variedades locais com mais intensidade que as mulheres.

[5] As mulheres usem, em geral, menor número de formas de *status* baixo que os homens.

> [...] las mujeres tienden en general a usar variantes de un nível más alto que los hombres. De hecho, este es quizás el descubrimiento más asombrosamente constante que surge de los estudios sociolingüísticos en el mundo industrializado occidental[6].

Para os autores essa tendência se justifica pelo fato de que as pressões sociais são mais fortes sobre as mulheres para que usem formas linguísticas mais "corretas" do que sobre os homens.

Labov (2008, p.282), baseando-se nos resultados do estudo de Trudgill em Norwich, sobre a diferenciação de sexo, comenta:

> Aqui, como em toda parte, fica claro que as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos. Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual, as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais.

A variável gênero/sexo nem sempre se comporta assim. Contrapondo os resultados apresentados até agora, os estudos de Lucchesi (2009, p.313), na comunidade de Helvécia, no interior da Bahia, apontam resultados em que os homens tendem a usar mais as formas padronizadas, em oposição às mulheres. "São homens que estão à frente da fixação da concordância de gênero em Helvécia". Neste estudo, os homens superam as mulheres no uso da forma padrão, com peso relativo de 0,56 para a realização da regra contra 0,45 entre as mulheres. O autor explica que, no contexto cultural da comunidade, o fato de os homens terem mais contato com o mundo exterior e uma maior integração no processo produtivo e social da comunidade, coloca-os numa situação de maior exposição aos padrões linguísticos, enquanto as mulheres limitam-se aos afazeres domésticos, ficando, com isso, mais restritas à vida isolada da comunidade.

Oliveira e Lopes (1995) reúnem diversos trabalhos a fim de observar a existência de diferenças no comportamento linguístico de homens e mulheres. Na maioria dos estudos não foram encontradas diferenças significativas. Algumas pesquisas encontraram tendências para cada sexo, que não são absolutas. Outras optaram por utilizar o termo *preferências* como o fez Oliveira (1995, p.16):

> Levando em conta o que encontramos nesta pesquisa, seria arriscado falar de estilos conforme o sexo do falante. Melhor que falar sobre diferenças seria usar o termo preferências, as mulheres tendendo a preferir certas formas, os homens, outras formas.

Corroborando esse pensamento, Lopes (1995, p.19) argumenta:

---

[6] As mulheres tendem em geral a usar variantes de um nível mais alto que os homens. De fato, esta é talvez a descoberta mais surpreendente que surge dos estudos sociolinguísticos no mundo industrializado ocidental.

> O que realmente existe no "uso da linguagem é a preferência por diferentes estilos e estratégias" de acordo com diversos fatores: situacional, classe social, participação efetiva do ouvinte, etc. Biologicamente não há evidências que possam sugerir que exista uma pré-determinação para que cada sexo desenvolva sistemas linguísticos estruturalmente diferentes.

Para Almeida e Campoy (2005), tem-se dado grande destaque ao estudo sociolinguístico das relações entre a linguagem e o sexo. Advertem os autores que esta linha de investigação sociolinguística tem estado sujeita a controvérsias, especialmente como consequência das suscetibilidades de seus conteúdos. Isso em decorrência do movimento feminista e com um correspondente desenvolvimento da conscientização por fenômenos tais como o sexismo e o estereótipo do papel a desempenhar segundo o sexo.

Apesar de existirem estudiosos que estabelecem uma distinção entre linguagem e gênero e linguagem e sexo, caracterizando o gênero como uma categoria mais social que biológica e o sexo como uma categoria essencialmente biológica, Almeida e Campoy (2005), defendem o estudo do gênero com uma dimensão tanto social quanto linguística. Sobre a relação entre linguagem e sexo, advertem (2005, p.63):

> Conviene distinguir, pues, el tratamiento dado al sexo con una dimensión tanto social como lingüística – la forma en que el lenguaje refleja y ayuda a mantener las actitudes sociales ante el hombre y la mujer, el sexismo en la lengua -, conocido como estudios de género, frente al tratamiento del sexo como un parámetro socio-demográfico independiente más, además del estatus social, la edad, la etnia, el estilo, etc., en la correlación de variables sociolingüísticas, lo cual seria puramente linguístico en su propósito[7].

Conforme afirma Paiva (2004, p.35), "ainda que os padrões de correlação possam diferir, eles refletem mais do que diferenças biológicas, diferenças no processo de socialização e nos papéis que cada comunidade atribui a homens e mulheres".

Fernández (1998) argumenta que nem a interpretação sociocultural, nem a biológica estão isentas de problemas. A primeira está ligada às comunidades concretas onde as condutas sociais mudam de uma comunidade a outra e evoluem de forma muito rápida. Não são, pois, razões universais. Na interpretação biológica há um problema de base: conseguir uma demonstração universal. O autor adverte que não se pode oferecer uma explicação que seja igualmente válida para todas as comunidades pois "Las disparidades son mayores en aquellos

---

[7] Convém distinguir, pois, o tratamento dado ao sexo com uma dimensão tanto social quanto linguística – a forma em que a linguagem reflete e ajuda a manter as atitudes sociais entre o homem e a mulher, o sexismo na língua –, conhecido como estudos de gênero, frente ao tratamento do sexo como um parâmetro sócio-demográfico independente, além do *status* social, a idade, a etnia, o estilo, etc., na correlação de variáveis sociolingüísticas, o qual seria puramente lingüístico em seu propósito.

rasgos linguísticos de los que los hablantes tienen uma mayor conciencia, esto es, en las características que pueden convertirse con más facilidad en marcas e símbolos sociales[8]".

Percebe-se que o comportamento linguístico dos homens e das mulheres é um fator instigante. Estudos sobre esta temática têm-se ampliado cada vez mais. Como fator sociolinguístico, o sexo/gênero tem sido frequentemente observado nas pesquisas implementadas, mas não se mostra muito relevante quando analisado isoladamente. Vale ressaltar que esse comportamento linguístico de homens e mulheres não é sempre o mesmo nos diferentes segmentos da sociedade, pois há de se considerar a interação entre sexo e outras categorias sociais.

1.1.2.4.2 *A variável idade*

Sabe-se que a idade do falante pode ser tomada como parâmetro social importante, implicado na diferenciação de comportamentos sociolinguísticos. Exemplo disso é o estudo de Trudgill (1991) sobre a variável (ng) em Norwich. Neste estudo, o autor mostra que os falantes mais jovens e os mais velhos normalmente têm os índices de uso mais elevados de formas não padrão, enquanto que os falantes de idade média têm os mais baixos, e, consequentemente, os mais altos de formas padrão.

Para Fernández (1998), a idade dos falantes é um dos fatores sociais que podem influenciar com maior força e clareza os usos linguísticos predominantes em uma comunidade de fala. Para este autor, a idade condiciona a variação linguística com mais intensidade que outras categorias igualmente importantes, como o sexo e a classe social, pois, em contraste com esses fatores, a idade se torna constante, já que sua realidade não se altera por mudanças socioeconômicas, de atitudes ou de organização.

O tempo permite distinguir importantes etapas na vida linguística do indivíduo. Segundo Fernandez (1998), à medida que o tempo passa, a idade determina e modifica os caracteres e os hábitos sociais dos indivíduos, incluindo os comunicativos e os puramente linguísticos. Por esta razão, é possível observar como se produz a mudança em curso a partir da análise do comportamento linguístico dos grupos em diferentes faixas etárias ou grupos geracionais de uma determinada comunidade. Fernández (1998, p.45), assinala:

> El desarrollo del cambio, observado en un momento determinado y en hablantes de generaciones distintas, ofrece uma imagen dinámica en «tiempo aparente» que

[8] As disparidades são maiores naqueles traços lingüísticos em que os falantes tem uma maior consciência, isto é, nas características que podem converter-se com mais facilidade em marcas e símbolos sociais.

> permite proyectar cómo será ese cambio en el futuro, conforme vaya transcurriendo el «tiempo real»[9].

Na perspectiva do tempo aparente, é possível realizar um estudo da mudança mediante a observação do comportamento linguístico de falantes em diversas faixas etárias em um determinado tempo, como afirma Labov (2008, p.163): "A abordagem à mudança se fará através das comprovações internas, na distribuição do comportamento linguístico através das várias faixas etárias da população". Essa distribuição permite observar que a idade, ao longo do tempo, vai transformando os hábitos sociais, permitindo distinguir na vida linguística de um indivíduo, distintas etapas.

Labov (2008) esclarece que os dados mais simples para se observar a existência de uma mudança linguística são o conjunto de observações de duas gerações sucessivas de falantes. Essas gerações devem apresentar características sociais comparáveis que representem estágios na evolução da mesma comunidade de fala. Na acepção do autor, investigar a mudança em tempo aparente significa que, ao escolher para estudo uma determinada comunidade, compara-se a fala das pessoas mais idosas com a de pessoas mais jovens e as diferenças entre elas são indícios de uma mudança linguística.

Em Martha's Vineyard, na análise dos ditongos /ay/ (*right, pride, wine*) e /aw/ *(now, out, round),* Labov (2008, p.41) observa um índice maior de centralização da vogal nos mais jovens, sobretudo com relação ao ditongo /aw/: "a centralização de /ay/ e /aw/ parece exibir um aumento regular em faixas etárias sucessivas, alcançando um pico no grupo de 31 a 45 anos". Esse grupo apresenta índices de 81 para /ay/ e 88 para /aw/. Os mais velhos, no entanto, preservam a forma original não centralizada, pois apresentam índices de 25 para /ay/ e 22 para /aw/. A relação entre os índices de centralização e a faixa etária conduziu a uma melhor visualização do processo de mudança.

O estágio atual da ciência da linguagem, no entanto, não sabe ao certo até que ponto a língua falada pelo indivíduo pode realmente mudar no decorrer dos anos. De acordo com Naro (2004, p.44) uma das hipóteses adotada pela maioria dos linguistas é a chamada hipótese clássica na qual se postula que "o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir deste momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável". O autor esclarece que, segundo essa hipótese, o indivíduo completa o processo de aquisição da língua por volta dos 15 anos de idade. A partir daí, a gramática do

---

[9] O desenvolvimento da mudança, observado em um momento determinado e em falantes de gerações distintas, oferece uma imagem dinâmica em tempo aparente que permite projetar como será essa mudança no futuro, conforme tenha transcorrido o tempo real.

indivíduo não pode sofrer mudanças significativas, pois com base na psicologia cognitiva, o acesso aos dispositivos cognitivos fica bloqueado e não possibilita manipulação.

O estudo de Gauchat (1905 *apud* LABOV, 2008), considerado o primeiro estudo, aproveitando a técnica em tempo aparente, verificado posteriormente por Hermann (1929 *apud* LABOV, 2008), contraria os postulados da hipótese clássica. O pesquisador visitou a aldeia suíça francesa de Charmey e notou que as pessoas mais velhas usavam a lateral palatal [ʎ] e os mais jovens preferiam [y], enquanto os de meia idade usavam ambos os sons. Do mesmo modo, onde falantes mais velhos pronunciavam o som [θ] *(think)* os mais novos usavam [h], e os de meia idade oscilavam entre uma variante e outra. Estas escalas levaram o pesquisador a postular que os sons [ʎ] e [θ] estavam em processo de extinção no dialeto e que seus futuros substitutos seriam [y] e [h]. Herman, que retorna à mesma aldeia 25 anos depois, identifica que a tendência de mudança prevista por Gauchat já se havia concluído para o [ʎ]. No entanto, a variação entre [θ] e [h] não se concretizou. Os falantes que eram jovens em 1905 e preferiam [h], em 1929 estavam variando entre [θ] e [h]. Foi constatado que, na medida em que os falantes iam chegando à fase mais madura, iam adotando a variante apropriada à sua idade, contrariando a hipótese clássica de estabilidade linguística.

Através do estudo em tempo real que se refere aos aspectos diacrônicos da língua, pode-se ter uma análise mais acurada da distribuição de formas linguísticas no tempo aparente. Labov (2008) esclarece que "o processo regular de mudança sonora pode ser isolado e registrado por observações através de duas gerações". Em sua pesquisa "A história social de uma mudança fonética na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts (LABOV, 2008 [1963], p.22), Labov utiliza dados recolhidos de 4 informantes do LANE - *Linguistic Atlas of New England* – (Kurath *et al*, 1941), na mesma localidade, para comparação com seus resultados, atingindo, com êxito, o objetivo de demonstrar a implementação de uma mudança linguística.

Para Fernández (1998), os grupos geracionais e as etapas de aquisição do socioleto podem determinar o uso de certas variáveis que servem para marcar diferenças linguísticas entre crianças e jovens, entre jovens e adultos. São elementos que funcionam como indicadores de pertencimento a um determinado grupo geracional e podem proceder de qualquer nível linguístico - fonético, léxico, morfossintático – influenciados pelo fator idade. Para esse autor, existem usos linguísticos que se consagram como verdadeiros símbolos geracionais e que vão se renovando à medida que chegam as novas gerações.

A sociolinguística tem demonstrado a partir do comportamento linguístico dos grupos geracionais de uma comunidade, como se produz uma mudança linguística em curso: a mudança linguística, especialmente a fonética, é um processo regular que se pode observar entre gerações sucessivas. O desenvolvimento da mudança, observado em um momento determinado, e em falantes de gerações distintas, oferece uma imagem dinâmica em tempo aparente que permite projetar como será essa mudança no futuro, à medida que vai transcorrendo o tempo real.

1.1.2.4.3 *A variável nível de instrução*

Sabe-se que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam e das comunidades discursivas. A escola atua como preservadora de formas de prestígio, face à tendência de mudança em curso na comunidade. Veículo de propagação da norma "culta", a escola incute padrões estéticos e morais, gostos e normas. Nesse contexto, a variável escolaridade tem grandes consequências como fator de resistência à mudança, pois o ensino prescritivo interfere no domínio das formas de prestígio e no abandono parcial ou total das formas estigmatizadas.

Para Fernández (1998), o nível educativo dos falantes determina de forma direta e clara a variação linguística. Pessoas mais instruídas têm acesso às variantes que são consideradas de prestígio ou que mais se aproximam da norma. O fator escolaridade é importante na determinação da variação linguística e deve ser considerado como variável independente junto a outros fatores como idade, sexo e classe. O autor adverte que quanto mais preparado, quanto mais formado, mais possibilidades surgem de desempenhar profissões que reportem a uma maior ascensão social e a um maior acesso ao poder.

Na investigação sociolinguística se oferecem distintas possibilidades para o trabalho com a escolaridade, mas, segundo Fernández (1998), é importante considerar categorias mais gerais, tais como analfabetismo, ensino primário, ensino secundário e ensino universitário. Desta forma, poderá se tornar mais fácil o confronto entre comunidades diferentes.

Sabe-se que os fatores sociais não têm porque funcionar da mesma maneira em todas as comunidades. Podem ter maior poder de determinação sobre a língua: a idade, o nível econômico, o gênero/sexo, o nível de instrução, o nível sociocultural, a procedência e os bairros, a localidade ou a etnia. Todos eles, isolados ou combinados, influenciam de alguma forma a variação linguística.

Votre (2004) considera três distinções relevantes na investigação do parâmetro escolaridade. A primeira é a distinção entre as formas de prestígio social. A segunda distinção diz respeito ao fenômeno social da estigmatização; e a terceira diz respeito aos fenômenos que são objetos do ensino escolar numa tentativa de preservar as formas de pretígio face às tendências de mudanças na língua. Observa-se, nesses contextos, a influência da variável nível de escolarização como um mecanismo de promoção ou resistência à mudança.

Pagotto (2004), em seu estudo sobre as consoantes oclusivas alveolares em Florianópolis, comparou o nível de escolaridade dos falantes da região urbana central, considerando 4 graus de escolaridade: 1ª a 4ª série, 8ª série, 3ª série do ensino médio e universitário; e da região rural, considerando três níveis de escolaridade: 1ª a 4ª série, 8ª série, 3ª série do ensino médio. Da análise realizada, observou que na área urbana, à medida que a escolaridade subia, a frequência da variante [t, d] decrescia. Dados os pesos relativos registrados para cada fator, observa-se que os falantes com até 8ª série se aproximam daqueles que concluíram o Ensino Médio, constituindo um grupo à parte que se distancia dos outros dois níveis de escolaridade, como se pode ver na Tabela 01, a seguir.

Tabela 1 - Resultados da variável [t, d], segundo a escolaridade dos falantes da área urbana

Escolaridade dos falantes	**[t]**			**[ts]**		**[tʃ]**	
	Oc	%	p.r.	Oc.	%	Oc.	%
1ª a 4ª série	1098	**63**	**0,58**	377	22	270	15
8ª série	961	57	**0,52**	374	22	364	21
3ª série – E. Médio	756	53	**0,49**	328	23	332	24
Universitária	473	48	**0,35**	247	**25**	257	**26**
Total	3288	56		1326	23	1223	21

Fonte: Pagotto, 2004, p.327, com adaptações.

No que concerne ao resultado apresentado no quadro acima, o autor (2004, p. 328) observa que:

> Essa região se confirma como a geradora das inovações e dos valores sociais a ela associados. A malha social, entrevista nos resultados de escolaridade, nos permite ver os falantes se aproximando da inovação palatal, valorizada socialmente, à medida que aumenta a escolaridade.

Quanto à região rural, o comportamento da variável é completamente diverso da região urbana. Os falantes com o maior grau de escolaridade — 3ª série do ensino médio —

apresentam os mais altos percentuais da variante não africada [t, d], se aproximando mais dos falantes com escolaridade até a 4ª série, como se pode observar na Tabela 2:

Tabela 2 - Resultado da variável [t, d], segundo a escolaridade dos falantes da área rural

Escolaridade dos falantes	[t]			[ts]		[tʃ]	
	Oc	%	p.r.	Oc.	%	Oc.	%
1ª a 4ª série	1056	71	**0,52**	270	**18**	163	11
8ª série	316	64	**0,39**	70	14	105	**21**
3ª série – E. Médio	603	**80**	**0,51**	105	14	48	6
Total	1975	72		445	16	316	12

Fonte: Pagotto, 2004, p.328, com adaptações.

Sendo assim, esse resultado revela que a escolaridade não é um elemento relevante nas duas regiões estudadas, como argumenta Pagotto (2004), referindo-se aos falantes escolarizados "se os falantes adquirem as formas inovadoras, a escolaridade não é o índice para capturar a organização social por meio da qual elas penetram".

1.1.3 **Variação e mudança**

"Mudar corresponde ao ser da língua. O problema da mutabilidade é, pois, o problema duma característica essencial e necessária da língua" diz Coseriu (1979, p.63). A língua não é algo acabado, pronto. A língua faz-se continuamente pela atividade linguística dos falantes. Sendo assim, através de um refazimento constante e de sua mutabilidade pode a língua existir. O falar é uma atividade dinâmica, criadora, é expressão livre dentro de um sistema de possibilidades.

Coseriu (1979, p.63) afirma ainda que "a própria concepção de língua demanda a existência de mudança". A língua se transforma com o tempo. Desde o latim, passando pelo português medieval até o português atual, pode-se perceber que a língua sofreu acentuadas transformações nos mais diferentes campos: fonético, fonológico, morfológico, sintático e semântico-lexical. Essas mudanças na língua não ocorreram instantaneamente, mas se processaram de maneira gradual e contínua, em várias dimensões e impulsionadas por fatores condicionadores. A mudança é imperceptível para o falante porque está dentro das possibilidades oferecidas pelo sistema.

Coseriu (1979, p.51) faz a distinção entre sistema como possibilidade de ir mais além do que já se tem realizado e norma como representação do equilíbrio do sistema. No trecho que se segue, o autor esclarece:

> O sistema é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados de um 'falar' compreensível numa comunidade; a norma, em troca, é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente: não corresponde ao que se pode dizer, mas ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada.

Para o autor, o sistema representa as possibilidades no aspecto abstrato da língua e se concretiza na realização individual da língua pelo uso de cada falante. As diferentes formas linguísticas que se comprovam no falar concreto dentro de uma comunidade manifestam o saber lingüístico dos falantes que consiste em um saber claro e seguro que permite falar e entender o que se fala. Esse saber linguístico enquanto saber tradicional é revestido de características históricas e culturais que se manifestam individual ou socialmente. O falante utiliza o sistema que é oferecido pela língua e, do mesmo modo, aceita também a realização que a norma tradicional lhe proporciona.

Tendo em vista que a mudança linguística pertence à essência da língua, Coseriu (1979) refere-se a essa mudança como algo que se coloca ao alcance de qualquer falante, pois pertence à experiência corrente sobre a linguagem. Essa linguagem não é algo feito, acabado, mas algo que se faz e refaz numa manifestação criativa na história das línguas. A língua se refaz porque o falar se respalda em modelos anteriores; supera-se, pela atividade linguística porque o falar é sempre novo e renova-se porque entender é entender além do que já se sabia pela língua anterior ao ato. Coseriu (1979, p.94) enfatiza "a língua real e histórica é dinâmica porque a atividade linguística não é falar e entender, mas falar e entender algo novo por meio duma língua".

Como se pode observar, Coseriu (1979) discute que a própria concepção de língua implica na existência de mudança, pois, segundo esse autor, apenas a partir dessa característica de mutabilidade, de refazimento constante, pode a língua existir. Por sua vez o falante tem uma noção da mudança por meio da convivência de variantes linguísticas, as quais fazem parte de uma complexidade maior.

Historicamente os estudos linguísticos partiram da simples descrição com fins pescritivos, passando pelo comparativismo entre línguas e pela análise do sistema em si, da abstração desse objeto de estudo, até chegar a dar atenção à língua sob um ponto de vista mais amplo e contextualizado, no qual não apenas os aspectos formais devem ser levados em conta,

mas também a configuração histórica do processo de mudança. É a sociolinguística, desenvolvida na segunda metade do século XX, que reescreve o conceito tradicional de língua que passa a ser entendida como objeto heterogêneo e complexo, porém não arbitrário, sujeita a regras totalmente explicáveis. A mudança surgiria em decorrência de fatores internos e externos ao sistema linguístico.

A variação é o primeiro estágio pelo qual a forma linguística passa para se transformar em mudança. Isso é possível devido ao caráter heterogêneo da língua. Essa heterogeneidade reflete a variabilidade social e as diferenças no uso das variantes linguísticas no seio de uma comunidade. Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar — variação diatópica — seja conforme a classe social — variação diastrática — ou seja conforme a situação (mais formal, menos formal) em que se está falando — variação diafásica. Os modos de uma língua variar vão refletir a sua heterogeneidade.

Pode-se observar que, para Labov (2008), somente se atribui valores sociais às regras linguísticas, quando existe variação. Isso porque os falantes não aceitam facilmente o fato de que duas expressões distintas signifiquem a mesma coisa, existindo, pois, uma forte tendência a atribuir-lhes significados diferentes. Se um determinado grupo utiliza uma variante particular, então as conotações sociais atribuídas a esse grupo se transferem à variável linguística. Labov (2008, p.291) adverte que "não se pode fazer nenhum avanço importante rumo ao entendimento do mecanismo da mudança linguística sem o estudo sério dos fatores sociais que motivam a sua evolução linguística".

"Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança linguística implica variabilidade e heterogeneidade sincrônica na comunidade de fala" (SILVA-CORVALÁN, 1988, p.155). Isso significa que a covariação sociolinguística, que implica maior ou menor frequência no uso de certas variantes, é necessária para produzir a mudança que reflete em trunfo ou derrota de uma das formas em competição sobre as demais. É importante ressaltar que a análise sociolinguística das variantes indica uma variação estável quando há coexistência das variantes ou uma mudança em progresso quando há disputa entre as variantes com tendência de desaparecimento de alguma e favorecimento de outra. O estudo da aldeia suíça francesa de Charmey, feito por Gauchat (1905), comprova que nem toda variação na fala representa mudança linguística em progresso.

Existem formas alternantes que perduram por muito tempo sem que se possa dizer que uma delas vai desaparecer ou se transformar. No português do Brasil, o grupo consonantal

formado por uma consoante seguida de /l/ pode alternar com outro grupo em que a consoante seguinte é /ɾ/ como em (placa) p[ɾ]aca; (blusa) b[ɾ]usa; (flagelo) f[ɾ]agelo. Esse fenômeno, segundo Monteiro (2002), existe desde os primórdios da língua e trata-se de uma variação estável, que distingue socioletos e da qual não se deve esperar nenhum processo de mudança.

Em contrapartida, toda mudança, primeiro, passa pelo processo da variação na qual convivem as formas rivais. Observam-se, no percurso da linguística, modelos que se opõem na discussão sobre como se implementa a mudança: o modelo neogramático tem como princípio fundamental a regularidade da mudança fonética na qual a direção da mudança é a mesma para todos os membros da comunidade. Todas as ocorrências do som no contexto em que se dá a mudança são atingidas do mesmo modo. Não há exceções. A alteração fonética por interferência de outras formas era explicada através da analogia.

O modelo estruturalista, surgido no século XX com o *Curso de Lingüística Geral de Ferdinand de Saussure* (1916), tem como base a distinção entre dois eixos: a) eixo das simultaneidades ou sincrônico (linguística estática ou sincrônica) que representa as relações coexistentes em um sistema, sem a intervenção do fator tempo. b) eixo das sucessões ou diacrônico (linguística evolutiva, histórica ou diacrônica) que inclui o fator tempo e as mudanças que afetam os elementos de um sistema. Para este modelo, o princípio fundamental é que a mudança é condicionada pelo sistema linguístico em que ela se insere e deve ser tratada em função do sistema.

Para o modelo Gerativo-transformacional, que se inicia com os trabalhos de Noam Chomsky na década de 50, e tem como objeto de estudo a competência linguística dos falantes/ouvintes, a descrição se desloca para as regras que regem os "*corpora* representativos". O termo *gerativo* se explica porque se pretendia, a partir de um número limitado de regras, gerar um número infinito de frases. Em lugar de teorias descritivas, as teorias passam a ser explicativas. As semelhanças entre as línguas passam a ser vistas como mais importantes do que as diferenças: Implementa-se a busca da "gramática universal". Para este modelo a mudança no sistema passa a ser através da adição e subtração de regras.

Em oposição ao conceito estruturalista de língua como sistema monolítico, uniforme e homogêneo, e opondo-se à ausência do componente social e ao tratamento idealizado da língua por parte dos gerativistas, surge, na década de 60, o modelo sociolingüístico que tem como princípio básico o entendimento da língua como um sistema inerente e ordenadamente heterogêneo e variável. Weinreich, Labov e Herzog em seu texto "*Empirical Foundation for a Theory of Language Change*" (2006 [1968], p.100-101) destacam "[...] numa língua que serve

a uma comunidade complexa (isto é, real) a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional". Esse texto é considerado o marco definidor de caminhos para o estudo da mudança a partir da aceitação do axioma da heterogeneidade ordenada como uma realidade inerente às línguas.

Variedade e mudança estão, pois, intimamente unidos até o ponto de serem as duas faces – sincronia e diacronia – do mesmo fato de língua. O estudo dos padrões de variação sincrônica existentes em uma comunidade ajuda a analisar não só as mudanças em curso, mas também as mudanças históricas. Nesse sentido, Labov (2008) aceita o princípio do uniformitarismo segundo o qual as pressões que motivam e controlam a evolução linguística hoje são as mesmas do passado. Mas reconhece que há fatores não existentes no passado como, por exemplo, os meios de comunicação, desenvolvimento do vocabulário científico, contato entre línguas, a alfabetização massiva, que ele julga de influência mínima sobre a estrutura das línguas.

Os diversos elementos que estão implicados na mudança linguística segundo Labov (2008, p.210-211) podem ser classificados de acordo com a avaliação social. O autor apresenta três elementos: os indicadores, os marcadores e os estereótipos.

Para Labov (2008), uma mudança linguística começa quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire certa direção e significação social. A difusão ocorre de forma inconsciente, dentro do grupo mais baixo. A variável se configura como um indicador.

Os indicadores são traços lingüísticos inseridos numa matriz social, que apresentam variação geográfica ou social, mas não estilística. São traços que se limitam a assinalar uma diversificação social sem interferência da avaliação subjetiva ou da alternância estilística. Os falantes parecem ter menos consciência da variável como ocorre com o uso de *nós/a gente* no português brasileiro.

A seguir, a variável passa a outras gerações, ocorre a hipercorreção de baixo para cima. Se a mudança atinge toda a comunidade pode passar a ser um marcador que pode produzir reajustes estruturais que podem dar origem a novas mudanças. Os marcadores são traços que apresentam também uma distribuição social e estilística ou diafásica. Embora possam permanecer abaixo do nível de controle consciente, costumam fornecer respostas regulares em testes de reação subjetiva e ser tema de comentários desfavoráveis na comunidade. São variações devidas à classe social do falante que se distinguem dos indicadores por apresentarem variação estilística sistemática.

Se o grupo mais escolarizado não aceita a mudança, o resultado pode ser o estereótipo. Os estereótipos são formas linguísticas socialmente marcadas (estigmatizadas) e rotuladas pelos membros adultos da comunidade. São elas que recebem maior carga de preconceito e rejeição por parte do conhecedor do português-padrão. As diferenças fonéticas são, geralmente, muito estigmatizadas em palavras como em "trabáio", "cuié", "grobo", "praca".

Partindo da influência das forças sociais sobre as formas linguísticas, a depender do grau de consciência da variação que os falantes manifestam e da ocorrência das formas inovadoras nos diversos estratos sociais, Labov (2008) apresenta dois tipos de mudanças em curso: mudanças acima do nível da consciência social do fenômeno ou mudanças de cima para baixo (*from above*) e mudanças abaixo do nível de consciência social do fenômeno ou mudanças de baixo para cima (*from below*):

As mudanças de cima para baixo são introduzidas pela classe social dominante, em geral, conscientemente. Normalmente, representam empréstimo à outra comunidade de fala que tem maior prestígio, segundo a classe dominante. Como diz Labov (2008, p.152) "Pressões sociais vindas de cima, que representam o processo explícito de correção social aplicado a formas linguísticas individuais". Esses empréstimos não atingem imediatamente o padrão vernáculo da classe dominante ou de outra classe social, mas aparecem em princípio, no discurso cuidado, refletindo um dialeto superposto aprendido após a aquisição do vernáculo. Exemplo desse tipo de mudança pode ser observado na pronúncia chiante de [s] e [z] em final absoluto, realizados como [ʃ] no Rio de Janeiro que é tido como conseqüência da "relusitanização" do Rio de Janeiro por ocasião da vinda da família real para o Brasil em 1808.

As mudanças de baixo para cima aparecem inicialmente no vernáculo e representam a ação de fatores linguísticos internos. Durante a maior parte do tempo de seu desenvolvimento, elas se processam sem que os falantes tenham consciência da inovação, como diz Labov (2008, p.152) "abaixo do nível da percepção consciente". Somente quando as mudanças estão quase completas é que os membros da comunidade as percebem. O uso de *nós* e *a gente*, que tem sido objeto de diversos estudos no Brasil, é um exemplo desse tipo de mudança.

Para investigar a mudança linguística que está acontecendo em uma determinada comunidade são realizados estudos comparativos basicamente em duas formas distintas: o estudo no tempo aparente, que consiste em um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes; e o estudo em tempo real, que consiste no estudo feito em épocas diferentes na história. Desta forma, através do tempo aparente e do tempo real,

acrescenta-se uma dimensão histórica à análise linguística. As mudanças observadas em tempo aparente podem ser ratificadas com a pesquisa em tempo real, como recomenda Tarallo (2005, p.71): "Especialmente quando a mudança tiver sido evidenciada em tempo aparente, é fundamental que o investigador procure dar à variável a dimensão histórica do tempo real".

As variáveis, que são a evidência de que a língua está em constante transformação, são o resultado das escolhas determinadas por fatores extralingüísticos conforme sua densidade e difusão. Pode-se concluir que nem toda variação é mudança, pois nem todas as formas são adotadas pelos falantes. Em contrapartida, toda mudança, primeiro, passa pelo processo de variação. Se a mudança for avaliada positivamente, a mudança se completa; caso seja avaliada negativamente, a mudança é rechaçada. Os trabalhos atuais admitem, em geral, que a mudança linguística não acontece de forma repentina. Há, geralmente, um período de transição no qual ela se estende, gradualmente, ao longo do léxico até se completar como bem assinala Coseriu (1986, p.100) no trecho: "A mudança lingüística nunca é geral ou simultânea. Começa sempre em um ato lingüístico, em uma palavra e se difunde por imitação a outros atos linguísticos e se aplica também a outras palavras".

1.1.3.1 Os problemas que norteiam o estudo da mudança linguística

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) afirmam que para resolver o problema da mudança é preciso dar conta de cinco problemas essenciais que norteiam esse tipo de estudo: o problema das restrições, o problema da transição, o problema do encaixamento, o problema da avaliação e o problema da implementação. Através desses cinco problemas os autores defendem que é possível reconhecer os pontos em que a explicação sociolinguística supera a explicação estrutural-funcionalista.

1.1.3.1.1 *O problema das restrições*

Esse problema remete à questão fundamental de determinar o conjunto de mudanças e condições possíveis para a mudança acontecer. Isso se torna possível através de um estudo controlado de mudanças em curso nas diversas línguas humanas. Esse processo dificilmente é um movimento de um sistema inteiro para outro. É, pois, o movimento de um conjunto limitado de variáveis de um sistema que muda gradualmente seus valores.

Na concepção estruturalista de variantes livres, a variação é vista como estruturada de acordo com as propriedades sistêmicas das línguas e se implementa porque é contextualizada com regularidade. Os variacionistas afirmam que nas comunidades de fala existem formas distintas da mesma língua que coexistem. Essas formas são meios alternativos de dizer "a mesma coisa" e estão conjuntamente disponíveis a todos os membros da comunidade.

1.1.3.1.2 *O problema da transição*

Consiste em definir e analisar o percurso através do qual cada mudança se realiza. Para Lucchesi (2004), quanto mais acurada for a resposta ao problema da transição, maior será a compreensão dos linguistas sobre o processo através do qual a mudança linguística acontece. Esse problema levanta uma questão essencial: a mudança se processa por estágios discretos ou através de um *continuum*? O autor ressalta ainda que essa concepção mais dinâmica do problema da transição se constituirá em um dos pontos cruciais para a superação da concepção estrutural da mudança linguística e da própria concepção estruturalista de língua.

1.1.3.1.3 *Problema do encaixamento*

Para a Teoria da Variação, uma análise estritamente linguística seria insuficiente para explicar a mudança. A teoria variacionista propõe uma interação entre os sistemas linguísticos e a estrutura social da comunidade de fala, buscando determinar todos os condicionadores linguísticos e sociais que interferem na mudança. Por isso, o encaixamento é dividido em dois blocos: o encaixamento na estrutura linguística e o encaixamento na estrutura social. Neste último situam-se as grandes diferenças e os importantes avanços da concepção sociolinguística da mudança em relação à concepção estrutural funcionalista.

1.1.3.1.4 *Problema da avaliação*

Esse processo baseia-se no papel do indivíduo frente à mudança linguística e frente à própria língua. Esta questão busca saber como membros de uma determinada comunidade

linguística avaliam a mudança e quais são os efeitos dessa avaliação sobre o processo de mudança.

A Sociolinguística defende que as reações associadas à mudança atingem o nível de consciência dos falantes. Esse processo de estruturação das línguas passa de forma decisiva pelo plano das reações individuais conscientes em relação à mudança, podendo alterar o curso de uma mudança, ou mesmo fazer retroagir tal processo.

Os testes de avaliação social são importantes recursos que podem explicitar a avaliação social por parte dos falantes no seio de uma comunidade de fala. Nas últimas etapas de uma mudança, quando a sociedade já é capaz de percebê-la, começam a aparecer os estereótipos relacionados a características sociais negativas. Surge, então, a reação do falante que se manifesta através da correção, rejeitando as formas inovadoras.

1.1.3.1.5 *Problema da implementação*

O problema da implementação está estritamente ligado à direção que a mudança toma na estrutura social. Uma mudança não nasce pronta, acabada. Evidências empíricas mostram que a instalação de uma nova variante é progressiva e que, entre dois estágios de uma língua, podem ser percebidos sistemas de transição que despertam questões sobre a forma como uma variante passa de um indivíduo a outro e de um contexto estrutural a outro. Nesse sentido, são esses estágios intermediários que vão contribuir para uma formulação da mudança.

Em Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) observa-se que a questão da implementação constitui o verdadeiro cerne de uma teoria da mudança, pois remete necessariamente para a teoria dos fatores condicionantes da variação. Na medida em que se identificam os condicionamentos que favorecem a mudança, adianta-se uma explicação da forma como a mudança vai se expandindo por diferentes contextos estruturais.

A mudança, no entanto, não envolve apenas motivações estruturais, mas também motivações sociais, ou seja, mudança observada no comportamento social. Labov (2008) considera que o processo de mudança linguística implementa-se em três estágios: no primeiro estágio, um processo de mudança se dá na sua *origem* como uma das inúmeras variações ligadas ao uso de algumas pessoas; a mudança se inicia em um determinado grupo social, associada a um determinado valor social; no segundo estágio, o processo se dá na sua *propagação* quando a mudança é adotada por um grande número de falantes e, gradativamente, se expande para outros grupos sociais até se completar. Passa, então, a

contrastar com a forma mais antiga ao longo da interação social. As variantes em competição são investidas de uma significação social, avaliando-se negativa ou positivamente a variante inovadora; no seu *término*, que corresponde ao terceiro estágio, a mudança alcança a regularidade pela eliminação de variantes concorrentes.

1.2 A DIALETOLOGIA E AS IMPLICAÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS

Para Cardoso (2006, p.97), partindo-se da visão pluridimensional, a Dialectologia atual:

> Vem buscando estabelecer relações entre as variáveis diatópicas e as variáveis sociais, sejam elas diageracionais, diagenéricas, diastráticas, ou diafásicas, com vistas a entender o processo de variação, tomado na sua plenitude, o que conduz a uma melhor compreensão da realidade e à busca de caminhos de maior embasamento para o aprendizado sistemático da língua.

Quanto à Sociolinguística, assevera Lucchesi (2004, p.66):

> Tem por objeto de estudo os padrões de comportamento lingüístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis.

Tomando por base os conceitos acima, a Dialectologia e a Sociolinguística surgem da necessidade de estudar a língua em seu contexto social, como esclarece Zágari (1977, p.143):

> Os dialetólogos, com o avanço da Sociolinguística, podem determinar que grupos estão na vanguarda de uma inovação, contrastando as variáveis linguísticas com as variáveis independentes tais como: idade, sexo, classe social, escolaridade, grupo étnico, região.

Considerando que o objeto de estudo da Dialectologia são os diversos dialetos da língua através dos espaços geográficos e o da Sociolinguística, estudar sistemas linguísticos em seu contexto social, pode-se observar que as duas disciplinas, embora tenham propósitos diferentes, complementam-se porque ambas estudam a língua dentro da sociedade. Nesse sentido, Ferreira e Cardoso, (1994) dizem que ambas pressupõem o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala.

Tendo em vista que a fala utilizada em diferentes regiões possui características próprias, Ferreira *et al* (1996) conceituam a Dialectologia como a disciplina que procura descobrir e descrever essas características, tentando identificar áreas mais ou menos coesas,

assim como determinar os fatores que levaram à sua formação. Esse estudo de natureza geolinguística vem dando uma significativa contribuição para o conhecimento da realidade linguística dos países em geral, através dos atlas linguísticos que documentam e registram a variação em todas as suas modalidades.

Silva-Corvalán (1988, p.8) destaca que, assim como a Sociolinguística, a Dialectologia reconheceu, desde cedo, a existência da heterogeneidade linguística e explica que:

> Este reconocimiento se refleja en la existencia de conceptos tales como los de *diasistema*, que implica la coexistencia de «sistemas» en toda lengua, y naciones afines: 1) *diatopia*, diferenciación dialectal *horizontal*, de acuerdo con la dimensión geográfica o espacial: 2) *diastratia*, diferenciación dialectal *vertical*, correlacionada con factores socioculturais, y 3) *diafasia*, diferenciación según el tipo de relación entre los interlocutores, según la situación u ocasión del hablar, según el tópico del que se habla, etc., parámetros todos que se correlacionan con variaciones de modalidad expressiva o de estilo, llamadas también diferencias diafáticas.[10]

As coincidências entre a Dialectologia e a Sociolinguística são tão fortes que têm dado margem à denominação de Dialectologia Social ou Dialectologia Urbana para a Sociolinguística. Radke e Thun (1991) observam que a Dialectologia Urbana conta com a contribuição da sociolinguística para o seu desenvolvimento, ampliando os pontos verticais e realizando uma análise horizontal e vertical, tornando mais abrangente, assim, o campo de estudo. Atlas como o ADDU (*Atlas Linguístico Diatópico Diastrático do Uruguai*), o ALISPA (*Atlas Linguístico Sonoro do Pará*) são exemplos desse tipo de estudo, pela ampliação de seu campo de investigação e pela própria apresentação dos dados.

Necessário se faz, então, distinguir a Dialectologia da Sociolinguística, esclarecendo-se que a Dialectologia estabelece as fronteiras geográficas de certos usos linguísticos, e, no passado, concentrava sua investigação em setores rurais onde acreditava encontrar variedades *mais puras* de língua. No decorrer do tempo passou a abarcar também aspectos de ordem social (Dialectologia Urbana). Já a Sociolinguística tem como preocupação central a identificação de processos de mudança em andamento, estabelecendo as fronteiras sociais de certos usos linguísticos, permitindo observar que a heterogeneidade faz parte integrante da economia linguística da comunidade e é necessária para satisfazer as exigências linguísticas da vida cotidiana.

---

[10] Esse reconhecimento se reflete na existência de conceitos tais como o de diassistema, que implica na coexistência de sistemas em toda a língua e nações afins: 1) diatopia, diferenciação dialetal horizontal, de acordo com a dimensão geográfica ou espacial: 2) diastratia, diferenciação dialetal vertical, correlacionando com fatores socioculturais, e 3) diafasia, diferenciação segundo o tipo de relação entre os interlocutores, segundo a situação ou ocasião da fala, segundo o tópico de que se fala, etc. e todos os parâmetros que correlacionam com variações de modalidade expressiva ou de estilo chamadas também de diferenças diafásicas.

A respeito da Geografia Linguística, Chambers e Trudgill (1994, p.45) comentam que "A investigação dialetal tem tomado novo rumo. Essa nova direção se centra na Dialetologia Urbana mais que na Rural e na análise de interações entre variáveis linguísticas e variáveis independentes". Quanto à Sociolinguística tem alcançado avanços significativos nos estudos da fala. Pode-se perceber, então, que o enfoque dialetal e sociolinguístico tem surgido com grande frequência atualmente e que os rumos atuais da Dialectologia têm enriquecido de forma significativa os estudos dialetais no âmbito das pesquisas linguísticas no Brasil.

Delimitam-se, assim, duas disciplinas que não se excluem: uma que se ocupou e que tem se ocupado do estudo linguístico no que se refere ao espaço, considerando também as questões sociais; e outra que tem dado conta de esclarecer as variáveis, num enfoque social, e que pode também estudar questões de ordem espaciais.

1.2.1 **Uma breve história da Dialectologia**

A história dos estudos dialetais tem seus primórdios fincados no final do século XIX e início do século XX. De acordo com Chambers e Trudgill (1994), as diferenças dialetais tem sido tema de discussões desde que o homem começou a comunicar-se reciprocamente; no entanto, o início da sistematização dos dialetos só ocorreu a partir da segunda metade do século XIX. Naquela época, as descrições eram realizadas de forma intuitiva e fortuita, sem muita sistematicidade. Em decorrência das afirmações teóricas dos neogramáticos, cuja crença era de que as mudanças fonéticas não admitiam exceções, nasceu a Geografia Linguística, que, segundo esse autor, é uma metodologia, ou mais precisamente, um método para reunir de uma forma sistemática os testemunhos das diferenças dialetais.

A Geografia Linguística pressupõe o registro em mapas especiais de um grande número de formas linguísticas (fônicas, léxicas, morfológicas ou sintáticas), registradas com as respectivas variações, documentadas em uma rede de pontos, mediante um questionário previamente elaborado. Oferece a possibilidade de visualização da distribuição geográfica de determinado fenômeno linguístico e permite também isolar áreas dialetais.

A primeira pesquisa da Geografia Linguística foi realizada na Alemanha por George Wenker, em 1876. Com o objetivo de cobrir todo o país, foram enviados 50.000 questionários por correspondência com 40 frases cada um deles. A riqueza dos dados recolhidos se converteu em um problema para Wenker que se viu forçado a restringir a uma área muito limitada o campo de análise em função das variantes de certas palavras. Apesar da gigantesca

área de cobertura, os dados compilados por Wenker mostraram-se escassos com poucas variantes lexicais. Mesmo assim, a pesquisa dialetal havia sido implementada e a Geografia Linguística havia começado e logo se estendeu.

No início do século XX, nasce a Geografia Linguística como disciplina autônoma, com a publicação do *Atlas Linguistique de la France (ALF)* – (1902 – 1910) de J. Gilliéron e E. Edmont. Publicado em fascículos, esse atlas nasceu com a tarefa de melhorar os métodos que Wenker havia empregado. Implementa uma pesquisa com questionário e um entrevistador que registra a resposta em cada situação de entrevista. Eleito pela agudeza do seu ouvido, Edmond Edmont percorreu em bicicleta os campos franceses, selecionando informantes e levando a cabo as 700 entrevistas em 639 pontos diferentes. Desse total, apenas 60 eram mulheres e 200 teriam uma educação superior à média da população rural da época. Consolida-se, definitivamente, o método de investigação diatópica. A partir daí, a investigação dialetal toma novo rumo e conduz à realização de atlas de grandes dimensões, em diferentes localidades.

O *Atlas Ítalo Suíço – (AIS),* publicado entre 1928 e 1940, teve como coordenadores Karl Jaberg e Jacob Jud, discípulos de Gilliéron, que fizeram para a Itália e parte da Suiça o mesmo que havia sido feito para a França. O AIS apresenta vantagens em muitos aspectos como, por exemplo, no questionário, no inquérito, na transcrição, na densidade da rede, entre outros. Foi selecionado, em geral, um informante por ponto, embora na presença de outras pessoas, cujos depoimentos foram também considerados. Jaberg e Jud usaram um inquiridor especialista em suas pesquisas. Na época da sua publicação foi considerado como uma obra gigantesca e de grande valor metodológico.

O *Linguistic Atlas of New England — LANE* — foi realizado sob a orientação de Jakob Jud (um dos autores do *AIS*) e Paul Scheuermeier (um dos inquiridores do *AIS*) e coordenado pelo filólogo norte-americano Hans Kurath. A primeira região inquirida foram os estados da Nova Inglaterra da qual saiu o *LANE* que foi publicado entre 1939 e 1943, em três volumes de cartas e um de introdução. Esse atlas utilizou questionários nas sondagens preliminares e nos inquéritos definitivos. Foram inquiridos 413 informantes em 213 localidades. O *LANE* foi o primeiro atlas a introduzir sistematicamente a parte social, considerando 3 estratos socioculturais e duas gerações.

A partir daí, surgiram atlas de diferentes áreas, embora nem sempre com a inclusão de variáveis sociais. Grandes projetos atuais são o *Atlas Linguistique Roman — ALIR*, dirigido por Michel Contini, com o objetivo de apresentar uma visão de conjunto da situação linguística dos domínios românicos da Europa (ibero-românico, galo-românico, italo-

românico, reto-românico, romeno) através de uma análise lexical, fonética, fonológica e morfo-sintáctica conducente à realização de mapas interpretativos de símbolos. Outro grande projeto é o *Atlas Linguarum Europae (ALE)*, que engloba todas as línguas da Europa e a maioria dos respectivos dialectos, tendo como presidente Nicolae Saramandu. Esses atlas são considerados supranacionais — de famílias de língua e continental.

O próprio Labov, juntamente com Sharon Ask e Charles Boberg publicou recentemente *The Atlas of North American English: phonetics, phonology and sound change*. Esse atlas é amplamente baseado em material fonológico, faz uso da Fonética Acústica e realiza entrevistas por telefone — TELSUR ATLAS PROJECT — com o objetivo de representar a maior população possível, com especial atenção para palestrantes que, segundo os autores, se espera que sejam os mais avançados nos processos de mudança linguística. A seleção das localidades obedeceu às características de interseção dos três níveis: 1) zona de influência; 2) Central city; e 3) Área urbanizada. O atlas apresenta também versão em CD-ROM, além de ser acessível através da internet[11].

Na evolução dos estudos dialectológicos, percebe-se, através dos procedimentos adotados, a intersecção entre o tradicional e o novo. Sendo assim, na recolha e apresentação dos dados parte-se de duas perspectivas: uma *monodimensional* que prioriza a informação diatópica; e outra, *pluridimensional* que agrega, além desse aspecto, outras variáveis como faixa etária, gênero, escolaridade, etc.

Os fatores linguísticos sempre se constituíram em uma preocupação central dos grandes atlas linguísticos nacionais da primeira metade do século XX. Nesses trabalhos, os pesquisadores davam uma especial atenção aos aspectos linguísticos e se preocupavam com a distribuição espacial das variantes. Mergulhados nos princípios da Geografia Linguística Monodimensional, esses trabalhos baseavam-se em fatos obtidos, em geral, de um único estrato social, tradicionalmente o de pessoas rurais e mais velhas.

A investigação desses grupos de fatores linguísticos veio a se ampliar com o advento da Geolinguística Pluridimensional, que inclui em suas pesquisas a variação social. Essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60. Os aspectos sociolinguísticos dos atlas, na visão da Geolinguística Pluridimensional contemporânea, recobrem questões que acrescentam ao parâmetro diatópico as considerações diagenéricas, diastráticas, diageracionais, diafásicas, diarreferenciais, entre

[11] http://www.ling.upenn.edu/phono_atlas/home.html

outras, com vistas a entender o processo de variação, conduzindo a uma maior compreensão da realidade.

Pode-se perceber, então, que o enfoque dialetal e sociolinguístico tem surgido com grande frequência atualmente e que os rumos atuais da Dialectologia têm ampliado de forma significativa os estudos dialetais, baseado nas relações que surgem entre língua e características sociais, diferente da Dialectologia tradicional que se firmou na diferenciação espacial da língua.

1.2.2 **A Dialectologia no Brasil**

A Dialectologia no Brasil se inicia em um período que vai de meados do século XIX e se estende até a primeira metade do século XX. De acordo com Ferreira e Cardoso (1994), esse período corresponde à primeira fase dos estudos dialetais no Brasil que se iniciou com a publicação de um capítulo que tratava da língua no novo mundo de autoria de Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca. Essa fase caracteriza-se pela ausência de trabalho de campo.

Diversos estudos marcaram os estudos dialetais no Brasil na segunda fase que vai de 1920 a 1950. Dentre eles, destacam-se o *Dialeto caipira*, em 1920, de Amadeu Amaral (1955) que nasceu da preocupação do autor com o processo de dialetação do português do Brasil sobre o qual pouco se tinha sistematizado naquela época. Em 1922, é publicado outro estudo que já alerta para a importância da fala em contexto social, de Antenor Nascentes na primeira edição de *O linguajar carioca*. Nesse livro o autor apresenta em linhas gerais o entendimento do falar brasileiro e procura situar o linguajar carioca no conjunto desses falares. Outro importante estudo e que também marca o início dos estudos dialetais é "*A língua do Nordeste*" de Mário Marroquim, publicado em 1934. Essas obras debruçam-se sobre o falar das diferentes regiões que abordam, examinando a língua nos mais variados aspectos. Nessa fase, observa-se a ausência do trabalho de campo, mas já existe uma preocupação com uma metodologia voltada para o exame da realidade.

A terceira fase, segundo Ferreira e Cardoso (1994), caracteriza-se pela produção de trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática e é marcado pela implementação dos estudos da Geografia Linguística no Brasil. Nesta fase, manifesta-se a intenção de elaborar-se o atlas linguístico do Brasil (Decreto 30.643, de 20 de março de 1952). Alguns nomes se destacam pelo trabalho realizado e pelo empenho em defesa da

questão dialetal e implantação dos estudos da Geografia Linguística: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Nelson Rossi.

Sobre a Dialectologia no Brasil, Ferreira e Cardoso (1994) esclarecem ainda que é uma ciência que tem demonstrado até então seu maior interesse pelos dialetos regionais, rurais, sua distribuição e intercomparação, tanto que pode ser identificada como a linguística diatópica horizontal. Tendo a Sociolinguística surgido na década de 60, propondo estudar a variação à luz de causas sociais, profissionais, de nível de instrução, etária, sexo, etc., a inserção desses fatores não representou grande novidade para a Dialectologia que já se preocupava, embora de modo assistemático, com as questões sociais.

Exemplo bastante claro do que foi exposto encontra-se no *Atlas Prévio dos Falares Baianos – (APFB),* publicado em 1963, como mostram Ferreira e Cardoso (1994), tendo à frente Nelson Rossi e as co-autoras Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensee. É um trabalho pioneiro na aplicação da Geografia Linguística que se constitui como primeiro atlas linguístico do Brasil. Este trabalho figura entre os que, com maior rigor científico e precisão metodológica, se envolveram na implantação dos estudos dialetais.

Outros importantes trabalhos seguiram-se a este. Dentre eles: *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG)* de Ribeiro *et al*, em 1977; *Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPb)* de Aragão e Menezes (1984); *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)* de autoria de Ferreira *et al*, publicado em 1987; *Atlas Lingüístico do Paraná* de Aguilera, publicado em 1994; *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS*, que envolve três estados do Sul do Brasil — Rio Grande do Sul, Santa Catarina, e Paraná — coordenado por Walter Koch e publicado em 2002.

A Dialetologia no Brasil continua a se expandir qualitativa e quantitativamente, incluindo em seus estudos os aspectos diastráticos e diafásicos. Os atlas linguísticos mais recentes incorporam novos conhecimentos e novas metodologias. A Geolínguística no Brasil a partir da publicação do *APFB* alcançou um desenvolvimento bastante significativo e passou a ocupar um lugar de destaque no cenário dos estudos linguísticos. O projeto para a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB),* em 1996, concretizando um sonho de Antenor Nascentes, deu novo impulso aos estudos dialetológicos no país. O *ALiB* estrutura-se como um atlas pluridimensional, pautando-se pelos princípios da geolinguística contemporânea.

O Projeto ALiB é um empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento, tendo por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à língua portuguesa, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de

natureza social. Fazem parte dos inquéritos do ALiB três tipos de questionários: a) o Questionário Fonético-Fonológico (QFF); b) o Questionário Semântico-Lexical (QSL); e o Questionário Morfossintático (QMS). Acrescentam-se questões referentes à pragmática, assim como sugestões de temas para o registro de discursos semidirigidos e questões de natureza metalinguística e texto para leitura. Possui uma rede de pontos que atinge 250 localidades, distribuídas por todo o território nacional, com informantes distribuídos equitativamente por duas faixas etárias, 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, contemplando os dois sexos.

O Projeto ALiB, segundo Cardoso e Mota (2006), inicia uma nova fase na história da Dialectologia brasileira, pois hoje há um interesse por atlas que não havia antes. Essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60, adotando, a partir daí uma visão pluridimensional.

1.3 BREVE INCURSÃO SOBRE A FONÉTICA E A FONOLOGIA

A língua é um meio de comunicação completo. É o instrumento de uso diário que estabelece a interação com o outro, se configurando como parte integrante da vida humana. Os falantes de uma língua, através de sons veiculam pensamentos, sentimentos e emoções e se integram socialmente sem perceber a complexidade do sistema que a constitui. Sendo assim, a língua se manifesta como um elemento que é simples no aspecto inter-comunicativo e, ao mesmo tempo complexo como um sistema de signos.

As representações mentais que os falantes têm dos sons não são idênticas às suas propriedades físicas. Há, portanto, dois níveis de representação dos sons que, apesar de terem campos de estudos relacionados, possuem campos de atuação distintos: um nível fonético que encara os sons da fala como realidade física, produzido pelos falantes de uma língua e um nível fonológico que encara o som linguístico como realidade semiológica, inserida no complexo sistema de signos que é a linguagem natural humana.

Sobre a distinção entre Fonética e Fonologia, Albano (2001, p.11) ressalta:

> Se a distinção entre as duas disciplinas se esgotasse no método, a Fonética e a Fonologia estariam claramente separadas. A primeira guarda a herança das ciências naturais recorrendo a instrumentos de laboratório para respaldar, corrigir e refinar distinções detectadas por uma escuta treinada na observação das línguas. A segunda vale-se dessa mesma escuta para inquirir uma outra, interna ao sistema lingüístico, que distorce fatos, preenche claros e ignora distinções.

Nos termos de Mateus *et al.* (1990), a Fonética é a disciplina científica que se ocupa dos sons da fala e do modo como estes sons são produzidos e percebidos. Tendo em vista que a fala é a manifestação sensível da língua, interessam, por exemplo, aos estudos da Fonética, realizações de fonemas como os representados pelas vogais átonas finais [i] e [u] na localidade em estudo que apresentam características que os distinguem foneticamente e não fonologicamente. Essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas realizações funcionais como se pode observar no exemplo (1), a seguir:

> Só que ele vei mais adiant [adʲiˈɐ̃t], mais um poc [ˈpok] na frent e eu mais um poc atrás só que taha descen [dɛˈsẽn] na primera subida da Carn Assada, el [ˈel] sumiu mah um poc [ˈpok] na frent [ˈfrẽt], que eu e vinha mais devagá, eu taha cum capacet [kapaˈset] que eu taha levan el [el] (Inf. 05, homem, 22 anos).

Mateus *et al.* (1990, p.304) esclarecem os campos de atuação da Fonética e da Fonologia:

> Tratando-se da mesma língua, as diversas alternâncias verificadas são, em cada caso, realizações fonéticas de um único segmento fonológico. O estudo destes segmentos fonológicos pertence à Fonologia; o estudo das diferentes realizações fonéticas integra-se na Fonética.

Com a linguística estrutural, teve início e se desenvolveu o estudo do nível fonológico das línguas e a constituição dos respectivos inventários de unidades distintivas. Como lembra Mira Mateus (1990), a partir dos anos 30, a perspectiva estrutural de análise dos vários níveis de língua, em especial o nível fonológico e morfológico, desenvolveu-se na América com as obras de renomados autores como Bloomfield, Nida, Pike e Z. Harris, e na Europa com os trabalhos do Círculo linguístico de Praga (sobretudo com a obra de Trubetzkoy) e, a partir dos anos 50, com as obras de Martinet.

Com os trabalhos de Trubetzkoy, Jakobson e outros componentes do Círculo Linguístico de Praga, no 1º Congresso Internacional de Linguística (Haia, 1928), é que a fonologia se constitui como um campo distinto da fonética com objeto próprio de estudo. Essa escola linguística denomina os elementos fonológicos de fonemas que, segundo Trubetzkoy, (1939, p.35) *apud* Câmara Jr. (1977, p.31), se constitui no "conjunto de traços fonologicamente relevantes numa estrutura fônica". As teorias fonológicas tradicionais esclarecem que fonema é a unidade mínima do sistema de sons de uma língua. As realizações fonéticas dos fonemas é designada fone como segmento discreto perceptível de som em uma corrente de fala. As diferentes realizações do mesmo fonema são denominadas variantes ou alofones.

Mateus *et al.* (1983, p.537) destaca que "o nível fonético e o nível fonológico de uma língua estão relacionados por regras que alteram os segmentos subjacentes, mas também pode suprimi-los ou inserir outros". Para as autoras, qualquer um dos processos, de alteração, supressão e inserção, pode funcionar:

> a) sistematicamente, por meio de regras que actuam sobre segmentos subjacentes e cujas condições de ampliação são determináveis (como as regras de alteração das vogais átonas).
> b) assistematicamente, actuando sobre o nível fonético (os próprios sons), segundo condições que não são exclusivas da componente fonológica. (*ibidem*, 538)

O primeiro caso, como mostram as autoras, é associado a processos fonológicos que caracterizam a estrutura morfológica da língua. Estão inter-relacionados fatores fonéticos, morfológicos e sintáticos em suas causas; no segundo, apesar de ter natureza diversa são uma extensão da aplicação de certas regras fonológicas e dependem quase exclusivamente de fatores fonéticos e prosódicos.

Nos fatores fonéticos, Mateus *et al.* (1983) distinguem os de caráter articulatório em que o aparelho fonador adquire determinada posição que torna a pronúncia de um som mais próxima dos que o rodeiam; e os de caráter perceptivo quando se estruturam novas sílabas ou se modifica a sequência de modo a torná-la mais perceptível. Quanto aos fatores prosódicos, as autoras destacam o acento de palavra e de frase, a curva entonacional e a velocidade de elocução como elementos de maior importância.

Tendo em vista que a fala é adquirida segundo princípios gerais e uma ordem cronológica que não dependem das línguas particulares, nem das características étnicas, Mateus *et al.* (1990) enfatizam que a comunicação pela fala processa-se sem que os falantes e os ouvintes estejam conscientes dos complexos mecanismos que estão subjacentes às atividades de ouvir e falar. Nesse sentido, a autora relaciona três estágios pelos quais passa a transmissão de uma mensagem de um falante para um ouvinte: (1) os mecanismos de produção de fala, (2) as ondas sonoras e (3) os mecanismos de percepção que correspondem às três vertentes da fonética tradicionalmente conhecida: (1) fonética articulatória, (2) fonética acústica e (3) fonética perceptiva.

Lyons (1987, p.71), por sua vez, considera esses aspectos essenciais para o estudo do meio fônico, pois:

> A fonética articulatória investiga e classifica os sons da fala em termos da maneira como são produzidos pelos órgãos da fala; a acústica, em termos das propriedades físicas das ondas sonoras criadas pela atividade do aparelho fonador e que se

> transferem no ar de falante para ouvinte; a auditiva, em termos da maneira como os sons da fala são percebidos e identificados pelo ouvido e cérebro do ouvinte.

Desses três ramos, sabe-se que a técnica mais difundida é a do exame da produção do som pelo aparelho fonador e registro do ouvido que é própria da fonética articulatória. Callou e Leite (2003) atribuem essa longa tradição à simplicidade com que pode ser aplicada a fonética articulatória em contraposição à fonética acústica que requer aparelhamentos mais dispendiosos ao lado de certo conhecimento de física. As autoras esclarecem que mesmo nos estudos em que se focalizam as propriedades físicas da onda sonora, tanto na sua produção quanto na sua percepção, os princípios de segmentação e as unidades depreendidas pela fonética articulatória se fazem presentes, tornando-se, pois, indispensável o seu conhecimento.

Sabe-se que o ser humano é capaz de produzir uma quantidade muito variada de sons vocais, pois o som é o meio natural, primeiro da linguagem humana. No entanto, nem todos eles são usados para os fins linguísticos de gerar, num enunciado, uma diferença de sentido por substituição ou por rearranjo. Lyons (1987) argumenta que o que interessa são os sons produzidos pelo aparelho fonador humano, na medida em que esses desempenham um papel na língua. Esta gama limitada de sons é chamada de meio fônico.

Assim, conforme explicam Callou e Leite (2003), a fonética articulatória possui dois sentidos: um sentido mais amplo que descreve qualquer som produzidos pelos seres humanos; e outro sentido mais restrito de esmiuçar os mecanismos existentes nas línguas humanas para comporem a enunciação. Beneficia-se da fonética experimental, isto é, de estudos que utilizam aparelhos como o oscilógrafo, o quimógrafo e o espectrógrafo, o sintetizador de fala, além de *softwares* cada vez mais modernos para um exame mais acurado da fisiologia acústica da produção dos sons.

A aliança da fonética articulatória com os estudos experimentais trouxe um grande progresso na área da fisiologia e da acústica dos sons. Para Lyons (1987, p. 72), um dos grandes destaques da fonética acústica que se tem confirmado "é o de que dois enunciados repetidos, os quais acreditamos ser os mesmos, raramente – ou nunca – são idênticos sob o ponto de vista físico (acústico)". Adiante o autor explica que "a identidade fonética é um ideal teórico: na prática os sons da fala produzidos por seres humanos conseguem apenas aproximar-se deste ideal, em maior ou menor escala".

Lyons (1987, p.72) esclarece ainda que a fonética acústica também confirmou o que já havia sido estabelecido pela articulatória:

> O fato de que os enunciados falados, considerados sinais físicos transmitidos pelo ar, não são seqüências de sons separados. A fala é constituída de explosões sonoras contínuas. Não só não há intervalos entre os sons constituintes das palavras; as próprias palavras não são separadas por pausas.

Mateus *et al.* (1990, p.297) diz que a fonética, enquanto ciência que estuda as características do som humano é uma base indispensável de fonologia e adverte que:

> Para captar o funcionamento estruturado de um sistema é necessário abstrair da diversidade percebida pelos sentidos, propondo, através de hipóteses, os elementos básicos que permitem esse funcionamento e que correspondem, em última análise, a realidades psicológicas.

Pode-se concluir que a fonética apreende os sons concretamente realizados pelos falantes da língua em toda a sua diversidade; enquanto a fonologia abstrai essa diversidade para captar o sistema que caracteriza a língua.

A partir do estruturalismo, muitos modelos teóricos foram implementados, conforme observam os autores Bisol (2005), Silva (2007) e Magalhães (2009): seja utilizando-se da Fonologia Gerativa Padrão (Chomsky; Halle, 1968), da Teoria autossegmental (Goldsmith, 1976), da Fonologia Métrica (Prince, 1993, Halle: Vergnaud, 1987; Prince, 1995); Fonologia de Uso (Bybee, 2001), além da inovadora Teoria da Otimidade (McCarthy; Prince, 1993). Essas novas teorias surgem para ampliar o campo de pesquisa e oferecer novas explicações para os diversos fenômenos fonético-fonológicos existentes.

1.3.1 **As vogais no português do Brasil**

Vogais são fonemas em cuja produção a corrente de ar passa livremente pela cavidade bucal, distinguindo-se-lhe o efeito acústico pela forma assumida por essa cavidade, que assim atua como caixa de ressonância (CÂMARA JR., 2007). As vogais distinguem-se das consoantes por: 1) serem sons periódicos complexos; 2) constituírem núcleo de sílaba e sobre eles poder incidir acento de tom e/ou intensidade. Câmara Jr. (1977, p. 52) afirma que “As nossas consoantes não têm função silábica e o núcleo da sílaba é sempre uma vogal”. Adiante acrescenta: “As vogais são os elementos fônicos suscetíveis de funcionar sós.”

As vogais do português do Brasil, considerando a forma da cavidade bucal, podem ser classificadas de acordo com três parâmetros articulatórios: elevação da língua, zona de articulação e arredondamento dos lábios.

1) Em função da elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, dá-se a classificação articulatória de vogais em baixa, médias de 1º grau ([ɛ]) e ([ɔ]) ou médias baixas, médias de 2º grau ([e]) e ([o]) ou médias altas e altas ([i]) e ([u]).

2) em função do arredondamento ou distensão dos lábios a vogal pode ser arredondada e não-arredondada..

3) O último parâmetro, zona de articulação, depende do avanço ou recuo da língua, fazendo com que a vogal seja classificada como anterior, central e posterior.

1.3.1.1 Posição tônica

Do ponto de vista estrutural, a primeira análise abrangente que há das vogais portuguesas é a de Câmara Jr. Baseado no sistema vocálico triangular proposto por Trubetzkoy (1929), pelo fato de *a* não constituir uma dualidade opositiva, ocupando o vértice mais baixo de um triângulo de baixo para cima, Câmara Jr. (2004, p. 43) delineia as vogais do português do Brasil na posição tônica.

VOGAIS				
	posteriores	**central**	**anteriores**	
Altas	/u/		/i/	
Médias	/ô/		/ê/	(2º grau)
Médias	/ò/		/è/	(1º grau)
Baixa		/a/		
	arredondadas		**não-arredondadas**	

Quadro 1 – Caracterização articulatória das vogais tônicas no português do Brasil

Conforme mostra o Quadro 1, o sistema vocálico do Brasil apresenta um contraste fonêmico de 7 vogais orais na sílaba tônica. A partir deste quadro é feita a dedução das vogais distintivas portuguesas.

Câmara Jr. (2004, p.40-41) esclarece a razão pela qual toma as vogais tônicas como ponto de partida para a distribuição do quadro de vogais no português:

> Para as vogais portuguesas a presença do que se chama, "acento" ou particular força expiatória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação de voz (tom) é que constitui a posição ótima para caracterizá-las. A posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez os traços distintivos vocálicos.

Observa-se que, somente em sílaba tônica podem realizar-se todas as vogais portuguesas, uma vez que nas demais posições silábicas o quadro vocálico fica bastante reduzido em face da supressão ou da neutralização do valor distintivo de determinados fonemas.

1.3.1.2 Posição átona

As vogais átonas no português do Brasil apresentam um quadro reduzido de cinco vogais em decorrência da neutralização que se observa com o desaparecimento da oposição das médias entre primeiro e segundo grau. Essas vogais podem ser pretônicas e postônicas. Dentre as postônicas, existem ainda as postônicas não-finais e as postônicas finais já que os fatos fonológicos que aí se manifestam não são os mesmos. De acordo com Câmara Jr. (1977), as sílabas pretônicas apresentam uma enunciação menos fraca. As demais sílabas átonas não-finais são ainda mais fracas sem ter a debilidade das átonas finais.

Com a perda do traço distintivo entre as médias, se reduzem a cinco vogais átonas pretônicas, documentando-se o desaparecimento da oposição entre as vogais médias de 1º e 2º graus na posição pretônica. Na posição postônica não-final (em proparoxítonas), o autor admite a neutralização entre /o/ e /u/, mas não entre /e/ e /i/, rechaçando, assim, a pronúncia *númiro* em vez de *número* para número. Em posição final de vocábulo reduz-se o sistema a três vogais átonas finais seguidas ou não de /s/, há a neutralização de /e/ - /i/ e de /o/ - /u/. Assim, três quadros de vogais átonas surgem para o português do Brasil: vogais pretônicas, vogais postônicas dos paroparoxítonos e vogais átonas finais. Esses quadros de vogais serão detalhados nas seções, a seguir.

1.3.1.2.1 *Posição átona pretônica*

No quadro 2, Câmara Jr. (2004, p.44), apresenta a descrição das vogais pretônicas no português do Brasil:

VOGAIS PRETÔNICAS				
Altas	/u/			/i/
Médias		/o/	/e/	
Baixa		/a/		

Quadro 2 - Vogais pretônicas no português do Brasil

Como se pode observar, o quadro das vogais pretônicas apresenta um conjunto de vogais com enunciação menos fraca, que condiciona o quadro de cinco vogais, com o desaparecimento da oposição entre as médias de 1º e 2º grau.

A realização das vogais pretônicas é um dos aspectos de que se têm servido vários autores para delimitar áreas regionais. Silva (2007, p. 81) esclarece que "geralmente a ocorrência das vogais [ɔ] e [ɛ] em posição pretônica acarreta marca de variação dialetal, geográfica ou mesmo de idioleto".

No Brasil, a classificação dialetal mais conhecida é a de Antenor Nascentes, embora essencialmente organizada na base de impressões de viagens. Segundo Nascentes (1953) o país se divide em duas grandes áreas dialetais, a do Norte com os subfalares que neutralizam em /ɔ/ e /ɛ/ os contrastes [o]:[ɔ] e [e]: [ɛ] e a do Sul com os subfalares que neutralizam em [o] e [e]. Para o autor, os subfalares do Norte possuem duas grandes divisões: O amazônico (Pará, Amazonas, Acre e noroeste de Goiás) e o nordestino (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Nordeste de Goiás). Os subfalares do Sul, por sua vez, compreendem quatro subdivisões: o baiano (Bahia, Sergipe, Norte de Minas Gerais e Leste de Goiás), o fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, parte do Leste de Minas Gerais), o mineiro (maioria do estado de Minas Gerais) e o sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, além do Sul de Minas, Sul de Goiás e Mato Grosso).

A variação no âmbito das vogais médias pretônicas constitui uma das características marcantes do português do Brasil. Em alguns dialetos, como, por exemplo, da região Nordeste, as vogais [ɛ, ɔ] ocorrem em posição medial em qualquer estilo como em [ˈpɛɾɔlɐ], [ˈnumɛɾʊ]. De uma forma geral, diz-se que o falar do Sudeste/Sul apresenta uma tendência para o fechamento das vogais, enquanto o falar do Nordeste apresenta tendência para a abertura.

1.3.1.2.2 *Posição átona postônica não-final*

No Quadro 3, é apresentada a descrição das vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas, segundo Câmara Jr. (2004, p.44).

VOGAIS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS				
Altas	/u/			/i/
Médias		/../	/e/	
Baixa		/a/		

Quadro 3 – Vogais postônicas não-finais no português do Brasil

Conforme descreve o autor, as vogais postônicas mediais ocorrem entre a vogal tônica e a vogal átona final em palavras proparoxítonas. Nessa posição, a neutralização só existe entre as médias e altas posteriores /o/ e /u/, mas não entre /e/ e /i/, que mantém a oposição, como em número – [ˈnumeɾʊ] e não [ˈnumiɾʊ], o que configuraria um quadro de quatro segmentos fonológicos.

Brandão e Santos (2009) ressaltam que a proposta mattosiana para a vogal átona não-final das palavras proparoxítonas não é aceita pacificamente, entre os pesquisadores, em decorrência da baixa produtividade de vocábulos proparoxítonos, bem como da ausência de pares mínimos que confirmem a oposição entre /e/ e /i/, de acordo com a própria tradição estruturalista.

1.3.1.2.3 *Posição átona postônica final*

No Quadro 4, Câmara Jr. (2004, p.44) apresenta a descrição das vogais átonas finais diante ou não de /s/.

VOGAIS POSTÔNICAS FINAIS			
Altas	/u/		/i/
Baixa		/a/	

Quadro 4 - Vogais postônicas finais no português do Brasil

Conforme indica o quadro, o sistema de vogais postônicas finais fica reduzido a três vogais *i, a, u*. O *i* representa toda a série anterior e o *u* a posterior, como em [ˈpõtɪ] (ponte), [ˈpõtʊ] (ponto), [ˈpõtɐ] (ponta).

Câmara Jr. (2004) ressalta que a posição átona final torna a articulação diferente da átona pretônica e que, numa classificação fonêmica, o que importa é que os sons vocálicos classificados como surdos ou reduzidos são consequência da posição átona da vogal. Nessa posição, o autor (1977, p. 47) afirma que "as sílabas finais átonas são as mais débeis, em vocábulos de acento tônico na penúltima sílaba, ditos paroxítonos". Essa debilidade máxima da sílaba átona final provoca o seu enfraquecimento, a sua redução e até a sua queda em decorrência da variação dialetal.

No português do Brasil, do ponto de vista fonológico ocorre, pois, uma neutralização entre a vogal alta e a média de segundo grau em posição átona final, com claro proveito da alta, de que decorrem as realizações [i] e [u] como diz Câmara Jr. (2004, p.43):

> Todos os fonemas vocálicos, em termos fonéticos, apresentam variação articulatória e auditiva, então. Mas o que essencialmente caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas. Isto é, mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois. É o que Trubetzkoy tornou um conceito clássico em fonologia com o nome de «neutralização».

A neutralização não é um fenômeno novo. Os textos antigos já registram esse fenômeno como parte da evolução da língua. Datam do século XIII as primeiras fusões entre /e/, /i/ e /o/, /u/. Isso mostra que a debilidade das vogais átonas finais está associada a processos diacrônicos. Em análise dos textos galego portugueses, Maia (1986, p.523) já documenta a ocorrência de uma fusão entre as vogais médias e altas:

> O certo, porém, é que desde muito cedo, /i/ e /e/ finais se fundiram num único fonema, uma vez que a oposição não tinha, neste contexto, qualquer valor distintivo. (...) O fonema resultante dessa fusão admitiria diferentes realizações fonéticas, ora [e], ora [i], ora timbre intermediário entre as duas vogais. Atestam essa fusão dos dois fonemas e a realização como /i/ na zona estudada a grafia de algumas formas que, de acordo com a sua proveniência etimológica, deveriam terminar em -e e aparecem na grafia com -i: fiquy, fiqui, fyqy, dissi, firmy, nommj.

A autora explica que a instabilidade observada nas posições átonas é o reflexo das profundas flutuações fonéticas que podiam sofrer as vogais átonas no antigo galego-português.

No que diz respeito ao fenômeno da neutralização, Câmara Jr. (1977, p.37), descreve:

> Em certas condições do ambiente fonético, uma oposição de fonemas, em geral depreensível na língua, se anula e a realização física passa a ser uma só, quer sob o aspecto de um dos fonemas, quer sob um terceiro aspecto em que só se mantêm os traços comuns a ambos.

Câmara Jr. (1977, p. 59) ressalta que "o triângulo reduzido de três vogais (abrimento máximo mediano, abrimento mínimo anterior e abrimento mínimo posterior, ou sejam, /a/, /i/ /u/) é o das sílabas inteiramente átonas na posição mais débil qual é a átona final". O autor explica que essas sílabas tornam-se mais fracas não só nos vocábulos pouco relevantes da frase, mas também generalizadamente, na pronúncia articulatória relaxada da fala familiar.

Estudos realizados sobre as vogais postônicas finais mostram que a neutralização nem sempre ocorre da mesma forma em todas as áreas brasileiras.

O artigo de Bisol (2003) que trata da neutralização das átonas, apresenta os resultados estatísticos, extraídos de Vieira (2002), com base em dados do Projeto VARSUL sobre a neutralização das átonas finais, em especial, a vogal [e]. Esses dados revelam, através de seus índices, o uso variável da vogal alta. Bisol (2003) observou que há capitais que realizam essa vogal opcionalmente ou escassamente como Curitiba, por exemplo, com um percentual de 37%, enquanto há outras, como Porto Alegre, que a realizam categoricamente com um índice de 81% de uso. Análises revelam que o processo de neutralização, nesta posição, apresenta flutuações em muitas variedades do português brasileiro, indicando que não se chegou a uma completude: *verde ~ verdi; solo ~ solu*. A autora adverte que essas flutuações sinalizam um processo de mudança em direção ao subsistema vocálico mais simples /i,a,u/, como já dissera Câmara Jr., tomando por base o dialeto carioca.

Com base nesses dados Bisol (2003, p.278) observa que a neutralização da vogal átona final no português brasileiro é um processo em andamento no que diz respeito à opção pela vogal alta, uma vez que a variação permanece em certas comunidades e nota que:

> a neutralização, entendida como perda do traço distintivo entre vogais médias e altas, é uma regra geral nesta posição, e a preferência para realização da alta tende a generalizar-se. O contraste fonológico fica restringido a três vogais, independentemente do alofone que se realiza.

1.3.2 **As vogais inacentuadas do português de Portugal**

Sobre o processo de redução das vogais átonas no português de Portugal, após as transformações sofridas, Teyssier (2004, p.69) diz que:

> Por volta de 1800 este sistema já havia sofrido uma modificação importante no que se refere às vogais realizadas como [ẹ] e [ọ] em posição átona, tanto pretônica (m*e*ter, m*o*rar) como final (pass*e*, pass*o*). Em lugar de [e], ter-se-á uma vogal central fechada que transcrevemos por [ë]; ex.: [mëtẹ́r], [pásë]; e, em vez de [o], ter-se-á [u]; ex.: [m*u*rár], [pás*u*]. É esta transformação que chamaremos de "redução".

O autor explica, ainda, que tal redução se reveste de extrema importância na história da língua. Elas são próprias da língua oral, jamais vem transcrita na ortografia oficial, que continua a escrever *e* e *o* para as vogais que pronunciam hoje [ë] e [u]. O autor adverte que essa realização ocorre em Portugal, mas não no Brasil.

Considerando o aspecto histórico da evolução das vogais na posição final átona no português de Portugal, pode-se observar que, segundo Teyssier (2004), nos séculos XVI e XVII as vogais escritas *-e* e *-o* eram realizadas foneticamente [ẹ] e [ọ]. Essa realização, no entanto, se modifica no século XVIII, como afirma o autor (2004, p. 70): "Só no século XVIII é que aparecem as primeiras indicações a atestarem que naquela época *-e* se pronunciava [i] e que *-o* era pronunciado [u]." O primeiro documento em que se comprova esse fato é a Grammática Italiana de D. Luis Caetano de Lima (1734) *apud* Teyssier (2004, p. 70). Nesse trecho o autor recomenda não pronunciar da maneira portuguesa o *-e* final italiano:

> Note-se que as palavras que acabam em *-e* se devem pronunciar com um som escuro, mas não tão escuro, como fazem os portugueses, os quais mudam quase o *-e* final em *-i*, e em lugar de pronunciarem *anche*, *pure*, *rumore*, *parlare*, *sentire*, pronunciam *anchi*, *puri*, *rumori*, *parlari*, etc.

Mais adiante, a propósito do *-o* final italiano, escreve: "Note-se que a vogal *o* geralmente no fim das palavras tem som aberto, e não fechado ou escuro, como lhe dão ordinariamente os portugueses, equivocando-o com *u*."

Apesar de essas observações não se referirem ao português, mas ao italiano falado pelos portugueses, elas se revestem de singular importância pelo fato de revelarem que a pronúncia [i] e [u] das vogais finais *e* e *o* era, para os portugueses, um hábito articulatório instintivo.

Posteriormente, em 1746, Luis Antonio Verney[12] *apud* Teyssier (2004, p.70) em comentário sobre a pronúncia do português faz a seguinte descrição fonética:

> Finalmente devo advertir a V. P. que estes seus nacionais, ainda falando, pronunciam mal muitas letras no meio, mas principalmente nos fins das dicções. V.g. *e* final, pronunciam como *i*, como em *dê-me*, *pôs-me*, etc. Todo o *o* final acaba em *u*, v. g. em *tempo*, *como*, *buxo*, etc., cujos nomes quem quer pronunciar à portuguesa deve acabar em *u*.

[12] Verney nascera em Lisboa em 1713, de pais franceses (Cf. TEYSSIER, 2004, p.71)

Pode-se constatar que o registro da passagem do *-o* final a [u] data da primeira metade do século XVIII, e, daí em diante, a realização de [u] para a vogal escrita *-o* é definitiva como mostra Teyssier (2004, p.71):

> A passagem de *-o* final a [u], atestada como se viu já na primeira metade do século XVIII, é desde então um fato consumado. A realização [u] para tudo o que se escreve *-o* final (átono) é de regra no conjunto do território português da Europa e também do Brasil. Encontra-se na base de todos os crioulos portugueses.

O mesmo não ocorre com a vogal final escrita *e*. Tomando por base as anotações de Teyssier (2004), esta vogal apresenta um processo mais complexo de transformação. Na primeira metade do século XVIII, ela era pronunciada [i]. O português atual transformou-a em uma vogal central muito fechada e muito breve que se transcreve [ë]. Este [ë] é pronunciado hoje de forma tão breve em Portugal que se torna quase inaudível: passe – [ˈpas]; ponte – [ˈpõt], como observa Teyssier (2004, p.72):

> Tal [ë] não veio, com toda a evidência, diretamente do antigo [ẹ], realização primitiva do *-e* final átono, mas sim do [i] atestado na primeira metade do século XVIII, tendo-se processado a evolução de acordo com o seguinte esquema: [ẹ] > [i] > [ë]. Há, de resto, vários pontos do território europeu da língua em que este [i] intermediário sobreviveu nos falares contemporâneos (Minho, Beira Baixa, Algarve, Madeira, Açores).

Adiante, o autor adverte "Foi, pois, esse [i] geral que se reduziu a [ë] no português europeu, e só nele" (p.72).

Sobre as vogais escritas *-e* e *-o*, no português europeu, Teyssier (2004, p.73) conclui:

> A realização [u] para a vogal escrita *-o* é definitiva. Mas, a realização [i] para a que se escreve *-e* será, em Portugal, na língua comum, uma simples etapa intermediária para o [ë] contemporâneo que deve ter aparecido na segunda metade do século XVIII.

Levando em consideração as transformações sofridas pela língua em seu processo natural de evolução, Teyssier (2004, p.77) apresenta o quadro das vogais orais do português europeu:

Posição tônica	Posição pretônica	Posição átona final
/i/ /u/ /ẹ/ /ọ/ /ä/ /ẹ/ /ọ/ /a/	/i/ /u/ /ë/ /ọ/ /ä/ /ẹ/ /ọ/ /a/	/u/ /ë/ /ä/

Quadro 5 - Sistema das vogais orais no português europeu
Fonte: TEYSSIER, 2004, p. 77.

Pode-se ver demonstrada, no Quadro 5, a situação da língua contemporânea. Preserva o número de unidades distintivas que havia no século XVI, mas com nova distribuição.

Sendo assim, de acordo com Câmara Jr. (1979), as maiores discrepâncias entre as subnormas de Portugal e do Brasil, se encontram nos quadros das vogais átonas. Em relação às átonas finais o autor (1979, p.64) explica:

> Os arquifonemas átonos do triângulo reduzido de três vogais pertencem ao tipo do /i/ e do /u/, enquanto em Portugal há complementarmente o /e/, dito neutro com muito menos elevação e posição central da língua em qualquer posição átona. Fonemicamente, é um alofone do /e/ átono, que no Brasil em posição final absoluta ou diante de /z/ passa a /i/ (salvo em certas regiões do Sul do nosso País, onde /e/ anterior aí se mantém (como no Paraná).

Compactuando com essa idéia Callou e Leite (2003, p.86) explicam que "a diferença do vocalismo entre Brasil e Portugal reside basicamente nas posições átonas. O português de Portugal caracteriza-se por possuir um vocalismo átono muito débil ao contrário do português do Brasil".

Para Teyssier (2004) é justamente na pronúncia das vogais que o português do Brasil se distancia, tanto pelo seu conservadorismo como pelas suas inovações, do português europeu. O sistema vocálico brasileiro é simétrico e equilibrado. As átonas finais são realizadas de forma mais nítida que no português europeu.

1.3.3 **Tecendo algumas considerações**

Como pôde ser visto, apresentou-se, neste capítulo, uma síntese do arcabouço teórico de base variacionista, que percebe a variação como requisito ou condição do próprio sistema

linguístico. De acordo com essa teoria, a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional. O modelo laboviano permitiu compreender que as estruturas variantes dentro de uma comunidade de fala não são aleatórias, mas condicionadas por regras. O caráter diatópico e diastrático faz da Dialectologia uma disciplina mais próxima da Sociolinguìstica a quem compete analisar os fenômenos na ordem social ou diastrática. A base fonético-fonológica segue os preceitos estruturalistas de Câmara Jr., observando a descrição vocálica do português do Brasil em que se mostra um sistema vocálico de 7 vogais orais que se reduz a 3 na posição átona final. No tocante à pronúncia das vogais átonas finais, o português do Brasil inova ou conserva alguns aspectos fonéticos do português de Portugal. O falante brasileiro conserva o [u] como o português europeu de hoje, mas inova quanto à realização de [ë], que passa a [i] em posição átona final. Vale ressaltar que, nas regiões do território europeu em que o [i] intermediário sobreviveu como nos falares contemporâneos de Beira Baixa, Algarve, Madeira e Açores, há registros de casos de apócope da vogal final, semelhantes ao fenômeno da apócope em estudo.

2 APÓCOPE: PERCORRENDO CAMINHOS

A apócope, como se sabe, é um fenômeno fonético fonológico que consiste na perda de um fonema ou sílaba em final de uma palavra. Esse fenômeno pode dar-se diacronicamente, como observa Câmara Jr. (2007, p.66) em seu *Dicionário de Lingüística e Gramática*:

> Apócope é o desaparecimento de um fonema em fim de vocábulo. Na evolução da língua portuguesa são muito importantes duas espécies de apócope: 1) a das consoantes finais, não sendo líquidas ou sibilantes: *amat* > *ama*; *ad* > *a*, etc.; 2) a do *-e* depois de consoante líquida, sibilante ou nasal dental; passando a consoante a formar sílaba com a vogal precedente: *amare* > *amar*; *legale* > *leal*, *mense* > *mês*, *sermone-* > *sermon*, arc., donde – *sermão*.

O autor caracteriza a apócope como uma alteração que sempre esteve presente na história do desenvolvimento da língua como a que ocorreu na passagem do latim para o português (*amare* > *amar*). A língua continua evoluindo e os processos de apócope continuam fazendo parte dessa transformação, como se pode observar no português popular do Brasil, especificamente, em uma das localidades em estudo que suprime, com frequência, a vogal átona em final de palavras, como em:

(2) Eu plant é verdura, é alfaç - [awˈfas], quiab - [kiˈab], cenoura e pipin – [piˈpĩn] (Inf. 01, homem, 52 anos).

Como se pode ver, as formas apocopadas estão no cerne da evolução da língua e continuam se manifestando na variação dialetal brasileira. No registro informal e na linguagem popular podem ser encontrados exemplos desse tipo de realização que demonstram a dinâmica da língua. Alguns trabalhos como os de Pagel (1993) sobre vogais finais inacentuadas em português, Oliveira (2006) sobre a variação em itens lexicais terminados em [l] + vogal na região de Itaúna-MG, e Viegas e Oliveira (2008) sobre o apagamento da vogal átona final em Itaúna-MG foram realizados, evidenciando a queda dessas vogais.

Neste capítulo, serão apresentados estudos e documentações da apócope desde os textos galego-portugueses, passando pelos atlas linguísticos no Brasil e em Portugal até as pesquisas mais recentes que descrevem o apagamento da vogal átona em final de vocábulos tanto no português não padrão do Brasil quanto no de Portugal.

2.1 A APÓCOPE EM TEXTOS GALEGO-PORTUGUESES

Maia (1986, p.519-520), em seus estudos sobre os textos galego-portugueses do século XIII ao século XVI, faz alguns registros da apócope como um fenômeno que de alguma forma marca as transformações sofridas pela língua. A autora registra uma ocorrência que acredita ser própria da língua falada:

> Registei apenas, num documento galego (1281 O 55), a apócope de -a na palavra casa quando em próclise: "em caſ de Ferrnã Truã"; "que seen em caſ Maria Fernandez de Gimaraes"; "j. quarteyrode centeo em caſ Munio Perez". Tratava-se, certamente, de um uso próprio da linguagem falada, não só na área galego-portuguesa, mas noutras zonas peninsulares.

Adiante, a autora explica que "a forma apocapada *cas* é ainda usada actualmente na Galiza, na linguagem coloquial: em português perdeu-se o emprego dessa forma, mantendo-se apenas nalguns pontos da zona fronteiriça transmontana".

Considerando os registros de Maia (1986) e os estudos atuais, podemos observar que o fenômeno da apócope esteve presente nos diferentes estágios de desenvolvimento da língua. Desde o latim, passando pelos textos galego-portugueses a apócope é consolidada como um fenômeno que caracteriza a mudança e evolução da língua, pois tem se manifestado, obedecendo a uma regularidade permitida pelo sistema.

2.2. A APÓCOPE NO PORTUGUÊS DE PORTUGAL

2.2.1 **No Atlas Linguístico de la Península Ibérica (ALPI)**

A pesquisa para o ALPI foi realizada em todo Portugal de 1953 a 1954 com algumas investigações completadas em 1956. Figuram como colaboradores Aurélio M. Espinosa, Lorenzo Rodriguez Castelhano, Aníbal Otero, Manuel Sanches Guarner, Francisco de B. Moll, Luis F. Lindley Cintra, Armando Nobre de Gusmão. Em cada mapa figuram as palavras espanholas, portuguesas e castelhanas. O atlas foi publicado em 1962 sob a direção de Tomás Navarro.

Os pontos de inquérito contemplam 7 setores da Península Ibérica: 1 – Galícia; 2 – Portugal; 3 – Astúrias; Léon e Estremadura; 4 – Las Castillas e a Província de Albacete; 5 – Andaluzia e La Província de Murcia; 6 – Navarra e Aragon; 7 – Andorra, Rosellon, Catalunha

y Valencia, a cujo setor se tem acoplado as Ilhas Baleares. O atlas contempla 528 localidades, sendo 156 do domínio galego-português, 276 localidades do domínio espanhol e 96 do domínio catalão. A eleição das localidades é pouco simétrica, com predomínio de zonas de intensa diversidade dialetal. Deu-se preferência pelos povoados pequenos nas comunidades em que a fala e a cultura se mantêm.

Foram escolhidos informantes que refletissem espontaneamente a fala popular da localidade. Para isso deu-se preferência ao sujeito pouco viajado e que não tivesse saído do lugar; analfabeto e muito pouco instruído a fim de evitar a influência de dialetos de outras localidades. Quanto ao gênero foram interrogados apenas homens, pois se pensava que revelassem uma fala mais arcaizante e menos influenciada por modernizações. Além disso, exigia-se que tivessem plena lucidez mental e não apresentassem defeitos dentais que pudessem afetar a articulação das palavras.

Para a transcrição dos dados, adotou-se a transcrição fonética estrita e se tomou como base o modo de transcrição usado nas principais revistas de estudos linguísticos, no ALF e no AIS que haviam utilizado vários símbolos e diacríticos para a representação detalhada das variedades dialetais.

Nesta dissertação, o levantamento para a verificação da apócope tomou como base os registros da região de Portugal cujos pontos de inquérito correspondem aos números que vão de 200 a 292. Nessa região, foram documentadas apócopes nas localidades de Montalvão, Sombreiro, Alcains, Castendo, Sagres e Moimenta da Beira, como podem ser observados alguns exemplos [13] no quadro a seguir.

Vocábulo	Variante fônica	Carta	Ponto	Localidade
Aço	[asˈ]	09	266	Montalvão
Ontem	[õn̩t]	20	220	Sobreiro
Cavalo	[kavá ɫ]	29	252	Alcains
Castelo	[kạštéɫ̥]	37	291	Sagres
Doze	[dóz̥]	71	239	Castendo
Doce	[dós̥]	74	236	Moimenta da Beira

Quadro 6 - Ocorrências da apócope em regiões de Portugal no **ALPI**
Fonte: *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*, 1962.

[13] Foi obedecida a transcrição fonética adotada pelo ALPI.

2.2.2 **No Atlas Linguístico dos Açores (ALEAç)**

O *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (*ALEAç)* insere-se no projeto mais amplo, o do *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG),* sob direção do professor Luís F. Lindley Cintra, publicado em 2001. A descontinuidade geográfica dos Açores e a sua especificidade linguística levaram, porém, ao vislumbramento de uma publicação independente dos materiais recolhidos para o *ALEPG* nas nove ilhas do Arquipélago, tendo as autoridades culturais insulares tomado a seu cargo essa publicação. O *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç)* de autoria de Ferreira *et al*, teve seu primeiro volume de mapas publicado em 2001. Esta publicação é a primeira de uma lista de 9 volumes previstos.

O atlas atinge um número de 17 pontos de inquéritos nas nove ilhas investigadas. O questionário linguístico utilizado nas recolhas é o do *ALEPG* publicado em 1974 pelo então Instituto de Linguística (atual CLUL). O questionário tinha inicialmente 4.000 perguntas, tendo sido, depois, reduzido à metade. O primeiro deslocamento do grupo de dialectólogos aos Açores ocorreu em 1979, mas só em 1995 e 1996 foram retomados e concluídos os inquéritos.

O perfil dos informantes seguiu os requisitos gerais para um atlas: ser da localidade ou da zona do inquérito, idade superior a 40 anos e reduzido nível de escolaridade. Cerca de 80% dos informantes tinha idade entre 50 e 75 anos e mais da metade entre 60 e 75. Todos apresentavam boa capacidade de resposta.

A transcrição fonética[14] foi feita, utilizando-se o alfabeto fonético do *ALEPG* que teve como base o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), porém, adotando uma série de diacríticos que permitiam uma adaptação às variantes fonéticas locais utilizando uma notação estreita de modo a reproduzir o mais fiel possível cada uma das realizações sonoras dos informantes.

O presente levantamento baseou-se no único volume publicado – A criação de gado (bovino, ovino e caprino, leite e derivados; porco e a matança). A consulta ao atlas permitiu observar que a apócope da vogal átona final está documentada no *ALEAç* nas nove ilhas investigadas. Há registros de apócope nas ilhas de Corvo; Graciosa em Carapacho; São Jorge em Calheta e Rosais; São Miguel em Mosteiros, Rabo de Peixe, Ponta Garça, Nordeste; Flores em Fajâzinha e Ponta Ruiva; Santa Maria em Santo Espírito; Pico em São Roque e

[14] Foram obedecidos os sinais de transcrição adotados pelo *ALEAç*

Terras; Terceira em Altares e Fontinhas. Ocorrências como as documentadas no quadro a seguir são comuns nestas localidades.

Vocábulo	Variante fônica	Carta	Ponto	Localidade
Gado	[gˈa̤d̥]	2	8	São Jorge
Rebanho	[ʀɐbˈɐ̃ɲ]	3	2	Flores
Rebanho	[r̃ˈbˈɐ̤̃ɲ]	5	1	Corvo
Rebanho	[ʀβˈɐ̃ɲ]	4	6	Pico
Mamote	[maˈmɔt]	24	10	Graciosa
Caminho	[kɐmˈĩɲ]	11	12	Terceira
Pasto	[pˈa̤st]	12	13	São Miguel

Quadro 7 - Ocorrências da apócope em localidades do **ALEAç**
Fonte: *Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores*, 2001.

2.2.3 **Estudos sobre a apócope no português de Portugal**

Em Ferreira *et al* (1996, p.496) há referências à ocorrência da apócope em Portugal, nos dialetos centro-meridionais. Na variedade de Beira Baixa e Alto Alentejo, as autoras mostram que, dentre os traços mais salientes das variedades peculiares à região, destaca-se a "queda da vogal final não-acentuada -[u], grafada -*o*". Esse fenômeno encontra-se registrado também na variedade do Barlavento do Algarve, região menos extensa que a anterior, como destacam as autoras "a vogal final não-acentuada -[u] desaparece".

As autoras destacam que os dialetos falados nos Açores e na Madeira apresentam maiores afinidades com os grupos dos dialetos Centro-Meridionais portugueses. Sobre o dialeto da ilha de São Miguel nos Açores destacam:

> O dialeto de São Miguel apresenta, por sua vez, alguns dos traços que caracterizam as regiões da Beira Baixa – Alto Alentejo e do Barlavento: (...) desaparecimento da vogal átona final [u] grafada -o, como em [ˈgat] - gato – [ˈkop] - copo [ˈpok] – pouco.

A consulta ao *Atlas Lingüístico dos Açores* reforça as constatações de Ferreira *et al* (1996) sobre os dialetos Centro-Meridionais, em especial, os dialetos do Centro-Interior que compreende os ribatejano-baixo-beirão-alentejano-algarvios, e os dialetos falados nos Açores

e na Madeira que, dentre outras características linguísticas, apresentam afinidades quanto à queda da vogal final não-acentuada -[u] grafada -*o*.

Os estudos de Silva (1998, 2005, 2007), realizados sob a perspectiva da Sociolinguística Laboviana sobre o português falado na ilha de São Miguel, nos Açores, reforçam os dados referenciados por Ferreira *et al*. Nesses trabalhos, o autor faz uma descrição do dialeto de São Miguel e comprova que esta variedade da língua apresenta um sistema vocálico consideravelmente diferente daquele do português padrão europeu. Uma das mais emblemáticas características deste dialeto gira em torno do apagamento da vogal final [u]. Embora o apagamento da vogal átona final não tenha sido o centro dos estudos de Silva (2005, 2007), foi registrada a queda da vogal átona final em palavras como "[ˈsæt] (sete); [ˈlet] (leite); [ˈpok] (pouco); [ˈnot] (noite)" (2007, p.3). O autor apresenta esses casos em sua pesquisa, demonstrando que, apesar de não ser esse o seu tema, o apagamento é recorrente em São Miguel e o toma como parâmetro para suas comparações.

Em estudo intitulado *Vowel Lenition in São Miguel Portuguese* (1998) em que faz uma análise sobre o processo de apagamento no dialeto da ilha do Nordeste (São Miguel), Silva (1998, p. 170) constata o apagamento da vogal em posição final pelos falantes da ilha "More specifically, a vowel is more likely, to be deleted in the context of an adjacent voiceless segment, particularly at the end of a word"[15] e se reporta a esse apagamento como um fator de relevância para comparar o que quer demonstrar em sua pesquisa, como se pode ver no fragmento a seguir (p.170):

> Given these segmental and prosodic conditiones for vowel deletion, an interesting situation obtains: in those cases where word-final vowels are deleted, speakers produce words ending in voiceless obstruents (or clustrs): leite - [ˈlejt]; porto - [ˈport]; carros - [ˈcarr_s][16].

O autor argumenta que esse apagamento viola a estrutura do português, mas é um processo linguístico que pode ser implementado como uma nova variedade padrão do português micaelense.

Em estudo intitulado "*The Persistence of Stereotyped Dialect Features among Portuguese-American Immigrants from São Miguel, Azores*", Silva (2007) compara a

---

[15] Mais especificamente, uma vogal é mais provável de ser apagada em contextos de voz adjacentes, particularmente no final de uma palavra.

[16] Dadas as condições segmentais e prosódicas para o apagamento vocálico obtém-se uma situação interessante: nesses casos em que as vogais átonas em final de palavras são apagadas, falantes produzem palavras terminadas em obstruintes: leite – [ˈlejt]; porto - [ˈport]; carros - [ˈcarr_s].

variedade do português falado pelos imigrantes provenientes da Ilha de São Miguel, nos Açores residentes na comunidade lusófona da Grande Boston, nos Estados Unidos com a variedade do português falado pelos residentes na ilha. O autor constata em sua pesquisa que o apagamento da vogal [u] persiste nos falantes micaelenses residentes nos Estados Unidos. O quadro abaixo mostra que esse apagamento revela-se como uma forma característica da ilha:

Forma padrão	**Variante Micaelense**	**Forma Ortográfica**
[ˈditu]	[ˈdit]	dito
[ˈlɛjtɨ] ~ [ˈlɐjtɨ]	[ˈleːt]	leite
[ˈdɛdu]	[ˈdɛd]	dedo
[ˈpatu]	[ˈpɑt]~ [ˈpɒt]~ [ˈpɔt]	pato

Quadro 8 - Distribuição da forma padrão e não-padrão da variante micaelense
Fonte: Silva, 2007, p. 34, com adaptações.

Nesse estudo, o autor fez uma análise fonética de quatro falantes do dialeto micaelense que emigraram da vila do Nordeste para os Estados Unidos e viveram na comunidade portuguesa nos arredores de Cambridge, Massachussets, cada um deles com perfil sociolinguístico diferente, embora pertencentes a uma mesma família: a mãe, 70 anos e os três filhos adultos, 55, 53 e 42 anos, respectivamente. O material foi coletado durante o verão de 1997. Cada um apresentou diferentes comportamentos fonéticos. Os dados mostraram que, enquanto três informantes preservaram mais o dialeto característico da ilha, um apresentou uma variante vocálica mais aproximada à variedade padrão da língua. Esta variabilidade reflete a tensão entre o comportamento emblemático da identidade micaelense e a necessidade de acomodação às pressões sociolinguísticas exercidas pela língua padrão que predomina para a maioria da comunidade de imigrantes portugueses.

Tais trabalhos reforçam os dados apresentados em Ferreira *et al* sobre a ilha de São Miguel e ilustram com análise estatística e acústica o que já se encontra registrado no *Atlas Lingüístico dos Açores*: as vogais finais demonstram serem propensas ao apagamento.

2.3 A APÓCOPE NO PORTUGUÊS DO BRASIL

As vogais átonas, no português do Brasil, tem sido objeto de diversos estudos científicos em diferentes universidades brasileiras, mas o desaparecimento da vogal átona

final ainda é pouco explorado. Estudos variacionistas que abordam a apócope de vogais átonas finais ainda são escassos no Brasil. Trabalhos como a dissertação de mestrado de Oliveira (2006) e o artigo de Viegas e Oliveira (2008) sobre o apagamento da vogal átona final na cidade de Itaúna-MG, configuram-se como estudos pioneiros neste campo.

Por outro lado, a consulta a atlas regionais mostra o uso da apócope em diferentes regiões do Brasil, o que vem a comprovar que essa variação não se restringe às comunidades em estudo, embora não se tenha encontrado a frequência observada em Beco. Apresentam-se, a seguir, as conclusões mostradas nos estudos disponíveis, bem como a documentação da apócope nos atlas.

2.3.1 **No Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)**

O primeiro atlas linguístico publicado no Brasil, *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (*APFB*), de autoria de Rossi *et al* e publicado em 1963, documenta alguns casos de apócope e registra a pouca perceptibilidade da vogal átona final na realização da fala dos informantes em algumas regiões. Esse atlas constitui o primeiro *corpus* oral representativo de uma região do Brasil, sistematizado segundo os moldes da Dialectologia tradicional. Constitui-se de dois volumes: o primeiro compreende as cartas em folhas soltas, e o segundo, encadernado, com a introduçao, questionário comentado e elenco das respostas transcritas.

As localidades selecionadas para o *APFB* levaram em consideração a proposta de Antenor Nascentes para um atlas linguístico do Brasil. Foram selecionados 50 pontos distribuídos pelas dezesseis zonas fisiográficas da Bahia, considerando proporções relativas à área de cada uma das zonas, o seu número de habitantes e sua densidade demográfica. Além disso, foram considerados na seleção critérios como antiguidade e aspectos histórico-culturais.

Foram entrevistados dois informantes na maioria dos pontos escolhidos, em geral, um de cada sexo. O questionário utilizado possuía 182 perguntas extraídas de um questionário mais amplo de 3.000 questões. Buscou-se o falante iletrado de idade madura, considerado como representante legítimo da comunidade. Os inquéritos foram iniciados em 1960, concluídos em 1961.

As cartas seguem diferentes formas de apresentação: são fonético-lexicais, e se apresentam em transcrição ou em convenção (com dados identificados conforme legenda), algumas com ilustração e apresentação visual do objeto a que se reportam. São acompanhadas

de notas que contêm os discursos dos autores ou dos informantes que são muito importantes, pois ampliam os dados linguísticos no nível léxico, fonético e morfológico, seja na perspectiva diatópica, diastrática ou diacrônica.

Os dados coletados pelo *APFB* documentaram a apócope da vogal átona final em 8 localidades com uma maior concentração na área da Chapada Diamantina. A carta 31 registra 4 ocorrências de apócope. A palavra *cabo verde* ocorre como [ˈkabuˈverd̩] em Barra (42), Paratinga (43), e Mato Grosso (33); e como [ˈkabuˈveʳd̩] em Macaúbas (34) onde há um registro também da apócope da vogal final [a]: doca ~ [ˈdok̩]. No quadro a seguir, estão documentadas todas as ocorrências de apócope registradas no APFB:

Caso	Variante	Carta	Ponto	Localidade
doca	[ˈdok̩]	77	34	Macaúbas
cabo verde	[ˈkabuˈverd̩]	81	42	Barra
	[ˈkabuˈverd̩]	81	33	Mato Grosso (Rio de Contas)
	[ˈkabuˈverd̩]	81	34	Macaúbas
	[ˈkabuˈverd̩]	81	43	Paratinga
mabaço	[maˈbas:][17]	100	8	Poxim do Sul (Canavieiras)
caçote	[kaˈsɔt̩]	127	43	Paratinga
	[kaˈsɔt̩]	127	26	Campo Formoso

Quadro 9 - Ocorrências da apócope em localidades do **APFB**
Fonte: *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, 1963.

O *APFB* revela também uma grande quantidade de palavras com a vogal átona final reduzida como em entojo ~ [ĩˈtoj$^{u}_{\circ}$], cabide ~ [kaˈbid$^{i}_{\circ}$], mabaço ~ [maˈbas$^{u}_{\circ}$]. Esse enfraquecimento acentuado é representado pelo diacrítico [˚] previsto na apresentação das cartas, na metodologia, como se lê nos trechos: "[˚] indica reduzido grau de perceptibilidade" e a letra elevada sem o diacrítico indica uma percepção menor "Um símbolo elevado indica que se julgou o sinal emitido com grau de perceptibilidade menos reduzido que no caso de a essa notação sotopor-se [˚]". Essas ocorrências com alto grau de redução estão distribuídas por todo o estado.

[17] [:] em seguida a um símbolo indica muito maior duração.

2.3.2 **Em Minas Gerais**

Em Minas Gerais, o estudo sobre o apagamento da vogal átona final, realizado por Oliveira (2006) e o artigo de Viegas e Oliveira (2008) que analisam dados de fala oral e escrita buscam mostrar, dentre as variáveis analisadas, o apagamento da vogal átona final, bem como identificar e analisar os fatores linguísticos e sociais que influenciam a variabilidade na fala da comunidade pesquisada. O apagamento pode ser verificado na localidade em realizações de fala do tipo [amaˈɾɛlʊ] ~ [amaˈɾɛl] ~ [amaˈɾɛɫ]; [ˈeli] ~ [ˈel] ~ [ˈeɫ].

Para obter as ocorrências desejadas na Dissertação e no artigo, os autores utilizaram dois tipos de amostra: uma amostra de fala recolhida através de entrevistas gravadas na residência de cada informante, e uma amostra da fala escrita recolhida através de edições de quatro jornais de Itaúna. Foi utilizado também o banco de dados do Lael/PUC/SP, com vistas a fazer comparações com o *corpus* coletado. A seleção dos informantes foi realizada de forma bastante controlada. A amostra era constituída de 16 informantes, jovens e adultos, distribuídos em duas faixas etárias: 15 a 20 anos e 30 a 40 anos. Quanto à escolaridade, todos possuíam o 2º grau completo.

Para análise quantitativa dos dados foram utilizados os *softwares* GoldVarbX (Varbrul) que expressa resultados em *peso relativo* e o SPSS v.13.0 (SPSS) que expressa resultado em *razão de chances* de utilização da variante. Além disso, para análise acústica, foi utilizado o *software* PRAAT, versão 4.4.06[3], a fim de analisar alguns espectrogramas de fala natural.

Utilizando o modelo multinomial os autores apresentam resultados, para as variáveis independentes significativas, que mostram que o apagamento da vogal final na cidade de Itaúna é favorecido por fatores externos e internos. Dentre as conclusões a que chegaram, destacam as seguintes (Viegas e Oliveira, 2008, p.124-126):

- no que se refere ao sexo do informante, os homens apagam mais a vogal final do que as mulheres (2,9 vezes mais[18]) .

- a variável faixa etária não apresentou diferença significativa entre jovens e adultos (jovens RC = 0,9; adultos RC = 1,0).

Na interação entre gênero e faixa etária, os dados mostraram que homens jovens apagam mais (2,8 vezes mais), colocando-se, portanto, à frente dos processos.

---

[18] Valor expresso em razão de chance pela saída do SPSS.

- no que se refere aos fatores internos, o processo de apagamento é favorecido pela altura da vogal da variável, corroborando com a hipótese de que as vogais mais altas e mais reduzidas são as primeiras atingidas em um processo de redução e apagamento gradual das vogais (RC [i] = 3,7; RC [u] = 4,4).

- o apagamento da vogal é favorecido também por um contexto vocálico seguinte. O encontro de vogais na juntura favorece o apagamento da vogal final. Daí fala-se em processos de degeminação e elisão ou processo geral de apócope da vogal com possível ressilabação (contexto seguinte vogal RC = 2,6).

- o apagamento da vogal caracteriza-se como um processo mais geral, no qual não há atuação da classe da palavra (não há diferença estatística entre as classes: Nome = 1,1; pronome = 1,4; verbo = 1,0).

- Há indícios de um processo de etiologia articulatória[19], podendo ser caracterizado como pós-lexical devido à gradualidade fonética e devido à ausência de atuação morfológica no processo.

2.3.2.1 No Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG)

Em Minas Gerais, área onde, segundo estudos de Viegas e Oliveira (2008), apresenta-se o apagamento da vogal átona final diante do /l/, encontra-se documentada a apócope e um alto índice de redução da vogal átona final no *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG)*. Tendo como autores Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passini e Antônio Gaio, o *EALMG* teve seu primeiro volume publicado em 1977, sendo o segundo atlas linguístico elaborado no Brasil.

O *EALMG* é a primeira publicação de uma série de três volumes previstos. Este atlas documenta dados linguísticos de 116 localidades do Estado de Minas Gerais, distribuídos por todo o estado de forma assimétrica, de modo a haver aproximadamente 70 km de distância entre um ponto e outro. Compreende 45 cartas analítico-sintéticas, fonéticas ou lexicais, e 29 sintéticas que resumem fatos fonéticos ou a distribuição diatópica das variantes lexicais.

Compõe o seu quadro de informante: homem ou mulher, casado ou solteiro, com idade variável entre 30 e 50 anos, cuja escolaridade não ultrapasse a quarta série do primeiro grau. Fez-se a pesquisa direta, *in loco*, a fim de coletar dados de fala espontânea, utilizando-se um questionário de fácil manejo, porém capaz de dar uma imagem dos principais aspectos

[19] Palavras mais freqüentes são atingidas primeiro (BYBEE, 2001).

linguísticos da região. Também foi feita a pesquisa indireta através de questionário próprio por correspondência com finalidade exclusiva de teste e controle de respostas obtidas em determinadas áreas.

Os dados coletados no *EALMG* revelaram somente um caso de apócope da vogal átona, no entanto, mostram uma frequência alta de formas reduzidas de vogal átona final que podem indicar essa tendência. Na carta 35, a variante [ˈpik] (pique) ocorre, sem a vogal final, em 55 localidades, das 116 pesquisadas, apresentadas na ordem em que estão relacionadas no atlas:

5. Pirapora; 15. Almenara; 21. Teófilo Otoni; 23. Nanuque; 24. Santa Vitória; 25. Ituiutaba; 27. Monte Alegre; 30. Indianópolis; 38. Governador Valadares; 40. Prata; 42. Frutal; 44. Veríssimo; 45. Uberaba; 46. Sacramento; 47. Araxá; 49. Bom Despacho; 50. Bambuí; 51. Piũi; 52. Cordisburgo; 55. Sabará; 57. Nova Era; 58. Timóteo; 59. Caratinga; 60. Galiléia; 62. Pará de Minas; 63. Itaúna; 65. Conselheiro Lafaiete; 67. Mariana; 69. Manhumirim; 71. Alfenas; 72. Varginha; 73. Formiga; 74. Oliveira; 75. Viçosa; 76. Muriaé; 77. Carangola; 79. Guaxupé; 80. Muzambinho; 81. São João del-Rei; 83. Ubá; 85. Poços de Caldas; 89. Lavras; 90. Andrelândia; 93. Santos Dumont; 95. Juiz de Fora; 97. Mar de Espanha; 100. Além Paraíba; 101. Pirapetinga; 2A. Unaí; 5A. Iturama; 5B. Campina Verde; 5C. Tupaciguara; 6A. Silverânea; 6B. Rodeiro; 7A. Itajubá.

Como se pode observar, as ocorrências estão distribuídas por grande parte do estado: Nordeste, Centro e Sul, inclusive no Triângulo Mineiro. Esses pontos em que ocorreu a apócope podem ser verificados na carta 35 do EALMG, ANEXO G.

As formas reduzidas estão documentadas em quase todas as cartas do atlas e há casos em que todas as ocorrências da variável nas cartas são de formas reduzidas como se pode ver, por exemplo, na carta 6, serenu [sɛˈrẽn^{u}], na carta 8, mormaço [mɔxˈmas^{u}], na carta 15, veranico [vɛɾãˈnik^{u}] e na carta 31, gude [ˈgud^{i}] em que as ocorrências refletem a variação com uma vogal átona final pouco nítida. Essa atonicidade final fraca está prevista na apresentação metodológica do atlas (1977, p. 35) “as vogais [a, i, u] impressas um espaço acima da cadeia sonora indicam atonicidade máxima ou final: /kaRt^{a}/”.

2.3.4 **Em Santa Catarina**

Na região Sul do Brasil, Pagel (1993), analisou um *corpus* formado por 5 informantes bilíngues português/alemão (3 masculinos e 2 femininos), com o objetivo de dar uma descrição acústica das vogais orais acentuadas e inacentuadas do português falado na região de Blumenau.

A partir dos resultados descritos, foram estabelecidas as variações, no campo acústico, que existiam em posição acentuada e inacentuada de cada vogal oral. Para tanto, baseou o seu estudo experimental no método sonográfico que já encontra respaldo em diversos autores como um método adequado ao tipo de análise proposto.

O autor inicia sua análise caracterizando acusticamente o sistema vocálico oral acentuado do português de Blumenau e descrevendo os três primeiros formantes das vogais orais, realizadas em todos os contextos consonantais, já que eles contêm o essencial dos traços linguísticos. A partir daí, é feita a apresentação de uma medida objetiva do timbre das vogais inacentuadas do falar de Blumenau com vistas à caracterização dessas vogais realizadas pelos seus informantes bilingues.

Pagel adverte que o sistema vocálico em final absoluto dos informantes de Blumenau é diferente do quadro de vogais finais apresentado por Câmara Jr. (1977) para o português do Brasil /i/, /a/, /u/. O autor documenta, em seus estudos, um quadro vocálico final absoluto composto de /e/, /a/, /o/ realizado por seus informantes bilíngues, quadro característico do falar específico de Blumenau.

Através de suas análises, o autor constata a não realização das vogais átonas em posição final. Dentre essas constatações, destacam-se as seguintes:

– a tendência à não-realização destas vogais na referida posição é maior nos informantes masculinos. O autor atribui a baixa realização destas vogais em informantes femininos ao fato de ambas as mulheres entrevistadas serem professoras e, por isso, terem monitorado mais a fala.

– a vogal posterior semi-fechada /o/ apresenta o maior índice de não realização (94,8%).

– a vogal anterior semi-fechada /e/, nas mesmas condições, também apresenta um importante índice de queda (85,8%).

O autor resume seus resultados, advertindo que as vogais /o/ e /e/ estão mais sujeitas à não-realização em posição inacentuada final absoluta, enquanto a vogal /a/ permanece mais

estável, o que pode se explicar pela sua própria constituição. A vogal *a*, por ser central e aberta, resiste mais à tendência da não-realização.

Dentre os resultados a que chegou Pagel (1993), destacam-se as diferentes observações sobre o comportamento do processo de não-relização das vogais /a/, /e/ e /o/ em sílaba inacentuada final absoluto:

– a queda da vogal inacentuada em sílaba final absoluta pode ser substituída por um sopro acompanhado igualmente de uma queda brusca de intensidade como em [ˈpɔstʰ], [ˈxɛstʰ]. Esse sopro que substitui a vogal, adverte o autor, se realiza sempre após uma consoante oclusiva surda, sendo /t/ a consoante mais frequente neste caso seguida por /k/. O autor salienta ainda que a sonoridade represente um papel importante para a realização da vogal final.

– a queda da vogal inacentuada em posição final absoluta também pode ser substituída pela simples explosão da consoante nesta sílaba. Para este caso têm-se exemplos tais como, "batuta" ~ [baˈtut], "porto" ~ [ˈpoxt], "boteco" ~ [boˈtek]. O autor explica que é a vogal /o/ que sofre apócope após as consoantes /k/, /t/, /d/ e /p/ e adverte que a vogal /e/ nunca é substituída por este tipo de realização.

– Em casos bastante expressivos a vogal átona final absoluta apresenta um espectro incompleto. Uma barra de sonoridade com uma importante queda do F_0 substitui a vogal nesta posição. Tal fato pode ser observado em [siˈdad] (cidade); [ˈrest] (resto); [ˈbol] (bolo). O autor explica que esse tipo de realização foi constatado para as três vogais do sistema, /a/, /e/ e /u/, em palavras paroxítonas e proparoxítonas e em todos os informantes, com uma leve acentuação em informantes femininos.

– As vogais inacentuadas /e/, /o/ e /a/ podem sofrer a queda após todas as consoantes, mas no fenômeno em questão ocorreu a queda com mais frequência após as seguintes consoantes: k, s, m, t, l, r, realizando-se apenas o elemento consonantal da sílaba inacentuada em posição final absoluto.

O autor atribui o fenômeno da queda da vogal átona final a um aspecto da evolução da língua portuguesa. Não acredita em deslocamento do acento, pois acredita que este fenômeno estaria mais ligado ao aspecto rítmico.

Após a análise de todos os dados, o autor esclarece que este fenômeno se explica por estar na presença de dois sistemas: o alemão e o português que são as línguas dos informantes. Como se sabe, o alemão permite final de frase com consoante surda e o português, nesta posição, só permite /R, S, L/, conclui o autor.

2.3.5 **No Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul (ALERS)**

O apagamento de vogal átona em sílaba final está registrado, também, em ocorrências documentadas no *Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul* (*ALERS*), coordenado pelo professor Walter Koch e publicado em 2002.

Sexto atlas brasileiro, o *ALERS* inova por ser o primeiro a não se limitar ao mapeamento de um Estado. Esse atlas abrange aspectos referentes aos três Estados da região Sul do país. Sua rede de pontos conta com 294 localidades, sendo 106 no Paraná, 86 em Santa Catarina e 102 no Rio Grande do Sul. Conta com três tipos de questionários: 26 questões no Questionário Fonético-fonológico (QFF), além de outras 24 questões para as áreas de colonização não-lusa; 75 no Questionário Morfossintático (QMS) e 610 no Questionário Semântico-lexical, perfazendo um total de 711 questões. Os informantes têm idade entre 28 e 58 anos e pouca escolaridade, sendo 2 por localidade nas áreas rurais e 3 nas áreas urbanas.

A apócope foi documentada no *ALERS* nos três estados contemplados pelo atlas com a seguinte distribuíção: Rio Grande do Sul (RS) – 2 localidades, Santa Catarina (SC) – 1 localidade e Paraná (PR) – 35 localidades como se pode observar no quadro 7. A distribuição completa da apócope no *ALERS* pode ser observada no ANEXO H.

Estado	Caso	Variante	Carta	Localidade/ponto
Paraná	americano	[ɐmeriˈkɐ̃n]	07	Santo Antonio da Platina (079), Mandaguari (141), Itaguajé (029), Ortigueira (205)
Rio Grande do Sul	sete	[ˈsɛt]	08	Soledade (709)
Santa Catarina	dezessete	[dɪzeˈsɛt]	32	Chapecó (433)
Paraná	dezessete	[dzeˈsɛt]	32	Sertanópolis (047), Alto Piquiri (126), Barbosa Ferraz (151),), Goio-Erê (152), Apucarana (160), Marechal Cândido Rondon (185), Medianeira (194)
Rio Grande do Sul	dezessete	[dɪzeˈsɛt]	32	Guarani das Missões (621)

Quadro 10 - Ocorrências da apócope nas localidades do **ALERS**
Fonte: *Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul (ALERS)*, 2002.

Diante do alto índice da apócope no Estado do Paraná e da sua localização ao Norte, procurou-se investigar a frequência de tais ocorrências. Ao consultar o *Atlas Lingüístico do Paraná* (Aguilera, 1994, p. 229-243), percebeu-se que o Paraná é dividido em áreas dialetais bem distintas. As localidades mais ao norte pertencem às áreas que tem /i/ final na realização

da fala, como em [ˈpõtʃi] (Carta 103), [ˈkɾavu] (Carta 110). As localidades mais ao sul mantêm o /e/ final como em [ˈpõte] e [ˈkɾavo]. Diante de tais constatações, fica claro que as áreas mais ao norte, onde há o predomínio da neutralização /i/, são áreas em que ocorre a apócope. Além disso, sabe-se que é uma área povoada por paulistas e mineiros, o que leva a crer na forte influência dos falares desses povos na realização da fala dos informantes destas localidades.

2.3.7 **Tecendo algumas considerações**

Diferente do que acontecia no passado, e levando em consideração o contexto em que ocorre, a oralidade, a apócope enquanto variação linguística tem sido documentada tanto em Portugal como no Brasil. Registrou-se a apócope tanto em textos antigos do galego-português através dos estudos de Maia (1986), quanto em estudos bastante recentes como os de Viegas e Oliveira (2008) sobre o apagamento da vogal final em Minas Gerais. O panorama diacrônico da apócope, comparado com as ocorrências documentadas na fala de informantes dos dois países, ainda que em contextos diferentes, nos remete ao que postula William Labov (2008, p. 317-318), com o Princípio da Uniformidade "as forças que operam para produzir a mudança lingüística hoje são do mesmo tipo e ordem de grandeza das que operam no passado, a cinco ou dez mil anos".

3 LOCALIDADE: ASPECTOS HISTÓRICOS DO POVOAMENTO

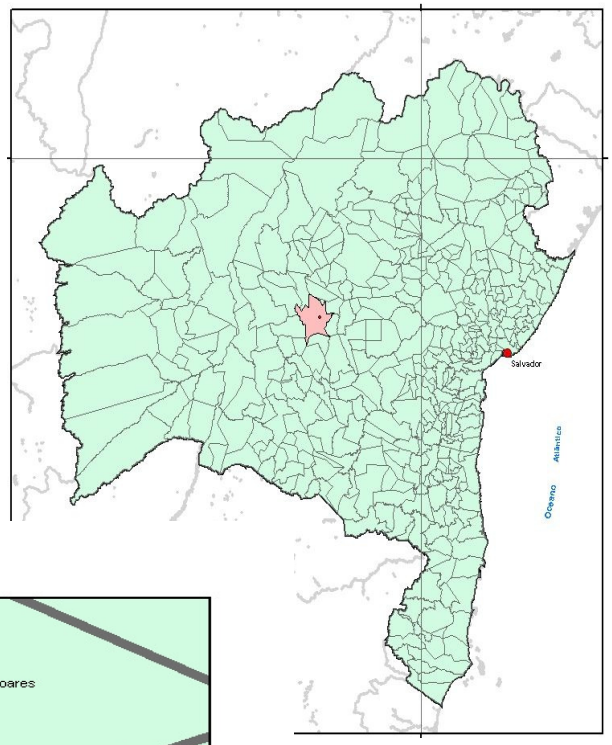


Figura 1 – Posição do Município em relação ao Estado e sua capital

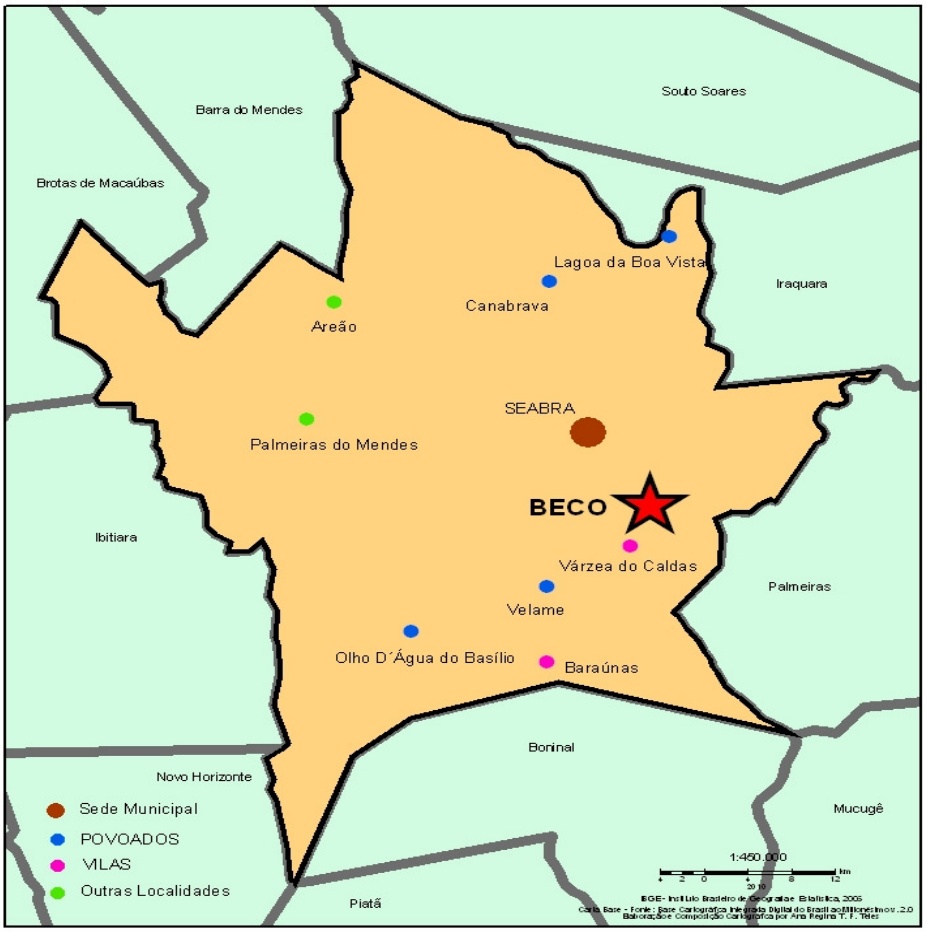


Figura 2 – Mapa do Município de Seabra
Fonte – Elaboração e composição cartográfica por Ana Regina T. F. Teles
★ Indica a localidade em que ocorrem mais casos de apócope

3.1 A CHAPADA DIAMANTINA

A Chapada Diamantina está no coração geográfico da Bahia. Chapada é a denominação usada para as grandes superfícies, por vezes horizontais, e a mais de 600 metros de altitude. Segundo registros do IBGE, o termo Chapada Diamantina foi utilizado oficialmente pela primeira vez na resolução nº 143, de 13 de julho, da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia. A Chapada Diamantina configura-se como uma imponente muralha de cotas altimétricas superiores a 2.000 metros, separando o Vale do São Francisco, situado a Oeste e a região que a Leste se estende até o litoral.

A divisão regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas aprovada pela presidência do IBGE através da Resolução PR – 51, de 31/07/89 redistribui os municípios que compunham a Chapada Diamantina (Meridional e Setentrional) em duas Mesorregiões (Centro Norte Baiano e Centro Sul Baiano) e sete Microrregiões (Irecê, Jacobina, Boquira, Brumado, Jequié, Livramento do Brumado e Seabra), desaparecendo assim, o antigo designativo de Chapada Diamantina Meridional e Setentrional.

Não se pode falar de Seabra e Beco sem antes conhecer um pouco sobre o aspecto histórico do povoamento da Chapada Diamantina. São três localidades e uma única história. Seabra e Beco são apenas as veias por onde escoava toda a produção diamantífera da época como atesta Sá Teles (1990, p.9) "Eram, sobretudo, caminhos que desde o século XIX levavam aos garimpos do ouro, diamante e carbonatos, que floresceram em Rio de Contas, Lençóis, Andaraí, Palmeiras, Mucugê, Jacobina e Morro do Chapéu".

Esses caminhos aos quais se refere o autor já existiam desde a primeira fase da mineração. Santos (2001) ressalta que o caminho do rio das Velhas para o Recôncavo Baiano tinha duas finalidades: uma era estabelecer a ligação mercantil entre a região das novas minas e a "cidade da Bahia" e outra era prover de gado a mesma região, trazendo dos vales dos rios das Velhas e São Francisco as famosas boiadas para o consumo da sua população. Para o autor, a designação caminho está inteiramente inserida no contexto histórico geral e explica a questão terminológica:

> Tanto a denominação "caminho do rio São Francisco" quanto "caminho da cidade da Bahia para minas do rio das Velhas", bem como variações de ambas, são encontráveis nos contextos contemporâneos da primeira fase da mineração. Já os historiadores referem-se ora ao "caminho do São Francisco", "estrada do São Francisco", "caminho dos currais do São Francisco", "caminho dos currais", ou por fim, "caminho da Bahia" (p.118).

Na verdade esses caminhos eram rotas do homem a pé ou a cavalo, dos tropeiros, viajantes, boiadas ou cavalhadas que levavam dos principais centros distribuidores, através do "caminho da Bahia", as mercadorias para Salvador. O caminho da Bahia funcionou durante longas décadas como a via de ligação das áreas mineradoras com o Recôncavo Baiano. Também era via por onde escoava o gado dos rios das Velhas e do São Francisco.

O povoamento da Chapada Diamantina está intimamente ligado ao ciclo do ouro e ao ciclo do diamante. As Lavras Diamantinas atraíram muitos exploradores, principalmente paulistas e mineiros, que desbravavam o sertão em busca de riquezas. Ocorreu, nesse momento, uma verdadeira corrida para a fortuna. Houve um deslocamento maciço de homens de todas partes para a exploração do diamante em terras baianas. Nessa época, a cata do diamante se tornou a principal atividade econômica no interior do país (Cf. Bandeira, 1995, p.41).

Os primeiros rumores de produção diamantífera em território baiano, datam de 1817, mas, segundo Bandeira (1995, p.42), guardou-se segredo porque as extrações de diamantes estavam proibidas em território baiano desde 16/03/1731 por Carta Régia assinada pelo governador Vasco Fernandes César de Menezes. Bandeira (1995, p.44), compactua com a afirmação de Prado Júnior[20] de que "as jazidas diamantíferas foram conhecidas em 1732", portanto três anos após as descoberta nas lavras do Tijuco, Minas Gerais e conclui "Assim seguramente concluímos que a primeira descoberta do diamante na Bahia aconteceu em 1732, em Jacobina, conforme ocorreu com o ouro".

Quando um grupo de garimpeiros descobria uma jazida, erguia-se em pouco tempo um arraial. Verdadeiros conglomerados humanos propiciaram a criação de vilas, que, depois, tornavam cidades. Quatro dessas vilas compuseram as Lavras Diamantina e, assim, criou-se, em 1847, a Vila de Santa Isabel do Paraguaçu (Mucugê), em 1856, a Comercial Vila dos Lençóis (Lençóis), em 1884, a Vila de Andaraí (Andaraí) e, finalmente em 1890, a Vila Bela das Palmeiras.

No final do século XIX, com o surgimento das cidades e a corrida pelo diamante, a Chapada Diamantina transformou-se numa disputa acirrada pelo poder. O poder do sertão era dividido entre as oligarquias locais quase sempre representadas por um coronel em uma facção política dominante. A figura do coronel era a própria lei. O analfabetismo reinante, as precárias condições de vida, o desemprego, a falta de assistência são alguns fatores que, naquela época, fizeram do sertanejo um prisioneiro do coronel que quase sempre os acolhia

---

[20] Caio Prado Junior. Formação do Brasil Contemporâneo, *apud* IBGE, **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**, 1963, p.117.c;

em troca de "gratidão". Eram todos transformados em jagunços para lutar quando o coronel sentisse o seu domínio ameaçado.

A Chapada Diamantina transformou-se num palco de lutas e intensos conflitos entre os coronéis na busca incessante pelo poder. Bandeira (1995, p.49) descreve:

> A jagunçada de prontidão prepara emboscadas. Cometem-se crimes bestiais. A guerra está declarada nas Lavras Diamantina, e o coronel Felisberto de Sá impõe uma perseguição implacável ao seu opositor, o coronel Heliodoro de Paula Ribeiro.

E diz ainda:

> Por esse tempo, o coronel Heliodoro de Paula Ribeiro ainda desfrutava de algum prestígio com o governador Luis Viana, com o qual consegue deslocar um esquadrão de polícia para Cochó do Malheiro, onde foi aquartelar-se, juntando-se com dezenas de jagunços que recebiam voz de comando do ardiloso e valente José Montalvão.

A Chapada Diamantina viveu um longo período envolvida em conflitos, desafetos, crimes e *acerto de contas*. A instabilidade era geral nessa época, como mostra Bandeira (1995, p.51):

> O perigo rondava as feiras livres, os garimpos, os caminhos que conduziam de um povoado ao outro, enfim, em qualquer local, num piscar de olhos, o inimigo poderia se confrontar com o seu desafeto. Ai de quem tivesse contas para acertar com Pedro Mariano, José Montalvão, José Beiço Rachado, Vitor Matos, Tanajura entre outros.

A guerra entre coronéis, na Chapada Diamantina, termina quando morre Horácio de Matos, silenciando para a eternidade, o mais aguerrido dos coronéis, como afirma Bandeira (1995).

Na primeira metade do século XX, outro grande momento de instabilidade vivido na Chapada Diamantina foi a passagem da Coluna Prestes que empreendeu uma marcha revolucionária pelo interior do país que durou dois anos e três meses. A Coluna Prestes era conhecida como "revoltosos" no Nordeste, como descreve Bandeira (1995, p.56).

> Inicialmente, a Coluna dos rebeldes, ou revoltosos, como eram denominados no Nordeste, marcharam no sentido Norte/Nordeste. Após alguns meses de percurso, em meio a muitos combates com as forças legalistas, já em solo goiano, penetram pela primeira vez no Estado da Bahia, em setembro de 1925.

Quando as forças legalistas perceberam que estava sendo difícil combater nos moldes militares a Coluna Prestes, foram criados Batalhões Patrióticos, formados às custas do

Governo Federal para reagir à Coluna. Tais Batalhões eram compostos de civis, militares e jagunços dos coronéis do sertão da Bahia e de Goiás.

A simples notícia dos revoltosos espalhava pânico por toda a região. As pessoas abandonavam suas casas e fugiam para lugares mais seguros. Sobre esse fato, Bandeira (1995, p.58), comenta:

> Foi um alvoroço. A falta de notícias corretas e atualizadas deixava as pessoas desorientadas, e, que, via de regra, abandonavam suas casas e escondiam-se no mato, sobretudo as que residiam na linha de rota por onde a marcha dos revoltosos passaria, aumentando, portanto, a ansiedade e a insegurança.

A passagem dos revoltosos foi um fato que deixou marcas indeléveis na história das comunidades que situavam na via por onde eles passavam. As atrocidades cometidas pelos revoltosos ou pelas tropas legalistas marcaram uma geração que, apesar de jovem e criança na época, conviveu com o medo e a insegurança espalhados por toda parte.

3.2 DE COCHÓ[21] DO PEGA A SEABRA

Seabra é uma das Microrregiões da Chapada Diamantina e Mesorregião Centro Sul Baiano, além de ser o Centro Geográfico do Estado. O município de Seabra foi criado como território da Freguesia de "Nossa Senhora da Conceição do Campestre", desmembrado do município de Lençóis, com a denominação de "Vila Agrícola do Campestre" pela Lei provincial Nº 2652, de 14/05/1889, sendo instalado em 14/12/1889.

Em princípios do século XVII, florescendo as minas de ouro de Jacobina e de Rio de Contas, a metrópole determinou a abertura de uma estrada que ligasse os dois núcleos de exploração aurífera. Essa estrada que cortava as terras hoje pertencentes ao atual município de Seabra, então desertas, atraiu os seus primeiros povoadores constituídos na maior parte de portugueses que, depois de desiludidos com as exigências reais vinculadas à mineração, aí se fixaram, organizando fazendas de criatórios e de lavouras. Documentos e registros públicos referentes a doações feitas pelo governo imperial de fazendas aos antigos desbravadores deste território confirmam a maneira do seu povoamento no início.

Os núcleos de povoações surgiram, consequentemente, a partir de 1665. Um desses núcleos foi o povoamento de Cochó do Pega, distante a doze quilômetros da vila Campestre,

---

[21] Palavra não dicionarizada. De acordo com Cid Teixeira, a designação Cochó significa depressão, vale, lugar baixo. Tomando por base o contexto histórico, Cochó foi o local exato em que teve um "pega" entre os homens de Horácio de Matos e a polícia.

tendo florescido após a construção da ponte de madeira sobre o rio Cochó, fruto da estrada imperial. Nas duas margens do rio surgiram várias casas de palha e taipa construídas por aventureiros que ali fixavam residência. Formou-se um aglomerado de casas que abrigavam tropeiros, garimpeiros e aventureiros que vinham da região de Rio de Contas e Jacobina, atraídos pelas notícias da existência de ouro e de diamantes.

Chegaram, então, as primeiras vendas e botecos, tornando-se ponto obrigatório de passagem dos comerciantes. Chegando neste aglomerado, os viajantes demoravam mais do que deviam e, a partir daí, começou a história de Cochó do Pega, pois todas as pessoas que chegavam demoravam muito a ir embora e muitos resolviam se fixar, construindo mais ranchos, de tal modo que o aglomerado ia crescendo. Em casa, as sinhás-donas passavam vexames com a demora de seus maridos e que, em alguns casos, não retornavam mais. Elas afirmavam que seus homens ficavam no Cochó do Pega[22]. Foi, então, em decorrência da afinidade dos visitantes com a cidade, que surgiu a outra versão para o nome: Cochó do Pega.

A vila de Campestre era governada pelo Coronel Manoel Fabrício de Oliveira, chefe político que sofreu reveses e desentendimentos com Horácio de Matos. Uma das razões das desavenças foi o fato de Manoel Fabrício dar refúgio a um fugitivo que havia matado o irmão de Horácio de Matos. Naquela época era comum chefes políticos do sertão darem abrigo aos amigos afeiçoados, pois, do contrário, ficariam desmoralizados. Os barulhos continuaram a existir em Campestre até que o governador José Joaquim Seabra interviesse formando uma comissão que propôs a paz aos contendores, culminando como condição a transferência da sede do município para o Cochó do Pega que se elevou à categoria de cidade com o nome de Doutor Seabra em 27 de agosto de 1915, com a publicação da Lei Estadual nº 1.126-A. No ano de 1931, a cidade de Doutor Seabra teve o seu topônimo simplificado para Seabra, por força dos Decretos estaduais nº 7455 de 23 de junho e 7.479 de 8 de julho do mesmo ano.

Atualmente, a cidade de Seabra é referência para a região. Por ser bem localizada geograficamente, tornou-se o centro econômico com um comércio atacadista e varejista bem intensivo, bancos, casas comerciais, agricultura, pecuária etc. Também se tornou centro educacional com a proliferação de faculdades particulares que oferecem, inclusive, cursos de Pós-Graduação. O município possui um *Campus* Universitário do Estado da Bahia o qual abriga o curso de Letras – UNEB/CAMPUS XXIII - recebendo, diariamente, estudantes de toda a região. Além disso, oferece uma boa assistência de saúde, dispondo de um hospital e muitas clínicas particulares.

---

[22] A designação "pega" empregada nesse contexto assume a acepção de bem querer, de gostar, de dar-se bem naquele local.

De acordo com os dados do Censo demográfico realizado pelo IBGE, em 2000, a cidade possuía 39.422 habitantes. O município localiza-se na Zona Fisiográfica da Chapada Diamantina e está totalmente incluído no "Polígono das Secas" e o seu território faz parte do vale do São Francisco. Possui uma área de 4.464 km^2, clima sub tropical, semi-árido a seco. A cidade é cortada pela BR 242 e fica a 456 quilômetros de Salvador. Tem como coordenadas geográficas "Latitude Sul: 12º25'04" e Longitude Oeste 41º46'04". Possui uma altitude de 800 metros.

3.3 A ESTRADA DE BOIADEIRA E O POVOAMENTO DE BECO

Um povoado não nasce por lei ou decreto, ele surge em virtude de algum interesse. O povoamento de Beco sempre esteve intimamente ligado à linha de rota dos antigos comerciantes, trilhas, carreiros, passagens que guiavam o homem por estradas rudimentares até o seu destino, como mostra Sá Teles (1990, p.9):

> Eram rotas trilhadas pelas tropas, pelas boiadas e cavalhadas, pelo homem a cavalo ou a pé, viajando em busca da interação social e econômica entre comunidades nascentes ou já consolidadas e outras que apenas despontavam, florescendo na incontida pujança dos sertões.

Por ser linha de rota, o povoado de Beco teve sua história ilustrada por três momentos distintos, a saber: a passagem das boiadas, o ciclo da cana de açúcar e a guerra dos coronéis.

A estrada de boiadeira, como era chamada a trilha por onde passavam as boiadas vindas do Alto São Francisco com destino ao Leste do estado, era constantemente tomada por boiadas de, aproximadamente, 500 cabeças ou mais que passavam, oferecendo às comunidades circunvizinhas um espetáculo atraente, como mostra Sá Teles (1994, p.17):

> A passagem das boiadas vindas do oeste era um fenômeno constante. Atravessando o rio Cochó desciam pela estrada do Santana e cruzavam o Beco onde entravam pelo corredor da Malhada e saíam na direção da Vereda, Saquinho, Cochó do Malheiro e Furados, tomando o rumo do leste.

Essas boiadas eram provenientes das fazendas de gado, ou currais, existentes no entorno do Caminho da Bahia, nos vales dos rios São Francisco e das Velhas. Devido ao longo percurso, o gado ficava estropiado e sem condições de seguir viagem. Os tropeiros, então, eram obrigados a fazer uma parada para descansar e para o gado pastar e se recompor. Passado o descanso, seguiam viagem rumo a Rui Barbosa, Baixa Grande, Recôncavo e outros estados do Nordeste.

E.F.S[23].,78 anos, rememora este fato com muita nitidez e faz questão de relatar:

> De primer a gent oiava daqui já via aquel [aˈkel] puirism [puiˈɾizm], já era a boiada que evinha passan [paˈsɐ̃n]. Vinha um hom [ˈõm] tocanu berrant [bɛˈxɐ̃t] na frent [ˈfrẽt]. Passava por ali, ó. O camin era ali na frent [ˈfrẽt] da casa de cumad [kuˈmad] Zibrinha. Aqui era mat [mat]. Passava ess [ˈes] camin ia saí na casa de pai, lá imbax [ĩˈbaʃ]. As veiz quand entrava a noit eles alugava as manga, durmia com o gad [ˈgad] na manga.

VST, 79 anos, também testemunhou passagem das boiadas e relembra emocionado:

> Eu alemb [aˈlẽb] de muita coisa. Nessa épca, eu era rapaiz nov [ˈnov]. Os boi vinha istropiad, istropiad [istɾɔpiˈad]. Era obrigad a pará pa discansá de nov [ˈnov]. Vinha boiada depois de Ibotirama, né? Do São Francisc [frɐ̃ˈsisk], beranu Goiás. Vinha trazen as parcela naquel [naˈkel] temp [ˈtẽp]. Eu lemb [ˈlemb] muit [ˈmũjt]. Eu era rapaiz nov [ˈnov] ness [ˈnes] temp [ˈtẽp]. Essas boiada discia até Feira de Santana.

O povoado tem sua história marcada pelos engenhos de cana de açúcar que era uma característica da região. Nos fins do século XIX e começo do século XX, predominava a economia canavieira em que sobressaia o plantio de cana e o fabrico da cachaça que era a economia da época. Sá Teles (1989, p.30) afirma que "naquela época possuir um engenho dava *status* de "fabricante". Os donos de oficina desfrutavam da consideração e respeito da comunidade, sobretudo da parte dos investidores e provadores de pinga".

F.J.S., 94 anos, afirma que havia muitos engenhos e que a extinção se deu, dentre outros fatores, pelo fato de os filhos não aprenderem o ofício dos pais e terem outros interesses. Sobre a situação dos engenhos na localidade, o informante afirma:

> Tinha muit ingein. Fazia só cachaça. Tinha o ingein de Luis Cláudio, Tinha o ingein de finad [fĩˈnad] Teotônio, tinha o ingei de Virgulin [vixɡuˈlĩn], finad [fĩˈnad] Góes Ferreira, aí vinha pu de Zé Catão, tinha o da véa Chica, tinha o de Zé Félix, tinha o de Mucinha, tinha o de Zeca de Pidinha, tinha o do finad [fĩˈnad] Zé Joaquim, seu avô. Aí vinha o de Zé Riber [xiˈbeɾ], tinha o do finad Antonio Reis, tinha o de Joaquim Coco, tinha o do finad [fĩˈnad] Zé Mariano, tinha o de Zé Pad aqui na Maiada. Mais a questão é que foi acaban os don, e os filh [ˈfiʎ] não continuaru e muitos deles acabou. Tud ali era cana, né? Acabou todos os ingein.

O comércio da cachaça dava um substancial impulso econômico à região com geração de empregos e o aquecimento no volume de negócios. O deslocamento dos marchantes com os seus burros carregados de cachaça trouxe para a comunidade até reflexos do progresso e da

[23] E.F.S.,78 anos; VST, 79 anos; F.J.S., 94 são informantes entrevistados por ocasião do estudo piloto realizado na localidade para testar a validade do tema pensado para a dissertação.

cultura de grandes pólos em consequência do intercâmbio com os comerciantes, como mostra Sá Teles (1990, p.30):

> Neste fenômeno, o comércio da cachaça foi o conduto que trouxe até a vila reflexos da grandeza e da cultura que então se gozava profusamente em Palmeiras, Lençóis, Andaraí e Mucugê. (...) assim as idas e vindas de tropas carregadas de aguardente para aquelas cidades e o espírito de aventura dos jovens que iam tentar a vida nos garimpos das lavras foram elos intermediários daquele intercâmbio.

O povoamento de Beco seguiu a mesma lógica do surgimento de Seabra, já que sua localização também se encontra às margens do rio Cochó e era ponto estratégico nas trilhas por onde passavam todos os viajantes da época. Por ocasião dos conflitos entre os coronéis da Chapada, a comunidade sofreu os reflexos devastadores dos grupos e a população foi tomada pela insegurança, medo e pânico.

F.J.S., 94 anos, relembra:

> Quand [ˈkwẽd] vinha os revoltos a gent [ˈʒẽt] corria pu mat [ˈmat]. Acontec [akonˈtes] que as veiz eles nan atacava, mas acontece que o pov [ˈpov] tinha med [ˈmed] divid as histórias que contavam. Ah! Revoltos [xevolˈtoz] matava hom [ˈõm], muié, robava animal. Tinha gent [ˈʒẽt] que já tinha as casa no mat [ˈmat]. Quorqué conversa que os revoltos [xevolˈtoz] tá em um lugar assim, assim, curria pu mat [ˈmat]. Teve muié que teve fio no mat [ˈmat]. Animal, eles pegava. Panhava alguma coisa que agradava. Vi esses grup [ˈgrup]. Era muitos. Me lemb u furu que eles der ali na baixa da Suçarana.

Diante dos rumores de revoltosos na área, as famílias se refugiavam nos morros, matas e em locais de difícil acesso, em busca de proteção até que a situação se normalizasse. De acordo com os relatos de E.F.S., 78 anos, os revoltosos, quando chegavam, roubavam animais, capturavam jovens para servir como guia e cometiam muitas atrocidades, deixando a população completamente apavorada. Sobre esse episódio, relata:

> Ti Vrigil iscondeu no mat e eles panhar o rast [ˈxast] do animal. Mais eles... quand [ˈkwẽd] trevessou do rio prá cá, nam sabia a istrada que discia pu surad [suˈrad] pá pegá a estrada pa Baraúna onde Leodor tava isperano eles. Atacan eles. Isperan [ispɛˈrẽn], né, que já sabia. Quiria infrentá eles. Aí os revoltos [xevolˈtoz] pegô um dos minin [miˈñin] de tia Zidora. Foi com ess [ˈes] minin [miˈñin]. De primer [priˈmer] nam tinha istrada. Era só carrer [kaˈxer], né? Só passava animal. Foi cum ess [ˈes] minin até quand [ˈkwẽd] chegou numa mata, o minin [miˈñin] saltou do caval e caiu no mat [ˈmat]. E com a corda marrada diss [ˈdis] qui na cintura. Marrô pa mod ele nã fugi e mesmo assim ele fugiu. Iscapou dessa daí.

Esses três momentos da história do povoado, tão bem delineados pelos moradores mais velhos, não encontram, nas novas gerações, o envolvimento necessário para a preservação da história, muitas vezes ignorada. Esse distanciamento entre fatos e memória pode levar o presente a esquecer o seu passado e, consequentemente, suas relações culturais.

Beco faz parte do Distrito de Seabra-Ba. Está situada à margem da BR 242 que é sua única via de acesso. Por ser via de passagem, o Beco convivia com todo tipo de marchante em suas andanças pelo sertão baiano. Essa via de passagem vai contribuir para a explicação da origem do nome. Tendo à frente a rota dos viajantes e ao fundo, o rio Cochó, a localidade ficava recuada, sem outras saídas e com um único acesso que servia de entrada e saída da localidade. Daí surgiu a expressão: "Beco sem saída", que resultou no nome atual Beco.

Na comunidade de Beco há o predomínio de produtos hortigranjeiros como tomate, pimentão, repolho, couve e hortaliças em geral. A produção pecuária é pouca na região. Há o predomínio de pequenas propriedades rurais e uma agricultura de subsistência. Há o desenvolvimento da indústria caseira como, por exemplo, a do "avoador"[24] que é uma prática constante entre os moradores. Não há escolas e as crianças se deslocam para estudar em Bebedouro, uma comunidade que fica a 3 quilômetros de Beco.

Diante das dificuldades, muitos moradores viajam para São Paulo em busca de uma vida melhor. Possuem pouca mobilidade social. Cultivam a tradição de irem fazer romaria em Bom Jesus da Lapa, anualmente, como se pode observar nas palavras de E.F.S., 78 anos:

> Nóis vai pa Lapa todo an [ˈɐ̃n]. Nóis vam muit é em setemb [sɛˈtẽb]. Nós ia mutcho era um an [ˈɐ̃n] sim, outo an [ˈɐ̃n] não. Semp [ˈsẽp] tava in [ˈĩn] . Eu fui caminhan... Caminhan, mais Zibrinha. Dizesset [dizɛˈsɛt] dia ida e volta. Durmia nos mat [ˈmat], dibax [diˈbaʃ] dos pau. Onde tinha água a gent [ˈʒẽt] chegava e parava. Nessa épca, ia subin [suˈbĩn] beran o rio. Eu fui, né? Caminhan, fui até mais cumad [kũˈmad] Zibrinha. Quand eu era moça, eu fui muntada de animal.

O povoado é caracterizado como uma comunidade fechada e, normalmente, os membros se ajudam mutuamente. Do ponto de vista das condições de saúde da população, há o predomínio do diabetes, independente da idade, provavelmente, em virtude dos casamentos endogâmicos.

E.F.S., 78 anos relata o momento em que descobriu que tinha a doença:

---

[24] Lexia não dicionarizada que significa biscoito salgado, muito leve, feito de polvilho e ovos, distribuído em formas quadradas com o auxílio de um coador de ponta fina para dar a forma desejada ao biscoito. Normalmente é assado em forno à lenha, no entanto, o produto já é produzido também em fornos elétricos. O nome *avoador* já veicula comercialmente nas embalagens desse produto nos mais diversos supermercados.

> Esses dia eu tiv [ˈtiv] doent [duˈẽt], moça, tiv [ˈtiv] foi ruim. E nam foi essa diabet [diaˈbɛt] que me derrubou, não? Me pegou na surpresa que eu nam sabia que tinha. Mais foi uma ruindad [rũjˈdad]. Eu tava com nam sei quantos dia que não cumia. Eu ach [ˈaʃ] que se eu nam tivess [tiˈvɛs] melhorad eu já tinha murrid [muˈxid].

Houve momentos na história em que o Beco viveu seus dias de glória. Por ser localizado à margem da Rodovia BR 242, tentou-se implementar na localidade uma feira, na década de 70. Essa feira era realizada às sextas-feiras e atraía comerciantes das localidades vizinhas. Havia alguns bares e botecos. E era o lugar preferido da rapaziada nos finais de semana, pois sempre havia alguma diversão, seja sentar nas calçadas para uma boa conversa, seja freqüentar um dos bares existentes. Hoje o Beco experimenta uma amarga decadência. A feira acabou pouco tempo depois, os bares, com o tempo, vieram a fechar, algumas pessoas se mudaram para Seabra, outras foram para São Paulo na luta pela sobrevivência. Os que ficaram na comunidade se fortaleceram como cidadãos bequenses, estabelecendo relações fortes na comunidade. O povoado possui 350 habitantes, aproximadamente, e fica a 10 quilômetros de Seabra.

3.4 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Mineração, engenhos, boiadas, revoltosos, caminhos, romarias, tudo isso são elementos que constituem a história do povoamento da Chapada Diamantina e, consequentemente, refletem na história de Beco e de Seabra. Esse aspecto histórico permeia as três áreas. No povoado de Beco, faz parte da realidade dos mais velhos e do imaginário dos mais jovens. A história do povoado sofre os reflexos dos “caminhos da Bahia” por onde transitava toda a economia da região. A história contada nos livros se encontra com a história contada pelo povo. Escrita e oralidade juntas relatando fatos importantes que marcaram uma mesma história. Sendo assim, passado e presente compõem duas faces separadas pelo tempo, mas unidas pela própria história.

4 **METODOLOGIA**

Ao longo deste capítulo serão especificados procedimentos metodológicos que nortearam a realização da investigação científica. Para realização dessa pesquisa, recorreu-se aos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa Laboviana, segundo a qual a variação não é aleatória, é uma propriedade inerente e regular do próprio sistema linguístico e os dados coletados podem ser submetidos à análise quantitativa. Este trabalho parte dos dados linguísticos de duas comunidades de fala, Seabra e Beco, de características e composições diversas, com vistas a estabelecer um confronto entre as duas localidades para observar diferenças na fala.

A variável analisada é a presença ou ausência das vogais átonas finais [i] e [u], em situações reais de fala. Tendo em vista que a pesquisa quantitativa permite medir, com certa confiabilidade, que influência outros fatores exercem sobre o fenômeno estudado, considerou-se, neste trabalho, a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos que pudessem favorecer ou restringir a variação. Como fatores linguísticos destacam-se a consoante pré-vocálica, a vogal da sílaba antecedente, a dimensão do vocábulo, a classe morfológica da palavra, o tipo de frase, a posição da palavra na frase, e o contexto fonético seguinte. Como fatores extralinguísticos destacam-se a faixa etária, o gênero, o tipo de questionário e a posição geográfica das localidades.

Através dos fatores selecionados previamente, buscou-se avaliar que fatores interferem na realização de uma determinada variante em detrimento da outra. Buscar esses fatores que podem estar controlando este processo de variação foi o que pretendeu esse estudo.

4.1 O *CORPUS* DA AMOSTRA

A amostra, que forneceu os dados para o trabalho, foi constituída de forma controlada, através de características sociais previamente definidas. A opção por uma amostra estratificada em faixa etária e gênero se deve ao fato de que, segundo Labov (2008), ordenar os contextos sociais em algum tipo de hierarquia, dentro do universo pesquisado, pode diminuir a chance de enviesamento dos resultados.

A composição da amostra para o fornecimento dos dados de fala se deu a partir da realização de inquéritos em Beco e em Seabra. O *corpus* foi constituído de 16 inquéritos no

total, sendo oito em Beco e oito em Seabra dentre os quais se utilizaram quatro inquéritos entre os que integram os do Projeto ALiB para completar a amostra.

4.2 AS ENTREVISTAS

Sobre a situação de entrevista Labov (2008, p.102) diz:

> O estilo mais simples de definir é o que chamamos de fala monitorada. É um tipo de fala que normalmente ocorre quando a pessoa está respondendo perguntas que são formalmente reconhecidas como parte da entrevista. (...) De modo geral, uma entrevista que tem como objeto implícito a língua do falante alcançará um grau mais elevado na escala de formalidade do que a maioria das conversações.

Pode-se ver que, por mais que o informante nos pareça à vontade, ele vai usar sempre um estilo mais monitorado do que usaria nas conversas descontraídas com os amigos, com a família ou com seus pares, como salienta Labov (2008, p.255) "podemos sempre supor que ele tem uma fala mais informal, outro estilo, no qual se diverte com os amigos e discute com a mulher".

As entrevistas são procedimentos indispensáveis à investigação sociolinguística, como diz Labov (2008, p.137) "As entrevistas individuais face a face sempre serão necessárias para o volume maior de fala bem gravada de que precisamos para um estudo detalhado da fala de dado indivíduo". Nesse sentido, a pesquisa de campo revela-se como um eficiente meio para explicitar o vernáculo e colher os dados sobre os quais desenvolverá a investigação científica.

Durante a coleta de dados, a maior preocupação foi com a questão do paradoxo do observador que, segundo Labov (2008, p.244), consiste em observar sistematicamente a fala das pessoas, durante uma entrevista para descobrir como elas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas. Foram utilizadas algumas alternativas para resolver este problema. Uma maneira de superar o paradoxo e romper os constrangimentos da situação de entrevista formal foi iniciar sempre a entrevista com uma conversa informal. Esta estratégia partia sempre de perguntas com vistas à recriação de emoções fortes que o informante tivesse experimentado no passado. Uma dessas perguntas foi: "Você se lembra de algum fato marcante que tenha acontecido em sua vida? O que aconteceu?" Esse tipo de pergunta gerava uma narrativa que quase sempre o distanciava da fala monitorada e se aproximava do vernáculo, uma vez que, conforme Labov (2008, p.243-244), "a observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura lingüística". Também tentou-se

neutralizar a presença do gravador digital como elemento inibidor do processo de interação entre falante e inquiridor.

Partindo do pressuposto de que a entrevista representa uma oportunidade de interlocução entre informante e entrevistador, Isquerdo (2003, p.51) sugere que o pesquisador procure estabelecer uma relação de empatia com o informante e tenha sensibilidade suficiente para abstrair aspectos de sua realidade cotidiana. Nesse sentido, procurou-se estabelecer um clima de confiança e cordialidade para conseguir o máximo de espontaneidade durante a realização do inquérito.

As entrevistas foram realizadas na própria residência do informante. Buscava-se sempre um ambiente adequado onde houvesse uma mesa, cadeiras e, sobretudo, silêncio, com vistas a garantir uma melhor qualidade na recolha dos dados. A título de ilustração, vale a pena registrar um fato que ocorreu na casa de uma informante em Seabra: Ao chegar para fazer a entrevista na casa da informante, ela recebeu a inquiridora sorridente e providenciou uma acomodação, da melhor forma possível, no pequeno espaço destinado à sala. Após os cumprimentos e apresentações iniciais, foi sugerido à informante que se conversasse em uma mesa na cozinha. Ela prontamente respondeu: ”Aqui não tem mesa, minha filha. É só esta sala que divide com a cozinha e esses quartos aqui”. E, colocando o gravador no próprio colo V.M.S. disse: “a gente não pode conversar aqui mesmo?” E começou a discorrer sobre fatos marcantes de sua vida com muita espontaneidade. Exemplos desse tipo, assinala Isquerdo (2003), advertem para a responsabilidade do pesquisador frente ao informante e reforçam o respeito humano que deve permear toda a pesquisa sociolinguística.

Todas as entrevistas foram feitas com o consentimento livre do informante. A eles foi informada a natureza do trabalho e que eles poderiam se recusar a participar da entrevista, se não quisessem. Todas as entrevistas foram precedidas do preenchimento integral da Ficha do Informante (ANEXO A) que era dividida em três partes: a primeira continha dados sobre a localidade, a segunda, dados pessoais do informante, e a terceira, informações do entrevistador sobre o próprio informante e o ambiente do inquérito. Após a realização da entrevista, foi solicitada ao informante a assinatura de um documento de autorização para uso dos respectivos dados de fala na pesquisa científica (Cf. ANEXO B).

Os inquéritos para esta pesquisa foram feitos *in loco*, com o objetivo de captar a realização da fala espontânea do informante em sua residência. Nos contatos com os informantes a palavra entrevista não foi utilizada, em vez disso, utilizou-se a palavra conversa, a fim de dar um tom mais natural ao encontro. Para minimizar a interferência do

entrevistador contou-se com o auxílio de uma pessoa da comunidade[25] que serviu de ponte entre o informante e o entrevistador, agendando previamente os encontros, como sugerem Ferreira e Cardoso (1994, p.34):

> O contato com os informantes, a depender da região e do conhecimento que deles se possa, previamente, ter, é de toda conveniência que seja feito por intermédio de terceiro, conhecedor de ambos – inquiridor e informante pretendido – para que se evitem possíveis desconfianças e suspeitas sobre a natureza do trabalho.

As entrevistas foram realizadas com um aparelho MP3 Player, modelo EV-077, 256 MB e um gravador digital VR636 com duração de 45 minutos aproximadamente. Recolhidos os dados, as entrevistas eram passadas para o computador e gravadas em CD, devidamente etiquetados.

Nestas entrevistas eram realizadas inquirições do tipo QFF (Questionário Fonético-Fonológico) com respostas previstas para apuração do fenômeno em análise e do tipo Discurso Semidirigido com temas para observar elocuções mais espontâneas na fala do informante. As entrevistas eram iniciadas sempre pelo Discurso Semidirigido, pois acredita-se que, nesse modelo de questionário, o informante fica menos tenso. Partia-se sempre de uma conversa contextualizada para inserir, gradualmente, os temas planejados.

Sabendo que o objetivo básico da transcrição de uma entrevista é transpor o discurso falado, da forma mais fiel possível, não se pode aproveitar uma gravação com péssimas qualidades acústicas, como adverte Silva (2004, p.133) "Não adianta ficar com pena de jogar fora uma entrevista e transcrever uma fita com medíocres qualidades acústicas. O trabalho de regravar outra entrevista é menor do que o de transcrever uma fita quase inaudível".

Esse procedimento foi adotado para dois inquéritos realizados em Beco e um realizado em Seabra. Em Beco, devido à proximidade entre as casas dos informantes e a rodovia, o forte barulho provocado pelos transportes rodoviários interferiu fortemente na qualidade da gravação. Sendo assim, foram agendados novos horários para as entrevistas com os dois informantes: uma foi feita na residência do informante à noite, pois era um horário de menos movimento na rodovia; a outra foi realizada em Seabra, pois a informante morava muito próximo da pista e o barulho se infiltrava por toda a casa. O outro inquérito que necessitou ser refeito foi o da informante faixa 1, em Seabra. Infelizmente, não foi possível realizar outra vez a entrevista, pois a informante se encontrava doente, estivera internada e estava de

---

[25] Agradecimentos especiais à Linda pelo suporte constante durante a pesquisa de campo realizada em Beco.

repouso absoluto. Foi providenciada outra informante com as mesmas características daquela e foi realizada, então, uma nova entrevista.

Ferreira e Cardoso (1994, p.10), referindo-se ao trabalho de campo na Dialectologia, dizem: "Com o homem rural se aprendem não apenas os fatos linguísticos, porém muito mais, aprende-se sobre uma vida que nunca lhe foi ensinada, mas aprendida de dentro da própria vida". Vencida a façanha da pesquisa sociolinguística em campo, percebe-se que o contato com o homem simples proporciona uma gama de novas experiências e aprendizados que nos fazem crescer e entender um pouco da vida na sua essência.

4.3 OS QUESTIONÁRIOS

Desde o início dos estudos dialetais, as pesquisas feitas pelos pesquisadores eram guiadas por um questionário e davam como resultados um núcleo comum de dados linguísticos. Segundo Chambers e Trudgill (1994), a vantagem mais imediata do questionário é assegurar que o resultado de todas as entrevistas realizadas na pesquisa sejam comparáveis. Esse questionário, segundo os autores, pode ser direto, como o questionário de Gillliéron, aplicado por Edmond Edmont para o *ALF*; ou indireto em que se observam respostas mais naturais. Exemplo desse tipo de questionário são as perguntas indiretas de Jaberg Jud nas áreas ítalo falantes. Para Ferreira e Cardoso (1994), o questionário permite uma maior homogeneização do comportamento dos inquiridores no sentido de formular, com menor grau de diferenciação, as mesmas questões a diferentes informantes.

Para este estudo foi elaborado um questionário fonético-fonológico (QFF) com 108 perguntas, pautado no modelo do questionário do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)* e nas orientações de Aragão (2003, p.63) e um questionário tipo discurso informante documentador no qual, de acordo com as observações de Mota (2003, p.41), registram-se elocuções mais espontâneas, destituídas do grau de tensão e formalidade que, muitas vezes, se encontra presente nas respostas às indagações do inquiridor em outros trechos da entrevista. Sendo assim, o questionário elaborado especificamente para esta investigação, pautou-se nos objetivos que se pretendia atingir que era apurar o desaparecimento da vogal átona final [i] e [u] nas localidades em estudo.

O fato de ter construído o questionário passo a passo permitiu uma maior naturalidade à conversa. Foram elaboradas questões com base no cotidiano dos informantes como, por exemplo, as questões 62 e 66 do QFF:

(3) QFF – Questão 62: CHURRASCO

Como se chama aquela carne no espeto, assada na brasa?

(4) QFF – Questão 66: COPO

O que normalmente fica em cima do filtro e serve para a pessoa beber água?

O domínio do conteúdo possibilitou, inclusive, em algumas situações, a reformulação de questões, visando a obter a resposta desejada como, por exemplo, na questão 85:

(5) QFF – Questão 85: GRAMPO

O que as mulheres usam para prender os bobes no cabelo?

A resposta esperada seria *grampo*. Caso não saísse esta resposta, o inquiridor mudaria a pergunta para: "O que se põe no grampeador para grampear papéis?" Era então assegurada a resposta *grampo*.

O questionário definitivo foi precedido de um questionário um pouco mais amplo, com 152 questões, aplicado na localidade de Beco, em um estudo piloto realizado como trabalho final da disciplina Variação Social do Português do Brasil. Com a realização desse trabalho, optou-se por testar a validade do tema pensado para a dissertação de Mestrado e avaliar as reais possibilidades de trabalho com o mesmo.

A realização do estudo piloto na comunidade de Beco revelou a necessidade de se alterar a quantidade de perguntas do questionário para os inquéritos definitivos, eliminando ou modificando algumas questões que se mostraram pouco eficientes na observação do fenômeno, tornando-as mais claras, e assim, levando com mais facilidade à resposta esperada. Tudo isso sem perder de vista o número de questões estipulado para cada consoante antecedente que foi reduzido de 8 para 6 questões, perfazendo um número de 108 questões em sua totalidade.

Levando em conta a consoante antecedente à vogal final, foram consideradas as seguintes: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /x/, /m/, /n/, /ɾ/, /l/, /ʎ/. Não foi considerada a nasal palatal /ɲ/ porque essa consoante não ocorre na comunidade em estudo. Há apenas a realização de um glide palatal nasalizado no lugar da consoante nasal palatal, como geralmente se observa na fala da maioria dos brasileiros, em algumas regiões.

Os temas para o registro do discurso semidirigido, onde se observam elocuções mais espontâneas, destituídas do grau de tensão e formalidade, tiveram como eixo norteador os temas, propostos pelo Questionário do ALiB (2001) que são especificados a seguir:

a) relato sobre acontecimentos marcantes na vida do informante (fatos ocorridos na infância, casamento, namoro, nascimento de um filho, etc);
b) comentário sobre programa de televisão de que ele mais gosta;
c) descrição da atividade ocupacional;
d) relato de um fato que tenha acontecido com um amigo ou conhecido.

Os quatro temas para registro do discurso semidirigido constituíam a primeira parte da entrevista e eram apresentados ao informante no início, até como forma de descontração, uma vez que ele discorria sobre os temas naturalmente, sem a tensão da pergunta.

A questão "a" dos temas provocou relatos interessantes por ser o tipo de questão que recria emoções, distancia a atenção do falante da situação de entrevista e permite que o vernáculo aflore de forma mais espontânea. Nestas situações observou-se que o informante discorria espontaneamente sobre os temas apresentados, evidenciando os relatos pessoais, sem monitorar a sua fala. O trecho a seguir ilustra bem esta situação:

> Aí eu escrevi no quad [ˈkwadˈla] lá: "Dona Bela por motiv [muˈtiv] de nóis tá cum fom [fõm], nóis pulem a janela e fum embora". Mah nóis não saim não, eu peguei as cartera e muntuei tud [ˈtud], uma em cima da ôta e nóis fiquem lá de trais. Nóis era os que trapaiava as menina de cá. Aí quando Dona Bela entrô, se lemb [siˈlẽb] como foss hoje, Dona Bela com um saltim alt [ˈawt], né? Ela gostava naquela época, aí Dona Bela viu as cartera tud [ˈtud] muntuada e ela não viu nóis não. Nóis taha tud [ˈtud] lá de trais escondid [iskõdʲid], né? Aí ela diss [ˈdis]: "issé art [ˈaɾt] de Edvaldin [edivawˈdĩn]", aí eu não guentaha que era risonho demais. "Dei pá ri" (Inf 02-Beco, homem, 56 anos).

4.4 OS INQUÉRITOS

O *corpus* foi constituído através de inquéritos realizados em Beco e Seabra.

4.4.1 **Os inquéritos de Beco**

Os inquéritos de Beco foram constituídos através da realização de 8 entrevistas na comunidade para apuração da ocorrência do processo fonético-fonológico de desaparecimento das vogais átonas finais [i] e [u]. Em todos os inquéritos realizados, considerou-se o mesmo perfil de informante utilizado pelo Projeto ALiB.

Os inquéritos foram gravados durante uma semana completa no horário de que o informante dispunha. Normalmente no final da tarde, quando retornavam do trabalho na lavoura, ou à noite, quando já estavam mais descansados. Alguns inquéritos foram realizados nos finais de semana devido à dificuldade de os informantes encontrarem um horário de folga para a entrevista no decorrer da semana, em função de trabalho.

4.4.2 **Os inquéritos de Seabra**

Os dados que compõem os inquéritos de Seabra foram coletados em duas etapas distintas:

4.4.2.1 Os inquéritos do ALiB no *corpus*

Tendo em vista que o questionário do Projeto ALiB é muito amplo, após um exame criterioso das questões, foi feito um recorte e selecionadas apenas perguntas cujas respostas continham vocábulos que evidenciassem o fenômeno em análise, isto é, a presença ou ausência das vogais átonas finais [i] e [u]. Das 159 perguntas do Questionário Fnético-Fonológico (QFF) foram selecionadas 47 questões e das 202 perguntas do Questionário Semântico-Lexical (QSL) foram selecionadas 62 questões, perfazendo um total de 109 questões nos dois questionários. Consideraram-se também para este trabalho as ocorrências das vogais átonas finais [i] e [u], observadas no Questionário Morfossintático (QMS) e nos discursos semidirigidos.

O QSL do ALiB recobre 14 áreas semânticas, tais como: acidentes geográficos, fenômenos da atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana. Os números das

questões foram mantidos para facilitar o acesso ao texto original. Em todas as realizações foi considerado o caráter estritamente fonético das ocorrências.

Não foram consideradas para este estudo as questões de pragmática nem as perguntas metalinguísticas, pois o número de questões aproveitáveis do QFF, do QSL e do QMS já satisfaziam os objetivos da pesquisa. No discurso semidirigido foi feito um recorte dos relatos e foram consideradas apenas as palavras terminadas em [i] e [u].

4.4.2.2 Inquéritos realizados pelo pesquisador

Em Seabra foram realizados quatro inquéritos para complementar os quatro inquéritos coletados anteriormente pelo Projeto ALiB. Utilizou-se o mesmo questionário linguístico de Beco, já que os dados de Beco e Seabra são confrontados ao longo da pesquisa.

Levando em consideração que Beco está na zona rural e Seabra é a sede do município, houve a necessidade de fazer pequenos ajustes na formulação da pergunta para se obter a resposta desejada, como ocorreu com a questão número 1, cuja resposta esperada seria TOMATE e todos os informantes responderam *tomate*, de fato:

(6) QFF – Questão 01: TOMATE
O que vocês plantam por aqui?

Em Seabra, seria:

(7) QFF – Questão 01: TOMATE
O que é mais comum se plantar aqui na região, principalmente na região de Beco, Bebedouro e Barreirinho?

Nenhum dos informantes de Seabra deu a resposta esperada para a questão 88 que era:

(8) QFF – Questão 088: ENTOJO
Que nome se dá quando a mulher grávida enjoa de algum alimento?

A resposta esperada era ENTOJO. Esta designação não ocorreu em Seabra com nenhum dos informantes inquiridos, mesmo os mais velhos.

4.5 OS INFORMANTES

Segundo Ferreira e Cardoso (1994), o perfil do informante de quem se quer apurar dados convém ser claramente delineado com vistas a estabelecer-se um perfeito controle de variáveis que permitam, com menor margem de desvios, a intercomparação dos dados recolhidos. Sendo assim, o perfil dos informantes procura atender a questões espaciais, selecionando-se indivíduos naturais da comunidade pesquisada e de pais também da mesma área.

Na seleção dos informantes, foram considerados os seguintes fatores:

- Faixa etária: foram selecionados locutores estratificados em duas faixas etárias conforme a distribuição do Projeto ALiB: faixa 1 (18 a 30 anos) e faixa 2 (50 a 65 anos).
- Gênero: foram selecionados 8 homens e 8 mulheres
- Localidade: Beco (8); Seabra (8)

Quanto à escolaridade, tencionava-se considerar para este estudo o ensino fundamental incompleto para todas as categorias. No entanto, não foi possível, pois, na localidade de Beco, não foram encontradas informantes do sexo feminino, faixa 1, apenas com fundamental incompleto, tendo sido necessário considerar-se, então, também o fundamental completo. Nesse sentido, observa-se que a escolarização é uma tendência mais presente na geração jovem do que na antiga, com o predomínio maior entre as mulheres que entre os homens.

Ao lado desses itens, mantiveram-se sob controle as características do aparelho fonador e o grau de espontaneidade da elocução.

Os quadros 11 e 12 a seguir, mostram a estratificação da amostra nas duas localidades:

Faixa etária	Gênero	Idade	Profissão	Escolaridade	Nº Inf.
Faixa 1	Masculino	22	motorista	fundamental incompleto	01
		27	lavrador	fundamental incompleto	02
	Feminino	22	lavradora	fundamental completo	03
		18	doméstica	fundamental completo	04
Faixa 2	Masculino	52	lavrador/ feirante	fundamental incompleto.	05
		56	lavrador/ motorista	fundamental incompleto	06
	Feminino	50	doceira	fundamental incompleto	07
		56	feirante	fundamental incompleto	08

Quadro 11 - Estratificação da amostra de Beco

Faixa etária	Gênero	Idade	Profissão	Escolaridade	Nº Inf.
Faixa 1	Masculino	22	vendedor	fundamental incompleto	09
		23	servente de pedreiro	fundamental incompleto	10
	Feminino	19	doméstica	fundamental incompleto	11
		30	doméstica	fundamental incompleto	12
Faixa 2	Masculino	61	comerciante	fundamental incompleto	13
		63	lavrador	fundamental incompleto	14
	Feminino	53	gari	fundamental incompleto	15
		60	prendas domésticas	fundamental incompleto	16

Quadro 12: Estratificação da amostra de Seabra

Os sujeitos informadores foram selecionados levando em consideração o fato de serem pessoas nascidas nas respectivas comunidades e de refletirem, espontaneamente e com muita fidelidade, a fala popular da localidade. Pessoas que tivessem viajado pouco e que não tivessem se ausentado da localidade por mais de dois anos. Esses informantes mantinham contato com os meios de comunicação através do rádio e do aparelho televisor que funciona mediante antena parabólica. Essa novidade da tecnologia é parte integrante do cenário dos quintais de Beco e de Seabra.

Apresenta-se, a seguir, uma breve descrição dos informantes que participaram da pesquisa.

4.5.1 **Beco**

Informante 01: 22 anos, masculino, estudou até a 7ª série do fundamental, mas abandonou os estudos em função de um acidente de moto. Solteiro, mora com os pais. Viaja constantemente

para Salvador para tratamento de saúde. Gosta de dirigir, é motorista e, antes do acidente, dirigia o ônibus escolar que levava os alunos para o colégio em Seabra. Os pais são lavradores e sempre residiram na localidade. Mostrou-se bastante desinibido e conversador.

Informante 02: 27 anos, masculino, estudou até a 7ª série do ensino fundamental. Interrompeu os estudos em função do trabalho. Solteiro, a mãe faleceu cedo e ele foi criado pela avó que é lavradora e sempre morou na localidade. Desenvolve suas atividades como ajudante nas plantações de tomate e pimentão. Gosta de assistir televisão, principalmente o programa de "Pica-pau". Só viajou pela redondeza. Desconfiado no início da conversa, foi-se tornando mais desinibido no decorrer da gravação.

Informante 03: 22 anos, feminino, estudou até a 8ª série do ensino fundamental, abandonou os estudos para trabalhar com o marido na plantação e cuidar da casa. Casada, sem filhos; gosta de assistir televisão, principalmente a novela Malhação. A mãe nasceu em Córrego (povoado situado a 4 km de Beco), o pai nasceu em Beco, mas ambos viveram a vida toda na localidade, trabalhando na lavoura. Mostrou-se um pouco tímida, limitando-se a responder somente o que lhe era perguntado.

Informante 04: 18 anos, feminino, estudou até a 8ª série do ensino fundamental, interrompeu os estudos em função de gravidez. Solteira, mora com o pai e irmãs, pois a mãe[26] faleceu há dois anos. Trabalha em serviços domésticos. Gosta de assistir televisão, principalmente novelas. O pai nasceu em Ribeirão (povoado situado a 5 km de Beco), é lavrador, trabalha na plantação dos outros e sempre morou na localidade. A mãe nasceu na localidade, nunca viajou e trabalhava na lavoura. Demonstrou certa tensão, mas descontraiu-se durante a entrevista.

Informante 05: 52 anos, masculino, estudou até a 3ª série primária. Casado, mora com a esposa e os filhos numa casa simples no próprio terreno em que cultiva verduras e legumes. Lavrador e feirante, trabalha em plantação própria. Viaja para as feiras nas proximidades para comercializar os produtos que cultiva na lavoura. Sempre viveu na localidade; filho de pais também lavradores e residentes em Beco. Mostrou-se desinibido e comunicativo durante a gravação.

---

[26] Vale ressaltar que a mãe da informante foi a primeira pessoa entrevistada nessa pesquisa, na ocasião em que estavam sendo recolhidos os dados para os inquéritos experimentais realizados na comunidade.

Informante 06: 56 anos, masculino, estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Casado, a esposa faz doces para vender e geralmente fica em Seabra, onde possui muitos clientes, enquanto ele permanece em Beco. É motorista, mas diz que gosta mesmo é de trabalhar na roça. Possui plantação de manga, feijão, tomate e verduras. Diz que gosta da pecuária e cria algumas cabeças de gado. Possui alguns ônibus para transporte de passageiros. Já foi eleito vereador, representando a comunidade na Câmara. Mostrou grande desenvoltura e teve uma postura cooperativa durante a entrevista.

Informante 07: 50 anos, feminino, estudou até a 4ª série do fundamental, abandonou os estudos para trabalhar. Viúva, mora com as filhas em residência própria. Doceira e feirante, faz doces e bolos no forno para vender na feira de Seabra aos sábados. Filha de pai lavrador e mãe parteira, que sempre viveram na localidade. Diz que gosta de ouvir rádio enquanto trabalha e, quando sobra tempo, que gosta de assistir a novelas à noite. Demonstrou grande espontaneidade durante a entrevista, falando com desenvoltura.

Informante 08: 56 anos, feminino, fez o MOBRAL e abandonou os estudos na 3ª série. Casada, mora com o esposo e os filhos em casa própria. Sua atividade é fazer comida e vender em uma barraca bem instalada em feiras livres, como observa no trecho: "no dia de sexta fera já começ [kũˈmɛs] fazê minhas comidas, aí sexta fera de noit eu vô pra lá fic [ˈfik] lá até umas, depend [dɛˈpẽd], né?". Pais naturais de Beco, onde sempre viveram, só se ausentando da localidade para participar da romaria a Bom Jesus da Lapa ou irem a São Paulo para tratamento de saúde. Ambos lavradores. Demonstrou grande espontaneidade durante a entrevista e teve uma postura bastante cooperativa.

4.5.2 **Seabra**

Informante 09: 22 anos, masculino, estudou até a 7ª série do ensino fundamental. Começou a trabalhar muito cedo e abandonou os estudos em função da dedicação ao trabalho. Casado, mora de aluguel próximo à residência dos pais. Trabalha com representação de vendas na cidade de Seabra e nas comunidades vizinhas. Diz que gosta de assistir a novelas, como observa no trecho: "(...) O qu'eu assisto [aˈsistʊ] é novela porque eu sempre [ˈsẽpɾɪ] trabalho o dia todo [ˈtodʊ], já chego o quê? Sete, oito [ˈojtʊ] horas da noite [ˈnoitʲɪ]." Filho de pais da

localidade, nunca se ausentou da cidade por um longo período. Apresentou bastante desenvoltura e teve uma postura cooperativa durante o inquérito.

Informante 10: Informante do ALiB, 23 anos, masculino, estudou até a 3ª série primária. Solteiro, mora com os pais, trabalha como servente de pedreiro. A família possui um pequeno açougue. Assiste a televisão todos os dias, preferencialmente programas de esporte. Os pais são naturais de Seabra. Ausentou-se da cidade por um curto período em que foi para Barreiras. Mostrou-se vivo e bastante desinibido durante a gravação.

Informante 11: 19 anos, feminino, estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Casada, mora em residência própria com o marido e a filha. Dona de casa, trabalha como faxineira quando aparece trabalho. Gosta de televisão e prefere o programa de auditório "Caso de Família", como ela mesma diz: "Eu assisto [ˈasiʃtʊ] mais *Caso* [ˈkazʊ] *de familha* (init) eu largo [ˈlahgʊ] tudo". Filha de pais garis, nunca saiu da localidade, a não ser pra ir a Iraquara (situada a 40 km da sede), "terra" do marido. Mostrou-se desinibida, assumindo uma postura cooperativa durante o inquérito.

Informante 12: Informante do ALiB, 30 anos, feminino, estudou até a 2ª série primária. Casada, vive com o marido e os filhos numa residência humilde. Exerce a função de doméstica, já trabalhou em restaurante e pousada. Costuma ver TV todos os dias. Diz que prefere as novelas. Filha de pais lavradores e residentes em Seabra. Nunca saiu da localidade. Mostrou-se tímida e tensa durante a entrevista.

Informante 13: 61 anos, masculino, estudou até a 2ª série primária. Casado, mora em residência própria com a mulher e os filhos. Começou a trabalhar muito cedo. Possui um pequeno comércio de café. Em função do comércio, viaja algumas vezes por períodos curtos para cidades vizinhas. Gosta de noticiários na televisão e tem preferência pelo "Canal do boi" como declara no trecho: "(...) Eu prefiro o canal do boi". Mostrou-se bastante desinibido e conversador.

Informante 14: Informante do ALiB, 63 anos, masculino, estudou até a 1ª série primária. Casado, possui nove filhos, alguns dos quais moram em São Paulo. Lavrador, trabalha no cultivo de café, mandioca e laranja. Assiste a TV todos os dias e gosta de ver todos os

programas. Só viajou pela região. Mostrou-se tímido, mas procurou cooperar com o entrevistador.

Informante 15: 53 anos, feminino, estudou até a 4ª série primária. Viúva, vive em uma casa bastante humilde com os filhos. Exercia a função de gari, mas está em processo de aposentadoria por problema de saúde. Nasceu em Seabra, é filha de pais também da localidade. Gosta de ver TV diariamente para se distrair. Nunca viajou. Respondeu as perguntas com desenvoltura e teve uma postura bastante cooperativa durante a entrevista.

Informante 16: Informante do ALiB, 60 anos, feminino, fez o MOBRAL. Separada do marido há 17 anos, trabalha como dona de casa. Nasceu em Barreirinho (situado a 3 KM da sede), é filha de pais também do Barreirinho. Assiste à televisão todos os dias e diz preferir programas de auditório. Já esteve em São Paulo por um curto período, trabalhando como doméstica, e viaja para Salvador em tratamento de saúde. Mostrou-se um pouco tímida no início da conversa, mas descontraiu-se durante a entrevista.

4.6 A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Após a realização das entrevistas, procedeu-se à transcrição dos dados coletados, que teve como base as técnicas de transcrição utilizadas pelo Projeto ALiB. Foram contratados os serviços de duas ex-bolsistas[27] do ALiB, experientes, para fazer a transcrição e registrar suas impressões sobre os dados reais de fala. Esse procedimento foi adotado para que a transcrição dos dados não fosse influenciada pela familiaridade da pesquisadora com a fala da localidade.

Foram usadas as seguintes siglas a fim de se uniformizar a transcrição: INQ. (inquiridor), INF. (informante) e CIRC. (circunstante). Exemplo:

(9) INQ. – Por isso que eu vim antes, marcar
CIRC. – Cinco hora da manhã ele já ta aí...
INF. – É eu levanto [lɛˈvẽtʊ] ced [ˈsed] (Inf. 02, homem, 56 anos)

Nos casos de inteligibilidade, foi usado o símbolo inint entre parênteses. Exemplo:

[27] Milena Pereira de Souza fez a transcrição dos inquéritos de Beco e Cláudia Santos de Jesus transcreveu os inquéritos de Seabra.

(10) INF. – teve [ˈtevɪ] uns prefeito [pɾeˈfejtʊ] (inint) dez'ano atrás (Inf. 11, homem, 61 anos)

Os casos de hesitação foram indicados com reticências. Exemplo:

(11) INF. – É… É poc [ˈpok] mais é meu (Inf. 01, homem, 52 anos)

As citações, quando ocorreram, foram transcritas entre aspas (“ ”) com a mesma fonte utilizada para transcrição. Exemplo:

(12) INF. – Aí eu levantei, fiz o café, varri a cozinha, eu falei “quá nam vô lavá os prat [ˈpɾat] não” (Inf. 06, mulher, 18 anos)

Os questionários realizados na localidade de Beco foram transcritos integralmente, com vistas a permitir uma melhor observação dos fatores que condicionam o fenômeno. Dos questionários da cidade de Seabra foram transcritos apenas os trechos de fala do informante, excluindo a fala do entrevistador. Nas duas localidades, a fala do informante foi transcrita grafematicamente e, para se ter um registro mais fiel do fenômeno, as palavras com presença ou ausência das vogais átonas finais [i] e [u] foram transcritas foneticamente. Para a transcrição fonética dos dados de fala foi utilizada a fonte do alfabeto internacional SILDoulos IPA. Veja-se o exemplo abaixo:

> Mas eu cuid [ˈkujd] de tud eu gost [ˈgɔst] de roça, ador [aˈdoɾ] roça, eu gost [ˈgɔst] de roça é... É gost [ˈgɔst] da pecuára, pena que aqui, o lugá da gent aqui é tão sec [ˈsek], né? Eu tenho vontade [võˈtad] de criá, que nem agora todo mundo tá tend [ˈtẽd] dificulidade [difikuliˈdad] pá criá o gad aqui, mas só divid [ˈdiˈvid] mehm a seca, né? (Inf. 02, homem, 56 anos).

4.6.1 **O levantamento dos dados**

Considerando como variável dependente o binômio ausência-presença da vogal átona final, foram retirados das entrevistas alguns casos que poderiam afetar de alguma forma as conclusões, pois fugiam do perfil traçado para a conduta da investigação, a saber:

a) as palavras cujo contexto seguinte era seguido de vogal, quando essa sequência vocálica permitia a ressilabação que ocorre na fronteira entre palavras em português e que corresponde a três fenômenos distintos, aqui apresentados de acordo com Bisol (2005):

i) Casos de elisão - que ocorrem somente se as duas vogais são átonas.

(13) Foi daquel acident [daˈ**kela**siˈdẽt] (Inf. 08, mulher, 56 anos).

(14) Aí mãe foi e diss assim [ˈdi**sa**ˈsĩ], né? (Inf. 06, homem, 56 anos).

ii) Casos de ditongação - quando uma das vogais da sequência é alta e átona.

(15) Trinta e cinco an [ˈtɾĩt**aj**ˈsĩkʊˈẽn] (Inf. 08, mulher, 56 anos).

(16) Tem um pouco de leite ainda [ˈlejtʃ**ja**ˈĩda] (Inf. 04, mulher, 18 anos)

iii) Casos de degeminação ou crase – ocorrem quando as duas vogais que se encontram são iguais ou semelhantes, desde que a segunda vogal não tenha acento primário. Veja (11) e (12):

(17) No lugar ond eu [õˈdew] tô lá, ond eu [õˈdew] vend (Inf. 05, homem, 52 anos).

(18) Eu lig o [ˈligʊ] motô (Inf. 05, homem, 52 anos).

b) as palavras proparoxítonas, pois os fenômenos observados neste grupo de palavras são regidos por um outro conjunto de regras distinto do foco em questão. Veja (13) e (14):

(19) Dia de sáb [ˈsab] (~ *sábado*) (Inf. 08, mulher, 56 anos).

(20) Eu botava num [ˈnũm] (~ *número*) maió cum num [ˈnũm] menó (Inf. 08, mulher, 56 anos).

c) Palavras terminadas em ditongos crescentes ou decrescentes.

(21) Eu fui estudá no coléj [kɔˈlɛʒ] (~ *colégio*) (Inf. 01, homem, 22 anos).

(22) A barraquinha é de dois met e mei [ˈmej] (~ *meio*) (Inf. 05, homem, 52

anos).

d) as formas verbais de 1ª pessoa do plural, pois os processos implicados neste fenômeno dizem respeito a alterações na desinência verbal de número e pessoa.

(23) Nóis fiquem [fiˈkẽm] (~ ficamos) lá de trais (Inf. 06, homem, 56 anos).

(24) Nam deu cert, fico aí nóis cabam [akaˈbẽm] (~ acabamos) (Inf. 02, homem, 27 anos).

f) palavras que sofreram o processo de iotização do [ʎ], na sílaba final, pois a explicação para este fenômeno diverge do foco da pesquisa.

(25) Trabai [tɾaˈbaj], eu trabai [tɾaˈbaj] na roça (Inf. 05, homem, 52 anos).

(26) O moi [ˈmɔj] (= molho) (Inf. 02, homem, 27 anos).

Alguns procedimentos considerados para este estudo merecem especial atenção:

Na transcrição dos dados do QFF, quando o informante forneceu todas as respostas previstas, todas foram consideradas.

(27) QFF – Questão 07: ALFACE/ COENTRO/ TOMATE

INQ. – O que vocês vendem na feira sábado?

INF. – Vend [ˈvẽd] tumat [tuˈmat]... alfas [awˈfas], quent [ˈkwẽt] (Inf. 01, homem, 22 anos).

Quando o informante repetiu a resposta mais de uma vez para a mesma questão, foi considerada sempre a última resposta pelo fato de o informante demonstrar um grau de espontaneidade um pouco maior.

(28) QFF– Questão 05: COUVE

INQ. – Como se chama aquela folha verde que vende cortadinha na feira?

INF. – É o cove [uˈkovɪ]

INQ. – Aquela folha, que eu cheguei numa casa o povo tava cortando?

INF. – É o cov [uˈkov], o cov [uˈkov] (Inf. 01, homem, 22 anos)

Na transcrição dos temas para discurso semidirigido, porém, foram consideradas as repetições até quatro vezes seguidas da mesma palavra. Vale ressaltar que esses casos não foram frequentes. Aconteceram apenas duas vezes e em momentos de muita espontaneidade do informante para reforçar o seu sentimento em relação à situação narrada, como se pode observar no exemplo 29:

(29) Temas para discurso semidirigido – Questão 03:

INQ.– Você gosta de assistir televisão?

INF. – Gost [ˈgɔst], gost [ˈgɔst]... Rapaiz, eu gost [ˈgɔst] de assisti jornal, eu gost [ˈgɔst] de assisti o jornal, gost [ˈgɔst] mais de jornal, né? E programa, assim, programa mehmo gost [ˈgɔst] de asisti o de Raul Gil, né? De Raul Gil no sábado, eu gost [ˈgɔst] daquele pograma. E aquele Jornal de Fortaleza eu gost [ˈgɔst] de assisti o Rota 22 (vinte e dois), o comand [kõˈmẽd] vinte e dois (Inf. 08, homem, 56 anos).

4.7 A ANÁLISE ACÚSTICA DOS DADOS

Sobre o sinal sonoro, Mateus *et al* (1990, p.101) dizem que

> O sinal sonoro é um elemento essencial na transferência de informações entre o falante e ouvinte: é o resultado de todo o processo de produção de fala e a principal fonte de informação sobre a qual vai operar todo o processo de percepção.

Esse sinal sonoro, a que se referem as autoras, é a fala dos informantes que, após ser gravada em entrevista, se constituirá no material que será submetido à análise das vibrações acústicas para observar as ondas captadas pelo microfone. Em torno desse sinal sonoro é que vão se desenvolver as investigações que norteiam este trabalho.

Vale ressaltar que o objetivo da pesquisa não é fazer fonética experimental, mas usar os recursos desta para respaldar o trabalho dentro da Fonética Estrutural. Procurou-se, então, adequar os recursos da Fonética Acústica até onde a Fonética Estrutural o permite. Feitos e transcritos os inquéritos, buscou-se um programa de fonética acústica, seguindo sugestões de especialistas da área, como Profª Drª Vera Pacheco, Prof. Dr. Dermeval da Hora e a Profª Drª

Stella Telles que incentivaram o teste dos dados, de modo a subsidiar caráter científico do estudo em questão.

Sabendo que um dos objetivos da Fonética é determinar quais são as propriedades presentes no contínuo sonoro, houve a necessidade de utilizar um programa acústico que desse conta de comprovar fisicamente as vibrações sonoras que o ouvido humano e os pesquisadores podem captar na fala das comunidades de Beco e Seabra: a apócope das vogais átonas finais [i] e [u]. A partir da análise visual de espectrogramas, através dos recursos do PRAAT, pode-se perceber não só a presença, mas também a ausência de vogais átonas finais.

O *software* PRAAT[28], versão 5.0, é um programa computacional especialmente concebido para a análise de fala e que permite, com maior precisão, um estudo das características acústicas dos segmentos sonoros. Este é um instrumental de investigação acústica que permite a análise das propriedades físicas dos sons através de espectrogramas contendo variação melódica, intensidade dos sons, os formantes das vogais e a força. Os espectrogramas constituem-se como elementos essenciais de análise conforme esclarece Mateus *et al* (1990, p.138):

> Espectrograma é o instrumento que fornece a visão mais globalizante das propriedades físicas dos sons da fala, permanecendo assim como um instrumento fundamental, auxiliar precioso para o estabelecimento de hipóteses.

O PRAAT é um programa de grande potencial criado por Paul Boersma e David Weenink do *Institute de Phonetic Sciences, University of Amsterdam* e tem por objetivo a análise e a síntese de fala. Esse programa acústico permite a gravação de sons de toda classe para serem submetidos a diversos tipos de análise, assim como aplicar efeitos de filtros, variar o *pitch* da duração e realizar uma síntese articulatória, além de utilizar uma linguagem estruturada de alto nível, tornando-se uma ferramenta importante para os estudiosos de fonética.

Apesar de o *corpus* ter sido coletado utilizando um gravador digital[29] que gerou arquivos *Wave*, foi necessária a conversão desses arquivos para uma versão aceita pelo programa para poderem ser lidos e analisados pelo PRAAT. Utilizou-se o programa de conversão Free Mp3 Wma converter V1.81 que fez uma conversão mais fiel dos dados. Independente disso houve a necessidade de se refazerem alguns inquéritos em estúdio para uma melhor qualidade na leitura dos dados e consequente apuração do fenômeno em estudo.

---

[28] O programa de análise acústica PRAAT pode ser obtido gratuitamente através da página www.praat.org

[29] Gravador digital PC link USB 264 min., slim, VR636/F

4.8 AS VARIÁVEIS

4.8.1 **A variável dependente**

Na comunidade em estudo, as vogais átonas finais alternam-se na realização da fala, configurando-se como um fenômeno variável. Sendo assim, os dados de língua falada reunidos neste estudo permitem a descrição de um fenômeno linguístico que tem como variável dependente o grupo binário: presença *vs* ausência das vogais átonas finais [i] e [u], conforme os exemplos abaixo:

(30) [ɪ] – É bife [ˈbifɪ] (Inf. 04, mulher, 50 anos)

(31) [Ø] – Passá um bif [ˈbif] (Inf. 05, homem, 52 anos)

(32) [ʊ] – Aquela novelinha eu gosto [ˈgɔstʊ] (Inf. 04, mulher, 18 anos)

(33) [Ø] – Eu gost [ˈgɔst] de novela (Inf. 08, mulher, 56 anos)

Em síntese as variantes podem ser assim apresentadas:

Variável	Variantes
Presença/ausência	[ɪ] ~ [Ø] [ʊ] ~ [Ø]

Quadro 13 - A variável dependente

Os dados relacionados ao [i] e ao [u] serão analisados isoladamente, em arquivos diferentes, uma vez que os contextos condicionadores mostraram-se diferentes em cada caso.

4.8.2 **As variáveis independentes**

Tendo em vista que, para compreensão de uma regra variável, devem-se considerar os diversos fatores condicionadores, foram considerados como variáveis independentes para este

estudo, fatores de natureza linguístico-estrutural, discursivos, geolinguísticos e sociolinguísticos.

4.8.2.1 Variáveis linguísticas

Selecionaram-se para a análise sete grupos de fatores linguísticos tanto para a vogal [i] quanto para a vogal [u], a saber: a consoante pré vocálica, a vogal ou semivogal da sílaba antecedente, a dimensão do vocábulo, a classe morfológica da palavra, o tipo de frase em que se encontra a variável, a posição da palavra na frase, o contexto fonético seguinte e a presença do /s/ final, que serão detalhados, a seguir:

4.8.2.1.1 *Grupo 1: Consoante pré-vocálica*

Busca-se com este fator verificar o tipo de consoante pré-vocálica que mais favorece a ocorrência da apócope.

A variável consoante pré-vocálica ficou assim composta:

- Oclusiva bilabial [p], [b]

(34) Não deu temp [ˈtẽp] mais não (Inf. 01, homem, 22 anos)

(35) Através do cabo [ˈkab] (Inf. 01, homem, 22 anos)

- Oclusiva dento-alveolar surda [t], [d]

(36) Já prant [ˈprɐ̃t] pá vendê na fera (Inf. 05, homem, 52 anos)

(37) Devogad [dɛvɔˈgad] (Inf. 14, homem, 63 anos)

- Oclusiva velar [k], [g]

(38) Eu fic [ˈfik] preocupada (Inf. 11, mulher, 19 anos)

(39) Bota fog [ˈfog] no forn (Inf. 07, mulher, 50 anos)

- Africada palatal[30] [tʃ], [dʒ]

(40) (...) tinha problema de diabete [diaˈbɛtʃɪ] (Inf. 04, mulher ,18 anos)

(41) Nossa Senhora da Soledade [sɔliˈdadʒɪ] (Inf. 03, mulher, 22 anos)

- Fricativa labiodental [f], [v]

(42) Gauf [ˈgauf] (Inf. 08, mulher, 56 anos)

(43) (...) que os pov [ˈpov] tá passanu e venu (Inf. 11, mulher, 19 anos)

- Fricativa dento-alveolar [s], [z]

(44) Esse aqui assim, balanç [baˈlẽs] (Inf. 10, homem, 23 anos)

(45) (...) tirou um pes [ˈpez] meu (Inf. 07, mulher, 50 anos)

- Fricativa palatal surda [ʃ], [ʒ]

(46) Ach [ˈaʃ] que oitenta reais (Inf. 05, homem, 52 anos)

(47) É long [ˈlõʒ] né? (Inf. 03, mulher, 22 anos)

- Fricativa velar surda [x]

(48) Eu corr [ˈkox] tamem (Inf. 03, mulher, 22 anos)

- Nasal bilabial sonora [m]

(49) Taha em Seabra mehm [ˈmehm] (Inf. 07, mulher, 50 anos)

- Nasal dento-alveolar sonora [n]

(50) Tava sempre baten [baˈtẽn] cartão, baten [baˈtẽn] cartã (Inf. 09, homem, 22 anos)

- Tepe dento-alveolar sonoro [ɾ]

(51) Futur [fuˈtuɾ] melhó (Inf. 04, mulher, 50 anos)

---

[30] Foram observados apenas dois casos de apócope para a consoante palatal surda [tʃ], realizados com a mesma palavra, por uma mulher da faixa 1, 19 anos: QFF – 01: [toˈmatʃ] (tomate); QFF – 07: [toˈmatʃ] (tomate)

- Lateral alveolar sonora [l]

(52) El [ˈel] tá na casa del [ˈdel] no Cochó (Inf. 08, mulher, 56, anos)

- Lateral palatal sonora [ʎ]

(53) Eu tem três filh [ˈfiʎ] (Inf. 07, mulher, 50 anos)

Foram reunidos também em um único grupo: pr, tr, gr, fr br, dr que foi denominado de grupo consonântico obstruinte + tepe, representado por C+.

- Grupo consonântico obstruinte + tepe (pr, tr, gr, fr br, dr):

(54) No Salob [ˈsalob] (Salobro) (Inf. 05, homem, 52 anos)

(55) É o qu'eu semp [ˈsẽp] (sempre) batu e no qu'eu semp [ˈsẽp] (sempre) debatu (Inf. 13, homem, 61 anos)

(56) El ficou ne Salvador ach que uns quat [ˈkwat] (quatro) mês (Inf. 08, mulher, 56 anos)

(57) Dei entrada no dia treis de dezembro [dɛˈzẽbɾʊ] (Inf. 15, mulher, 53 anos)

(58) Eu sempre [ˈsẽpɾɪ] to convivendo, né? (Inf. 13, homem, 61 anos)

4.8.2.1.2 *Grupo 2: Vogal ou semivogal da sílaba antecedente*

Optou-se por controlar essa variável para averiguar se a realização das variantes é favorecida pelo ambiente vocálico que precede a sílaba átona final, agrupando-a, segundo a sua classificação articulatória: posteriores [u], central [a] e anteriores [i], incluindo as vogais orais, as nasais ou nasalisadas e semivogais anteriores. Não houve casos de semivogais posteriores. As palavras tipo *Bebedouro* e *trouxe* foram realizadas como [bebeˈdoɾʊ], [ˈtɾosɪ]. O quadro das vogais ficou assim determinado:

- Vogais posteriores: [u], [o], [ɔ], [õ], [ũ]

(59) Só roça de fum [ˈfũm] (Inf. 02, homem, 27 anos)

(60) Depois da massa pronta vai pu forn [ˈfoxn]. (Inf. 07, mulher, 50 anos)

(61) Eu gost [ˈgɔst] de roça (Inf. 06, homem, 56 anos)

(62) É nada, é long [ˈlõʒ] (Inf. 02, homem, 27 anos)

(63) Suj [ˈsuj] né? (Inf. 06, homem, 56 anos)

- Vogais anteriores: [e], [ɛ], [i], [ẽ], [ĩ] [j̃]

(64) Agora só que el [ˈel] já melhorô (Inf. 08, mulher, 56 anos)

(65) É um process [pɾɔˈsɛs] (Inf. 02, homem, 27 anos)

(66) Essa vida de marid [maˈɾid] ciumentu (Inf. 11, mulher,19 anos)

(67) Era só a gent [ˈʒẽt] passá de bicicleta (Inf. 03, mulher, 22 anos)

(68) Nóis era os traquin [traˈkĩn], né? (Inf. 06, homem, 56 anos)

(69) Ela também perdeu muit [ˈmũj̃t] filhu (Inf. 11, mulher, 19 anos)

- Vogal baixa, central, oral [a], [ã]

(70) Ficou internad [intɛɦˈnad] cinco dias... (Inf. 07, mulher, 50 anos)

(71) Um an [ˈẽn] minha fia (Inf. 10, homem, 23 anos)

4.8.2.1.3 *Grupo 3: Dimensão do vocábulo*

Busca-se, com a seleção desse fator, verificar a influência do número de sílabas do vocábulo em que se encontra a variável na ocorrência da apócope.

Dissílabo

(72) É o fum [ˈfũm] (Inf. 07, mulher, 50 anos)

Trissílabo

(73) Dexaha lá sentad [sẽˈtad] na calçada (Inf. 11, mulher, 19 anos)

Polissílabo

(74) Pernambucan [pɛɣnẽbuˈkẽn] (Inf. 10, homem, 23 anos)

Não foram considerados os monossílabos, porque não há ocorrência de apócope neste grupo.

4.8.2.1.4 *Grupo 4: Classe morfológica*

A inclusão desse grupo refere-se à classe morfológica dos vocábulos em que se encontra a variável estudada e obedece aos parâmetros da gramática tradicional, tendo por base Bechara (2009). Pronomes foram tomados para representar um substantivo, sendo considerados, por isso, pronomes substantivos "Tem tud [ˈtud]" (Inf. 07, mulher, 50 anos); ou quando aparecem em referência a um substantivo, determinando-lhe a extensão do significado, numa função adjetiva, como pronome adjetivo "Tod [ˈtod] mund" (Inf. 08, mulher, 56). Quanto aos numerais, serão tomados na acepção de função quantificadora que denota valor definido.

Serão consideradas as seguintes classes:

- Substantivo

(75) O chef [ˈʃɛf] (Inf. 07, mulher, 50 anos)

- Adjetivos

(76) Tá mais barat [baˈɾat], não? (Inf. 02, homem, 27 anos)

- Verbo

(77) Eu diss [ˈdis] vô escondê essa promatóra (Inf. 06, homem, 56 anos)

- Numeral

(78) Criancinha pequena, assim, de oit [ˈojt] deiz ãn (Inf. 06, homem, 56 anos)

- Advérbio

(79) Pert [ˈpɛɦt] da casa de vó (Inf. 03, mulher, 22 anos)

Pronome substantivo

(80) El [ˈel] nam guentô porque el [ˈel] teve cistose (Inf. 11, mulher, 19 anos)

Pronome adjetivo

(81) Seabra tem muit [mũ̃jt] ladrão (Inf. 06, homem, 56 anos)

Nam tinha es [ˈes] moviment [mɔviˈmẽt] que tem hoj [ˈoʒ] não (Inf. 05, homem, 52 anos)

4.8.2.1.5 *Grupo 5: Tipo de frase*

Optou-se por controlar esse grupo a fim de verificar se o tipo de frase interfere na ocorrência da apócope. Realizaram-se as rodadas com a distribuição apresentada a seguir. No entanto, feita a análise, observou-se que essa combinação não foi a mais adequada, pois frases interrogativas e negativas possuem o mesmo padrão melódico. Isso pode ter provocado a eliminação desse grupo de fatores pelo programa GOLDARB. Os tipos de frase considerados foram:

- Frase afirmativa

(82) O que eu gost [ˈgɔst] mais é a novela (Inf. 08, mulher, 56 anos)

- Frase não afirmativa (Interrogativa ou negativa)

(83) – Tu sab ond [ˈõd] que Mininha mora? (Inf. 08, mulher, 56 anos)

(84) – Não foi aprovado [apɾɔˈvadʊ] (Inf. 15, mulher, 53 anos)

4.8.2.1.6 *Grupo 6: Posição da palavra na frase*

Objetivou-se, com a seleção desse grupo, observar se o posicionamento da palavra na frase interfere na ocorrência da apócope e até que ponto essa influência favorece o processo. Verificaram-se as seguintes posições da palavra na frase:

- Início

(85) Dex [ˈdeʃ] lá (Inf. 05, homem, 52 anos)

- Meio

(86) Tem os terren [tɛˈxẽn] do meu pai (Inf. 06, homem, 56 anos)

- Fim

(87) A menina já ajuda, uma ôta vai empacotan [ĩpakɔˈtẽn] (Inf. 07, mulher, 50 anos)

4.8.2.1.7 *Grupo 7: Contexto fonético seguinte*

Esse fator refere-se ao segmento fônico inicial do item seguinte ao vocábulo de que se destaca a vogal átona final. A inserção desse fator deu-se em função da necessidade de observar se o contexto seguinte poderia afetar a realização das variantes observadas. Foram considerados os seguintes contextos:

- Consoante

(88) Criô tud [ˈtud] varrenu (Inf. 11, mulher, 19 anos)

- Vogal (Conforme os casos destacados no item 4.6.1, só seconsideram para esse estudo as vogais sem ressilabação)

(89) Aí a gent bat [ˈbat] ... e depois da massa pronta vai pu forn" (Inf. 07, mulher, 50 anos)

- Ausência de segmento fônico

(90) Eu tô lá no fogão e tô escutan [ˈiskuˈtẽn] (Inf. 08, mulher, 56 anos)

4.8.2.2 <u>Variáveis sociais</u>

Sabendo que os fatores sociais não funcionam da mesma maneira em todas as comunidades, consideraram-se as variáveis sociais, faixa etária e gênero, a fim de observar a sua atuação sobre a apócope nas comunidades em análise.

4.8.2.2.1 *Grupo 8: Gênero/sexo do informante*

Tendo em vista que mulheres e homens fazem uso da língua de modos diferentes, busca-se, com a seleção desse grupo, verificar até que ponto há diferenças entre homens e mulheres quanto ao uso da apócope na comunidade em estudo.

Homem

Mulher

4.8.2.2.2 *Grupo 9: Faixa etária do informante*

A inclusão desse grupo procura verificar de que forma a idade influencia o processo de apócope. Foram consideradas duas faixas etárias, a saber:

Faixa etária 1: de 18 a 30 anos
Faixa etária 2: de 50 a 65 anos

4.8.2.3 Variáveis discursivas

4.8.2.3.1 *Grupo 10: Tipo de questionário*

Através do controle desse grupo, pode-se observar o tipo de questionário que mais impulsiona a ocorrência da apócope. No QFF, deu-se uma atenção especial ao campo semântico das questões para que centralizasse em assuntos do dia a dia do informante tais como: produtos cultivados na lavoura, animais de estimação, as feiras livres, utensílios domésticos, doenças locais.

4.8.2.4 Variáveis geolinguísticas

4.8.2.4.1 *Grupo 11: Localidade*

Optou-se por controlar esse grupo para observar as diferenças existentes entre as duas localidades quanto ao uso da apócope.

4.8.2.4.2 *Grupo 12: Interferência individual do informante*

Sabe-se que cada falante alterna entre todas as escolhas, mas no padrão geral há uma regularidade das variantes entre os indivíduos do grupo. A inserção desta variável na análise tem por objetivo testar a hipótese quanto à influência individual do informante no processo de apócope. A caracterização do informante encontra-se nas seções 4.5.1 e 4.5.2.

4.9 O SUPORTE QUANTITATIVO

O modelo quantitativo de análise sempre esteve na base da sociolinguística variacionista. Desde o início dos estudos variacionistas, pesquisadores já utilizavam métodos matemáticos para quantificar seus dados. Nos primeiros trabalhos, como os estudos pioneiros de Labov sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard em 1963, utilizavam o método aditivo que logo revelou incoerências e foi substituído pelo multiplicativo que propôs o emprego do cálculo de probabilidades. Diante dos problemas apresentados por este modelo surgiu o modelo logístico, conseguindo satisfazer os problemas anteriores. Este modelo logístico aproveita as vantagens dos modelos anteriores e elimina as desvantagens e incoerências de ambos. Sendo assim, foi um modelo que serviu de suporte para inúmeras pesquisas.

Com o avanço da tecnologia, em especial, o computador, desenvolveu-se então um pacote de programas denominados VARBRUL, criado por Cedergren e Sankoff no início da década de 70. O seu aprimoramento nos anos posteriores permitiu aos linguistas envolvidos no estudo da variação o acesso a métodos de análise estatística mais precisos. "Saber usar tal pacote estatístico é essencial em um estudo variacionista quantitativo, pois ele fornece os pesos relativos com que cada fator lingüístico e extralingüístico está correlacionado ao uso da variante" lembra Beline (2008, p.136) em seu artigo sobre a variação linguística.

Esse modelo procura explicar as possibilidades linguísticas e é usado para explicar também os padrões quantitativos de uso dessas possibilidades através de um modelo matemático. Guy e Zilles (2007) explicam que a realização desta análise possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. Pode-se ver que o objetivo final de qualquer estudo quantitativo em pesquisa dialetal não é produzir número, mas identificar e explicar fenômenos linguísticos.

Em 2001 surge VARBRUL para ambiente *Windows*, denominado GOLDVARB 2001 que é um programa computacional que faz análise estatística dos dados e gera os pesos relativos com que cada fator linguístico e extralinguístico está correlacionado ao uso de uma variante. O GOLDVARB é um instrumental de análise estatística, igualmente multivariada e com resultados equivalentes aos do VARBRUL. O princípio geral da significância estatística é o de que os valores acima de 0,50 indicam uma ação favorecedora à realização da variante

em foco; os valores inferiores, uma ação desfavorecedora; e os valores próximos a 0,50 apontariam para uma neutralidade do fator.

Pode-se observar que o programa GOLDVARB se configura como uma ferramenta poderosa para a análise da variação linguística. Sabe-se que todo método tem seu valor e sua aplicabilidade no estudo da variação, o que muda é o objetivo do estudo de cada pesquisador e a sua inferência na análise dos resultados estatísticos. Quanto a isso, Naro e Scherre (2004, p.162), advertem:

> Os resultados numéricos obtidos pelos programas só tem valor estatístico. O seu valor lingüístico é atribuído e interpretado pelo lingüista. A estatística é apenas um instrumento valioso que pode nos auxiliar a entender um pouco mais o comportamento dos fenômenos lingüísticos.

A seleção de um modelo estatístico a ser utilizado dá-se em decorrência do objeto de estudo e das perguntas que se queira responder na pesquisa. Neste trabalho são investigados os fatores linguísticos, sociais, geolinguísticos e discursivos que favorecem ou restringem o apagamento das vogais átonas finais [i] e [u], nas comunidades de Beco e Seabra. Para a análise serão feitas inferências e observações com base no *corpus* constituído para a pesquisa e verificados os valores quantitativos do modelo, as probabilidades e os pesos.

4.8 CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Concluídas as entrevistas e transcritos os inquéritos, procedeu-se à organização dos dados de maneira apropriada ao processo de codificação, atribuindo, então, códigos para a variável dependente e para as variáveis independentes, conforme exigido pelo programa estatístico.

Primeiramente, delimitou-se com precisão o fenômeno linguístico a ser analisado, inventariando as variantes. Neste estudo, a variável dependente se constitui de duas variantes, logo, pode ser definida como variável binária e requer dois símbolos associados às suas possibilidades. Os símbolos + e - indicam presença *vs* ausência das vogais altas finais [i] e [u] como se pode ver nos exemplos a seguir:

(91) [i] – [aˈkelɪ] (+) [Ø] – [aˈkel] (-)
(92) [ʊ] – [ˈpovʊ] (+) [Ø] – [ˈpov] (-)

Tendo em vista o pressuposto teórico de que a variação linguística não é aleatória, é fundamental identificar os grupos de fatores linguísticos, sociais, geolinguísticos e discursivos que favorecem ou desfavorecem o uso de uma ou de outra variante. Em razão disso, encontra-se apresentada, com detalhes, no Anexo I, a chave de codificação para a vogal [u] e no Anexo J a chave de codificação para a vogal [i], constituídas a partir das reais necessidades de cada arquivo.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Câmara Jr., (1979, p.11) diz:

> Uma diferenciação dialetal explica-se, sempre, em parte, pela história cultural e política e pelos movimentos de população, e, de outra parte, pelas próprias forças centrífugas da linguagem humana, que tendem a cristalizar as variações e criar dialetação em qualquer território relativamente amplo e na medida direta do maior ou menor isolamento das áreas regionais em referência ao centro linguístico irradiador.

Tomando por base a citação que inicia o texto, a explicação para o fenômeno pode ser, em parte, de cunho sócio-histórico, através dos movimentos da população em função do povoamento da área e pela própria evolução da linguagem condicionada pelas pressões sociais que vão impulsionando alterações na fala de cada região como parte integrante da competência linguística.

Uma vez cumpridas as tarefas preliminares a uma análise quantitativa, é chegada a hora de interpretar e explicar os dados da amostra coletada. Terminada a quantificação requerida pelo programa estatístico, apresenta-se, neste capítulo, a análise dos resultados obtidos para verificar a influência dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos na realização das variantes na fala das duas comunidades: Beco e Seabra.

Três seções comporão este capítulo. Na primeira, será apresentada a distribuição das variantes. Na segunda, serão tratados os fatores linguísticos e extralinguísticos que foram selecionados pelo programa GOLDVARB 2001 como estatisticamente relevantes para análise e interpretação dos dados obtidos para a vogal [u]. Na terceira seção, serão tratados os dados obtidos para a vogal [i]. As considerações sobre os fatores que não foram selecionados pelo programa serão feitas após a exposição dos resultados de cada comunidade conjunta e individualmente. Este capítulo cumpre o propósito de discutir os resultados encontrados na pesquisa, buscando traçar a realidade linguística das localidades investigadas.

5.1 DESCRIÇÃO E APRESENTAÇÃO GERAL DOS DADOS

Para explicar a variação e detectar os fatores atuantes no uso das variantes possíveis para a variável em questão, foram constituídos grupos de variáveis independentes, ligadas ao sistema linguístico em que o falante opera a escolha entre duas ou mais formas para expressar

a mesma informação, e grupos de variáveis sociais associados às características dos falantes tais como sexo, idade, escolaridade, etc.

A partir dos dados das vogais átonas finais, extraídos das 16 entrevistas realizadas na comunidade rural de Beco e no município de Seabra foram submetidos à quantificação 5.166 dados, sendo 1.584 palavras que potencialmente possuem a vogal [i], correspondendo a 30% das ocorrências e 3.582 palavras que comportam a vogal [u], correspondendo a 69%, como se pode observar no cômputo geral dos dados na amostra:

Tabela 3 - Distribuição das ocorrências de [i] e [u] na amostra

Vogais átonas finais	**nº de ocorrências**	**(%)**
[ɪ]	1.584	30%
[ʊ]	3.582	69%
Total	5.166	100%[31]

Em um primeiro teste os resultados mostraram a impossibilidade de serem rodados conjuntamente os arquivos da vogal [i] e da vogal [u]. Observou-se que os contextos favorecedores eram diferentes. Prova disso é que as consoantes que favorecem o processo de apócope da vogal [i] são diferentes das consoantes que favorecem o processo da vogal [u]. Diante das diferenças verificadas nos contextos favorecedores com relação às consoantes antecedentes, os dados de [i] e de [u] foram rodados separadamente.

Tomando por base os resultados apresentados na Tabela 4 em que se permite uma visualização geral da distribuição da variável no *corpus* nas comunidades estudadas, pode-se observar que a atuação da regra foi de 42% para a vogal [i] e 38% para [u]. Apesar de ser pequena a diferença, os dados levam a crer que há uma ligeira tendência para a apócope da vogal anterior [i], como se pode observar na Tabela 4.

[31] Segue-se aqui a informação dada pelo programa. Todas as tabelas fecham com 99% de frequência.

Tabela 4 - Distribuição da presença/ausência para [i] e [u] no *corpus*

Variável dependente	Vogal [i]		Vogal [u]	
	Ocorrência/Total	**%**	**Ocorrência/Total**	**%**
Presença	907/1.584	57	2.217/3.582	61
Ausência	677/1.584	42	1.365/3.582	38
Total	1.584	100	3.582	100

Apesar de Beco e Seabra serem localidades muito próximas geograficamente, há grandes diferenças nos resultados quanto ao uso da apócope pelos integrantes de cada comunidade. Com relação à não realização das vogais átonas finais, observa-se que a comunidade que mais se distingue é a de Beco, como pode ser verificado na distribuição da apócope por localidade na tabela abaixo.

Tabela 5 - Distribuição da apócope das vogais [i] e [u] por localidade

Variável dependente	Beco		Seabra	
	Ocorrência/Total	**%**	**Ocorrência/Total**	**%**
Presença	575/2.537	22	2.549/2.629	**96**
Ausência	1.962/2.537	**77**	80/2.629	3
Total	2.537	100	2.629	100

Como se pode observar na tabela 5, a apócope em Beco foi registrada majoritariamente (77%) enquanto que, em Seabra, apresentou um registro tímido, correspondendo a 3% das ocorrências. Pode-se ver que, a apócope verificada em Seabra, não se revela como um fenômeno significativo. As ocorrências apresentadas podem ser explicadas em decorrência do enfraquecimento nessa posição ser comum, levando a um possível apagamento esperado na fala espontânea. Além disso, em Seabra, coexistem fatores externos distintos que podem definir as características linguísticas dos seus falantes. Em Beco, os dados mostram uma frequência alta de apócope da vogal, o que justifica a investigação para observar os motivos linguísticos e extralinguísticos que condicionam as ocorrências.

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos com todos os dados coletados. Primeiramente serão detalhados os resultados para a vogal [u] e os contextos favorecedores

selecionados pelo programa. Em seguida, serão detalhados os resultados para a vogal [i] e seus respectivos contextos condicionadores.

5.2 A APÓCOPE DA VOGAL [u]

> Esta letra u vogal aperta as queixadas e prega os beiços, não deixando antreles mais q̃ so hũ canudo por õde sae hũm som escuro o qual he a sua voz. A sua figura e duas astes aleuantadas dereitas mas em baixo são atadas com hũa linha q̃ sae dhũa dellas (OLIVEIRA, [1536]; 2000, p.177).

Esse *som escuro* descrito por Fernão de Oliveira no capítulo XVII de sua *Gramática da Língua(gem) Portuguesa* (2000 [1536]) será o foco sobre o qual se desenvolverá todo o trabalho de análise e descrição linguística. É o desaparecimento do som [u] na realização da fala, verificado com grande intensidade na localidade de Beco, que será a variante não-padrão tomada para análise e confrontada com a variante de Seabra.

Tendo em vista que o principal objeto de descrição dos variacionistas é a fala dos indivíduos como membros de uma comunidade linguística, pretende-se investigar, à luz da Sociolinguística Quantitativa, a presença ou ausência da vogal átona final [u] na fala das comunidades, bem como definir as condições que favorecem ou restringem a variação.

Levando em consideração que o objetivo é conhecer quais são os grupos de fatores estatisticamente relevantes para a aplicação da regra variável em estudo, bem como o papel de cada fator do grupo no condicionamento da regra, os resultados obtidos serão assim apresentados: primeiramente serão discutidos os resultados das rodadas conjuntas de Beco e Seabra, em seguida, os dados de Beco a partir de rodadas independentes e, por último, os resultados das rodadas de Seabra, feito isoladamente.

A análise quantitativa da apócope da vogal [u] será precedida da caracterização acústica da variável, através da apresentação de espectrogramas que permitem visualizar a presença e a ausência do segmento vocálico final. Apresentam-se, nas figuras 3 e 4, espectrogramas da realização da palavra “prefeito”, sem a palatalização da consoante /t/, em Beco. As figuras 5 e 6 referem-se aos espectrogramas da realização da palavra “garfo”, em Beco. Esses espectrogramas foram gerados pelo programa acústico PRAAT[32].

---

[32] O acesso ao PRAAT e o treinamento foram gentilmente possibilitados pela Profª Drª Vera Pacheco da Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), a quem devemos agradecimentos especiais.

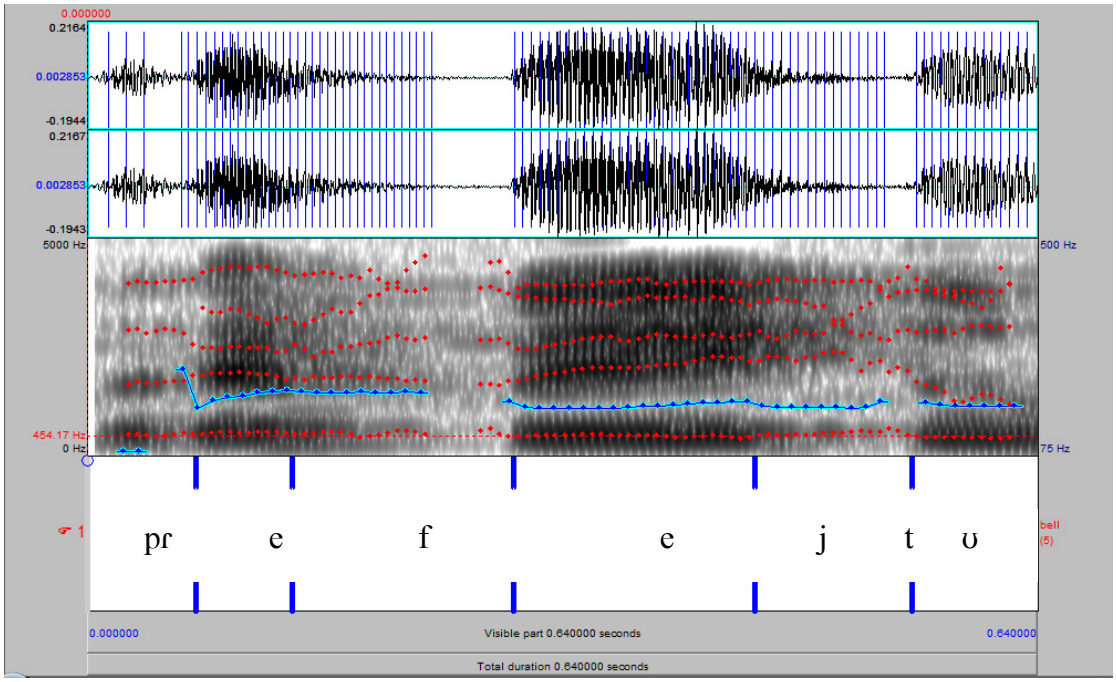


Figura 3 – Espectrograma "prefeito" [pɾeˈfejtʊ] (Inf. 09, homem, 22 anos)

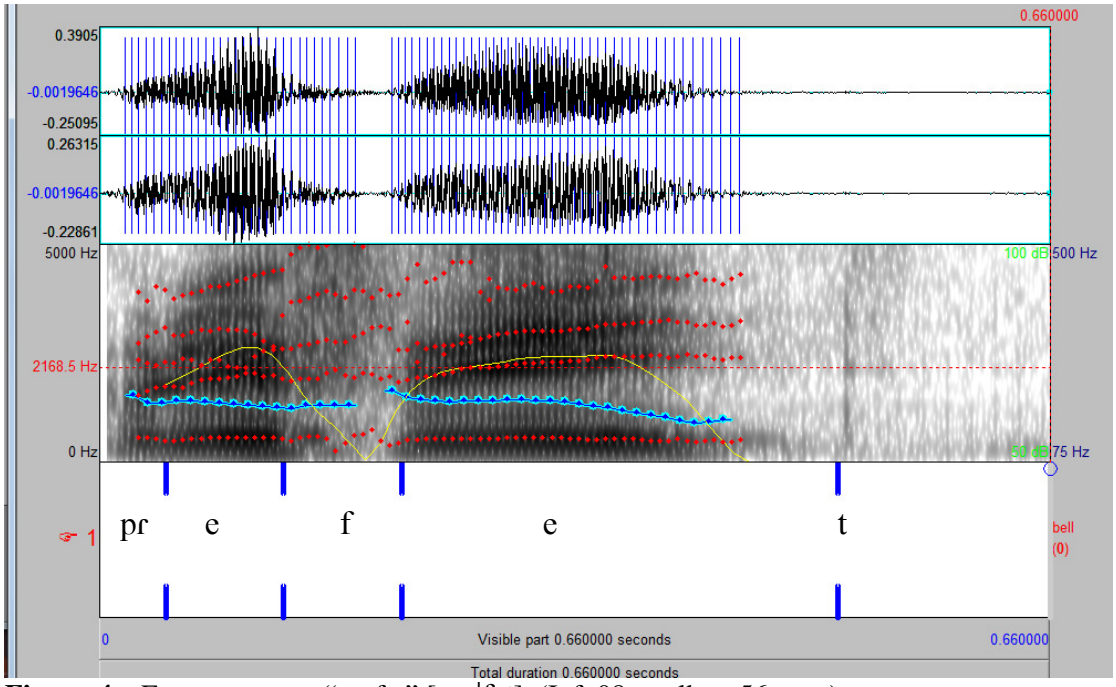


Figura 4 – Espectrograma "prefet" [pɾeˈfet] (Inf. 08, mulher, 56 anos)

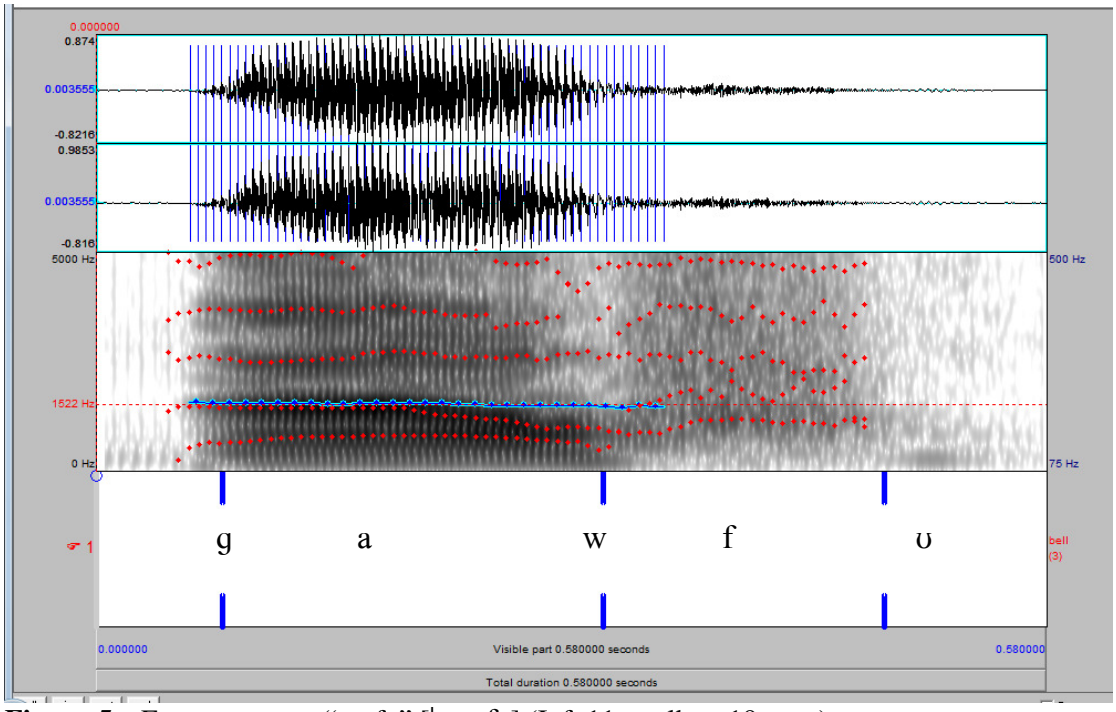


Figura 5 – Espectrograma "garfo" [ˈgawfu] (Inf. 11, mulher, 19 anos)

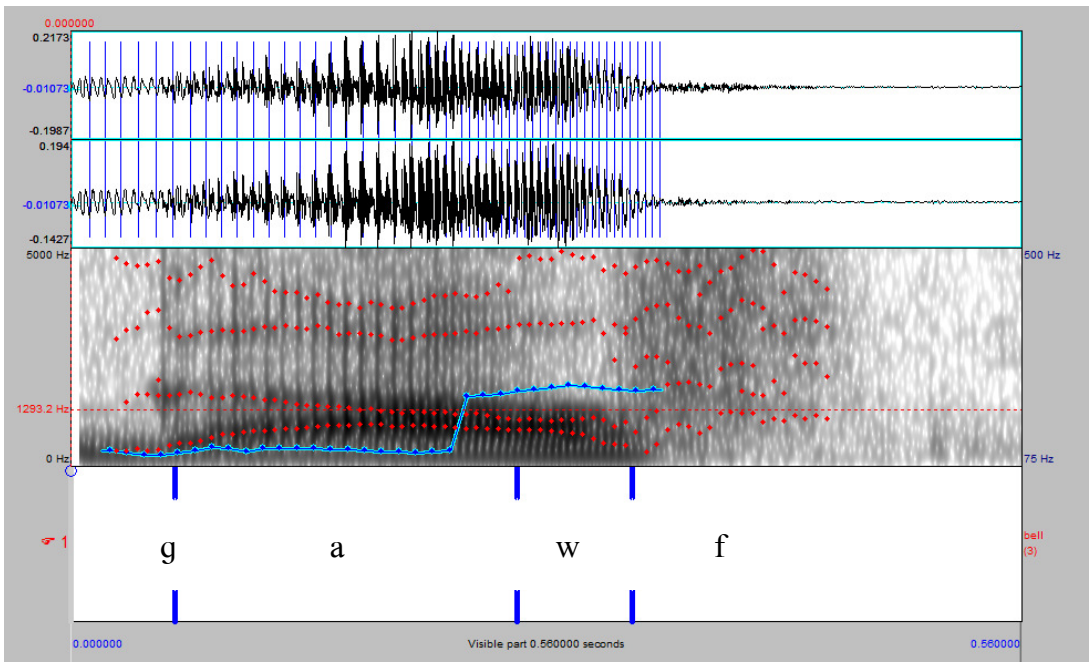


Figura 6 – Espectrograma "garfo" [ˈgawf] (Inf. 08, mulher, 56 anos)

A partir da análise visual dos espectrogramas apresentados, pode-se perceber, acusticamente, a presença e a ausência da vogal final [u]. Na figura 3, para a realização de "prefeito" [pɾeˈfejtʊ], o sinal acústico mostra com clareza a presença da vogal final [u]. Os formantes para esse segmento vocálico final apresentam médias de frequências que variam em torno de F1=411.917256 e F2=1312.472579. Na figura 5, na realização de "garfo" [ˈgawfu], não está tão nítida a vogal final. O sinal acústico não chega a mostrar uma vogal

final plenamente realizada, mas pode-se observar um pequeno sopro, acompanhado igualmente de uma queda brusca de intensidade. É possível visualizar que há o sinal acústico da realização da vogal final [u], mas não há presença de formantes para o segmento.

Os espectrogramas, apresentados nas figuras 4 e 6, mostram acusticamente a apócope da vogal átona [u] em posição final absoluta. Observa-se que há uma simples explosão da consoante oclusiva [t] em [pɾeˈfet] e uma fricção da fricativa [f] na realização de [ˈgawf]. A queda da vogal final está visivelmente comprovada através dos espectrogramas analisados. No primeiro caso há uma oclusão e no segundo há uma fricção e não há vestígio acústico algum que possa levar a uma configuração formântica de uma vogal final. Pode-se perceber que não se trata de uma impressão auditiva do fenômeno, mas sim, de uma ausência comprovada acusticamente e que é objeto de investigação desse estudo.

5.2.1 **A apócope da vogal [u] em Beco e em Seabra**

Analisados os dados dos 16 inquéritos das duas localidades conjuntamente, depreenderam-se do *corpus* 3.582 palavras que potencialmente comportam a vogal [u] nas duas localidades. Conforme se pode verificar na tabela 4, dessas 3.582 ocorrências, 1.365 foram realizadas na norma não-padrão da língua, correspondendo a um percentual de 38% de ausência da vogal final. Esse percentual de apócope revelado nas rodadas conjuntas sofreu alterações marcantes em relação aos resultados observados nas rodadas individuais. Optou-se, então, pela análise individual das localidades, onde se pudesse aferir melhor a apócope em cada uma delas isoladamente, obtendo, assim, um maior controle dos dados.

Para verificar os contextos favorecedores da apócope da vogal final [u], foram selecionados sete grupo de fatores, sendo três linguísticos e quatro sociolinguísticos. A exposição para a vogal [u] será norteada a partir das seleções feitas pelo programa GOLDVARB 2001 na quantificação dos dados, a saber:

(i) Localidade
(ii) Tipo de questionário
(iii) Gênero/sexo
(iv) Faixa etária
(v) Classe morfológica

(vi) Contexto fonético seguinte
(vii) Consoante pré-vocálica

Foi realizada uma rodada suplementar, controlando os mesmos fatores selecionados na rodada principal, para observar os resultados do cruzamento entre o gênero/sexo e a faixa etária. Nessa rodada o cruzamento foi selecionado pelo programa em segundo lugar como se pode ver:

(i) Localidade
(ii) Cruzamento gênero/sexo e faixa etária
(iii) Tipo de questionário
(iv) Contexto fonético seguinte
(v) Consoante pré-vocálica
(vi) Classe morfológica.

Tomando como base a ordem de seleção feita pelo programa GOLDARB 2001, serão discutidos os resultados obtidos na ordem em que as variáveis foram selecionadas, observando o tipo de variável linguística, sociolinguística, discursiva ou geolinguística. As rodadas feitas tiveram como *input* 0,381, o que é explicável tendo em vista o fato de que, em regra, esse número deve ser igual ou muito próximo do percentual que corresponde ao número total de aplicação da regra.

Serão apresentados os pesos relativos de aplicação da regra que é a ausência da vogal átona final [u] em Beco e Seabra. Tendo submetido os dados ao programa de análise estatística e obtidas as primeiras informações sobre as frequências brutas verificaram-se os casos de *knokouts*[33] e a necessidade de modificações e ajustes nos grupos. Nas próximas subseções, examinam-se, a partir dos cálculos das frequências e pesos relativos fornecidos pelo programa estatístico, os ambientes linguísticos e extralinguísticos que presidem a escolha dos informantes por uma das formas em variação.

[33] *Knockout* é uma terminologia usada pelo GOLDVARB para se referir a um determinado fator que apresente 0% ou 100 % de aplicação da regra num dado momento da análise, quaisquer que sejam os outros fatores presentes. Os *Knockouts* são resolvidos por meio de amálgamas ou exclusão de fator ou grupo inteiro de fatores.

5.2.1.1 As variáveis linguísticas

Dentre os sete grupos de fatores, selecionados com possível atuação no uso das variantes foram selecionadas pelo GOLDVARB apenas três fatores linguísticos: a classe morfológica, o contexto fonético seguinte e a consoante pré-vocálica.

5.2.1.1.1 *A classe morfológica*

A inclusão desse grupo de fatores, como já foi explicitado em 4.8.2.1, visa a checar a possibilidade de determinadas classes de palavra conterem certos contextos favoráveis ou desfavoráveis à aplicação da regra, conforme tabela 6, a seguir:

Tabela 6 – Apócope da vogal átona [u], segundo a classe morfológica, em Beco e em Seabra

Classe Morfológica	Apl./Total	%	P.R
Advérbio	203/395	51%	**0,61**
Verbo	286/649	44%	**0,58**
Pronome substantivo	54/205	26%	**0,56**
Pronome adjetivo	28/43	65%	**0,55**
Adjetivo	133/376	35%	0,48
Substantivo	646/1863	34%	0,44
Numeral	15/51	29%	0,26
Total	1365/3.582	38%	

Significância 0,001

A tabela mostra certa discrepância entre os pesos relativos e percentuais para algumas classes. No entanto, o programa de pesos relativos recoloca a atuação dos fatores nos devidos lugares.

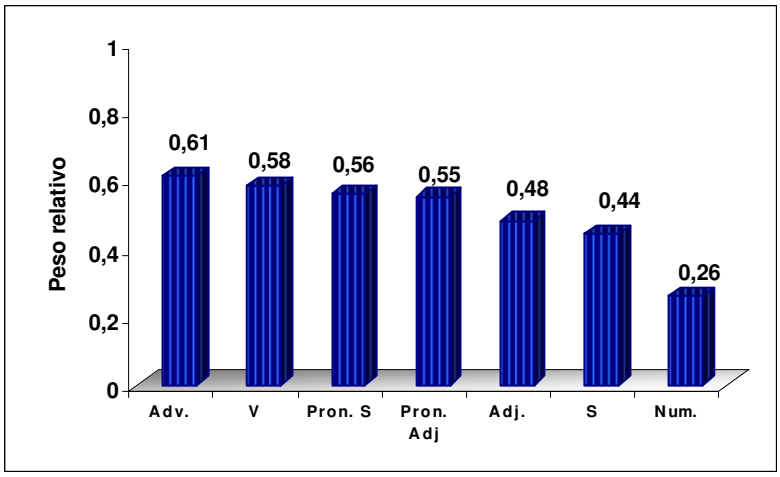
Os resultados apresentados na tabela 6 indicam que a classe de palavra que mais condiciona o apagamento é a classe dos advérbios que apresenta um peso relativo de 0,61 com relação à aplicação da regra. Palavras como [ˈoʒ] (hoje); [ˈpɛht] (perto); [ˈsed] (cedo) apresentam uma probabilidade maior de a vogal final [u] ser apagada. É importante ressaltar

que, neste caso, a força da consoante parece ser maior do que a força da classe gramatical no favorecimento da queda. Feita uma análise específica dos advérbios no *corpus*, constatou-se que os advérbios muito ~ [muitˈ], quando ~ [ˈkuan], sempre ~ [ˈsẽp] tiveram uma alta representatividade. Isso leva a concluir que o favorecimento não parece estar associado à classe, mas sim, ao contexto consonântico que precede à vogal final, como a oclusivas [t], o grupo consonântico [pɾ] e a nasal dento-alveolar [n].

Os verbos também favorecem o apagamento da vogal átona final com um peso relativo de 0,58 de aplicação da regra. Nas comunidades em estudo, palavras como [faˈlẽn] (falano); [ˈgɔst] (gosto); [ˈpɔd] (pode) sofrem grande influência do apagamento.

Tanto os pronomes substantivos quanto os pronomes adjetivos revelaram-se como favorecedores do apagamento da vogal [u] com pesos relativos de 0,56 e 0,55, respectivamente, não havendo, portanto, distinção de atuação entre os dois tipos de pronomes. No entanto, a diferença de percentuais entre as duas classes de pronomes mostra uma maior frequência da queda da vogal nos pronomes adjetivos (65%).

O gráfico 1, a seguir, ilustra bem esses resultados:



Significância 0,001

Gráfico 1 – Apócope da vogal átona [u] em função da classe morfológica, em Beco e em Seabra

5.2.1.1.2 *O contexto fonético seguinte*

Este grupo de fatores buscou verificar se a natureza do contexto seguinte à vogal poderia exercer alguma influência no processo de apócope da vogal final [u]. Para este estudo,

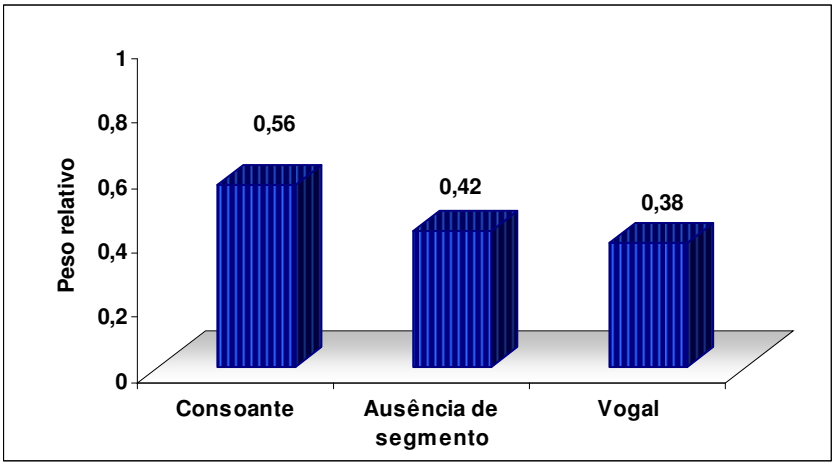
analisaram-se os contextos seguidos de consoante, ausência de segmento e vogal sem ressilabação. A rodada conjunta de Beco e Seabra apresentou os seguintes resultados para o contexto fonético seguinte.

Tabela 7 - Apócope da vogal átona [u], segundo o contexto fonético seguinte, em Beco e em Seabra

Contexto fonético seguinte	Apl./Total	%	P.R
Consoante	873/1993	43%	**0,56**
Ausência de segmento	456/1533	29%	0,42
Vogal	36/56	64%	0,38
Total	1.365/3.582	38%	

Significância 0,001

Os resultados apresentados acima indicam que o apagamento da vogal átona final [u] é favorecido apenas quando o contexto é seguido de consoante. Os contextos não seguidos de segmento ou seguidos de vogal não apresentaram efeitos estatisticamente significantes. Vale ressaltar, no entanto, que, com um peso relativo de 0,56, seria mais cauteloso falar em uma tendência ao processo de apócope nos contextos seguidos de consoantes, como mostra o gráfico a seguir:



Significância 0,001

Gráfico 2 – Apócope da vogal átona [u], em função do contexto seguinte, em Beco e em Seabra

Em Oliveira (2006), o processo de apagamento da vogal é favorecido pelo contexto vocálico seguinte, o que é atribuído a um processo de ressilabação vocálica ocorrido no português devido à elisão da vogal da variável. Neste estudo, os casos de ressilabação não foram considerados, conforme dito na seção 4.6.1.

5.2.1.1.3 *A consoante pré-vocálica*

A inclusão deste grupo de fator visa a observar o tipo de consoante que mais favorece o apagamento da vogal em contexto antecedente.

Inicialmente pensou-se em analisar a consoante pré-vocálica, identificada separadamente, quanto ao modo, quanto à zona de articulação e quanto à sonoridade. Após a primeira rodada no GOLDVARB, observou-se que alguns fatores apresentaram problemas e foram eliminados pelo programa. Para resolver esta questão, optou-se pela recodificação e as consoantes pré-vocálicas foram reunidas em um único grupo, mantendo as características quanto à zona, modo de articulação e sonoridade.

Apresentam-se, a seguir, os resultados gerais da ausência da vogal final [u], com as frequências e os pesos relativos, em função da consoante pré-vocálica:

Tabela 8 – Apócope da vogal átona [u], segundo a consoante pré-vocálica, em Beco e em Seabra

Consoante pré-vocálica	Apl./Total	%	P.R
Grupo consonântico obstruinte + [ɾ]	33/69	47%	**0,82**
Oclusiva bilabial surda [p]	57/119	47%	**0,62**
Nasal dento-alveolar sonora [n]	204/451	45%	**0,61**
Fricativa dento-alveolar surda [s]	82/220	37%	**0,57**
Fricativa palatal surda [ʃ]	67/123	54%	**0,57**
Fricativa labiodental sonora [v]	55/130	42%	**0,57**
Oclusiva dento-alveolar surda [t]	231/580	39%	0,52
Oclusiva dento-alveolar sonora [d]	212/605	35%	0,52
Fricativa labiodental surda [f]	13/32	40%	0,50
Fricativa palatal sonora [ʒ]	26/61	42%	0,49
Oclusiva bilabial sonora [b]	31/86	36%	0,47
Lateral alveolar sonora [l]	38/121	31%	0,45
Nasal bilabial sonora [m]	76/162	46%	0,42
Fricativa velar surda [x]	32/102	31%	0,40
Oclusiva velar surda [k]	61/169	36%	0,39
Fricativa dento-alveolar sonora [z]	21/77	27%	0,38
Tepe dento-alveolar sonoro [ɾ]	54/183	29%	0,33
Oclusiva velar sonora [g]	50/165	30%	0,31
Lateral palatal sonora [ʎ]	22/126	17%	0,23
Total	1365/3.582	38%	

Significância 0,001

Os resultados apresentados acima indicam que o grupo consonântico obstruinte + tepe favorece significativamente o processo de apócope da vogal átona final [u]. Apesar de não apresentar uma frequência alta na amostra analisada, esse grupo favorece a apócope com 0,82 de peso relativo. Nas comunidades analisadas, observa-se também uma tendência constante ao apagamento do tepe no grupo consonântico. São verificadas realizações do tipo:

(93) Semp [ˈsẽp] semp assim, né? (Inf. 05, homem, 52 anos)

(94) Quand eu tô dent [ˈdẽt] de casa. (Inf. 07, mulher, 50 anos)

Quando se trata da oclusiva bilabial surda [p], os dados indicam que há também um condicionamento significativo a favor da queda da vogal final. Apesar de apresentar um percentual de frequência semelhante ao do grupo anterior, o peso relativo de **0,62** demonstra que a consoante oclusiva bilabial surda [p] favorece a aplicação da regra nas comunidades em análise, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

(95) QFF : 018

– Ah! [ˈsap] (sapo) (Inf. 06, homem, 56 anos)

(96) QFF : 036

– Os [ˈbisp] (bispos) (Inf. 03, mulher, 22 anos)

Os resultados obtidos para o contexto antecedente de nasais revelam que a consoante nasal dento-alveolar sonora [n] favorece a apócope da vogal final [u] com um peso relativo de 0,61. O que se pode observar nas localidades é que o falante demonstra grande preferência pelo uso de formas de variantes não-padrão como em conversando – *conversanu;* falando - *falanu*. Em Beco foram registradas ocorrências do tipo:

(97) El [kũvɛˈsɐ̃n] (*convesano*) cum primu (Inf. 01, homem, 22 anos)

(98) Os [miˈnĩn] (mininu) lá de São Paul (Inf. 08, mulher, 56 anos)

O favorecimento do contexto de fricativas pré-vocálicas para a queda da vogal átona final [u] pode ser resumido da seguinte maneira: não há distinção quanto aos pesos relativos de aplicação da regra entre a consoante fricativa dento-alveolar surda [s], a fricativa palatal surda [ʃ] e a fricativa labiodental sonora [v]. Os pesos relativos revelam que o apagamento precedido de fricativas é favorecido da mesma forma, independente da zona de articulação: labiodental, dento-alveolar ou palatal. As três consoantes apresentam um condicionamento de 0,57 de aplicação da regra.

(99) Fricativa dento-alveolar surda [s]:

Ela [ˈdis] que uma coisa a gente deveria fazê (Inf. 15, mulher, 53 anos)

(100) Fricativa palatal surda [ʃ]:

Acabô da cintura pra [ˈbaʃ] (baixo) (Inf. 08, mulher, 56 anos)

(101) Fricativa labiodental sonora [v]:

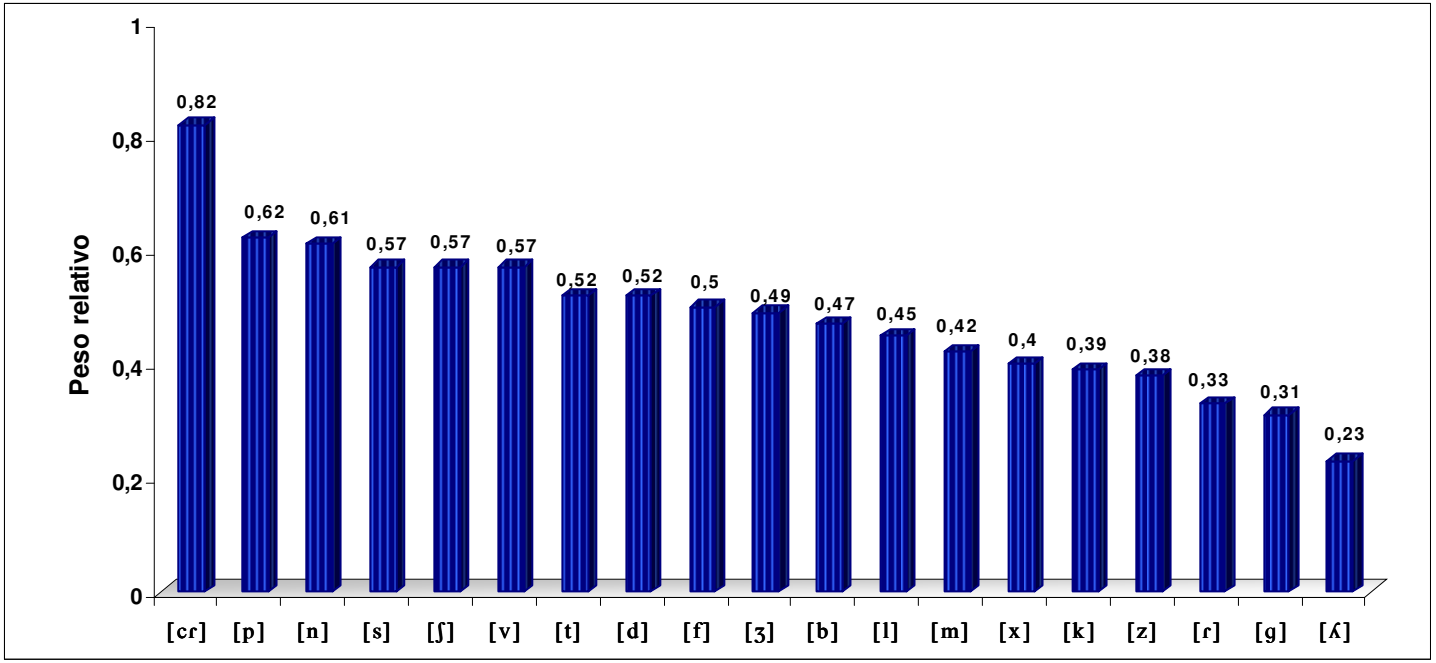
Não, não [ˈtiv] (tive) nada não (Inf. 01, homem, 22 anos)

Não foi verificada uma diferença significativa entre as oclusivas dento-alveolares surdas e sonoras no favorecimento da regra. Os pesos relativos para a oclusiva dento-alveolar surda [t] (0,52) e a oclusiva dento-alveolar sonora [d] (0,52) são os mesmos. Pode-se dizer que essas consoantes não exercem significado estatístico algum com relação à aplicação da regra, já que tais valores estão dentro da margem de erro considerada para mais ou para menos.

Comportamento semelhante foi observado com a fricativa labiodental surda [f]. O peso relativo de 0,50 evidencia que esta consoante não exerce atuação alguma sobre o processo de apócope, diferente da fricativa labiodental sonora [v] que condiciona um pouco mais.

As outras consoantes tiveram um peso relativo abaixo de 0,50, logo não serão comentadas detalhadamente nesta análise. Elas constituem dados importantes para comparações futuras, envolvendo o todo da pesquisa.

Os dados das principais consoantes pré-vocálicas favorecedoras da apócope da vogal final [u] podem ser visualizados no gráfico 3.



Significância 0,001

Gráfico 3 – Apócope da vogal átona [u], em função da consoante pré-vocálica, em Beco e em Seabra

[cɾ] = grupo consonântico obstruinte + tepe

1.2 As variáveis sociolinguísticas

Quanto aos fatores sociais, foram colocados sob análise as variáveisl gênero/sexo e faixa etária do informante. Essas duas variáveis foram excluídas em algumas das tentativas de rodadas, até que se realizou uma rodada, excluindo o grupo interferência do informante, e, finalmente, elas foram selecionadas pelo programa. Em todas as rodadas, o gênero/sexo do informante foi selecionada antes da faixa etária.

5.2.1.2.1 *A variável gênero/sexo*

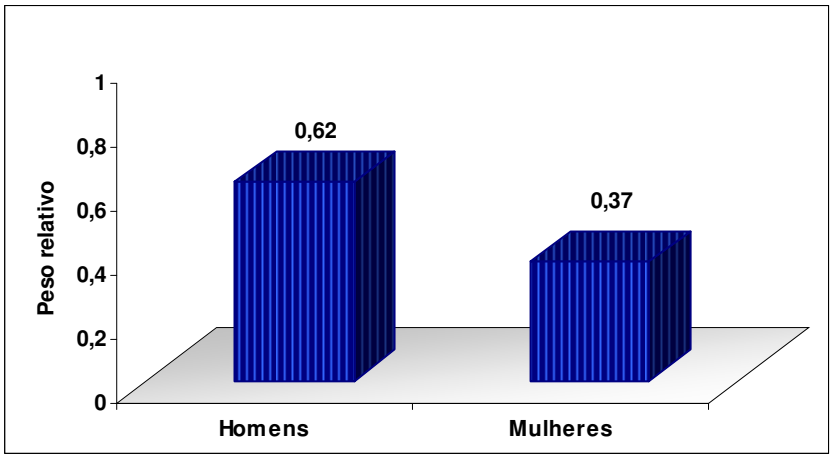
Vejam-se os resultados para a atuação do fator gênero/sexo sobre a variável na tabela 9:

Tabela 9 – Apócope da vogal átona [u], segundo o gênero/sexo, em Beco e em Seabra

Gênero/sexo	Apl./Total	%	P.R
Homem	797/1753	45%	**0,62**
Mulher	568/1829	31%	0,37
Total	1.365/3.582	38%	

Significância 0,001

A tabela acima indica que, nas localidades em estudo, a apócope é bastante favorecida pelos homens, apresentando um peso relativo de 0,62 de aplicação da regra. É possível visualizar a diferença na fala de homens e mulheres nas comunidades. Os resultados revelam que mulheres tendem a usar formas mais padronizadas do que os homens. Os resultados da tabela indicam que esse comportamento da mulher preferindo formas mais prestigiadas está evidente tanto em termos percentuais quanto em peso relativo com 0,37 de aplicação da regra. Como se pode ver, por ser uma forma estigmatizada, a mulher evita usá-la, uma vez que é mais seletiva em suas realizações linguísticas. Esse resultado pode ser melhor visualizado no gráfico 4.



Significância 0,001

Gráfico 4 – Apócope da vogal átona [u], segundo o gênero/sexo, em Beco e em Seabra

5.2.1.2.2 *A variável faixa etária*

A tabela abaixo mostra a distribuição da apócope de acordo com cada faixa etária na rodada conjunta de Beco e Seabra:

Tabela 10 – Apócope da vogal átona [u], segundo a faixa etária, em Beco e em Seabra

Faixa etária	Apl./Total	%	P.R
50 a 65 anos	818/1.866	43%	**0,60**
18 a 30 anos	547/1.716	31%	0,38
Total	1.365/3.582	38%	

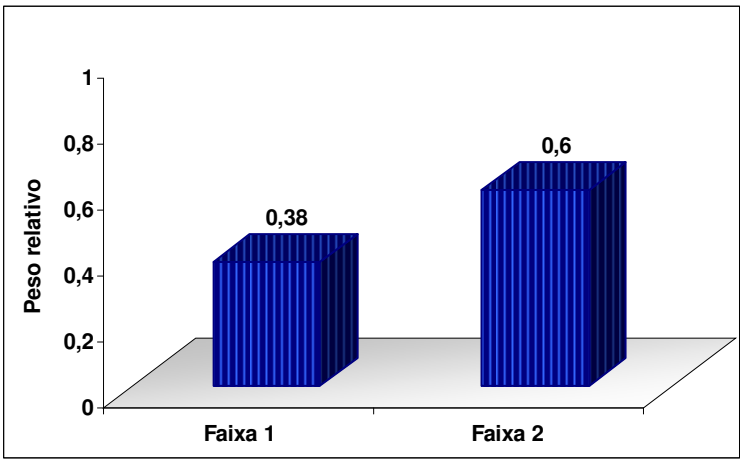
Significância 0,001

Os dados mostraram que a faixa etária confirmou o que vem sendo uma tendência geral. Os mais idosos tendem mais à norma não-padrão, enquanto que os mais jovens tendem ao padrão. Os indivíduos com idade entre 50 e 65 anos apresentam um alto índice de aplicação da regra com 0,60 de peso relativo. Tal resultado pode ser explicado pelo fato de esses indivíduos terem abandonado os estudos há muito tempo e terem pouco ou quase nenhum contato com o meio letrado.

Os falantes com idade entre 18 e 30 anos revelaram um uso maior da norma padrão e, consequentemente, um baixo índice de aplicação da regra, o que pode ser explicado se considerarmos que indivíduos mais jovens estão mais sintonizados com os contextos sociais

que divulgam a norma de prestígio. Além disso, são os mais escolarizados da amostra. A maioria estudou até 7ª serié do ensino fundamental, o que comprova a atuação da escolaridade como um forte divisor social no seio de uma comunidade. Pode-se concluir que o fato de a apócope ser uma variante estigmatizada na localidade, os mais jovens evitam essa forma.

Postos esses resultados em gráfico, visualiza-se melhor a configuração, segundo a faixa etária dos informantes na amostra.



Significância 0,001

Gráfico 5 – Apócope da vogal átona [u], segundo a faixa etária, em Beco e em Seabra

5.2.1.2.3 *Cruzamento entre as variáveis gênero/sexo e faixa etária*

A fim de tornar os resultados mais transparentes e observar de forma mais clara o comportamento da variável na amostra foi realizada uma rodada suplementar para verificar o cruzamento entre os grupos gênero/sexo e faixa etária em Beco e Seabra. Nessa rodada, esse cruzamento foi o segundo colocado na ordem de seleção pelo GOLDVARB. Essa rodada teve como *input* 0,381 e nível de significância 0,008. Os resultados estão apresentados na tabela 11.

Tabela 11 – Apócope da vogal átona [u], em função do gênero/sexo e da faixa etária, em Beco e em Seabra

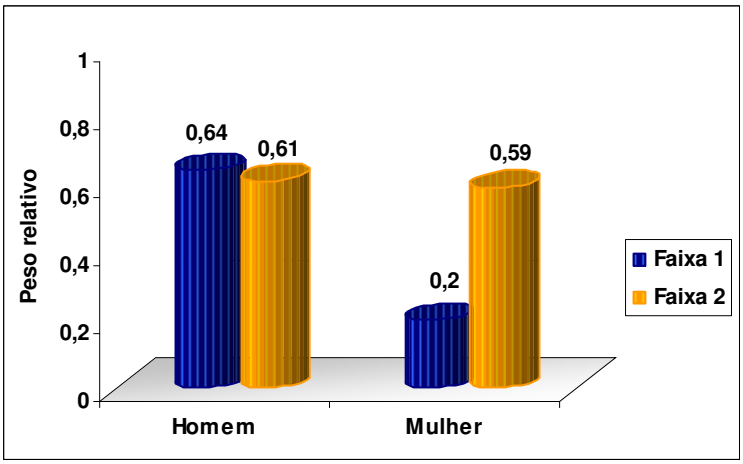
Gênero/sexo	Faixa 1			Faixa 2		
	Apl./Total	**%**	**P.R**	**Apl./Total**	**%**	**P.R**
Homem	349/781	44%	**0,64**	448/972	46%	**0,61**
Mulher	198/935	20%	0,20	370/894	41%	**0,59**
Total	1.365/3582	38%				

Significância 0,008

A tabela 11 indica que a diferença entre os dois gêneros só ocorre na faixa 1. Os homens favorecem mais o processo de apócope nessa faixa com 0,64 de aplicação da regra, enquanto as mulheres tendem a usar a variante de mais prestígio social, revelando uma acentuada tendência ao uso da norma padrão com um índice baixo de aplicação da regra tanto em percentuais (20%) quanto em peso relativo (0,20). Observa-se que a mulher da faixa 1 revela-se mais seletiva quanto ao uso das variantes, preferindo as formas de mais prestígio linguístico. Trata-se de pessoas bem jovens que mantêm mais contatos fora da comunidade, maior interação com a tecnologia e os meios de comunicação. Além disso, as mulheres da faixa 1 possuem um nível de escolarização, ainda que incompleto, mais alto, do grupo de informantes nesta amostra.

A observação dos resultados mostra que a mulher da faixa 2 utiliza mais a variante não-padrão do que a mulher da faixa 1. Tal resultado pode estar associado ao fato de essas mulheres pouco se deslocarem da comunidade e à pouca escolaridade, pois esse grupo abandonou os estudos nas séries iniciais.

Os dados revelam ainda que, tanto o homem (0,61) quanto a mulher (0,59) da faixa 2 favorecem o processo de apócope. Os valores são muito próximos para cada sexo, levando a crer que a faixa etária, neste caso, tende a favorecer mais do que o gênero. O gráfico 6 ilustra de forma bastante clara a distribuição desses resultados.



Significância 0,008

Gráfico 6 – Apócope da vogal átona [u], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Beco e em Seabra

Como se pode ver, os resultados apresentados, no gráfico 6, indicam uma acentuada diferença entre a mulher da faixa 1 e a mulher da faixa 2.

5.2.1.3 As variáveis discursivas

Este fator visa a observar a influência do tipo de discurso utilizado na realização da apócope pelos informantes em Beco e Seabra. Nessa rodada, o tipo de questionário foi o terceiro fator selecionado pelo programa. Os resultados podem ser verificados na tabela 12:

Tabela 12 - Apócope da vogal átona [u], segundo o tipo de questionário, em Beco e em Seabra

Tipo de questionário	Apl./Total	%	P.R
Discurso semidirigido	966/2.234	43%	**0,57**
Questionário fonético-fonológico	399/1.348	29%	0,38
Total	1.365/3.582	38%	

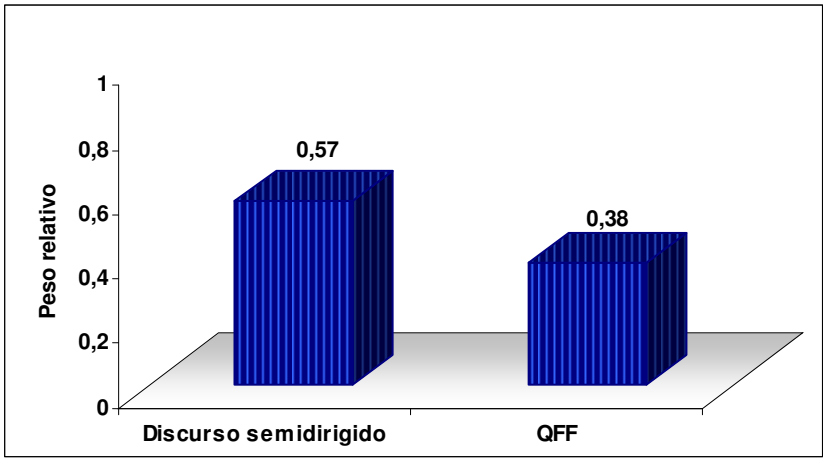
Significância 0,001

A tabela acima indica que a apócope da vogal átona [u] ocorre mais no discurso semidirigido tanto em termos percentuais quanto em termos de peso relativo. Esse resultado

reforça os postulados de Labov (2008) de que na fala espontânea os informantes prestam menos atenção ao que é dito e aproximam-se mais do vernáculo.

Os dados mostram que, no questionário fonético-fonológico, os informantes apresentam 0,38 de aplicação da regra. Isto se deve a um maior monitoramento da fala em função das perguntas e das respostas esperadas. O contrário pode ser observado no discurso semidirigido que apresenta um valor de 0,57 de peso relativo, revelando um acentuado favorecimento em função do grau de espontaneidade da fala. Parece que o fato de o pesquisador ser da área contribuiu muito para a fluência dos discursos nas entrevistas, pois, assim, ele permitia o prolongamento de assuntos interessantes ao trabalho.

No gráfico 7, pode-se visualizar com mais clareza a distribuição do tipo de questionário no favorecimento da apócope da vogal final [u] na amostra conjunta de Beco e Seabra.



Significância 0,001

Gráfico 7 - Apócope da vogal átona [u], segundo o tipo de questionário, em Beco e em Seabra

5.2.1.4 <u>As variáveis geolinguísticas</u>

5.2.1.4.1 *A localidade*

Com a variável comunidade postula-se verificar em que comunidade analisada a tendência à apócope é mais acentuada.

Esse grupo de fatores foi o primeiro selecionado em todas as rodadas. A tabela 13 apresenta os resultados, considerando as duas localidades.

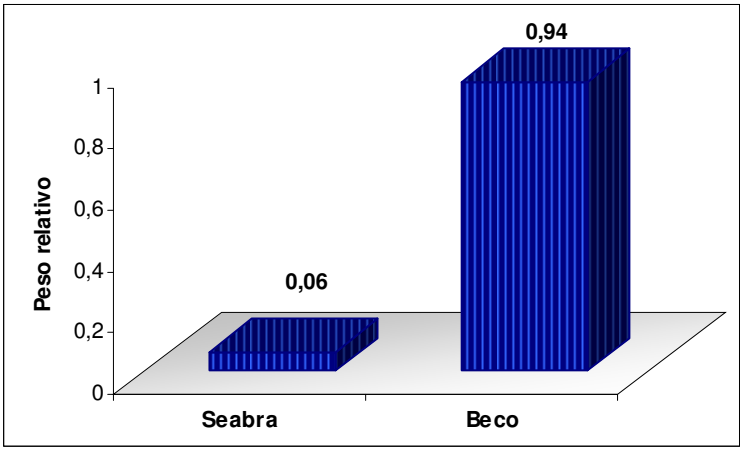
Tabela 13 - Apócope da vogal átona [u], em função das localidades: Beco e Seabra

Localidade	Apl./Total	%	P.R
Beco	1.311/1.744	43%	**0,97**
Seabra	54/1.838	2%	0,06
Total	1.365/3.582	38%	

Significância 0,001

Os resultados revelam uma discrepância muito grande entre Beco e Seabra quanto à aplicação da regra. Em Seabra quase não há apócope, apresentando tanto um percentual quanto um peso relativo muito baixos. Os resultados indicaram apenas 0,06 de aplicação da regra em Seabra e 0,97 de peso relativo em Beco.

Esses dados estão ilustrados no gráfico 8.



Significância 0,001

Gráfico 8 – Apócope da vogal átona [u], em função das localidades: Beco e Seabra

Os resultados apresentados no gráfico indicam que a apócope é um fenômeno característico da localidade de Beco. A proximidade entre as duas localidades não interfere no uso linguístico da comunidade que, apesar de ter Seabra como a principal via por onde escoa sua pequena produção, mantém sua marca linguística inalterada.

Na próxima seção serão analisadas as tabelas contendo os dados que demonstram o uso individual dos falantes em cada uma das localidades, separadamente.

5.2.2 **A apócope da vogal [u] em Beco**

Analisados os dados dos 8 inquéritos da comunidade de Beco, individualmente, depreendeu-se do *corpus* um total de 2.537 ocorrências para a vogal [u]. Feitas as alterações necessárias, procederam-se as rodadas válidas com o GOLDVARB, estabelecendo as frequências e os pesos relativos em função da variável. Os grupos considerados estatisticamente relevantes na primeira rodada, que teve como *input* 0,752, são, na ordem sugeridas pelo programa:

(i) Tipo de questionário
(ii) Gênero/sexo
(iii) Faixa etária
(iv) Classe morfológica
(v) Consoante pré-vocálica
(vi) Contexto fonético seguinte

Para compreender melhor o fenômeno, foram realizadas duas rodadas suplementares. Primeiramente, cruzaram-se as variáveis gênero/sexo e a faixa etária do informante. Nessa rodada, que teve como *input* 0,752, o cruzamento foi selecionado em primeiro lugar. A ordem de seleção foi a seguinte:

(i) Cruzamento entre gênero/sexo e a faixa etária
(ii) Tipo de questionário
(iii) Classe morfológica
(iv) Contexto fonético seguinte
(v) Consoante pré-vocálica

Em seguida, foi realizada uma rodada para observar a interferência individual dos informantes quanto ao uso da apócope na comunidade de Beco. Com um *input* de 0,752, essa

rodada teve o grupo de informantes como o primeiro na ordem de seleção pelo programa que foi a seguinte:

(i) Informantes
(ii) Tipo de questionário
(iii) Contexto fonético seguinte
(iv) Classe morfológica
(v) Consoante pré-vocálica

Os resultados de Beco seguem obedecendo à ordem de seleção feita pelo GOLDVARB, mas, organizados de acordo com o tipo de variável – linguística, sociolinguística, discursiva ou geolinguística.

5.2.2.1 Variáveis linguísticas

Dentre as variáveis linguísticas sugeridas, o programa selecionou três: a classe morfológica, o contexto fonético seguinte, e a consoante pré-vocálica. Serão apresentados os resultados das rodadas para a vogal [u] em Beco, na ordem em que os fatores linguísticos foram selecionados pelo programa.

5.2.2.1.1 *A classe morfológica*

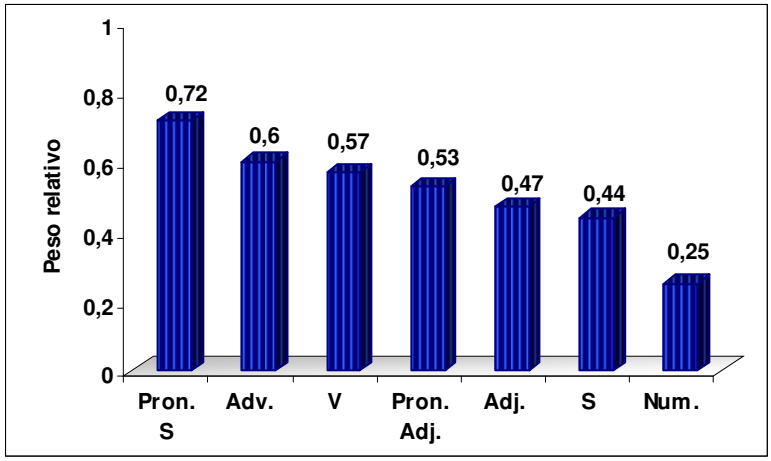
Em análise da comunidade de Beco isoladamente, os resultados revelaram um condicionamento relevante dos pronomes substantivos como favorecedores do processo de apócope tanto em percentuais (92%) quanto em peso relativo (0,72). Os verbos, os advérvios e os pronomes adjetivos mantiveram, praticamente, o mesmo condicionamento apresentado nas rodadas conjuntas de Beco e Seabra. Para a vogal [u] em Beco, foram encontrados 0,57 de aplicação da regra para os verbos 0,60 para os advérbios e 0,53 para os pronomes adjetivos. Esses resultados podem ser verificados na tabela 14.

Tabela 14 – Apócope da vogal átona [u], segundo a classe morfológica, em Beco

Classe Morfológica	Apl./Total	%	P.R
Pronome substantivo	51/55	92%	**0,72**
Advérbio	193/221	87%	**0,60**
Verbo	267/304	87%	**0,57**
Pronome adjetivo	27/32	84%	**0,53**
Adjetivo	129/180	71%	0,47
Substantivo	630/928	67%	0,44
Numeral	14/24	58%	0,25
Total	1.311/1.744	75%	

Significância 0,007

As classes dos adjetivos, substantivos e numerais na amostra em análise não se mostraram relevantes para o favorecimento do processo de apócope da vogal final [u], em Beco, mas podem ser para o confronto com resultados futuros. Os resultados da atuação da classe morfológica estão ilustrados no gráfico 9.



Significância 0,007

Gráfico 9 – Apócope da vogal átona [u], em função da classe morfológica, em Beco

Como se pode ver no gráfico 9, a distribuição dos resultados da vogal [u] para a classe morfológica, na análise de Beco, apresenta uma distribuição estatisticamente significativa para o favorecimento da regra, com destaque para os pronomes substantivos.

5.2.2.1.2 *A consoante pré-vocálica*

Nas rodadas individuais de Beco, embora as consoantes favorecedoras sejam as mesmas observadas na rodada conjunta, não há grandes diferenças quanto ao seu condicionamento, exceto quanto ao grupo consonântico obstruinte + [ɾ] que passa a ter um peso relativo mais baixo, mantendo-se, no entanto, como o maior favorecedor da apócope no grupo.

Na tabela 15, encontram-se os resultados das rodadas individuais de Beco e seus respectivos pesos relativos.

Tabela 15 – Apócope da vogal átona [u], segundo a consoante pré-vocálica, em Beco

Consoante pré-vocálica	Apl./Total	%	P.R
Grupo consonântico obstruinte + [ɾ]	28/30	93%	**0,68**
Oclusiva bilabial surda [p]	56/73	47%	**0,64**
Fricativa dento-alveolar surda [s]	80/97	82%	**0,63**
Nasal dento-alveolar sonora [n]	192/221	86%	**0,61**
Fricativa palatal surda [ʃ]	67/81	82%	**0,61**
Fricativa labiodental sonora [v]	54/68	79%	**0,61**
Oclusiva dento-alveolar sonora [d]	203/237	85%	**0,54**
Fricativa labiodental surda [f]	13/21	61%	**0,53**
Fricativa palatal sonora [ʒ]	26/41	63%	0,51
Oclusiva bilabial sonora [b]	31/50	62%	0,49
Oclusiva dento-alveolar surda [t]	212/258	82%	0,46
Lateral alveolar sonora [l]	37/61	60%	0,45
Nasal bilabial sonora [m]	76/98	77%	0,45
Fricativa velar surda [x]	32/53	60%	0,42
Fricativa dento-alveolar sonora [z]	21/35	60%	0,42
Oclusiva velar surda [k]	57/93	61%	0,34
Tepe dento-alveolar sonoro [ɾ]	54/92	58%	0,33
Oclusiva velar sonora [g]	50/85	58%	0,31
Lateral palatal sonora [ʎ]	22/50	44%	0,24
Total	1.311/1.744	75%	

Significância 0,007

Como pode se ver nos resultados da tabela 10, com relação à rodada conjunta Beco e Seabra, separadamente, observa-se:

a) o grupo consonântico obstruinte + tepe aumenta o seu percentual para 93% e tem o seu peso relativo diminuído para 0,68, mantendo-se como o maior favorecedor da apócope;

b) a consoante oclusiva bilabial surda [p] mantém o percentual (47%), mas aumenta o peso relativo para 0,64;

c) os dados mostram uma inversão na ordem da fricativa dento-alveolar surda [s] e a nasal dento-alveolar sonora [n] nos resultados de Beco, quanto ao favorecimento da regra, mas os valores não chegam a ser significativos e mantêm-se muito próximos: a nasal dento-alveolar sonora [n] apresentou um peso relativo de 0,61 na análise conjunta e 0,63 de

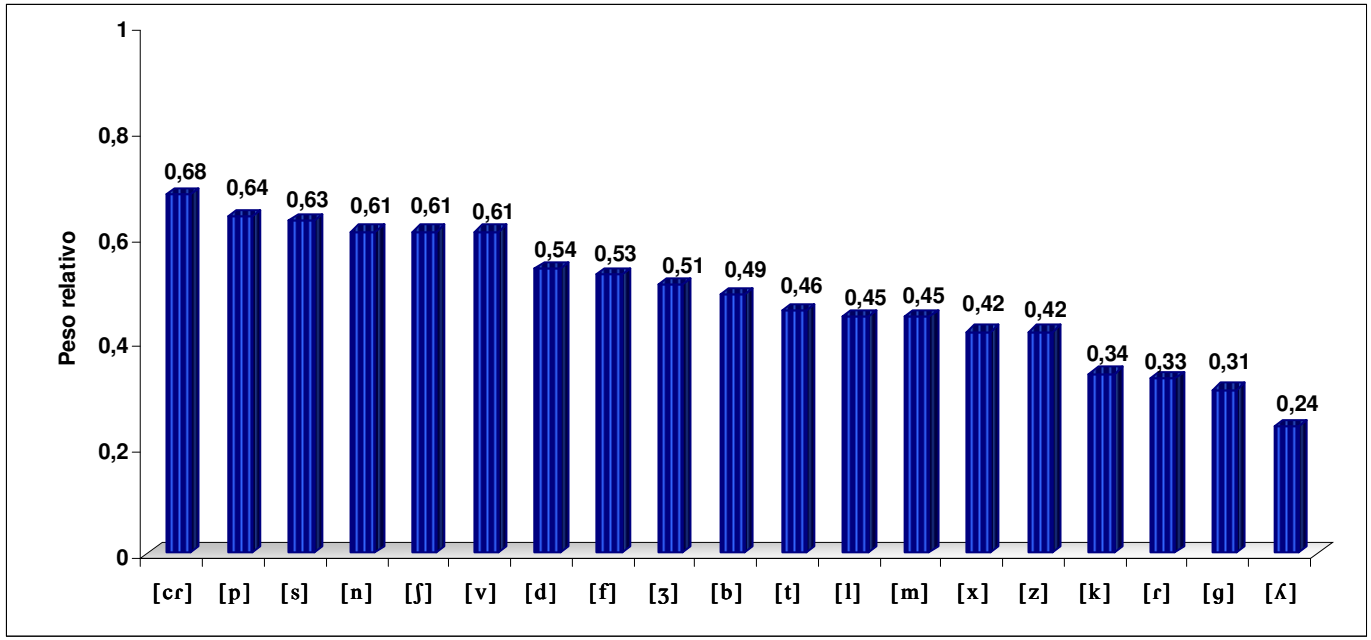
aplicação da regra na análise individual, enquanto a fricativa dento-alveolar surda [s] variou de 0,57 na análise conjunta para 0,63 em Beco, individualmente.

d) a fricativa palatal surda [ʃ] e a fricativa labiodental sonora [v] mantiveram a mesma ordem de favorecimento, no entanto, apresentaram percentuais mais elevados com 82% para a fricativa palatal surda [ʃ] e 79 % para a fricativa labiodental sonora [v]. Os dados mostram que as duas consoantes continuam favorecendo a aplicação da regra com a mesma intensidade. Ambas passaram de 0,57 na análise conjunta das localidades para 0,61 de peso relativo;

e) a consoante oclusiva dento-alveolar sonora [d] apresentou um condicionamento mais alto na análise individual das localidades do que na análise conjunta. Nas duas rodadas essa consoante mostrou-se favorecedora do processo, mas, em Beco, a oclusiva dento-alveolar sonora [d] favorece um pouco mais, com 0,54 de peso relativo;

f) a consoante fricativa labiodental surda [f], que, na análise conjunta mostrou-se neutra, apresentou um tímido aumento no peso relativo (0,53) na análise individual de Beco.

Postos esses resultados em gráfico, visualizam-se as principais consoantes pré-vocálicas favorecedoras da apócope da vogal [u] em Beco.



Significância 0,007

Gráfico 10 – Apócope da vogal átona [u], em função da consoante pré-vocálica, em Beco

[cɾ] = grupo consonântico obstruinte + tepe

Condicionada por um grupo consonântico ou simplesmente por uma consoante a apócope em Beco revela-se como um fenômeno presente nas ocorrências da comunidade. Com índice de atuação mais elevado ou menos elevado, todas as consoantes investigadas tiveram a sua participação no processo, contribuindo de alguma forma para a aplicação da regra. Sendo assim, os resultados apresentados parecem confirmar a hipótese inicial de que estaria ocorrendo um processo de apócope na localidade.

5.2.2.1.3 *Contexto fonético seguinte*

O contexto fonético seguinte foi o último grupo de fatores linguísticos selecionado pelo programa para a apócope da vogal [u] em Beco.

Os resultados apresentados para este grupo de fatores na rodada de Beco, individualmente, não diferem muito dos resultados encontrados nas rodadas conjuntas, como se pode ver na tabela 16.

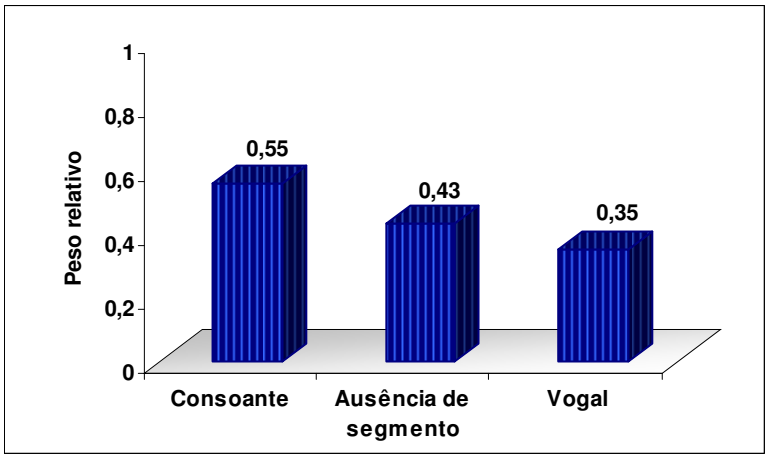
Tabela 16 - Apócope da vogal átona [u], segundo o contexto fonético seguinte, em Beco

Contexto fonético seguinte	Apl./Total	%	P.R
Consoante	827/972	85%	**0,55**
Ausência de segmento	448/726	61%	0,43
Vogal	36/46	78%	0,35
Total	1.311/1.744	75%	

Significância 0,007

É possível visualizar que o contexto fonético seguinte não mostrou uma grande relevância na apócope da vogal [u] em Beco, mas, mesmo assim, tem interferência no processo. Os dados revelam que, na rodada individual de Beco, o contexto fonético seguido de consoante favorece mais o processo de apócope (0,55) do que os outros contextos.

O gráfico 11 apresenta esses resultados de maneira que se possa ter uma visualização melhor.



Significância 0,007

Gráfico 11 – Apócope da vogal átona [u], em função do contexto seguinte, em Beco

5.2.2.2 As variáveis sociolinguísticas

Nas rodadas individuais de Beco as variáveis gênero/sexo e faixa etária do informante sempre foram selecionadas. Em todas as rodadas, o gênero foi selecionado antes da faixa etária. Os resultados de cada uma das variáveis serão apresentados e discutidos a seguir.

5.2.2.2.1 *A variável gênero/sexo*

Tomando por base a amostra, a apócope se manifesta de forma diferente na fala de homens e mulheres. Os resultados mostram que, em Beco, os homens utilizam mais a variante não-padrão da língua do que as mulheres. Os dados da rodada de gênero/sexo, em Beco, podem ser verificados na tabela 17:

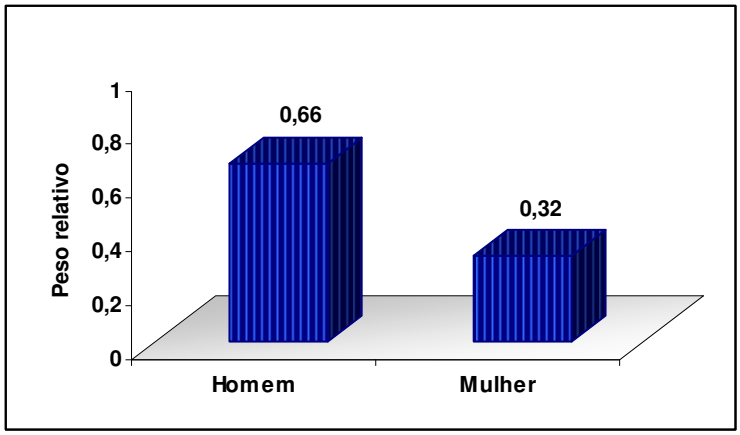
Tabela 17 – Apócope da vogal átona [u], segundo o gênero/sexo, em Beco

Gênero/sexo	Apl./Total	%	P.R
Homem	778/904	86%	**0,66**
Mulher	533/840	63%	0,32
Total	1.311/1744	75%	

Significância 0,007

Os resultados indicam que, em Beco, os homens realizam mais a apócope com 0,66 de aplicação da regra, enquanto as mulheres apresentaram 0,32. Esses resultados foram verificados nas rodadas conjuntas e se mantêm na rodada individual de Beco.

O gráfico 12 ilustra melhor essa situação.



Significância 0,007

Gráfico 12 – Apócope da vogal átona [u], segundo o gênero/sexo, em Beco

5.2.2.2.2 *A variável faixa etária*

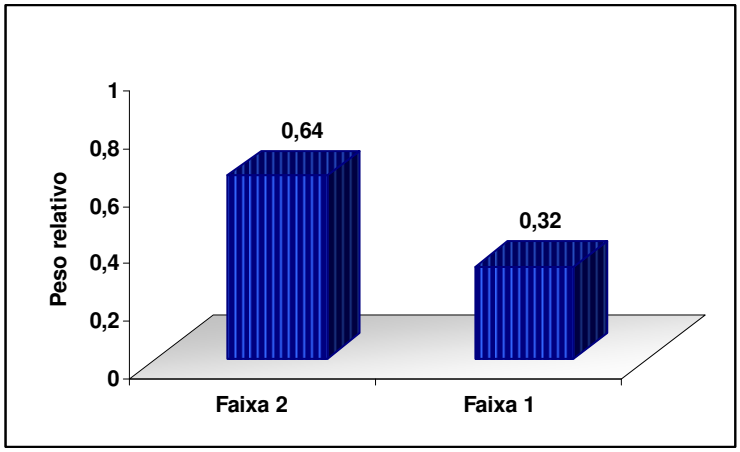
Em análise das comunidades isoladamente, os resultados de Beco apresentam as mesmas tendências reveladas nas rodadas conjuntas, como mostra a tabela 18.

Tabela 18 – Apócope da vogal átona [u], segundo a faixa etária, em Beco

Faixa etária	Apl./Total	%	P.R
50 a 65 anos	804/950	**84**%	**0,64**
18 a 30 anos	507/794	63%	0,32
Total	1.311/1744	75%	

Significância 0,007

Os resultados apresentados na tabela 24 indicam que, na comunidade de Beco, a faixa etária 2 realiza mais apócope do que a faixa 1 tanto em percentuais quanto em pesos relativos. O homem da faixa 2 apresentou 0,64 de aplicação da regra. Esse valor corresponde ao dobro da aplicação da regra para homens da faixa 1 que é de 0,32. Pode-se crer que, na comunidade de Beco, a faixa 2 lidera o processo de apócope. Para visualizar essa situação os dados serão apresentados no gráfico 13.



Significância 0,007

Gráfico 13 – Apócope da vogal átona [u], segundo a faixa etária, em Beco

5.2.2.2.3 *Cruzamento das variáveis gênero/sexo e faixa etária*

Na rodada suplementar, que apresentou *input* de 0,752, o cruzamento entre o gênero/sexo e a faixa etária foi selecionado em primeiro lugar. Os resultados obtidos nas

rodadas conjuntas de Beco e Seabra e com cruzamento de gênero e faixa etária são confirmados na análise da comunidade de Beco, separadamente.

Tabela 19 – Apócope da vogal átona [u], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Beco

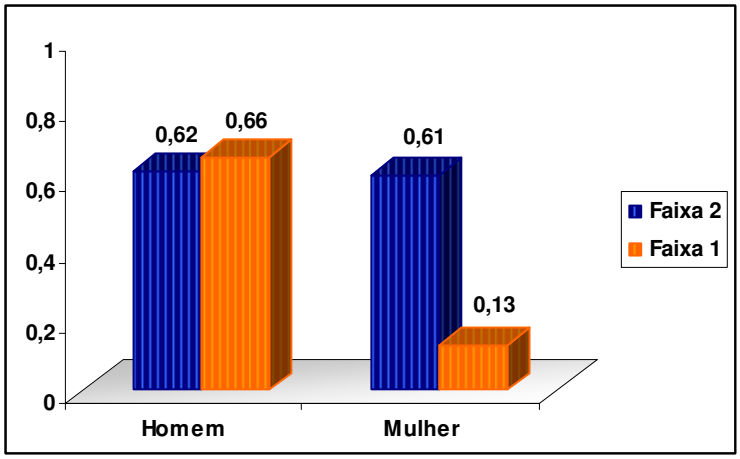
Gênero/sexo	Faixa 1			Faixa 2		
	Apl./Total	**%**	**P.R**	**Apl./Total**	**%**	**P.R**
Homem	339/398	**85%**	**0,66**	439/506	**86%**	**0,62**
Mulher	168/396	42%	0,13	365/444	**82%**	**0,61**
Total	1.311/1.744	75%				

Significância 0,003

Os dados mostram que os mais idosos do grupo, tanto homens quanto mulheres da faixa 2, favorecem a regra tanto em percentuais quanto em pesos relativos, apresentando praticamente o mesmo peso relativo 0,61 e 0,62, respectivamente.

Os resultados revelam ainda que a mulher da faixa 1 é quem apresenta um menor índice de apócope do seu grupo (0,13), enquanto o homem da faixa 1 é quem mais a utiliza (0,66). Esse homem da faixa 1 revelou-se como um grande favorecedor da aplicação da regra. Ele é um homem que trabalha na lavoura como ajudante e tem pouca mobilidade social. Comportamento contrário apresentou a mulher da faixa 1 que se revelou, decisivamente, inovadora nos resultados encontrados, comprovando uma tendência observada nos diversos estudos linguísticos. Essa mulher da faixa 1, além de possuir um grau de escolaridade maior, mantém um estreito contato com o meio externo, a tecnologia e a televisão. Esse resultado remete aos de Trudgill (1971) *apud* Labov (2008, p. 348) que diz: "em Norwich, as mulheres são mais influenciadas pelas formas-padrão do que os homens, mas os homens estão na dianteira no uso de novas formas vernáculas na fala informal".

No gráfico 14, estão melhor representados os resultados do cruzamento dos grupos gênero/sexo e faixa etária.



Significância 0,003

Gráfico 14 – Apócope da vogal átona [u], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Beco

5.2.2.3 As variáveis discursivas

Dentre os seis grupos de fatores selecionados pelo programa, o tipo de questionário foi o primeiro na ordem de seleção. Os resultados mostram que, quanto ao tipo de questionário, não há diferença entre as rodadas conjuntas de Beco e Seabra ou isoladas apenas em Beco. Os resultados confirmam que o discurso semidirigido é o tipo de questionário que mais favorece a apócope, apresentando um peso relativo de 0,58.

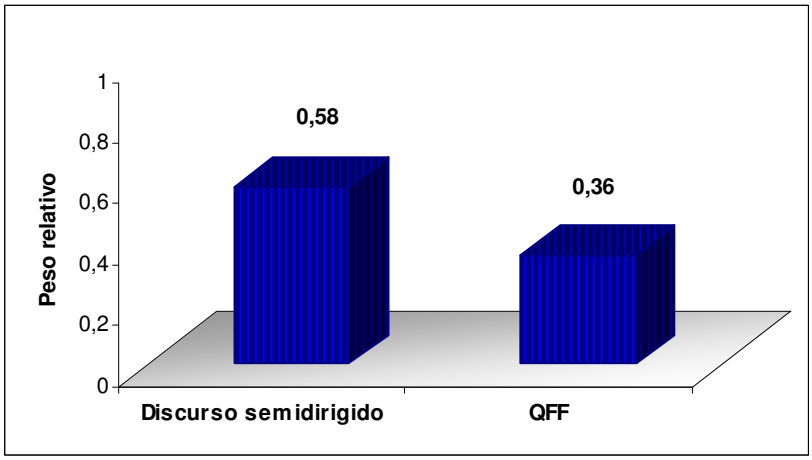
A tabela abaixo apresenta o resultado da variável de acordo com o tipo de questionário.

Tabela 20 - Apócope da vogal átona [u], segundo o tipo de questionário, em Beco

Tipo de questionário	Apl./Total	%	P.R
Discurso semidirigido	918/1.071	**85%**	**0,58**
Questionário fonético-fonológico	393/673	58%	0,36
Total	1.311/1.744	75%	

Significância 0,007

O gráfico 15 permite visualizar os resultados das rodadas de Beco isoladamente quanto ao tipo de questionário utilizado na pesquisa**.**



Significância 0,007

Gráfico 15 – Apócope da vogal átona [u], segundo o tipo de questionário, em Beco

5.2.2.4 Interferência individual dos informantes, em Beco

Nem sempre os falantes, quando observados individualmente, seguem as mesmas tendências gerais do seu grupo. Para se compreender melhor o fenômeno da apócope, buscou-se investigar o comportamento individual dos falantes por localidade.

Em todas as rodadas realizadas, esse grupo de fator eliminava gênero/sexo e a faixa etária. Nas rodadas de informantes com cruzamento entre gênero e faixa etária, esse fator era selecionado, no entanto, a rodada não convergia. Investigaram-se os fatores na análise e, para observar a influência individual do informante na aplicação da regra, optou-se, então, por realizar uma rodada suplementar, contrapondo o grupo de informantes à consoante pré-vocálica, à classe morfológica, ao contexto fonético seguinte e ao tipo de questionário. Nessa rodada, o grupo de informantes foi o primeiro grupo selecionado pelo programa.

Na tabela 21 podem ser visualizados os resultados dessa rodada que teve como *input* 0,752.

Tabela 21 - Apócope da vogal átona [u], por informante, em Beco

Inf.	Aplicação da regra Apl./total	%	P.R.	Gênero/idade	Idade	Escolaridade
8	176/188	93	**0,84**	Homem	27	7ª série
7	252/272	92	**0,78**	Mulher	56	3ª série
1	268/294	91	**0,71**	Homem	52	3ª série
2	173/214	80	0,48	Homem	56	4ª série
5	163/210	77	0,46	Homem	22	7ª série
4	111/168	66	0,40	Mulher	50	4ª série
3	70/145	48	0,21	Mulher	22	8ª série
6	98/253	38	0,07	Mulher	18	7ª série

Significância 0,002

Os resultados da Tabela 21 confirmam os dados da Tabela 19 e do Gráfico 14 em que os homens realizam mais apócope do que as mulheres na localidade de Beco. Entre os homens a aplicação da regra ocorre nas duas faixas. O homem da faixa 1 apresentou o maior índice de aplicação da regra com 0,84 de peso relativo. Esse informante trabalha como ajudante na plantação, estudou até a 7ª série e possui pouca mobilidade social. Os dados levam a crer que a escolaridade não influencia muito nos resultados quanto ao gênero, apesar de o outro informante da 7ª série ter realizado o menor índice de apócope do grupo (0,46). Parece que, entre os homens, a apócope está mais associada às atividades socioculturais do que à escolaridade.

O homem da faixa 2 favorece a apócope com altos índices tanto em percentuais (91%) quanto em peso relativo (0,71). Esse homem, apesar de ter estudado até a 3ª série primária, é um lavrador que trabalha na própria lavoura e se desloca semanalmente para vender seus produtos em outras localidades. Possui fortes vínculos com a comunidade a que pertence.

Os dados revelam que, entre as mulheres, o maior índice de peso relativo acontece na faixa 2, confirmando os resultados demonstrados nas tabelas 18 e 19, cujos dados revelaram a faixa 2 como maior favorecedora do processo de apócope. Nota-se que a mulher de 56 anos tem um perfil linguístico completamente diferente das demais do seu grupo. Ela apresenta um alto índice de apócope tanto em percentuais (92%) quanto em pesos relativos (0,78). Essa mulher fez o MOBRAL e abandonou os estudos na 3ª série primária. Sua ocupação é fazer comida para vender em marmitas na pequena barraca instalada em feiras livres.

Parece atuarem, no caso das mulheres, a faixa etária associada à escolaridade, já que as mulheres mais jovens e mais escolarizadas realizam menos apócope. Nota-se que, no comportamento das mulheres, a inovação é proporcional à idade. O peso relativo diminui à medida que a idade também diminui. Mesmo a mulher de 50 anos, que estudou até a 4ª série, apresenta um perfil linguístico com peso relativo de 0,40. Esta mulher sustenta a família fazendo *avoador* para vender em feiras livres.

As duas mulheres da faixa 1 merecem uma discussão especial nesta análise. Excepcionalmente, são as que possuem grau de escolaridade mais alto do *corpus*. Isso ocorreu devido à dificuldade de se encontrar mulher, faixa 1, com fundamental incompleto, como foi explicado na seção 4.5. Há uma significativa diferença com relação à aplicação da regra entre as mulheres da faixa 1 e as demais mulheres do grupo. A mulher de 22 anos com a 8ª série completa, apresenta 0,21 de aplicação da regra. Trabalha na lavoura com o marido, além de realizar serviços domésticos. A mulher de 18 anos que estudou até a 7ª série, abandonando os estudos na 8ª, foi quem menos favoreceu a apócope na comunidade com 0,07 de aplicação da regra. Sua ocupação é ser ajudante na produção artesanal de *avoador* para ser vendido em Seabra e adjacências Esses resultados levam a crer que a idade das mulheres atrelada à escolaridade conduz a um uso mais aproximado da norma de prestígio, pois apresenta percentuais e pesos relativos muito baixos de aplicação da regra.

Os resultados reforçam o que se tem dito acerca do comportamento linguístico por parte das mulheres. Os homens favorecem mais o processo de apócope, enquanto as mulheres revelam uma acentuada tendência ao uso da forma padrão.

5.2.3 **A apócope da vogal [u] em Seabra**

A realidade linguística de Seabra configura-se bastante diversa da que se observa em Beco. Das 1.838 ocorrências que compõem a amostra para a vogal [u] em Seabra, 54 foram realizadas na norma não-padrão, correspondendo a um percentual de 2% de apócope. Esses dados, submetidos ao programa, revelaram resultados interessantes que serão discutidos nesta análise em confronto com os de Beco.

Primeiramente foi feita uma rodada para se ter uma idéia geral dos efeitos de todos os fatores codificados para a vogal [u] em Seabra. As diferenças na análise entre as duas localidades se mostraram a partir dos fatores eliminados pelo programa. Tomando por base o "Grupo 2 – Consoante pré-vocálica", em que se analisam o comportamento de 18 consoantes

acrescido do "grupo consonântico obstruinte + tepe" em Seabra, dez dessas consoantes, /ʎ, ʒ, ɾ, x, ʃ, m, b, g, z, f/, sofreram *knockouts* em função da ausência de dados de apócope e, consequentemente, foram retiradas da análise.

Foram realizadas várias rodadas para se observar o comportamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos na amostra. Começaram a surgir os problemas de eliminação de grupos pelo programa ou não convergência das rodadas. Procedeu-se, então, a reuniões, agrupamentos e exclusões de grupos a fim de atingir uma rodada com dados significativamente relevantes. Resolvidos os problemas realizou-se uma nova rodada que controlou os seguintes grupos apresentados na ordem selecionada pelo programa, tendo como *input* 0,029:

(i) Cruzamento entre a faixa etária e gênero
(ii) Consoante pré-vocálica

Para observar a interferência individual dos informantes na amostra em Seabra, foi realizada uma rodada suplementar em que foram selecionados pelo programa dois grupos significativamente relevantes, apresentados na ordem a seguir, tendo como *input* 0,029:

(i) Informantes
(ii) Consoante pré-vocálica

5.2.3.1 <u>As variáveis linguísticas</u>

Das três variáveis linguísticas escolhidas para análise, o programa selecionou apenas uma: a consoante pré-vocálica.

Serão apresentados, a seguir, os resultados das rodadas para apócope da vogal [u] em Seabra.

5.2.3.1.1 *A consoante pré-vocálica*

A consoante pré-vocálica foi o segundo e último fator escolhido pelo programa nessa rodada. Os resultados dessa rodada estão expostos na tabela 22.

Tabela 22 - Apócope da vogal átona [u], segundo a consoante pré-vocálica, em Seabra

Consoante pré-vocálica	Apl./Total	%	P.R
Grupo consonântico obstruinte + [ɾ]	5/39	12%	**0,81**
Oclusiva dento-alveolar surda [t]	19/322	5%	**0,59**
Oclusiva velar surda [k]	4/76	5%	**0,59**
Nasal dento-alveolar sonora [n]	12/230	5%	**0,58**
Oclusiva dento-alveolar sonora [d]	9/368	2%	0,39
Oclusiva bilabial surda [p]	1/46	2%	0,34
Fricativa dento-alveolar surda [s]	2/123	1%	0,32
Total	52[34]/1.838	4%	

Significância 0,000

Pode-se ver que, em Seabra, as consoantes selecionadas, coincidem, em parte com o favorecimento verificado nas rodadas de Beco, mas com uma distribuição diferente. Os dados revelam um comportamento distinto para a consoante oclusiva velar surda [k]. Essa consoante não favorece em Beco (0,34) nem nas rodadas conjuntas (0,39), mas revela-se como a terceira maior favorecedora em Seabra com 0,59 de peso relativo.

Contrário à consoante [k] foi o comportamento da consoante oclusiva bilabial surda [p] em Seabra. Os resultados mostraram que a consoante [p] não interfere no processo de apócope em Seabra (0,34), enquanto nas rodadas conjuntas (0,62) ou de Beco (0,64), isoladamente, essa consoante comporta-se como a segunda mais favorecedora do processo.

Os resultados mostraram que, em Seabra, o grupo consonântico obstruinte + [ɾ] é o maior favorecedor de apócope, com 0,81 de peso relativo, semelhante aos resultados já verificados nas rodadas conjuntas, Beco e Seabra, e na rodada de Beco separadamente. De acordo com esse resultado o falante tanto em Beco quanto em Seabra tende a apagar o tepe [ɾ] mais a vogal nos grupos consonânticos como em [ˈsẽp] (sempre); [ˈlẽb] (lembro); [aˈlɛg] (alegre).

A consoante oclusiva dento-alveolar surda [t] apresentou um alto índice favorecimento do processo de apócope em Seabra, com 0,59 de aplicação da regra, enquanto em Beco esta

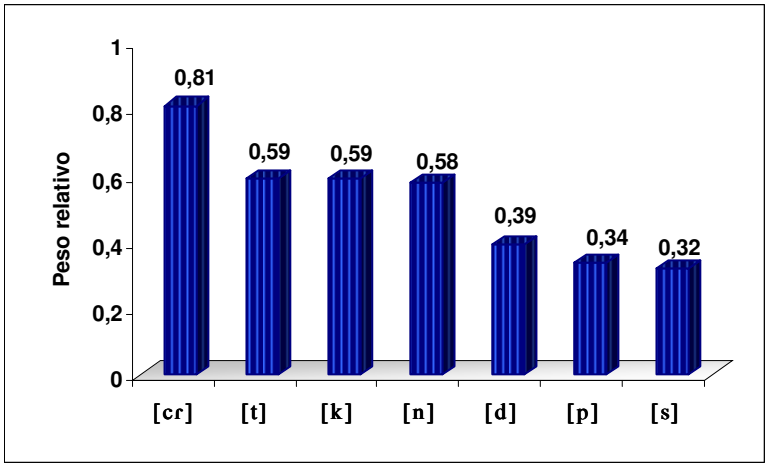
[34] A consoante fricativa labiodental sonora [v] e a lateral alveolar sonora [l] apresentaram apenas uma ocorrência para cada consoante, tendo sido retiradas da rodada.

consoante, apesar de ter apresentado um percentual mais alto, não se mostrou favorecedora, com apenas 0,46 de peso relativo.

A consoante nasal dento-alveolar sonora [n] favorece a aplicação da regra tanto nas análises individuais das localidades quanto na análise conjunta. Em Seabra, ainda que o peso relativo tenha sido um pouco menor do que em Beco e na rodada conjunta, essa consoante apresentou 0,58 de peso relativo.

As consoantes oclusiva dento-alveolar sonora [d], oclusiva bilabial surda [p] e fricativa dento-alveolar surda [s] tiveram pouca representatividade tanto em percentuais quanto em pesos relativos. Nas rodadas conjuntas e nas rodadas de Beco, individualmente, a oclusiva bilabial surda [p] e a fricativa dento-alveolar surda [s] tiveram significativa relevância no processo. Já a oclusiva dento-alveolar sonora [d] mostrou-se praticamente neutra, na rodada conjunta, e pouco favorecedora na rodada individual de Beco.

O gráfico 16 evidencia melhor a atuação das consoantes pré-vocálicas no processo de apócope em Seabra.



Significância 0,000

Gráfico 16 – Apócope da vogal átona [u], em função da consoante pré-vocálica, em Seabra

É possível observar, no Gráfico 16, que, apesar de o grupo consonântico obstruinte + [ɾ] não apresentar um alto número de ocorrências em Seabra (12%), as poucas ocorrências registradas favorecem fortemente o processo de apócope.

5.2.3.2 As variáveis sociais

Para observar a interferência dos fatores sociais na realização da apócope da vogal [u] em Seabra, foram escolhidos dois grupos de fatores: o gênero/sexo e a faixa etária dos informantes.

Ao contrário das rodadas conjuntas e das rodadas de Beco individualmente para as quais o gênero/sexo era selecionado normalmente, em Seabra, isoladamente, este fator foi eliminado de todas as rodadas realizadas. Algumas vezes este grupo era aceito, no entanto, a rodada não convergia[35]. Visando chegar à convergência e obter uma boa rodada, optou-se, então, por fazer uma rodada, controlando o cruzamento entre gênero e faixa etária.

5.2.3.2.1 *Cruzamento das variáveis gênero/sexo e faixa etária*

Diferente dos resultados apresentados nas rodadas conjuntas e individuais de Beco, são os resultados das rodadas de Seabra, realizadas separadamente. O gênero/sexo passa a ter significância para o estudo a partir do momento em que é associado à faixa etária, através do cruzamento dos dados. Esse comportamento leva a crer que o grupo gênero/sexo não é relevante no contexto favorecedor da apócope em Seabra. Pode-se ver que a faixa etária associada ao gênero/sexo se torna a favorecedora do processo de apócope em Seabra.

Os resultados dessa rodada, que teve como *input* 0,029, serão apresentados na tabela 23.

Tabela 23 - Apócope da vogal átona [u], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Seabra

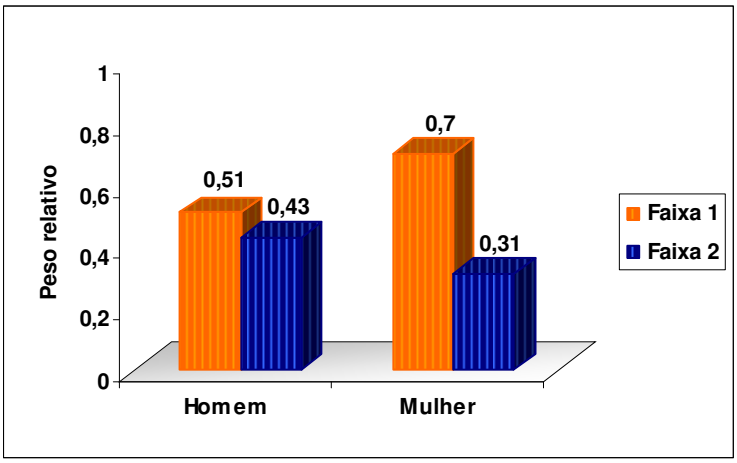
Gênero/sexo	**Faixa 1**			**Faixa 2**		
	Apl./Total	**%**	**P.R**	**Apl./Total**	**%**	**P.R**
Mulher	30/539	5%	**0,70**	5/450	1%	0,31
Homem	10/383	2%	0,51	9/466	1%	0,43
Total	54/1.838	2%				

Significância 0,000

[35] De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 198) conseguir convergência no modelo significa convergência do algoritmo nos valores mais adequados para modelar esse conjunto de dados, ou seja, o modelo melhor que mais se aproxima dos dados observados, usando os parâmetros e equações incorporados no programa.

Os resultados da tabela acima confirmam que a realidade linguística de Seabra apresenta-se bastante diversa daquela observada em Beco. Contrariamente ao que ocorre em Beco, quem favorece mais a apócope em Seabra é a faixa 1. Os dados mostram que a mulher da faixa 1 favorece a aplicação da regra com 0,70 de peso relativo, destacando-se como a maior favorecedora da regra de apócope em Seabra. O homem da faixa 1 mostrou-se pouco favorecedor com 0,51 de aplicação da regra. Tanto o homem quanto a mulher da faixa 2 não se mostraram favorecedores da apócope, apresentando valores inferiores a 0,50 de peso relativo.

O gráfico 17 ilustra melhor essa situação.



Significância 0,000

Gráfico 17 – Apócope da vogal átona [u], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Seabra

5.2.3.3 Interferência individual dos informantes, em Seabra

Na tabela 24, apresentam-se os resultados da interferência individual dos informantes em Seabra, provenientes de uma rodada suplementar, que teve como *input* 0,029.

Tabela 24 - Apócope da vogal átona [u], por informantes, em Seabra

Inf.	Aplicação da regra Apl./total	%	P.R.	Gênero/idade	Idade	Escolaridade
11	29/442	6	**0,72**	Mulher	19	5ª série
14	4/103	3	**0,58**	Homem	63	1ª série
10	3/92	3	**0,53**	Homem	23	3ª série
09	7/291	2	0,48	Homem	22	7ª série
15	5/305	1	0,39	Mulher	53	4ª série
12	1/97	1	0,26	Mulher	30	3ª série
13	5/363	1	0,34	Homem	61	2ª série
16	0/45	0	-	Mulher	60	MOBRAL

Significância 0,000

Os resultados apresentados na tabela 24 indicam que os informantes que compõem a amostra de Seabra apresentam, em termos gerais, um índice muito baixo de apócope distribuído por quase todos os informantes. Esses dados confirmam os resultados apresentados na tabela 23 e no gráfico 17 deste estudo.

Diferentemente de Beco, é possível observar que, em Seabra, é a faixa 1 quem mais realiza apócope. A mulher da faixa 1, com 19 anos, favorece decisivamente a aplicação da regra com um peso relativo de 0,72. Percebe-se que há um homem da faixa 2 com 63 anos que apresenta 0,58 de aplicação da regra, porém, no geral, os dados revelam a faixa 1, como maior favorecedora do processo, apesar do baixo número de ocorrências na localidade. Isso pode ser explicado pelo fato de os jovens terem uma tendência maior a formas novas em função dos seus contatos mais intensos na sociedade.

Tanto o homem (61) quanto a mulher (60) da faixa 2 quase não usam apócope, apresentando pesos relativos que são, na realidade, desfavorecedores da regra. O homem da faixa 2, com 61 anos, apresenta um peso relativo de 0,34 e apenas uma ocorrência, enquanto a mulher de 60 anos, faixa 2, não realiza nenhum caso de apócope.

Os dados gerais da tabela indicam que a apócope em Seabra não se revela como um fenômeno significativamente relevante. O baixo número de ocorrências não permite conclusões mais precisas sobre o fenômeno. Necessitaria, portanto de uma investigação mais acurada do processo de apócope naquela localidade. Pode-se considerar a hipótese de que, em Seabra, observa-se a apócope geral observada no português do Brasil, como observa Viaro

(2005, p. 225) “Esse fenômeno parece afetar todo o Brasil. Síncopes e apócopes são muito mais freqüentes no PB do que se imagina”. De acordo com os resultados apresentados, a apócope em Seabra não é significativa, não é marcante, tendo sido observado um índice de ocorrência muito baixo que parece estar associado à *fala rápida* como descrevem Rodrigues e Ferreira Netto (2000, p. 171-93) *apud* Viaro (2005, p.225), sobre a apócope no português do Brasil:

> Em transcrições mais cuidadosas, é possível reconhecer que a apócope também ocorre na chamada “fala rápida” no PB: um informante de Taubaté-SP diz [ˈpaɽt] por parte, [ˈtẽp] por tempo, [aˈgɔɽ] por agora, [ˈnad] por nada, [sˈdad] por cidade, [ˈrɔs] por roça, [soɽˈteɽ] por solteiro.

Apesar da proximidade de Beco, as duas localidades mantêm características linguísticas bastante diferentes quanto à apócope da vogal final.

5.2.3.5 <u>Alinhavando algumas conclusões – vogal [u]</u>

1) Em linhas gerais, os resultados da análise de consoantes em contexto antecedente podem ser resumidos assim:

- O grupo consonântico obstruinte + [ɾ] mostrou-se como forte favorecedor do processo de apócope, tanto nas rodadas conjuntas (0,82) quanto nas individuais em Beco (0,68) e Seabra (0,81).

- A oclusiva bilabial surda [p] é a segunda favorecedora do processo nas rodadas conjuntas com 0,62 de aplicação da regra e em Beco, individualmente, com 0,64 de peso relativo. Em Seabra, é a consoante oclusiva dento alveolar surda [t] que favorece a apócope, seguida da oclusiva velar surda [k], ambas com 0,59 de peso relativo.

- A consoante nasal dento-alveolar sonora [n] favorece a apócope tanto nas rodadas conjuntas quanto nas rodadas individuais de Beco e Seabra. Nas rodadas conjuntas e em Beco essa consoante apresenta o mesmo peso relativo: 0,61. Em Seabra, isoladamente, essa consoante apresenta um peso relativo um pouco mais baixo (0,58).

- As fricativas dento-alveolar surda [s] e a palatal surda [ʃ] favorecem o processo de apócope em Beco e Seabra, conjuntamente. Ambas apresentam 0,57 de aplicação da regra. Em Beco, individualmente, essa consoante favorece com um peso relativo de 0,63, sendo a terceira consoante que mais favorece a regra. Já em Seabra, desfavorece a regra com 0,32 de

peso relativo. Os resultados levam a crer que Seabra, na maioria das vezes, selecionou os contextos mais favorecedores nas rodadas conjuntas.

2) Quanto ao contexto fonético seguinte, os resultados evidenciaram que o contexto seguido de consoante é o que mais favorece o processo de apócope na rodada conjunta de Beco e Seabra e na rodada individual de Beco. Em Seabra, esse grupo não se mostrou significativamente relevante no processo de apócope, tendo sido retirado das rodadas.

3) Quanto à classe morfológica, considerando os resultados das rodadas conjuntas, a classe de palavra que mais condiciona a apócope é a classe dos advérbios com 0,61 de peso relativo, seguido dos verbos (0,59) e dos pronomes substantivos (0,56). Já os resultados de Beco, individualmente, mostraram que os pronomes substantivos são os que mais condicionam o processo com 0,74 de peso relativo. Os advérbios vem logo depois com 0,65, e os verbos em seguida com 0,64 de peso relativo. Nos resultados de Seabra, a classe morfológica não mostrou interferência alguma no processo, tendo sido retirada das rodadas.

4) Das variáveis sociais estudadas, observa-se uma nítida diferença entre homens e mulheres, nas rodadas conjuntas. Os homens da faixa 1 favorecem mais o processo de apócope com 0,62 de peso relativo, enquanto as mulheres tendem a usar formas mais padronizadas, desfavorecendo a regra (0,37). Não há diferença significativa entre os sexos, tanto o homem quanto a mulher da faixa 2 favorecem o processo de apócope. Também em Beco, separadamente, os dados mostraram que os homens da faixa 2 condicionam mais o processo com 0,66 de peso relativo. Já em Seabra, o gênero/sexo não divide os falantes em grupos nítidos.

5) Dentre as variáveis discursivas observadas, o discurso semidirigido revelou-se como o fator que mais favorece a aplicação da regra. Esse resultado foi observado tanto nas rodadas conjuntas quanto na rodada individual de Beco. Em Seabra esse fator não foi selecionado devido aos valores insignificantes para o QFF.

6) Os dados revelaram uma discrepância muito grande entre as duas localidades, quanto ao uso da apócope. Enquanto em Seabra os valores de aplicação da regra (0,06) são, praticamente, insignificantes, em Beco, parece ser a regra geral com 0,97 de peso relativo.

7) A interferência individual do informante sob análise confirmou o que os dados vinham revelando: Em Beco a idade favorece a apócope associada ao gênero.

5.3 A APÓCOPE DA VOGAL [i]

> Desta letra [i] vogal sua figura he hũa astepeq̃na aleuãtada da cõ hũ ponto peq̃no redõdo em cima: pronũçiasse cõ os dentes quase fechados: e os beiços assi abertos como no [e] e a língua apertada cõ as gẽgibas de bayxo: e o espírito lançado cõ mais ímpeto (OLIVEIRA, [1536];2000, p. 177).

O fonema /i/ descrito e representado grafematicamente por Fernão de Oliveira no capítulo XVII de sua *Gramática da Lingua(gem) Portuguesa* ([1536]; 2000), estabelecendo já uma comparação entre as pronúncias do [e] e do [i], é a vogal que será investigada neste estudo sob os postulados da Sociolinguística Quantitativa.

Na história da língua portuguesa, desde os textos mais antigos, as vogais átonas finais mostram-se flexíveis. De acordo com Maia (1986), datam do século XIII as primeiras fusões entre [e], [i] que, em posição final, mostram-se bastante instáveis. Isso revela que a debilidade das vogais finais tem origens históricas e que não surgiram em consequência da modernidade, mas se manifestam como exigência do próprio curso da língua.

Nas comunidades investigadas, como na maioria das áreas brasileiras, prevalece a pronúncia do [i] átono final em vez de [e]. Na comunidade de Beco, especificamente, observou-se um acentuado índice de desaparecimento da vogal átona final [i] na realização da fala. Nesta pesquisa, investiga-se a apócope dessa vogal átona, analisando esta variação mediante um tratamento estatístico, em que se busca medir o peso de cada grupo de fatores favorecedores ou inibidores da aplicação de uma dada regra variável. Além disso, procurou-se fazer uma análise acústica dos dados, com o objetivo de respaldar o fenômeno em estudo.

Apresentam-se, a seguir, quatro espectrogramas da fala natural, coletada por meio de entrevistas, que permitem visualizar a presença e a ausência da vogal [i]. As figuras 7 e 8 referem-se aos espectrogramas da palavra “bife” nas localidades. As figuras 9 e 10 apresentam os espectrotramas da palavra “fome”. Pode-se, então, caracterizar acusticamente o fenômeno variável em estudo na cadeia de fala da seguinte maneira:

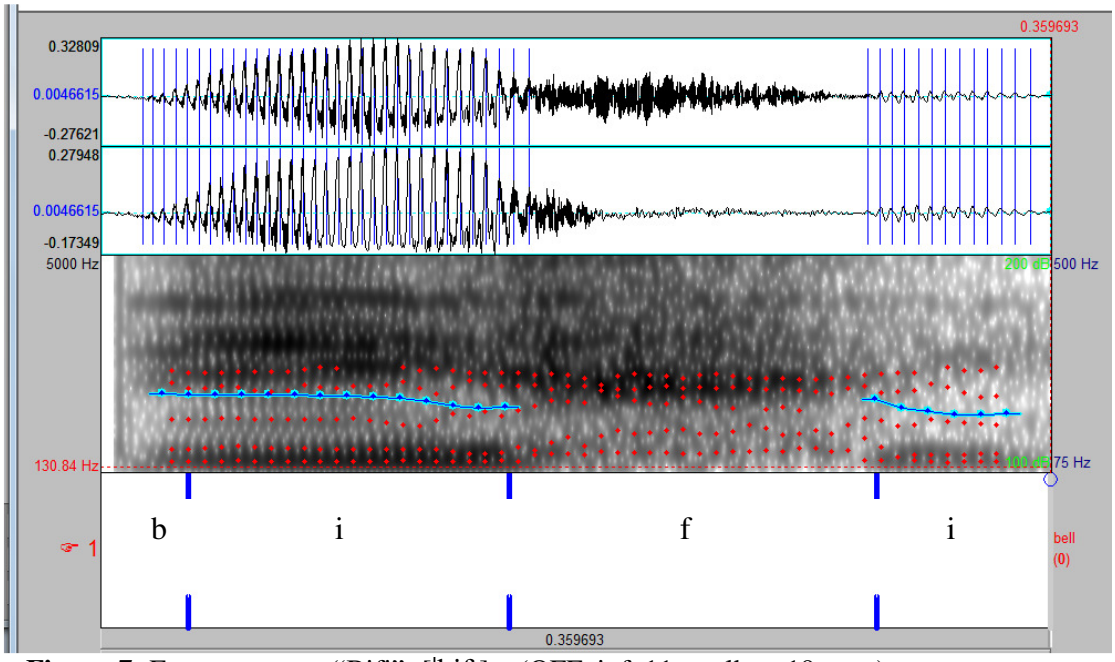


Figura 7- Espectrograma "Bifi"- [ˈbifɪ] – (QFF, inf. 11, mulher, 19 anos)

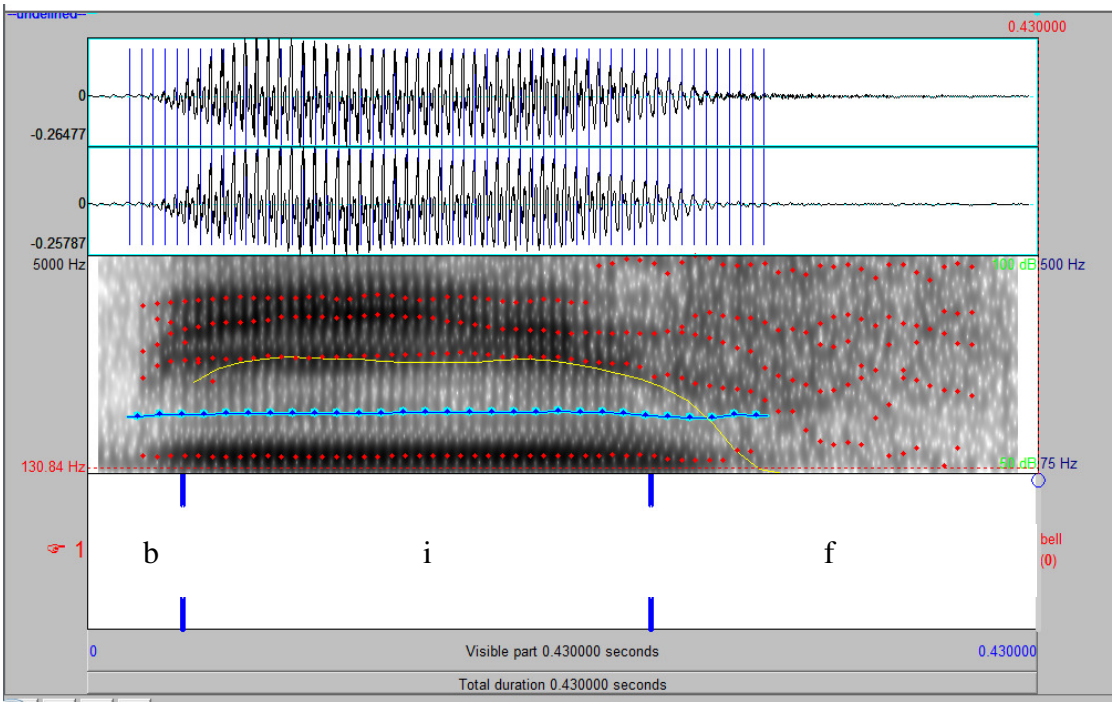


Figura 8 - Espectrograma "Bif" [ˈbif] – (QFF, inf. 08, mulher, 56 anos)

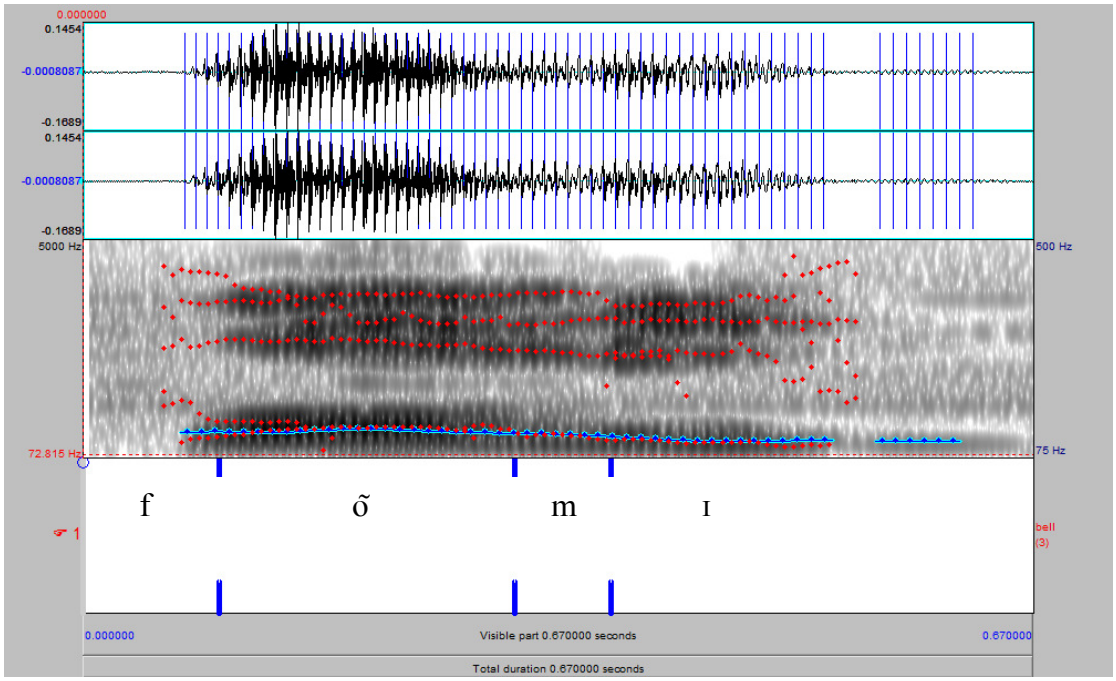


Figura 9 – Espectrograma “fome” [ˈfõmɪ] (Inf. 11, homem, 61 anos)

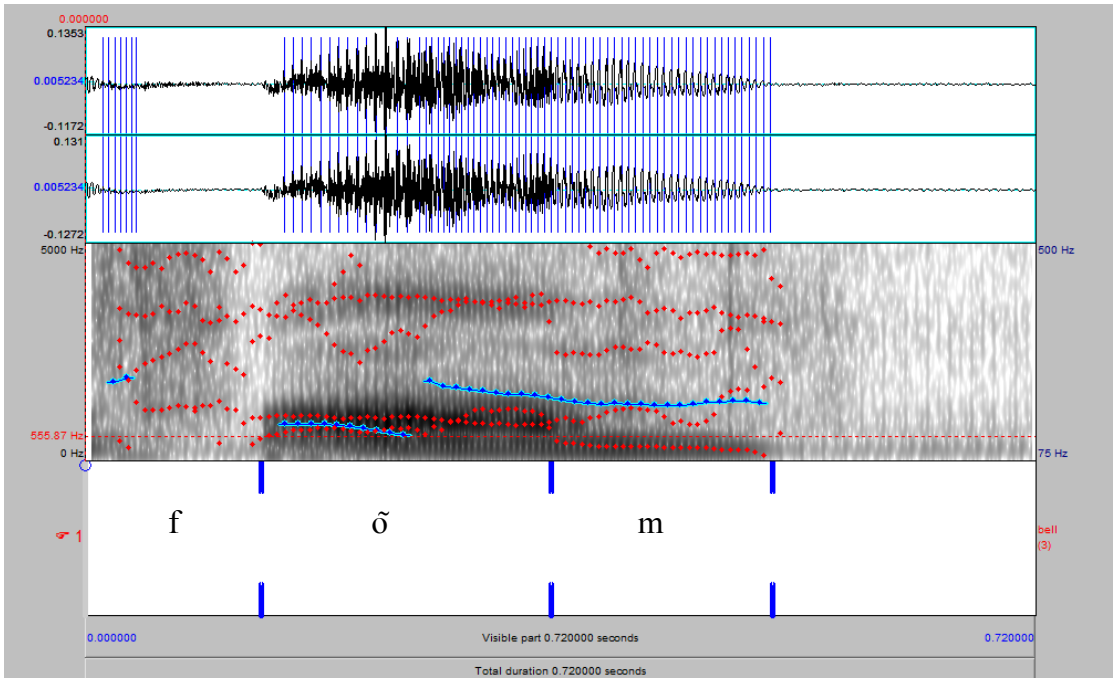


Figura 10 – Espectrograma “fome” [ˈfõm] (Inf. 08, mulher, 56 anos)

A estrutura acústica observada nos espectrogramas acima permite visualizar a presença e a ausência da vogal átona final [i]. Na figura 7, para a realização da palavra “bife” [ˈbifɪ]o sinal acústico mostra claramente a presença de formantes para a vogal final [i] com frequências que variam em torno de F1=333.185941 e F2=1907.114296. Na figura 9, pode-se

perceber, a partir de uma análise visual, a presença da vogal final [i] no espectrograma da palavra “fome” [ˈfõmɪ] com formantes que variam em torno de F1= 323.790660 Hz e F2= 2352.239864 Hz.

Os espectrogramas apresentados nas figuras 8 e 10 permitem a constatação da apócope da vogal [i] em posição final absoluta. É possível observar, no espectrograma 8, a área de fricção da consoante fricativa na realização de [ˈbif] seguida de silêncio absoluto. Na figura 10, visualiza-se com nitidez, a ausência da vogal final [i] para a palavra [ˈfõm]. Pode-se ver que há o sinal acústico da nasalização, fechando a sílaba e não se observa mais nada a partir daí. Não há vestígio acústico algum nos espectrogramas que leve a uma configuração formântica para a vogal átona final [i]. Deve-se ressaltar, portanto, a partir da análise realizada, a constatação da queda, ou seja, da não realização da vogal átona final na referida posição. A apócope aqui observada, não é apenas uma impressão do ouvido, mas uma ausência constatada acusticamente, o que significa uma manifestação da língua em seu próprio curso.

5.3.1 **A apócope da vogal [i] em Beco e em Seabra**

Dos 16 inquéritos analisados, foram quantificadas 1.584 ocorrências que compõem a amostra para a vogal [i] no *corpus.* A variável dependente, selecionada para este estudo, manifesta-se através do grupo binário ausência/presença que, considerando as duas localidades conjuntamente apresentou, para a vogal [I], um percentual de ausência (42%) menor do que o percentual de presença (57%). Isso pode se explicar pelo fato de que, apesar de Beco registrar mais casos de apócope, em Seabra, houve um maior número de ocorrências de presença/ausência no total.

Para se ter uma idéia geral do efeito de todos os fatores codificados para a vogal [i] foi realizada a primeira rodada conjunta, Beco e Seabra, em que se tomou como valor de aplicação da regra a ausência da vogal átona final [i] confrontando-a com os fatores linguísticos, sociais, discursivos e geolinguísticos escolhidos. Houve muitos *knockouts* e, consequentemente, a necessidade de modificações nos grupos. Feitos os agrupamentos, as reuniões e exclusões de fatores não significativos, reduziu-se o total dos grupos e realizou-se uma nova rodada de acordo com os fatores selecionados pelo programa.

Os grupos considerados estatisticamente relevantes nesta nova rodada que teve como *input* 0,427, são, na ordem sugerida pelo programa:

(i) Localidade
(ii) Consoante Pré-vocálica
(iii) Faixa etária
(iv) Gênero

Foi realizada uma rodada suplementar em que se cruzaram as variáveis gênero e faixa etária e as variáveis localidade e tipo de questionário, já que o tipo de questionário não tinha sido selecionado separadamente. A rodada, que teve como *input* 0,427, apresentou a seguinte ordem de seleção:

(i) Cruzamento entre tipo de questionário e localidade
(ii) Consoante pré-vocálica
(iii) Cruzamento entre gênero e faixa etária

Os resultados para a vogal [i] seguem organizados de acordo com o tipo de variáveis – linguísticas, sociais, discursivas, geolinguísticas, obedecendo à ordem de seleção feita pelo GOLDVARB.

5.3.1.1 <u>As variáveis linguísticas</u>

Dentre as variáveis linguísticas sugeridas com possível influência no uso das variantes, foi selecionada apenas uma significativamente relevante: a consoante pré-vocálica.

5.3.1.1.1 *A consoante pré-vocálica*

Controlar este fator significa observar até que ponto a natureza do segmento que antecede a variável influencia o processo de variação.

Conforme explicitado no item 5.2.1.1.3, para resolver os problemas apresentados, as consoantes pré-vocálicas foram reunidas em um único grupo, observando características como

zona, modo de articulação e sonoridade. Para a análise da vogal [i] foram realizadas algumas alterações dentre as consoantes pré-vocálicas escolhidas:

(i) devido ao baixo número de ocorrências, foram reunidas em um único grupo as consoantes oclusivas velares surdas e sonoras como em [isˈtɔk] (estoque); [ˈsɐ̃jg] (sangue).

(ii) a fricativa velar surda [x], como em - [ˈkɔx] (corre); [ˈmɔx] (morre), foi retirada das rodadas, em virtude de o número de ocorrências não ser significativo para a análise;

(iii) foram acrescentadas as consoantes africadas palatais surdas [tʃ] como em - [toˈmatʃ] (tomate) e sonoras [dʒ] como em [ˈpɔdʒi] (pode).

Feitas as alterações necessárias realizou-se a primeira rodada, que teve como *input* 0,427, cujos resultados estão detalhados na tabela 25:

Tabela 25 – Apócope da vogal átona [i], segundo a consoante pré-vocálica, em Beco e em Seabra

Consoante pré-vocálica	Apl./Total	%	P.R
Oclusiva dento-alveolar surda [t]	216/253	85%	**0,94**
Oclusiva bilabial sonora [b]	5/27	18%	**0,84**
Lateral alveolar sonora [l]	177/306	57%	**0,80**
Oclusivas velares surda [k] e sonora [g]	3/7	42%	**0,80**
Oclusiva dento-alveolar sonora [d]	62/86	72%	**0,78**
Grupo consonântico obstruinte + [ɾ]	13/54	24%	**0,72**
Nasal dento-alveolar sonora [n]	11/17	64%	**0,70**
Fricativa palatal sonora [ʒ]	19/55	34%	**0,58**
Fricativa labiodental surda [f]	14/28	50%	**0,57**
Fricativa dento-alveolar surda [s]	68/154	44%	**0,53**
Fricativa palatal surda [ʃ]	13/33	39%	0,41
Fricativa labiodental sonora [v]	36/110	32%	0,32
Tepe dento-alveolar sonoro [ɾ]	2/3	66%	0,25
Fricativa dento-alveolar sonora [z]	17/56	30%	0,24
Oclusiva bilabial surda [p]	2/8	25%	0,24
Nasal bilabial sonora [m]	16/53	30%	0,19
Africada palatal sonora [dʒ]	1/94	1%	0,03
Africada palatal surda [tʃ]	2/240	0%	0,02
Total	677/1.584	42%	

Significância 0,001

Os resultados apresentados na tabela 25 demonstram que, das consoantes estudadas em contexto antecedente, as consoantes que mais favorecem o processo de apócope da vogal [i] são as oclusivas. Pode-se resumir a atuação das consoantes pré-vocálicas oclusivas da seguinte maneira:

a) A dento-alveolar surda [t] favorece decisivamente o processo de apócope com peso relativo de 0,94.

b) A oclusiva bilabial sonora [b] revelou um alto índice de favorecimento da regra com um peso relativo de 0,84.

c) As oclusivas velares, surda [k] e sonora [g], reunidas em um único grupo, revelaram-se fortes favorecedoras da aplicação da regra com 0,80 de peso relativo.

d) A consoante oclusiva dento-alveolar sonora [d] mostrou-se forte condicionadora do processo de apócope, demonstrando um alto índice tanto em percentuais (72%) quanto em peso relativo (0,78).

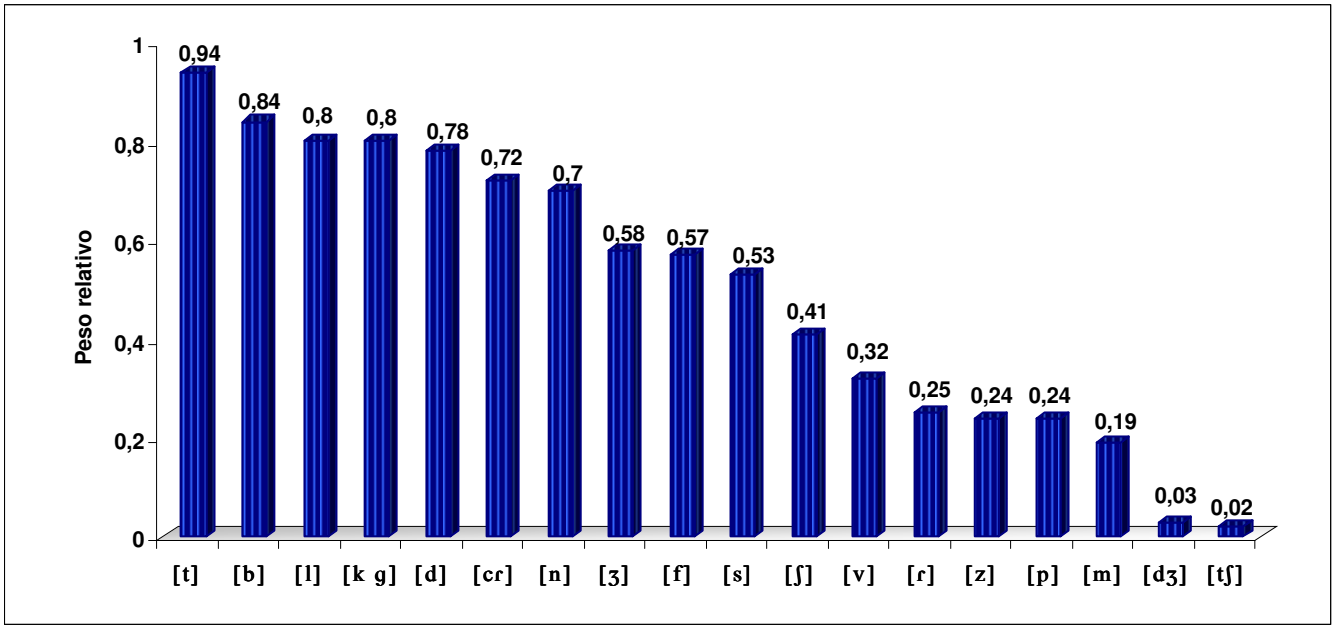
e) O grupo consonântico obstruinte + tepe favorece significativamente a aplicação da regra com um peso relativo de 0,72.

Os resultados obtidos na tabela 25 indicam que há outras consoantes que tiveram relevância significativa no processo. A consoante lateral alveolar sonora [l] teve um alto índice de aplicação da regra, revelando-se como a terceira maior favorecedora do processo, com 0,80 de peso relativo.

Para o contexto antecedente de nasais, os dados mostram que a nasal dento-alveolar sonora [n] favorece a apócope da vogal final [i] com um peso relativo de 0,70.

Como se pode ver na tabela, o favorecimento do contexto de fricativas pré-vocálicas na queda da vogal final [i] apresenta uma ordem gradativa e decrescente de aplicação da regra. A consoante fricativa palatal sonora [ʒ] favorece a aplicação da regra com 0,58 de peso relativo, a labiodental surda [f] com um peso relativo de 0,57; a dento-alveolar surda [s] com 0,53 de peso relativo. As demais fricativas tiveram um peso relativo abaixo de 0,50, logo, não serão detalhadas nesta análise. No entanto, elas podem ser importantes para comparações futuras.

Os dados das principais consoantes pré-vocálicas favorecedoras do processo de apócope em [i], na rodada conjunta de Beco e Seabra, podem ser melhor visualizados no gráfico 18, a seguir:



Significância 0,001

Gráfico 18 – Apócope da vogal átona [i], em função da consoante pré-vocálica, em Beco e em Seabra

5.3.1.2 As variáveis sociolinguísticas

As variáveis sociolinguísticas consideradas foram gênero/sexo e faixa etária e serão apresentadas de acordo com a ordem de seleção feita pelo programa.

5.3.1.2.1 *A variável faixa etária*

A tabela abaixo mostra a distribuição da apócope da vogal [I] de acordo com a faixa etária dos informantes.

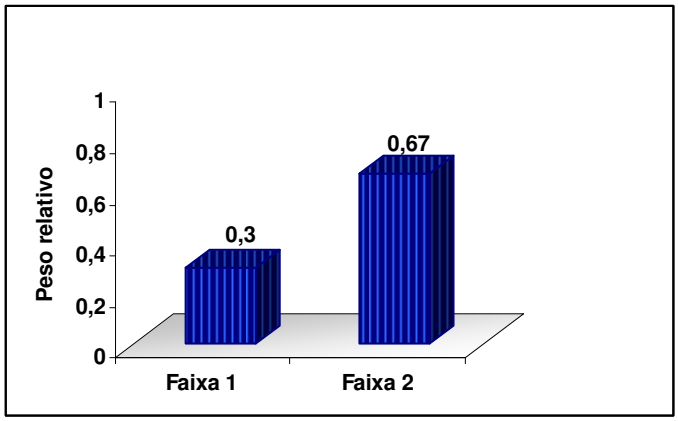
Tabela 26 - Apócope da vogal átona [i], segundo a faixa etária, em Beco e em Seabra

Faixa etária	Apl./Total	%	P.R
50 a 65 anos	454/828	54 %	**0,67**
18 a 30 anos	223/756	29 %	0,30
Total	677/1.584	42 %	

Significância 0,000

Os resultados da tabela indicam que, nas rodadas conjuntas de Beco e Seabra, os mais idosos favorecem decisivamente a regra tanto em percentuais (54%) quanto em peso relativo (0,67) e os mais jovens usam mais a norma padrão, pois são mais escolarizados e tem uma maior consciência das formas estigmatizadas da língua.

No gráfico 19, visualiza-se melhor a configuração, segundo a faixa etária dos informantes na amostra.



Significância 0,000

Gráfico 19 – Apócope da vogal átona [i], segundo a faixa etária, em Beco e em Seabra

Como se pode ver, os mais velhos são os que mais aplicam a regra nas comunidades em estudo.

5.3.1.2.2 *A variável gênero/sexo*

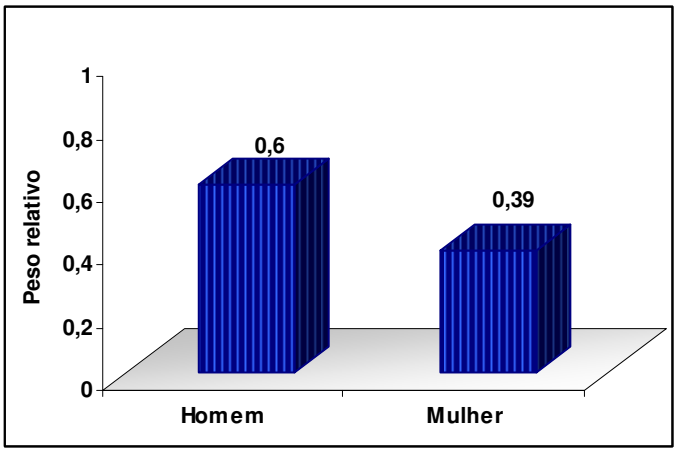
O grupo gênero/sexo foi o último grupo selecionado pelo programa na rodada em que se considerou a consoante pré-vocálica, o gênero, a faixa etária e a localidade dos informantes. Os resultados dessa rodada serão demonstrados na tabela 27.

Tabela 27 – Apócope da vogal átona [i], em função do gênero/sexo, em Beco e em Seabra

Gênero/sexo	Apl./Total	%	P.R
Homem	371/795	46 %	**0,60**
Mulher	306/789	38 %	0,39
Total	677/1.584	42 %	

Significância 0,000

Os resultados da tabela mostram que, nas localidades em estudo, a apócope da vogal final [i] revelou diferenças significativas entre homens e mulheres. De acordo com os dados da tabela, os homens favorecem mais o processo de apócope (0,60) do que as mulheres (0,39). Esses resultados estão ilustrados no gráfico abaixo.



Significância 0,000

Gráfico 20 - Apócope da vogal átona [i], segundo gênero/sexo, em Beco e em Seabra

5.3.1.2.3 *Cruzamento entre as variáveis gênero/sexo e faixa etária*

Para observar os resultados do cruzamento entre o gênero/sexo e a faixa etária, considerando as duas localidades conjuntamente, Beco e Seabra, foi realizada uma nova rodada que teve como *input* 0,427. Nessa rodada o cruzamento entre gênero e faixa etária foi selecionado em último lugar na ordem do programa.

Os resultados da rodada encontram-se demonstrados na tabela 23.

Tabela 28 - Apócope da vogal átona [i], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Beco e em Seabra

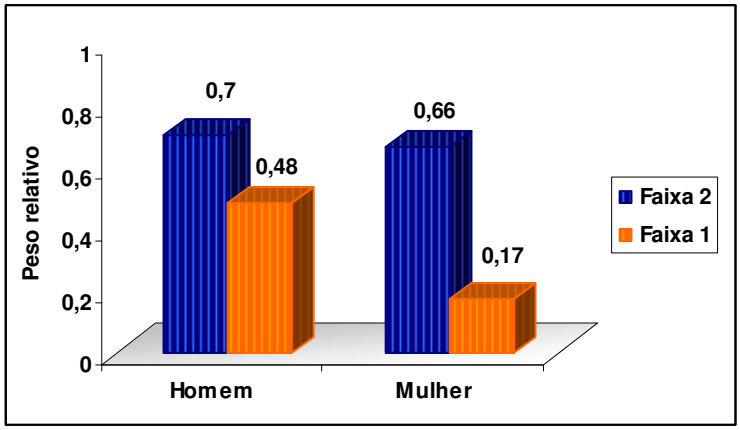
Gênero/sexo	Faixa 1			Faixa 2		
	Apl./Total	%	P.R	Apl./Total	%	P.R
Homem	124/354	35%	0,48	247/441	56%	**0,70**
Mulher	99/402	24%	0,17	207/387	53%	**0,66**
Total	677/1.584	42%				

Significância 0,000

Os resultados segundo o gênero/sexo e a faixa etária dos informantes, apresentados na tabela revelam que homens e mulheres da faixa 2 favorecem a aplicação da regra. Esse

favorecimento se acentua para o homem da faixa 2 com 0,70 de peso relativo; no entanto, o valor do favorecimento da mulher da mesma faixa está muito próximo (0,66) o que não vem a caracterizar uma diferença marcante. Os resultados levam a crer que as diferenças estão mais associadas à faixa etária do que ao gênero propriamente dito.

O gráfico 21, a seguir, ilustra melhor esses resultados.



Significância 0,000

Gráfico 21 – Apócope da vogal átona [i], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Beco e em Seabra

5.3.1.3 A variáveis discursivas

5.3.1.3.1 *O tipo de questionário*

Esse fator foi selecionado para observar se o tipo de questionário, utilizado na pesquisa interfere no processo de apócope. Realizaram-se várias rodadas para se conseguir selecionar o tipo de questionário como um fator significativamente relevante para a pesquisa. Este grupo só foi selecionado pelo programa quando se fez o cruzamento entre o tipo de questionário e a localidade, rodada em que o grupo foi o primeiro na ordem de seleção do programa.

Os resultados dessa rodada podem ser vistos na tabela 29.

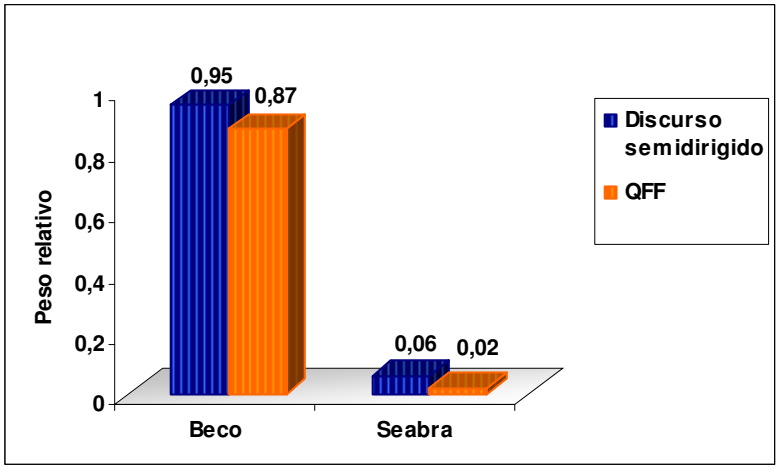
Tabela 29 – Apócope da vogal átona [i], em função do tipo de questionário e as localidades de Beco e de Seabra

Localidade	QFF			Discurso semidirigido		
	Apl./Total	**%**	**P.R**	**Apl./Total**	**%**	**P.R**
Beco	89/142	62%	**0,87**	562/651	86%	**0,95**
Seabra	2/184	1%	0,02	24/607	3%	0,06
Total	677/1.584	54%				

Significância 0,000

A tabela mostra que, em ambas as localidades, não houve grande diferença entre o QFF e o discurso semidirigido. O discurso semidirigido apresenta um índice um pouco mais alto com 0,95, em Beco e 0,06 em Seabra, enquanto o QFF apresenta um peso relativo de 0,87 e 0,02, respectivamente. Isso pode ser explicado pelo fato de que, no primeiro tipo de entrevista, são utilizados procedimentos que distraem a atenção do informante, possibilitando, assim, um registro mais espontâneo. Isso leva a crer que a apócope está mais associada à localidade do que ao tipo de discurso.

Esses resultados podem ser melhor visualizados no gráfico 22.



Significância 0,000

Gráfico 22 - Apócope da vogal átona [i], em função do tipo de questionário e as localidades de Beco e de Seabra

5.3.1.4 As variáveis geolinguísticas

5.3.1.4.1 *A localidade*

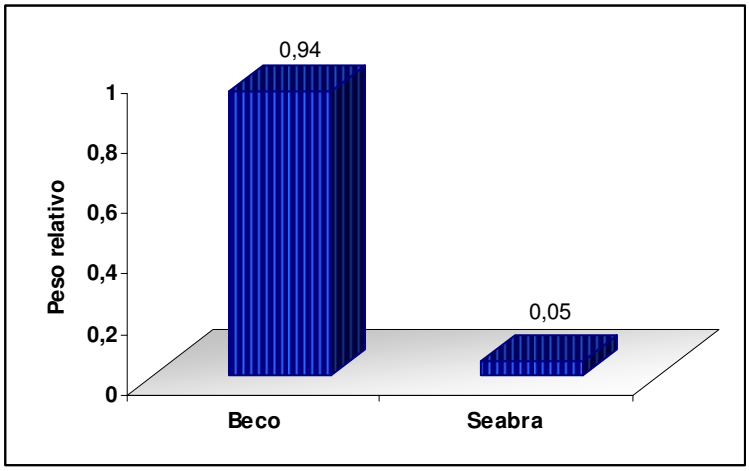
Os resultados apresentados fazem parte da rodada principal que teve a localidade como o primeiro fator na ordem de seleção pelo GOLDVARB. Os resultados dessa rodada, considerando as duas localidades, estão demonstrados na tabela 30.

Tabela 30 - Apócope da vogal átona [i], em função das localidades: Beco e Seabra

Localidade	Apl./Total	%	P.R
Beco	651/793	82%	**0,94**
Seabra	26/791	33 %	0,05
Total	677/1.584	42%	

Significância 0,000

A localidade foi o primeiro grupo a ser selecionado na rodada principal como um fator significativamente relevante. Os dados mostram que o processo de apócope da vogal [i] sofre acentuada interferência das localidades. Em Beco há um forte favorecimento da regra com 0,94 de peso relativo, enquanto Seabra apresenta um desfavorecimento da regra com 0,05 de peso relativo. Os resultados mostram que o fenômeno da apócope da vogal [i] faz parte da norma de Beco, caracterizando-se como marca linguística daquela comunidade, como ilustra o gráfico 23.



Significância 0,000

Gráfico 23 - Apócope da vogal átona [i], em função das localidades: Beco e Seabra

5.3.2 **A apócope da vogal [i] em Beco**

Das 793 ocorrências quantificadas para a vogal [i] em Beco, 651 foram realizadas na forma não-padrão da língua, correspondendo a um percentual de 82% de ausência da vogal átona final [i].

Na primeira rodada realizada com os dados de Beco, foi eliminado um grande número de fatores importantes para a análise. Foram realizadas, então, várias rodadas, testando várias combinações de fatores até que se conseguiu uma rodada relevante que atingiu a convergência e uma boa significância.

Nessa rodada, que teve como *input* 0,821, foram controlados três fatores que apresentaram a seguinte ordem de seleção pelo programa:

(i) Cruzamento entre o gênero e a faixa etária
(ii) Consoante pré-vocálica
(iii) Contexto fonético seguinte

Foi realizada uma rodada suplementar para observar o comportamento dos informantes na amostra. Essa rodada teve o mesmo *input* e os fatores foram selecionados pelo programa na seguinte ordem:

(i) Informantes

(ii) Consoante pré-vocálica

(iii) Contexto fonético seguinte

5.3.2.1 As variáveis linguísticas

Na análise de Beco, isoladamente, foram realizadas várias rodadas para observar os contextos favoráveis à aplicação da regra. Realizaram-se cruzamento entre fatores, exclusões e reuniões para se resolverem os problemas necessários. Feitas as alterações, realizou-se a primeira rodada após a eliminação de muitas consoantes que não se mostraram significativamente relevantes, controlando apenas sete delas na rodada. O contexto fonético foi selecionado após a eliminação do fator vogal sem ressilabação que não se mostrou relevante no processo.

Como se pode ver, dentre os fatores linguísticos utilizados na rodada principal de Beco, o programa selecionou apenas dois fatores na ordem a seguir: as consoantes pré-vocálicas e o contexto fonético seguinte.

5.3.2.1.1 *A consoante pré-vocálica*

Os resultados dessa rodada estão apresentados na tabela 31.

Tabela 31 - Apócope da vogal átona [i], segundo a consoante pré-vocálica, em Beco

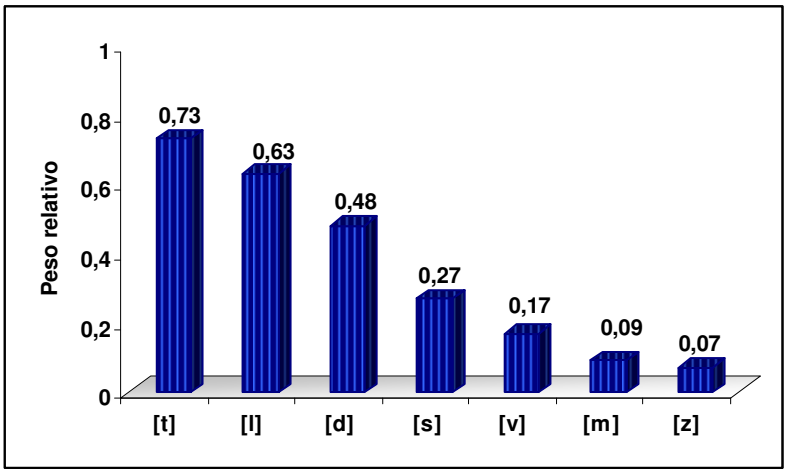
Consoante pré-vocálica	Apl./Total	%	P.R
Oclusiva dento-alveolar surda [t]	207/213	97%	**0,73**
Lateral alveolar sonora [l]	170/176	96%	**0,63**
Oclusiva dento-alveolar sonora [d]	60/64	93%	0,48
Fricativa dento-alveolar surda [s]	67/78	85%	0,27
Fricativa labiodental sonora [v]	36/58	62%	0,17
Nasal bilabial sonora [m]	16/30	53%	0,09
Fricativa dento-alveolar sonora [z]	17/29	58%	0,07
Total	573/648 [36]	88%	

Significância 0,000

[36] Este valor (648), somado aos valores das quantidades de consoantes eliminadas (145) perfaz o total de 793 ocorrências.

Os resultados apresentados na tabela 31 indicam que, nas rodadas de Beco individualmente, a consoante oclusiva dento-alveolar surda [t], como em [tuˈmat] (tomate), favorece o processo de apócope com 0,73 de aplicação da regra. O favorecimento ocorreu, na maioria das vezes, com as consoantes que condicionavam majoritariamente o processo de apócope nas rodadas conjuntas. Os dados revelam que a consoante lateral alveolar sonora [l], como em [ˈel] (ele), favorece a aplicação da regra com 0,63 de peso relativo, valor que caracteriza um favorecimento mais baixo do que aquele obtido para o favorecimento na rodada conjunta, Beco e Seabra. As demais consoantes não se mostraram relevantes no processo, logo não serão detalhadas nesta análise.

Esses resultados podem ser melhor visualizados no gráfico 24.



Significância 0,000

Gráfico 24 - Apócope da vogal átona [i], segundo a consoante pré-vocálica, em Beco

5.3.2.1.2 *O contexto fonético seguinte*

Este grupo foi o último a ser selecionado pelo programa nessa rodada. Os resultados apresentados na tabela 32 demonstram a influência do contexto fonético seguinte no processo de apócope em Beco.

Tabela 32 - Apócope da vogal átona [i], segundo o contexto fonético seguinte, em Beco

Contexto fonético seguinte	Apl./Total	%	P.R
Consoante	513/579	88%	**0,58**
Ausência de segmento	122/198	61%	0,27
Total	635/777	81%	

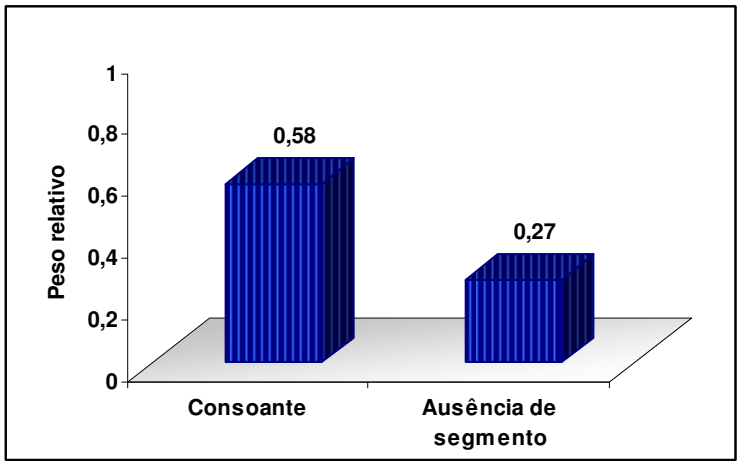
Significância 0,001

Os resultados apresentados acima indicam que o contexto fonético seguinte que mais favorece a apócope da vogal [i] em Beco é a consoante com 0,58 de aplicação da regra. Em Beco, são verificados contextos de consoantes favorecedoras da apócope, como os apresentados a seguir:

(93) [ˈxed] (Rede) Vida e as oração (Inf. 08, mulher, 56 anos)

(94) Aí el [ˈel] quis ajudá ela (Inf. 04, mulher, 18 anos)

Os resultados dessa rodada podem ser visualizados no gráfico 25.



Significância 0,001

Gráfico 25 – Apócope da vogal [i], em função do contexto seguinte, em Beco

5.3.2.2 As variáveis sociolinguísticas

Na rodada individual de Beco, os fatores faixa etária e gênero/sexo não foram selecionados. Só se tornaram estatisticamente significativos quando feito o cruzamento entre a faixa etária e o gênero/sexo.

5.3.2.2.1 *Cruzamento entre as variáveis gênero/sexo e faixa etária*

Os resultados dessa rodada, que teve 0,821 de *input,* estão explicitados na tabela 33.

Tabela 33 - Apócope da vogal átona [i], em função do gênero/sexo e afaixa etária, em Beco

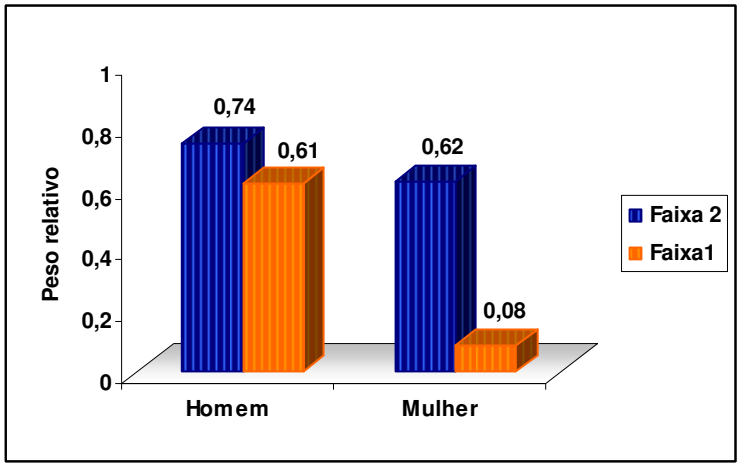
Gênero/sexo	**Faixa 1**			**Faixa 2**		
	Apl./Total	**%**	**P.R**	**Apl./Total**	**%**	**P.R**
Homem	123/138	89%	**0,61**	238/248	95%	**0,74**
Mulher	89/190	46%	0,08	201/217	92%	**0,62**
Total	651/793	82%				

Significância 0,000

Novamente aqui a faixa 2 se mostra como forte favorecedora do processo de apócope. Observa-se ainda, nos resultados de Beco, que os homens tanto da faixa 1 (0,61) quanto da faixa 2 (0,74) favorecem mais a aplicação da regra. Esse resultado é confirmado pelos percentuais de 89% para o homem da faixa 1 e 95% para o homem da faixa 2. De acordo com os resultados, é possível observar que, em Beco, o gênero favorece associado à faixa etária.

As mulheres da faixa 1 mostraram um baixo índice de aplicação da regra (0,08) e, consequentemente, um maior uso da norma padrão. Os dados mostraram diferenças marcantes entre a linguagem de mulheres jovens e mulheres idosas. Isso pode ser explicado pelo fato de aquelas serem as mais escolarizadas do grupo e socialmente, mais integradas.

No gráfico 26, estão representados os resultados do cruzamento entre a faixa etária e o gênero, em Beco.



Significância 0,000

Gráfico 26 - Apócope da vogal átona [i], em função do gênero/sexo e a faixa etária, em Beco

5.3.2.3 Interferência individual dos informantes, em Beco

Para observar melhor a interferência individual dos informantes quanto ao uso da apócope da vogal [i], foi realizada uma rodada suplementar, opondo o grupo de informantes aos grupos linguísticos: consoante pré-vocálica e contexto seguinte. Nessa rodada, que teve o mesmo *input,* o grupo de informantes foi o primeiro selecionado na ordem do programa.

Os resultados dessa rodada, por informante, estão explicitados na tabela 34.

Tabela 34 - Apócope da vogal átona [i], por informantes, em Beco

Inf.	**Aplicação da regra** Apl./total	%	P.R.	**Gênero/idade**	**Idade**	**Escolaridade**
5	163/167	97%	**0,81**	Homem	52	3ª série
8	163/167	97%	**0,80**	Mulher	56	3ª série
2	49/52	94%	**0,77**	Homem	27	7ª série
6	75/81	92%	**0,53**	Homem	56	4ª série
1	74/86	86%	0,44	Homem	22	7ª série
7	38/50	76%	0,29	Mulher	50	4ª série
3	20/49	40%	0,09	Mulher	22	8ª série
4	69/141	48%	0,06	Mulher	18	8ª série

Significância 0,026

Os resultados da tabela 34 confirmam os resultados observados na tabela 33 e no gráfico 26. A análise dos dados por informante, em Beco, revela que o gênero/sexo interfere no processo de apócope associado à faixa etária. Pode-se ver que tanto o homem quanto a mulher da faixa 2 mostram o mesmo número de ocorrências (163), o mesmo percentual (97%) e, praticamente, o mesmo peso relativo com 0,81 para o homem e 0,80 para a mulher.

Os dados mostram que o homem da faixa 1 apresenta um alto índice de aplicação da regra tanto em percentuais (0,94) quanto em peso relativo (0,77). Esse resultado pode ser explicado pelo fato de o informante manter poucos contatos fora da sociedade, limitando-se ao desempenho de sua atividade como ajudante na plantação de tomate e pimentão.

O homem da faixa 2, de 56 anos, apresenta um percentual muito alto (0,92%), mas favorece a regra com 0,53 de peso relativo.

Os resultados mostram que são as mulheres da faixa 1 as que menos utilizam apócope na amostra. Pode-se admitir que essas mulheres revelam certa inovação dentro da realidade linguística de Beco. Como se pode ver na tabela 34, além da pouca idade, essas mulheres são as mais escolarizadas também.

5.3.3 **A apócope da vogal [i] em Seabra**

Das 791 ocorrências quantificadas para a vogal [i] em Seabra, 26 foram de apócope, correspondendo a um percentual de 3%. Devido ao número baixo de ocorrências, ocorreram muitos *knockouts*. Foram realizadas diversas rodadas na tentativa de resolver os problemas apresentados de forma que fossem selecionados fatores significativamente relevantes para a rodada.

Feitas as combinações, agrupamentos e exclusões foi realizada a rodada principal, controlando apenas a consoante pré-vocálica e a faixa etária. Essa rodada que teve como *input* 0,033, apresentou a seguinte ordem de seleção pelo programa:

(i) Consoante pré-vocálica
(ii) Faixa etária

Na tentativa de observar o comportamento individual dos informantes em Seabra, foi feita uma rodada suplementar, controlando a consoante pré-vocálica e os informantes. Com o

mesmo *input* da rodada anterior que foi de 0,033, o programa apresentou a seguinte ordem de seleção:

(i) Consoante pré-vocálica
(ii) Informantes

Os resultados das rodadas serão discutidos a partir das seleções feitas pelo programa, considerando o baixo número de ocorrências para aplicação da regra em Seabra.

5.3.3.1 As variáveis linguísticas

O programa selecionou apenas a consoante pré-vocálica como fator linguístico com interferência no processo de apócope da vogal [i], em Seabra.

5.3.3.1.1 *A consoante pré-vocálica*

Nem todas as consoantes favoreceram o processo de apócope. Na rodada geral para observar o comportamento de todos os fatores, nove consoantes pré-vocálicas apresentaram valores insignificantes para a ausência da vogal [i], sendo, por isso, retiradas das rodadas.

Os resultados obtidos nas rodadas estão demonstrados na tabela 35.

Tabela 35 - Apócope da vogal átona [i], segundo a consoante pré-vocálica, em Seabra

Consoante pré-vocálica	Apl./Total	%	P.R
Oclusiva dento-alveolar surda [t]	9/40	22%	**0,94**
Nasal dento-alveolar sonora [n]	1/5	20%	**0,92**
Oclusiva bilabial sonora [b]	2/23	8%	**0,81**
Oclusiva dento-alveolar sonora [d]	2/22	9%	**0,77**
Grupo consonântico obstruinte + [ɾ]	2/42	4%	**0,69**
Lateral alveolar sonora [l]	7/130	5%	**0,66**
Fricativa dento-alveolar surda [s]	1/76	1%	0,24
Africada palatal surda [tʃ]	2/195	1%	0,23
Total	26/533	4%	

Significância 0,000

Como se pode ver na tabela acima, os dados indicam que, das consoantes selecionadas para a vogal átona final [i], a consoante oclusiva dento-alveolar surda [t] é a que mais condiciona o desempenho da variável. Esse favorecimento se mantém tanto nas rodadas conjuntas quanto nas rodadas isoladas de Beco e Seabra.

Os resultados mostram que a nasal dento-alveolar sonora [n] revelou um alto índice de representatividade (0,92). Na rodada individual de Beco essa consoante não se mostrou favorecedora; no entanto, na rodada conjunta revelou um alto índice de aplicação da regra com 0,70 de peso relativo.

Os resultados indicam que a oclusiva bilabial sonora [b] mostrou-se como forte favorecedora do processo de apócope com 0,81 de peso relativo. Esse resultado foi verificado também na rodada conjunta, mas essa consoante não foi selecionada na rodada individual de Beco.

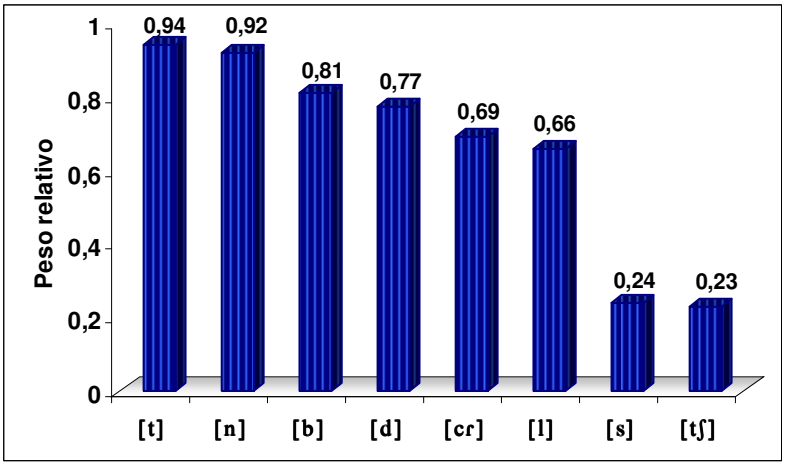
Já a consoante oclusiva dento-alveolar sonora [d] revela-se como forte favorecedora tanto nas rodadas conjuntas, quanto nas rodadas separadas. Em Seabra, essa consoante favorece a regra com um peso relativo de 0,77.

Os dados mostram que o grupo consonântico, em Seabra, favorece o processo de apócope com 0,69 de peso relativo. Vale ressaltar que esse grupo não se mostrou significativamente relevante nos resultados de Beco, individualmente.

Os resultados revelaram ainda que a lateral alveolar sonora [l] condiciona tanto na rodada conjunta quanto nas rodadas individuais das localidades. Em Seabra, essa consoante favorece a aplicação da regra com 0,66 de peso relativo. O fato de a consoante [l] favorecer o processo de apócope coincide com o resultado de outras análises como o estudo de Viegas e Oliveira (2008) em Itaúna, Minas Gerais, que mostra o apagamento da vogal átona final em sílaba [l] + vogal final como em [aˈkel] (aquele), [ˈel] (ele).

As outras consoantes não foram estatisticamente significativas para o condicionamento da apócope, logo, não serão detalhadas.

Os resultados das consoantes pré-vocálicas podem ser melhor visualizados no gráfico 27.



Significância 0,000

Gráfico 27 – Apócope da vogal átona [i], em função da consoante pré-vocálica, em Seabra

5.3.3.2 <u>As variáveis sociolinguísticas</u>

Para observar o comportamento das variáveis sociais no processo de apócope, foram escolhidas duas variáveis sociolinguísticas: o gênero/sexo e a faixa etária. No entanto, o gênero/sexo não se mostrou significativamente relevante nas rodadas, mesmo fazendo o cruzamento com a faixa etária. Portanto, esse grupo foi eliminado. Nas rodadas de Seabra, individualmente, controlou-se apenas a faixa etária.

5.3.3.2.1 *A faixa etária*

A faixa etária foi o segundo grupo selecionado pelo programa. A tabela abaixo mostra a distribuição dos resultados da apócope, de acordo com a faixa etária dos informantes em Seabra.

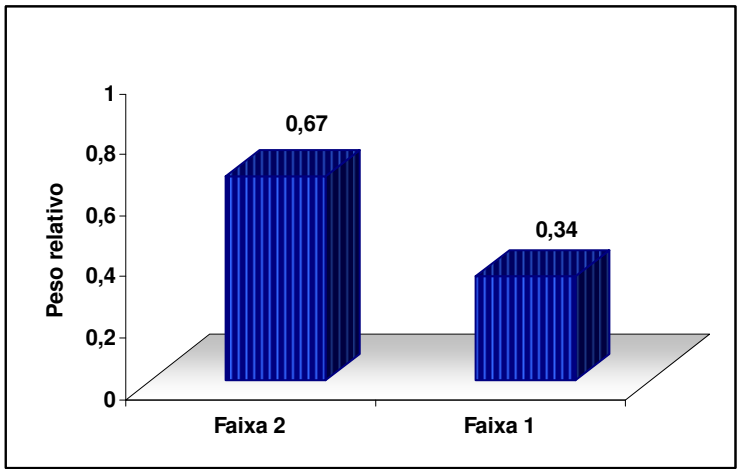
Tabela 36 - Apócope da vogal átona [i], segundo a faixa etária, em Seabra

Faixa etária	Apl./Total	%	P.R
50 a 65 anos	15/363	4%	**0,67**
18 a 30 anos	11/428	2%	0,34
Total	26/791	3%	

Significância 0,000

Os dados apresentados na tabela 36 evidenciam que a faixa etária 2 é, decisivamente, a favorecedora do processo de apócope da vogal [i]. É possível visualizar, no gráfico 28, uma clara diferença entre a faixa 1 e a faixa 2. Em Seabra, a faixa 2 favorece a aplicação da regra com 0,67 de peso relativo enquanto a faixa 1 apresenta um ínfimo resultado de 0,34. Pode-se crer que a faixa 1 desfavorece a regra.

Esses dados estão ilustrados no gráfico 28.



Significância 0,000

Gráfico 28 - Apócope da vogal átona [i], segundo a faixa etária, em Seabra

5.3.3.3 Interferência individual dos informantes em Seabra

Para observar a interferência dos informantes no processo de apócope, em Seabra, foram feitas várias rodadas até se conseguir uma significativamente relevante. Os resultados dessa rodada, que apresentou 0,033 de *input*, estão demonstrados na tabela 37.

Tabela 37 - Apócope da vogal átona [i], por informantes, em Seabra

Inf.	**Aplicação da regra** Apl./total	%	P.R.	**Gênero/idade**	**Idade**	**Escolaridade**
16	4/58	6%	**0,78**	Mulher	60	MOBRAL
14	2/26	7%	**0,74**	Homem	63	1ª série
13	7/167	4%	**0,65**	Homem	61	2ª série
11	10/171	5%	**0,62**	Mulher	19	5ª série
15	2/112	1%	**0,51**	Mulher	53	4ª série
09	1/185	0	0,16	Homem	22	7ª série
10	0/31	0	-	Homem	23	3ª série
12	0/41	0	-	Mulher	30	7ª série

Significância 0,026

No geral, a tabela revela resultados pouco significativos em função da quantidade de ocorrências. Os dados mostram que, em Seabra, a faixa 2 realiza mais apócope da vogal [i], tanto que todos os informantes da faixa 2 apresentaram pesos relativos acima de 0,50. Dentre eles, os que mais favorecem a regra são um homem de 60 anos (0,78) e uma mulher de 63 (0,74). Seguem-se a esses informantes um homem de 61 anos (0,65) e uma mulher de 53 (0,51). A exceção é observada na mulher mais jovem do grupo, com 19 anos, que favorece a regra e fica um pouco acima do último colocado da faixa 2, com 0,62 de peso relativo.

5.3.3.5 Alinhavando algumas conclusões – vogal [i]

Em linhas gerais, os resultados da análise de consoantes em contexto antecedente podem ser resumidos assim:

1) A consoante oclusiva dento-alveolar surda [t] mostrou-se como forte favorecedora do processo de apócope da vogal [i], tanto nas rodadas conjuntas (0,94) quanto nas individuais de Beco (0,74) e Seabra (0,94).

2) A consoante lateral alveolar sonora [l] favorece o processo de apócope da vogal [i] tanto nas rodadas conjuntas (0,80) quanto nas rodadas individuais em Beco (0,68) e Seabra (0,66).

3) A oclusiva bilabial sonora [b] revelou-se como forte favorecedora do processo tanto nas rodadas conjuntas (com 0,84 de peso relativo) quanto nas rodadas individuais de Beco (com 0,81 de peso relativo).

4) A nasal dento-alveolar sonora [n] mostrou-se favorecedora da regra tanto nas rodadas conjuntas (0,70), quanto nas rodadas de Seabra separadamente (0,92).

5) A consoante oclusiva dento-alveolar sonora [d] mostrou-se favorecedora nas rodadas conjuntas, com 0,78 de peso relativo, e nas rodadas individuais de Seabra, com 0,77 de peso relativo, embora se tenha documentado apenas duas ocorrências. Em Beco, apresentou peso relativo de 0,43.

6) O grupo consonântico oclusivo-dento-alveolar mais tepe favoreceu a apócope da vogal [i] nas rodadas conjuntas com 0,72 de peso relativo e em Seabra com 0,69. Em Beco, individualmente, apresentou uma frequência de 91%, tendo sido considerado, praticamente categórico, o que provocou a sua eliminação das rodadas.

7) As fricativas favorecem a apócope da vogal [i] nas rodadas conjuntas. A fricativa palatal sonora [ʒ] favorece a aplicação da regra com 0,58 de peso relativo, a labiodental surda [f] com um peso relativo de 0,57; a dento-alveolar surda [s] com 0,53 de peso relativo.

8) Das variáveis sociais, os dados revelaram que, em Beco, a faixa etária 2 mostra-se como uma forte favorecedora do processo de apócope, com 0,67 de peso relativo. Nas rodadas individuais tanto de Beco quanto de Seabra o gênero/sexo foi considerado pouco significativo para o processo. Em Beco, não se observaram grandes diferenças entre homens (0,70) e mulheres (0,60). Em Seabra, os dados revelam que a apócope está mais associada à faixa etária do que ao gênero, que se mostrou insignificante para o processo de apócope, mesmo associado à faixa etária.

9) Tanto em Beco quanto em Seabra ocorre mais apócope da vogal [i] no discurso semidirigido. A rodada conjunta revelou 0,95 de peso relativo para o discurso semidirigido e 0,87 para o QFF. Nas rodadas isoladas de Beco e Seabra, o tipo de questionário não foi selecionado.

10) Pode-se ver que a localidade interfere fortemente no processo de apócope da vogal [i]. Beco revelou um alto indice de aplicação da regra com 0,94 de peso relativo, enquanto Seabra revelou um índice insignificante de 0,05.

11) A análise dos dados por informantes mostrou que os homens da faixa 2 favorecem a aplicação da regra em Beco. Em Seabra, os dados mostram que os informantes da faixa 2 realizam mais apócope, independente do gênero/sexo.

5.4 GRUPO DE FATORES NÃO SELECIONADOS

Para Guy e Zilles (2007, p.188) "Sempre queremos saber quais dos fatores incluídos nas análises são, de fato, significativos, isto é, quais deles têm efeitos verdadeiros sobre o processo em estudo, distintos dos efeitos dos outros fatores". Nesta seção serão explicitados todos os grupos de fatores que foram apresentados na seção 4.8.2 (As variáveis independentes) como relevantes para esta investigação científica, mas que não foram selecionados pelo programa, nem nas rodadas conjuntas, nem nas rodadas individuais de Beco e Seabra, tanto para a vogal [u], quanto para a vogal [i], apesar dos agrupamentos, exclusões e desmembramentos.

5.4.1 **Grupo de fatores não selecionados nas rodadas conjuntas, Beco e Seabra – vogal [u]**

5.4.1.1 Vogal ou semivogal da sílaba antecedente

Inicialmente, pensou-se em observar a atuação das vogais e semivogais, orais e nasais, individualmente, no favorecimento da apócope. Observou-se que o programa estatístico eliminava esse fator em todas as rodadas realizadas. Feito o CROSSTAB das vogais com todos os fatores verificou-se que, para muitos fatores, não havia ocorrências com as vogais. Optou-se por reunir o grupo de vogais em apenas três: anteriores, posteriores e central. Ainda assim esse grupo não se mostrou estatisticamente significativo.

5.4.1.2 Dimensão do vocábulo

Esse grupo não se mostrou como um fator estatisticamente relevante para a pesquisa. Os valores em pesos relativos eram muito próximos entre dissílabos, trissílabos e polissílabos. Percebe-se que o número de sílabas não influencia no processo de apócope da vogal [u], tendo sido retirado das rodadas.

5.4.1.3 Tipo de frase

Primeiramente, foram considerados os seguintes tipos de frase: afirmativa, interrogativa, negativa e interrogativa-negativa. Após a primeira rodada dos dados no programa estatístico, houve a necessidade de reunir os itens deste fator para que se tornassem significativos para o programa. Feito o CROSSTAB, observou-se que havia muitos zeros no cruzamento com outros fatores. Mesmo reunido em dois fatores, frase afirmativa e frase não-afirmativa, esse grupo não foi significativo. A combinação feita parece não ter sido a mais adequada, uma vez que possuíam um mesmo padrão melódico. Esse grupo foi, então, retirado das rodadas.

5.4.1.4 Posição da palavra na frase

Em todas as rodadas realizadas da vogal [u], esse fator não foi selecionado. Os valores obtidos eram muito próximos, não se mostrando, portanto, estatisticamente relevante para o estudo da apócope. Esse fator foi, então, retirado das rodadas.

5.4.2 **Grupo de fatores não selecionados nas rodadas individuais, em Beco – vogal [u]**

Os grupos de fatores não selecionados na análise individual de Beco coincidem com os fatores não selecionados nas rodadas conjuntas de Beco e Seabra, logo não serão detalhados aqui, pois estão expostos na seção 5.4.1 deste estudo.

5.4.3 **Grupo de fatores não selecionados nas rodadas individuais, em Seabra – vogal [u]**

Dos grupos estabelecidos como possíveis condicionadores da regra em Seabra, o GOLDVARB não considerou estatisticamente significativos os grupos explicitados na seção 5.4.1 deste estudo, bem como os seguintes grupos de fatores:

5.4.3.1 A classe morfológica

Nos resultados de Seabra, isoladamente, a classe morfológica não se mostrou significativa para o estudo. Em todas as rodadas realizadas este grupo foi eliminado. Quando o programa não o eliminava, a rodada não atingia a convergência. Observou-se, então, que a classe morfológica não interfere no processo de apócope em Seabra e foi retirada das rodadas.

5.4.3.2 O contexto fonético seguinte

Nas rodadas de Seabra, individualmente, não houve ocorrências para esta variável no item "vogal sem ressilabação". Pensou-se, então, em reunir esse item com o item "ausência de segmento" no mesmo grupo; no entanto, o índice de ocorrências desse item mostrou-se, também, insignificante. Achou-se melhor retirar este grupo das rodadas de Seabra, uma vez que a presença da vogal mostrou-se categórica para estes dois contextos mesmo reunidos.

5.4.3.3 O tipo de questionário

Nas rodadas de Seabra, isoladamente, o grupo de fatores Tipo de questionário revelou um número de ocorrência insignificante para o item Questionário fonético-fonológico, de modo que o programa eliminou-o em todas as rodadas. Os dados levam a crer que os informantes de Seabra tem mais consciência da variante estigmatizada, evitando seu uso em situações mais formais.

5.4.3.4 O gênero/sexo

Esse grupo de fatores foi eliminado de todas as rodadas realizadas. Pode-se acreditar que o gênero/sexo não é muito importante para a ocorrência da apócope em Seabra. Esse grupo só se mostrou significativamente relevante quando se fez o cruzamento com a faixa etária.

5.4.3.5 A faixa etária

Em Seabra, a faixa etária não se mostrou estatisticamente relevante. Em algumas rodadas era eliminada, em outras, a rodada não convergia. Esse fator só se revelou estatisticamente relevante, em Seabra, nas rodadas em que se realizou o cruzamento faixa etária e gênero.

5.4.4 **Grupo de fatores não selecionados nas rodadas conjuntas, Beco e Seabra – vogal [i]**

A vogal e semivogal da sílaba antecedente, a dimensão do vocábulo, o tipo de frase e a posição da palavra na frase, não selecionados em [i], já foram explicitados na seção 5.4.1 deste estudo, não havendo, portanto, necessidade de relatá-los novamente.

Quanto aos outros fatores não selecionados nas rodadas conjuntas de Beco e Seabra para a vogal [i], serão detalhadas, a seguir, as razões da sua retirada das rodadas.

5.4.4.1 A classe morfológica

O grupo de fatores classe morfológica, sempre selecionado nas rodadas com a vogal [u], não se mostrou relevante para a vogal [i]. Apesar das combinações e ajustes esse fator não foi selecionado pelo programa, logo, foi retirado das rodadas tanto conjunta quanto individualmente.

5.4.4.2 O contexto fonético seguinte

Esse grupo não se mostrou estatisticamente relevante nas rodadas de Beco e Seabra conjuntamente. O contexto fonético seguinte não foi selecionado na primeira rodada para verificar a apócope da vogal [i] em Seabra e Beco e nem nas rodadas subsequentes.

5.4.4.3 O tipo de questionário

O grupo tipo de questionário, observado individualmente, não se mostrou significativamente relevante nas rodadas para a vogal [i]. Tanto nas rodadas conjuntas quanto nas rodadas individuais de Beco e Seabra, esse grupo foi eliminado. O tipo de questionário só foi selecionado pelo programa quando se fez o cruzamento entre o tipo de questionário e a localidade.

5.4.5 **Grupo de fatores não selecionados nas rodadas individuais, em Beco – vogal [i]**

Dentre os fatores escolhidos para investigar o fenômeno da apócope da vogal [i] em Beco, alguns não foram significativamente relevantes para o programa. Esses grupos de fatores, muitas vezes eram eliminados ou, quando eram mantidos, tais fatores provocavam a não-convergência nas rodadas, o que sugeria uma inadequação dos dados ao modelo. Após várias tentativas esses fatores foram retirados para que a rodada principal tivesse relevância e não incorresse em equívocos.

Os fatores não selecionados para a vogal [i] em Beco são os mesmos já explicitados na seção 5.4.1 deste estudo (vogal da sílaba antecedente, dimensão do vocábulo, tipo de frase, posição da palavra na frase) e na seção 5.4.4 (classe morfológica e tipo de questionário, exceto o contexto fonético seguinte). Além desses, eliminam-se mais dois fatores: a faixa etária e o gênero/sexo, conforme já dito em 5.4.3.4 e 5.4.3.5.

5.4.6 **Grupo de fatores não selecionados nas rodadas individuais, em Seabra – vogal [i]**

Em Seabra, foram retirados muitos fatores até que se conseguisse uma rodada significativa para investigar o fenômeno da apócope da vogal [i].

Nas rodadas de Seabra, foram eliminados todos os fatores não selecionados e já explicitados na seção 5.4.1 (vogal da sílaba antecedente, dimensão do vocábulo, tipo de frase, posição da palavra na frase) e os fatores não selecionados na seção 5.4.4 (classe morfológica, tipo de questionário, contexto fonético seguinte). O tipo de questionário, em Seabra, teve um número insignificante de ocorrências para o QFF e foi retirado das rodadas. Além desses, acrescenta-se mais um fator não selecionado para a vogal [i] em Seabra, o gênero/sexo conforme 5.4.3.4.

5.4.6.1 O gênero/sexo

Nas rodadas de Seabra, isoladamente, tanto o gênero/sexo quanto o cruzamento entre a faixa etária e o gênero foram eliminadas de todas as rodadas. Pode-se dizer que o gênero não interfere no processo de apócope em Seabra, já que as ocorrências para a ausência da vogal [i] entre homens (2%) e mulheres (4%) são muito próximas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou uma análise sincrônica da apócope das vogais átonas [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: a cidade de Seabra e o povoado de Beco. A pesquisa teve como principal objetivo constatar a ocorrência da apócope e definir as condições que favoreceram ou restringiram a variação.

Através da análise acústica dos dados pôde ser verificada a apócope das vogais átonas [i] e [u] nas duas localidades. Tais variantes ocorreram, por exemplo, em palavras como [gɔst] (gosto) e bif [ˈbif] (bife) em que o sinal acústico apresentava ausência de segmento, principalmente depois do contexto de consoantes oclusivas, laterais e fricativas.

Adotando a metodologia variacionista, buscou-se verificar que fatores históricos, linguísticos, sociais, discursivos condicionavam as ocorrências nas duas localidades. A apócope revelou-se como um fenômeno característico da localidade de Beco, apresentando um uso mais frequente entre os mais velhos. Os dados analisados levam a crer que, em Beco, estaria acontecendo um processo de mudança de cima para baixo, com falantes mais escolarizados e modernos, evitando as formas apocopadas. Esse resultado pode estar associado ao aspecto histórico do povoamento do Beco, uma vez que se cogita ter sido formado em função de sua localização estratégica na linha de rota dos antigos comerciantes cujas trilhas passavam margeando a localidade.

Esse resultado pode estar associado ao aspecto histórico do povoamento do Beco, uma vez que se cogita ter sido formado em função de sua localização estratégica na linha de rota dos antigos comerciantes cujas trilhas passavam margeando a localidade.

O povoamento da Chapada Diamantina teve como atores paulistas e, principalmente, mineiros que, atraídos pela produção diamantífera, exploraram os sertões em busca de riquezas, propiciando a criação de povoados, vilas, cidades. Alguns desses núcleos se desenvolveram e acabaram se distanciando de sua herança histórica; outros, permaneceram na sua condição de povoado, preservando, assim, traços que de alguma forma os diferenciam das demais localidades.

É possível observar na história que Beco, sendo uma área estratégica de passagem tanto das boiadas oriundas dos *currais do São Francisco* quanto dos garimpeiros e viajantes, preservou marcas linguísticas, provenientes de algum desses passantes que ali se instalaram, tendo dado início à formação do povoado.

Apesar da proximidade entre Beco e Seabra, as duas localidades mostraram-se bastante demarcadas linguisticamente. A apócope em Seabra não é significativa e o índice, provavelmente, é o característico de outras áreas brasileiras. No cômputo geral dos dados, Seabra registrou 2.629 ocorrências de vogal final em sua totalidade e Beco 2.537. No entanto, foram registrados em Seabra, apenas, 3% de apócope. Esse resultado revela que a apócope não é marca de Seabra e os casos de apócope da vogal [i] e [u], ali observados podem ser explicados em decorrência de o enfraquecimento ser geral nessa posição. O número muito pequeno de ocorrências, mais comum na faixa 1, confirma o que observa Viaro (2005, p. 225) sobre a instabilidade das vogais postônicas: "a apócope também ocorre na chamada fala rápida no português brasileiro como em [ˈpaxt] por parte, [ˈtẽp] por tempo".

Isso se confirma nos atlas brasileiros (APFB, EALMG, ALERS) que documentam casos de apócope em diferentes áreas do Brasil. Na Bahia, em Minas Gerais e nos estados do Sul do Brasil já se encontram registrados nos atlas casos de apócope como, por exemplo, [kaˈsɔt] (casote) em Campo Formoso-BA; [ˈpik] (pique) em Pirapora e outras localidades de Minas; [dɪzeˈsɛt] (dezessete) em Chapecó-SC; [ˈsɛt] (sete) em Soledade-RS; e [ɐmeriˈkɐ̃n] (americano) em Ortigueira-PR.

A documentação da apócope em outras áreas do Brasil, especialmente em Minas, como mostra o estudo de Viegas e Oliveira (2008) sobre o apagamento em Itaúna-MG, confirma o legado desses grupos que deixaram suas impressões linguísticas e socioculturais bem marcadas. Beco, por ser uma comunidade rural, pequena e fechada, manteve uma alta frequência da apócope como particularidade linguística marcante, na caracterização da localidade.

A história do povoamento da área registra como primeiros povoadores, em sua maior parte, os portugueses que, atraídos pela exploração aurífera, se deslocaram para aquela região e depois, desiludidos, fixaram residência na área. Tendo em vista que a apócope é um fenômeno muito presente nos dialetos insulares em Portugal, conforme mostrou o ALEAç e os estudos de Silva (1998, 2005, 2007) os resultados encontrados levam a crer que o fenômeno da apócope observado em Beco pode estar relacionado ao que se observa em Portugal, trazido pelos colonizadores.

A análise empreendida sobre a apócope das vogais átonas [i] e [u] confirmou a hipótese de que há uma variação sistemática entre a presença e ausência dessas vogais, regulada por contextos linguísticos e extralinguísticos que atuam favorecendo ou não as variantes. Para verificar os fatores internos e externos que atuam sobre o fenômeno foram

organizados dois esquemas analíticos: um para a vogal [i] e outro para a vogal [u]. Esse procedimento foi necessário devido à impossibilidade de esses arquivos serem rodados conjuntamente, em virtude de os contextos favorecedores serem diferentes.

Há grandes diferenças nos resultados quanto ao uso da apócope pelos integrantes de cada uma das localidades. Tendo em vista a baixa frequência da apócope em Seabra, pode-se observar que, nessa localidade, as consoantes foram selecionadas, em sua maioria, nos contextos mais favorecedores. Dentre os fatores linguísticos investigados, a consoante pré-vocálica revelou-se como a maior favorecedora da apócope tanto em Beco quanto em Seabra.

Os resultados da análise da vogal [u] demostraram que as palavras que, na norma padrão do português, apresentam o grupo consonântico obstruinte + [ɾ] precedente, como em *dentro*, *quadro, lembro* são aquelas em que mais se verifica a apócope da vogal: [ˈdẽt] [ˈkwad] [ˈlẽb]. Esse grupo, em geral, não é emitido em virtude do desaparecimeno do tepe. O que existe nesse contexto é a consoante oclusiva. Da análise realizada, foi possível observar que o grupo consonântico obstruinte + tepe condiciona decisivamente o processo de apócope tanto nas rodadas conjuntas (0,82) quanto nas individuais em Beco (0,68) e em Seabra (0,81).

A consoante oclusiva bilabial surda [p] é a segunda favorecedora do processo nas rodadas conjuntas com 0,62 de aplicação da regra. Também na rodada de Beco, individualmente, essa consoante revelou-se como a segunda maior condicionadora da apócope com 0,64 de peso relativo. Já na rodada individual de Seabra, os dados mostraram, como segunda consoante mais favorecedora, a consoante oclusiva dento alveolar surda [t], seguida da oclusiva velar surda [k], ambas com 0,59 de peso relativo.

A consoante nasal dento-alveolar sonora [n] revelou-se favorecedora da apócope na rodada conjunta e nas rodadas individuais de Beco e Seabra. Nas rodadas conjuntas e na rodada de Beco, o condicionamento apresentou o mesmo peso relativo: 0,61. Na análise de Seabra, isoladamente, essa consoante apresenta um peso relativo um pouco mais baixo (0,58), mantendo a mesma faixa de condicionamento.

Da análise realizada é possível concluir que, tanto em Beco quanto em Seabra, a classe morfológica não se mostrou significativamente relevante no processo de apócope. Os dados revelam que a estrutura dos vocábulos parece favorecer mais o processo do que o fato de ser advérbio, verbo ou pronome substantivo. Esse resultado corrobora os de Viegas e Oliveira (2008) para os quais a classe de palavra não se mostrou relevante para o apagamento da vogal, conforme afirmam os autores (2008, p. 131): “para o apagamento da vogal em Itaúna, independe de a juntura de palavras ocorrer entre o nome e o verbo, ou entre o verbo e o

pronome. Não houve atuação relevante de determinada classe mais do que outra". Assim como eles reconhecem em Minas, também em Beco e Seabra esse processo precisa ser analisado mais profundamente.

Quanto ao contexto fonético seguinte, os dados mostraram que o contexto seguido de consoante é o que se mostrou mais favorável para a ocorrência da apócope em Beco. Esse resultado ficou claro na rodada conjunta (0,56) e foi confirmado na rodada individual de Beco (0,55). Em Seabra, esse grupo não se mostrou significativamente relevante, tendo sido retirado das rodadas.

Quanto aos resultados para a vogal [i], dentre os fatores linguísticos selecionados, somente as consoantes pré-vocálicas revelaram-se favorecedoras do processo de apócope. Os dados analisados mostraram que a consoante com maior força no processo de apócope nas localidades conjuntamente é a oclusiva dento-alveolar surda [t] com 0,94 de peso relativo. Na análise individual das localidades, manteve-se o favorecimento: Beco apresentou 0,74 de peso relativo e Seabra 0,94. Palavras como [tuˈmat] (tomate) [ˈvĩt] (vinte) [diaˈbɛt] (diabete) apresentam mais chances de serem realizadas sem a vogal átona final.

Observou-se, ainda, que, em Beco, quando não ocorre a apócope da vogal [i] depois de oclusiva dento alveolar [t], essa consoante realiza-se como africada palatal [tʃ] como se observa em [tuˈmatʃɪ] (tomate), [ˈvĩtʃɪ] (vinte), [diaˈbɛtʃɪ] (diabete). Essas realizações foram observadas nas informantes mais jovens e mais escolarizadas do grupo. Isso indica que essas informantes mantêm maiores contatos externos e estão mais integradas no processo produtivo e na vida social. Essa maior integração sociocultural coloca-as numa situação de maior exposição aos padrões linguísticos mais inovadores.

A consoante lateral alveolar sonora [l] demonstrou um forte favorecimento tanto nas rodadas conjuntas com 0,80 de peso relativo, quanto nas rodadas individuais de Beco (0,68) e de Seabra (0,66). Esses resultados remetem aos encontrados por Viegas e Oliveira (2008) em seus estudos sobre o apagamento da vogal depois de [l] em Itaúna-MG, onde, segundo eles, esse apagamento é favorecido pela vogal alta da variável, corroborando a hipótese inicial de que as vogais mais altas, mais reduzidas, são as primeiras atingidas em um processo de redução e apagamento gradual das vogais**.** Como esse estudo já investiga a apócope das vogais altas [i] e [u], a consoante [l] foi a que se mostrou favorecedora no processo.

No que concerne à vogal [i], os dados apontam o grupo consonântico obstruinte mais tepe como possível favorecedor da apócope da vogal [i] nas rodadas conjuntas com 0,72 de peso relativo e em Seabra com 0,69. Em Beco, individualmente, esse grupo apresentou uma

frequência de 91% de ocorrência, tendo sido considerado, praticamente, categórico, o que provocou a sua eliminação das rodadas. As palavras como [alˈɛg] (alegre), [ˈsẽp] (sempre), [ˈpɔb] (pobre) são pronunciadas sem a vogal átona final em quase todas as ocorrências em Beco. Estudos fonéticos mais detalhados poderiam investigar melhor essa pouca nitidez que afeta a percepção das consoantes do encontro consonantal quanto ao favorecimento da queda da vogal final nesse grupo.

A consoante oclusiva bilabial sonora [b], a nasal dento-alveolar [n] e a consoante oclusiva dento alveolar sonora [d] revelaram-se como fortes favorecedoras da apócope da vogal [i] nas rodadas conjuntas (0,84 para [b]; 0,92 para [n]; 0,78 para [d]) e nas rodadas individuais de Seabra (0,81 para [b]; 0,92 para [n]; 0,77 para [d]).

Os dados mostraram que o contexto de fricativas condiciona o processo de apócope da vogal [i] de forma bastante moderada. Considerando a rodada conjunta, a fricativa palatal sonora [ʒ] favoreceu a aplicação da regra com 0,58 de peso relativo, a labiodental surda [f] com 0,57 e a dento-alveolar surda [s] com 0,53. Em Beco, é a fricativa dento-alveolar sonora [z] que favorece a regra com 0,55 de peso relativo, tendo a fricativa [s] apresentado apenas 0,32 de peso relativo. Em Seabra, as fricativas não se mostraram favorecedoras.

A variável faixa etária mostrou-se bastante significativa nesse estudo. Os falantes mais velhos, em Beco, realizam mais apócope, enquanto, em Seabra, a apócope não é marca linguística, os falantes da faixa mais jovens tendem a realizar um número maior de apócopes nas elocuções mais espontâneas, apesar do baixo número de ocorrências verificado na amostra. Quanto ao gênero/sexo, verificou-se que, em Beco, são os homens que lideram o processo de apócope, já em Seabra, o gênero não influencia no processo.

Nas duas localidades, os dados demonstraram que, quanto ao tipo de questionário, o falante realiza mais apócope nas elocuções mais espontâneas, quando prestam menos atenção à fala, possibilitando um registro mais informal. Esse resultado manteve-se tanto nas análises de Beco quanto de Seabra.

Embora o estudo das vogais átonas no português do Brasil tenha sido objeto de diversos trabalhos científicos em diferentes universidades brasileiras, o desaparecimento da vogal átona final ainda é pouco explorado. Em vista disso, este trabalho configura-se como um dos poucos realizados neste campo, caracterizando-se como um estudo exploratório que pode colaborar com a pesquisa linguística do português do Brasil.

Pode ser que tenha havido falhas nas estratégias para resolver situações em que a análise de todos os grupos não tenha sido possível por motivos práticos, já que o ideal de uma

análise multivariada é incluir nela, em algum momento, todos os grupos juntos. As discussões sobre o tema foram enriquecedoras, mas não se esgotaram. Ao contrário, acredita-se ser necessário um estudo fonético mais pormenorizado sobre o fenômeno com análise das características acústico-articulatórias da presença e ausência das vogais átonas finais a fim de se fazer uma descrição mais acurada da apócope.

Esse é um fato característico de outras localidades, e só através de uma cobertura mais ampla dessas áreas e de um tempo maior para desenvolver a pesquisa, com recursos tecnológicos capazes de respaldar o fenômeno em sua totalidade, é que seria possível uma descrição consistente da apócope da vogal átona [i] e [u]. Novos estudos poderão ampliar a explicação para a variação aqui apresentada, usando uma amostra mais ampla que inclua um melhor aproveitamento dos recursos acústicos para um detalhamento fonético mais acurado. Além disso, uma avaliação social, com ênfase no aspecto histórico e testes de percepção seria imprescindível para observar a força da variante.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná.** Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994. 411 p. ilustradas.

ALBANO, Eleonora Cavalcante. **O gesto e suas bordas**: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro. Campinas: São Paulo: FAPESP, 2001. 272 p.

ALMEIDA, Manuel; CAMPOY, Juan Manuel Hernández. Metodologia para o estudo da variação: planificação inicial. In: **Metodologia da investigação sociolingüística**. Málaga: Comares, 2005. p. 37-81.

AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira**: gramática — vocabulário. São Paulo: ANHEMBI. [1920] 1955. 195 p.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Avaliação dos procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: os questionários. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleide Aparecida; MOTA, Andrade Jacyra (Orgs.). **Documentos 1**: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2003. p. 63-69.

BANDEIRA, Renato Luís Sapucaia. **Chapada Diamantina**: história, riquezas e encantos. Salvador: Onavlis Editora, 1995. 234 p.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Revista, ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 669 p.

BELINE, Ronald. A variação lingüística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística**. I. Objetos teóricos. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 121-140.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica, uma regra variável**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1981. 333 p. Tese de Doutorado.

BISOL, Leda. A neutralização das átonas. **Revista Letras**, Curitiba, UFPR, n. 61, especial, 2003, p. 273-283.

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4 ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 296 p.

BOERSMA, Paul; Weenink. Software PRAAT versão 5.0. Disponível em: <http://www.praat.org>. Acesso em: 27 de abril de 2009.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; SANTOS, Alessandra de Paula. Comportamento das vogais médias postônicas não finais na fala fluminense. In: HORA, Dermeval (Org). **Vogais**: no ponto mais oriental das Américas. João Pessoa: Idéia, 2009. 227 p.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 128 p.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977. 125 p.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 124 p.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de Lingüística e Gramática**: referente à língua portuguesa. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 335 p.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialectologia e ensino-aprendizagem da língua materna. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Documentos 2**: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**.** Salvador: Quarteto, 2006. 278 p.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La Dialectología**. Traducción de Carmen Morán González. Adaptacion y anotación de Eugenio Bustos Gisbert. Coleccion dirigida por Francisco Aliaga. Madrid: Visor Libros, 1994. p. 97-224

AGUILERA, Vanderci; ARAGÃO, Maria do Socorro; CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; KOCK, Walter; ZÁGARI, Mário. Atlas Lingüístico do Brasil. **Questionário 2001**: Londrina: UEL, 2001. 47 p.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, Diacronia e História**. O problema da mudança lingüística. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979. 238 p.

COSERIU, Eugênio. Sincronia y Diacronia. In: **Introducción a la Lingüística**. Biblioteca Românica Hispânica. Madrid: Gredos, 1986. p. 81-100.

FERNANDEZ, Francisco Moreno. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998. p.33-119.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994. 95 p.

FERREIRA, Manuela Barros *et al*. **Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores – ALEAç.** v. 1 (A criação de gado). Açores: Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa. Direção Regional da Cultura, 2001. 185 p.

FERREIRA, Manuela Barros *et al*. Variação lingüística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, Isabel Hub (Org.) **Introdução a Lingüística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996, p. 479-502.

GOMES, Henriette Ferreira; LOSE, Alicia Duhá. **Documentos científicos**: orientações para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos. Salvador: São Bento, 2007. 145 p.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolingüística quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 239 p.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Procedimentos Metodológicos nas Entrevistas Definitivas: o entrevistador. In: **Documentos 1**: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: ILULFA/EDUFBA, 2003. p. 45-54.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. **Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasi**l. v. 1; v. 2. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS; UFSC; UFPR, 2002. 425 p.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392 p.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 73 p.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 16 ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2005. 71 p.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Comportamento lingüístico de homens e mulheres com relação ao uso de nós e a gente. In: OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de; LOPES, Regina dos Santos (Orgs.). **Sexo - uma variável produtiva.** v. 4. Estudos sobre a fala culta carioca. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ; Projeto NURC/RJ, 1995. 71 p.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2004. 227 p.

LUCCHESI, Dante. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 295-318.

LYONS, John. **Língua(gem) e lingüística**: uma introdução. Tradução de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987. p. 71-87

MAGALHÃES, José S. de. A redução vocálica no português brasileiro por diferentes modelos fonológicos. In: HORA, Dermeval da. **Vogais**: no ponto mais oriental das Américas. João Pessoa: Idéia, 2009. 227 p.

MAIA, Clarinda de Azevedo. **História do Galego-Português**: Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência ao galego moderno). Coimbra: I.N.I.C, 1986. p. 297-935

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. 4 ed. Maceió: EDUFAL, 2008. 176 p.

MIRA MATEUS, Maria Helena *et al*. **Fonética, Fonologia e Morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990. 512 p.

MIRA MATEUS, Maria Helena *et al*. **Gramática da língua portuguesa**: Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolingüística**. O tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 200 p.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000. 168 p.

MOTA, Jacyra Andrade**. *O -s* em coda silábica na *norma culta* de Salvador.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2002. Tese de Doutorado. 452 p.

MOTA, Jacyra Andrade. Avaliação de procedimentos metodológicos: questões de prosódia e de pragmática, temas para discurso semidirigido, e perguntas metalingüísticas e leitura de texto. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade (Orgs.). **Documentos 1:** Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: ILULFA/EDUFBA, 2003, p. 39-44.

NASCENTES, Antenor. **O Linguajar Carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Organização Simões. 1953. 217 p.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org). **Introdução à sociolingüística**. O tratamento da variação. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 145-177.

NAVARRO, Tomás *et al*. **Atlas Linguístico de La Península Ibérica – ALPI**. Fonética I. Madrid: Conselho Superior de Investigaciones Científicas, 1962.

OLIVEIRA, Alan Jardel. **A variação em itens lexicais terminados em /l/ na cidade de Itaúna/MG**, 2006. 211f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Orientador: Profª Drª Maria do Carmo Viegas.

OLIVEIRA, Fernão de. **Gramática da Linguagem Portuguesa**. Ed. Crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Estudo introdutório de Eugênio Coseriu. [1536] 2000. p. 163-185.

OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani; LOPES, Célia Regina dos Santos (Orgs.). **Sexo – uma variável produtiva.** v. 4. Estudo sobre a fala culta carioca. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ; Projeto NURC/RJ, 1995. 71 p.

OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de. Homens e Mulheres — comportamento linguístico diferente? In: OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de; LOPES, Célia Regina dos Santos (Orgs.). **Sexo — uma variável produtiva**. v. 4. Estudo sobre a fala culta carioca. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ; Projeto NURC/RJ, 1995. p. 9-17.

PAGEL, Dário Fred. Contribuição para o Estudo das Vogais Finais Inacentuadas em Português. **Caderno de Estudos Lingüísticos,** Campinas, SP, (25), p. 1-173, Jul/Dez, 1993.

PAGOTTO, Emílio Gozze. **Variação e (´) identidade**. Maceió: EDUFAL, 2004. 417 p.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística románica: un balance. Tradução de Norma Díaz. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Orgs.). **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**, Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 1991). Kiel: Westensee, 1996. p. 25-49.

RAZKY, Abdelhak (Org.) **Atlas lingüístico sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CD-ROM.

ROSSI, Nelson *et al*. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963. 154 p.

SANTOS, Márcio. **Estradas reais**: introdução ao estudo dos caminhos do ouro e do diamante no Brasil. Belo Horizonte: Estrada Real, 2001. p. 118-165.

SÁ TELES. J. F. de. **As moagens e o ciclo econômico da cachaça na Várzea do Caldas**. Brasília: Escolas Profissionais Salesianas, 1990. 40 p.

SÁ TELES. J. F. de. **Relembranças.** Memórias. Usos e costumes. Crônicas memorialistas. BUREAU. Salvador, 1994. 74 p.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolinguística**: Teoria y análisis. Madrid: Alhambra, 1988. p. 1-165.

SILVA, David James. Vowel Lenition in São Miguel Portuguese. **Hispania,** v. 81. nº 1. mar., 1998, p. 166-178.

SILVA, David James. Vowel Shifting as a Marker of Social Identity in the Portuguese Dialect of Nordeste, São Miguel (Azores). **Luso-Brazilian Review** 42.1. 2005. p. 1-20.

SILVA, David James. The Persistence of Stereotyped Dialect Features among Portuguese-American Immigrants from São Miguel, Azores. **Journal of Portuguese Linguistics**. Arlington, 2007. p. 1-34.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira.Coleta de dados In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolingüística**. O tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.117-133. 200 p.

SILVA, Thaís Cristófaro. **Fonética e Fonologia do Português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007. 275 p.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2005. 96 p.

TELES, Ana Regina T. F. **Elaboração e Composição Cartográfica**. Carta Base – Fonte: Base Cartalográfica Integrada Digital do Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa.** Tradução de Celso Cunha. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 142 p.

THUN, Harald *et al*. **Atlas linguístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU).** Vol. 1. Kiel: Westensee Verlag, 2000.

TRUDGILL, Peter. Sexo e prestígio linguístico. In: AEBISCHER, Verena. FOREL, Claire (Orgs.). **Falas masculinas, falas femininas?** São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 77-101.

URIEL, Weinreich; LABOV, William; Herzog, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, [1968] 2006. 151 p.

VIARO, Mário Eduardo. Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas. In: SILVA, Luis Antônio da (Org). **A língua que falamos**: português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005. p. 211-251.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. As vogais Médias Postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e Variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.

VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel; Apagamento da vogal átona final em Itaúna/MG e atuação lexical. **Revista ABRALIN**, v. 7, n. 2, p. 119-138, jul/dez, 2008. p. 119-138.

VOTRE. Sebastião Josué. Relevância da Variável Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolingüística**. O tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 200 p.

ZÁGARI, Roberto L. *et al*. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. 244 p.

ANEXO A – Ficha social do informante

1. Informações sobre a comunidade

1. Nome oficial:
2. Nomes anteriores:
3. Nome dado aos habitantes:
4. Nome dado ao falar local:
5. Atividades econômicas predominantes:
6. Indústrias caseiras:
7. Sublocalidades:
8. Comunicações:
9. Dados sobre a infraestrutura da localidade:
10. Dados sobre a emigração:
11. Dados sobre a imigração:
12. Histórico sucinto da localidade:

2. Dados pessoais do informante

1. Nome: Alcunha:
2. Data de nascimento: Sexo: Idade:
3. Lugar em que nasceu:
4. Endereço:
5. Cidade:
6. Estado civil:
7. Naturalidade:
8. Com que idade chegou a esta cidade (povoado):
9. Domicílio e tempo de permanência na localidade:
10. Escolaridade: Outros cursos:
11. Naturalidade da mãe: do pai: do cônjuge:
12. Foi criado pelos próprios pais?
13. Em caso negativo, por quem foi criado?
14. Naturalidade da mãe adotiva? E pai adotivo?
15. Onde exerce a sua profissão? (descrição da área, bairro, cidade onde trabalha)
16. Outras profissões e ocupações:
17. Profissão do pai: da mãe: do cônjuge:
18. Tipo de renda individual: familiar:

2.1. Contato com os meios de comunicação

19. Assiste TV?
__ todos os dias __ às vezes __ nunca

20. Programas preferidos:
Tipo de transmissão:

21. Ouve rádio?
__ todos os dias __ às vezes __ nunca __ parte do dia
__ o dia inteiro __ enquanto viaja __ enquanto trabalha __ de madrugada

22. Programas preferidos:

23. Lê jornal?
24. Seções do jornal de que gosta de ler:
__ editorial __ esportes __ variedades __seção cultural __política
__ página policial __classificados __ matéria principal __ outra

25. Lê revista?
__ às vezes __ semanalmente __ mensalmente __raramente __ nunca
26. Nome do tipo de revista de que gosta:

27. Qual a religião ou culto pratica?

28. Participação em diversões:

	Frequentemente	às vezes	raramente	nunca
Shows	_____	_____	_____	_____
Festas religiosas	_____	_____	_____	_____
Futebol	_____	_____	_____	_____
Esportes	_____	_____	_____	_____
Eventos folclóricos	_____	_____	_____	_____

3. Para preenchimento após a entrevista

29. Características psicológicas do informante:
__ tímido __ vivo __ perspicaz __ sarcástico

30. Espontaneidade da elocução:
__ total __ grande __ média __ fraca

31. Postura do informante durante o inquérito:
__ cooperativa __ não cooperativa __ agressiva __indiferente

32. Grau de conhecimento entre o informante e o inquiridor:
__ grande __ médio __ pequeno __ nenhum

33. Interferência ocasional de circunstantes:
__ sim __ não

34. Caracterização sumária do (s) circunstante(s):

35. Ambiente do inquérito:

37. Observações:
38. Nome do entrevistador:
39. Local e data da entrevista:
40. Duração:

ANEXO B – Autorização do informante

AUTORIZAÇÃO

Autorizo, por solicitação de Maria do Carmo Sá Teles de Araújo Rolo, a utilização dos dados coletados nesta entrevista para estudo sociolingüístico da fala da comunidade rural de Beco e do município de Seabra. A solicitante garante que a identidade dos informantes será preservada e serão utilizadas apenas as ocorrências observadas na fala do informante.

Beco-Seabra-Ba, _____/ _____/ 2008.

_____

Assinatura

ANEXO C – Roteiro para entrevista – Temas

Diversidade Linguística no Brasil
Estudo da variação em comunidades rurais do estado da Bahia
Apócope das vogais átonas finais [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra

Temas para discurso semidirigido[37]

a) Relato sobre acontecimento marcante de sua vida (fatos ocorridos na infância, casamento, namoro, nascimento de um filho, etc)

- Voce se lembra de algum fato que marcou sua vida? Alguma história de família?
- Você se lembra de como foi a festa do seu casamento?
- Se você acertasse na loto, faria o quê, com tanto dinheiro?
- Você tem filhos? Como foi o nascimento de seus filhos?

b) Comentário sobre as perguntas de televisão de que ele mais gosta.

- Você gosta de assistir televisão? O que você acha dela? Quais são seus programas preferidos? Como são os programas? Por quê você gosta desses programas?

c) Descrição de sua atividade ocupacional.

- Vamos agora conversar um pouco sobre o seu trabalho. O que você faz? Você poderia me explicar como ele é? Eu queria que você falasse tudo, tudinho.
- Já aconteceu alguma coisa alegre ou triste no seu trabalho? Como foi?

d) Relato de um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha ocorrido com um amigo).

- Você se lembra de algum fato marcante que tenha ocorrido com algum amigo (conhecido, parente, vizinho) seu?

[37] MOTA, Jacyra Andrade. Avaliação de procedimentos metodológicos: questões de prosódia e de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalingüísticas e leitura de texto. In.:AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleide Aparecida; MOTA, Andrade Jacyra (Orgs.). **Documentos 1: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – AliB**. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2003.

ANEXO D – Roteiro para entrevista – QFF

Diversidade Linguística no Brasil
Estudo da variação em comunidades rurais do estado da Bahia
Apócope das vogais átonas finais [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

1) TOMATE

O que vocês plantam aqui? Ou vocês plantam o que na horta? Ou aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho vermelho do macarrão?

2) QUIABO

Como chama aquela verdura gosmenta, compridinha de cor verde?

3) FUMO

O que se plantava muito por aqui, principalmente no córrego, e que tem cheiro muito forte e serve para fazer cigarro?

4) COLHE

Quando a plantação está no ponto o que é que você faz?

5) COUVE

Como se chama aquela folha verde que vende cortadinha na feira?

6) CANO

Como se chama aquelas mangueiras compridas que são usadas para jogar água do motor até a roça? Ou como chama aquele tubo que leva água do poço até sua casa?

7) ALFACE/ COENTRO/ TOMATE

O que vocês vendem na feira sábado?

8) MUITO/POUCO

Como é a venda dos produtos que são levados para a feira? Ou O que você vende/compra mais na feira?

9) CARO/ ALTO/BARATO

Como está o preço do feijão? Ou o feijão está barato?

10) Em DINHEIRO

Quando você vende seus produtos na feira como é feito o pagamento?

11) JENIPAPO/ TAMARINDO

Quais as frutas que vocês produzem aqui?

12) CAROÇO

O que tem muito duro no centro da manga e que a gente pode plantar? Como se faz uma muda de manga?

13) CACHO

O que se corta no pé de banana e põe para amadurecer?

14) GALHO

Quais as partes de uma árvore? Quando se poda uma árvore o que normalmente se corta?

15) CACHORRO/ GATO/ PORCO
Que animais de estimação que vocês têm por aqui? Ou que animais de estimação o povo daqui tem o hábito de criar?

16) ELEFANTE
O animal grande que sempre se vê em circo e tem uma tromba assim?

17) SAPO
Como se chama aquele animal feio, que pula e solta um líquido quando a gente irrita ele?

18) RABO/CABO
O que o cachorro tem atrás e que abana quando vê o dono?

19) PORCO
Que animal fica no chiqueiro?

20) MACACO
Como chama aquele animal esperto que tem quatro patas e adora comer banana?

21) FRANGO
Que tipo de ave a gente compra congelada no mercado? Quais as partes dessa ave que são vendidas separadas?

22) PEIXE
O que se pesca nos rios e no mar?

23) MACHO
Quando uma vaca dá cria e o filhote não é fêmea é o quê?

24) CAVALO
Qual o animal que normalmente se usa para montar e tocar o gado?

25) BRAVO
Como a gente diz quando um boi é arisco e quer pegar todo mundo?

26) AÇOGUEIRO
Como chama uma pessoa que mata boi?

27) GRILO
Que tipo de inseto saltador aparece por aqui e que canta assim (imitar)? E aquele que acende uma luzinha no escuro?

28) PIOLHO
Como chama aquele inseto (bichinho) bem pequenininho que aparece de vez em quando na cabeça das pessoas e coça bastante?

29) GALINHEIRO/POLEIRO
Onde dormem as galinhas?

30) CHIQUEIRO
Onde ficam os porcos?

31) AMARRO
Quando você vai a algum lugar a cavalo, chegando lá o que você faz para ele não fugir enquanto você faz sua visita?

32) CORRO
Se você está numa estrada e aparece um boi correndo atrás de você, o que você faz?

33) PULO
O que você faz se você está andando e, de repente, aparece uma poça d'água de um lado a outro do caminho?

34) PECADO
Quando a gente deixa de obedecer às leis de Deus comete o quê?

35) BISPO
Quem é que faz a crisma na igreja? Aquele que vem de Irecê e a gente chama de Dom Tomaso?

36) DIABO
Como chama aquele ser chifrudo que é o chefe do inferno?

37) ANJO
Antigamente quando tinha missa em Bebedouro e as crianças vestiam uma roupa branca com asas e coroa na cabeça. Elas vestiam de quê?

38) SINO
Como chama aquele instrumento em forma de cone que toca na igreja para avisar que a missa já vai começar?

39) PRESENTE
Quando tem uma festa de casamento e você é convidado, o que normalmente você levaria para os noivos embrulhado em um papel?

40) GENRO
O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que ele é do sogro?

41) SUJO
Depois de descascar muito milho, como é que fica o chão?

42) CACHIMBO
Como chama aquela coisa assim comprida que as pessoas antigas colocavam fumo no ponta, acendiam e ficavam fumando ?

43) BOLO
O que precisa para fazer uma festinha de aniversário? Ou como se chama aquela mistura que normalmente assa numa forma e que enfeita depois para cantar os parabéns no aniversário?

44) PALHAÇO
Como se chama aquele personagem bem engraçado do circo?

45) JOGO DO BICHO
Como se chama aquela aposta que o cambista faz com base em animais para ganhar dinheiro?

46) BINGO
Aquele jogo que de vez em quando tem em Seabra e que a gente compra uma cartela e vai marcando o número até preencher e ganhar. Como se chama?

47) FOFO
Quando a gente coloca bastante fermento na mistura com farinha de trigo, como fica o bolo?

48) MESMO
Um homem só tem um paletó e usou na formatura do primeiro filho. Um mês depois é a formatura de seu segundo filho e ele não tem outro paletó para usar. Então ele usa qual paletó?

49) HINO
Como chama aquela música bonita do Brasil que sempre canta antes do jogo na copa do mundo ou em jogos importantes?

50) PREFEITO
Este ano tem eleição pra quê?

51) POVO
Quem elege os governantes? Quem vai ao comício?

52) MENTIROSO
Como se chama um homem que mente?

53) CHAVE
O que você põe no buraco da fechadura para abrir a porta?

54) PREGO
O que é usado para segurar um quadro na parede?

55) TARDE
Como chama a parte do dia que começa depois do almoço?

56) ALHO
O que você usa para temperar o arroz?

57) GUARDANAPO
Quando a gente vai receber visita para almoçar, o que a gente costuma colocar na mesa? Ou pra não limpar a boca com uma toalha, o que a gente usa?

58) GARFO
Quais são os talheres se coloca na mesa para o almoço?

59) BIFE
Como chama aquela carne fatiada (normalmente alcatra) que não é carne do sol e a gente tempera e passa na caçarola já na hora do almoço? O que se faz com a carne fresca?

60) QUILO
Quando você vai comprar carne no açougue quanto é que você pede de carne?

61) GOSTOSO
Como fica um feijão cheio de carne dentro? Uma buchada bem preparada a gente diz que é muito gostosa e um feijão bem preparado?

62) CHURRASCO
Como se chama aquela carne no espeto assada na brasa?

63) MOLHO
Como se chama aquela mistura que a gente faz com pimenta e põe na comida para ficar ardida?

64) BUCHO
Quais os materiais que a gente usa para fazer buchada?

65) FOME
Quando seu estômago começa a roncar é porque você está com quê?

66) COPO
O que normalmente fica em cima do filtro pra pessoa beber água?

67) COLO/GALO
Quais são as formas de carregar o nenê? A fêmea do galinheiro é a galinha e o macho, como chama?

68) MOFO
Um pão que fica dentro de um saco amarrado por muitos dias, quando você abre percebe que ele está com umas manchas acinzentadas, nós dizemos que o pão está com quê?

69) DIABETES/DIABETE
Qual a doença mais comum por aqui?

70) OUVIDO
Quando você sente uma dor aqui (mostrar ouvido) é uma dor de quê?

71) NOJO
Como você fica quando vê uma coisa bem nojenta tipo vômito?

72) LOUCO/DOIDO
Que nome se dá a uma pessoa que, às vezes, precisa até ser internado em um hospício?

73) PERIGOSO
O que você acha de um lugar onde acontecem muitos assaltos?

74) DORME
Depois de um dia de trabalho duro e cansativo, o que as pessoas fazem normalmente à noite?

75) DOZE
Uma dúzia são quantos ovos?

76) TREZE/QUATORZE
Quais os números que vêm depois de dez?

77) NOVE/OITO
Que número vem antes de dez?

78) CENTAVO
Como chama aquele valor que é menor que um real?

79) ESQUERDO
Este lado é o direito, e como chama este (mostrando) aqui?

80) CORPO
Quando está chovendo, a gente usa capa para proteger o quê?

81) CISCO
Como chama aquela coisinha pequenininha que cai no olho e fica incomodando?

82) UMBIGO
Como se chama aquele buraquinho que tem no meio da barriga? Ou o que é que cai do recém nascido com sete dias?

83) PESCOÇO
Como se chama esta parte aqui (mostrar pescoço)?

84) CORAJOSO
Como se chama um homem que não tem medo?

85) GRAMPO
O que as mulheres usam para prender os bobes no cabelo? Ou o que a gente põe no grampeador para grampear papéis?

86) LENÇO
O que as mulheres amarram na cabeça para se protegerem do sol?

87) DESEJO
Quando uma mulher grávida sente uma vontade muito grande de comer alguma coisa, dizemos que ela está com quê?

88) ENTOJO
Que nome se dá quando a mulher grávida enjoa de algum alimento?

89) PERFUME
O que se põe no corpo para ficar cheiroso?

90) MENINO
Quando nasce uma criança e não é menina é o quê?

91) PRIMO
O que você é do filho/a de seu tio/tia?

92) FILHOS/FILHO
Na ausência dos pais quem recebe a herança?

93) SOCORRO
Quando você está em uma situação de perigo o que você pede?

94) EMPREGO
Para trabalhar e ganhar dinheiro é preciso procurar o quê? Quando uma pessoa foi mandada embora ela perdeu o quê?

95) PEDAÇO
Quando uma pessoa parte o bolo todo para vender, como chama cada fatia?

96) CHEFE
Há homens e mulheres que chefiam, no caso, se é um homem, ele é o quê?

97) ESCRAVO/ESCRAVOS
Como chamavam aquelas pessoas negras que vieram para o trabalho forçado no Brasil?

98) GREVE
Que nome se dá ao ato dos professores quando param de trabalhar por melhores salários?

99) RECIBO
O que você recebe quando paga alguém e serve de prova de que você pagou?
Ou (alternativa) LOBO: Como chama aquele animal selvagem que parece um cachorro?

100) SAPATEIRO
Como chama a pessoa que conserta sapato?

101) CALO
Se você usar um sapato muito apertado o que vai aparecer no seu pé no outro dia?

102) CABELEIREIRO/BARBEIRO
Como chama o homem que corta cabelo?

103) CARRO
Quando você precisa ir à Seabra, como é que você vai?/ ou você vai de quê?

104) FOGO
O que você põe no forno para esquentar e fazer avoador?

105) FEIXE
Como chama o amarrado que se faz com lenha pra carregar nas costas?

106) SOLDADO
Como chamam aqueles homens de farda que vivem em um quartel (tem o tenente, o sargento e depois, o que vem?

107) MORRO
Onde é que o pessoal faz roçado por aqui?

108) ANO
Que nome se dá o período de Janeiro a Dezembro? Ou ao período de 12 meses?

ANEXO E – Algumas transcrições: Temas – Beco e Seabra

Temas - Beco

(001)

INF. – A correria, a correria que tem aqui, eu quero [ˈkɛɾʊ] fazê tud é que nem eu dig aí fala, mi'a profissão pelos document é de môtorista, né? Mas eu cuid [ˈkwid] de tud eu gost [ˈgɔst] de roça, ador [aˈdoɾˈ] roça, eu gost [ˈgost] de roça é... É gost [ˈgɔst] da pecuária, pena que aqui, o lugá da gent aqui é tão sec [ˈsek], né? Eu tenho vontade [võˈtad] de criá, que nem agora todo mundo tá tend [ˈtẽd] dificulidade [dificuliˈdad] pá criá o gad aqui, mas só divid [ˈdiˈvid] mehm a seca, né? Mas é bom eu gost [ˈgɔst] de criá gad e gost [ˈgɔst] da roça, as veze os pov [ˈpov] fala "Moç [ˈmos]! que tu não vai ne Seabra, não mora ne Seabra", mah eu vô fazê ne Seabra o que moç [ˈmos]? Sendo que eu gost é da roça. Eu sai daqui de manhã cedo [ˈsed], tant [ˈtẽt] que essa casa daqui é só pá mim durmi. Poque tem hora que eu sái daqui ced e vô po Surad [ˈsuɾad] também tem roça lá

(002)

INF. – Aí depois eu disse [ˈdis] vô escondê essa promatóra, quem apanhava mais era eu poque eu era muit [ˈmũjt] present e quan [ˈkwẽn] chegava uma notica daqui de fora mãe nam acreditha na gent [ˈʒẽt] não, só creditava ne quem via trazê a notíca aqui ela chegava o casset [ˈkaset], né? Tinha um puler [puˈleɾ]de galinha aí cobert [kuˈbɛht] pô pau de fum [ˈfum], né eu diss [ˈdis] vô esondê essa promatora aí escondi lá, precisô pá batê ne Elson ainda bem que não era pra mim, né? E mãe caçava a promatora e mandô Avilina caçá e Avilina nam achô, né? Aí mãe foi e diss assim, né? Mah menino [mĩˈnĩn] diss. Rapaiz naquele temp, até hoje diss [ˈdis], que meu pai tinha um ditad [diˈtad] "que o besta fica poc [ˈpok] mah nam acaba, né?" aí mãe diss oi quem achá a promatora eu dô uma roda de bol [ˈbol], mah eu pensei que era bol [ˈbol] de cumê rapaiz, oh! Rapaiz sobrô pra mim (risos) eu diss eu sei ond' é que tá, fui eu que escondi fui lá no pulero e truxe, mãe cor [ˈkoɾ] ne Elson e cor [ˈkoɾ] ne mim. Foi (risos). Essas história assim de coisa eu gostaha muito era de animal de tá doid [ˈdojd] muntan [mũˈtẽn] ne animal ne qualqué lugá, era ne bod, era ne boi, antê ne bod eu muntaha.

(Inf. 06, homem, 56 anos - Beco)

Temas – Seabra

Tema 01

– Criô tudo [ˈtudʊ] varreno [vaˈxẽnʊ]

– (...) dexara lá sentado [sẽˈtadʊ] na calçada enquanto [ẽjˈkwɐ̃tʊ] ela ia varreno [vaˈxẽnʊ], aí quando [ˈkwɐdʊ] ela chegarra lá frente [ˈfrẽtɪ] da calçada, lá na frente [ˈfrẽtɪ] do (init) ela corria lá pegava eles [ˈelɪs] tudo [ˈtudʊ] e botarra lá frente [ˈfrẽtɪ] de novo [ˈnovʊ] pela pudê terminá a rua. De vez enquanto [ẽjˈkwɐtʊ] ela levarra na carroça

(Inf. 11, mulher, 19 anos – Seabra)

Tema 04

– (...) Tem que ser educado [eduˈkadʊ] , né? Bom dia!, boa tarde! [ˈtahdʲɪ] (...)

– Vai lá diretamente [dʲiɾɛtaˈmẽtʲɪ] no estoque [isˈtɔkɪ] dele [ˈdelɪ], pede [ˈpɛdʲɪ] permissão pá tá visitando [viziˈtɐ̃dʊ] os estoque [isˈtɔkɪ], pá tá tirano [tʲiˈɾɐ̃nʊ] relação de tudo [ˈtudʊ], de tudo [ˈtudʊ] que a gente [aˈʒẽtʲɪ] trabalha e tá passano [paˈsɐ̃nʊ] pra ele o que ele tá faltano [fawˈtɐ̃nʊ] e ta sempre [ˈsẽpɾɪ] abordano [abɔhˈdɐ̃nʊ] já com essas coisa né?

– Me trancaram uma vez lá em Botirma, eu tava conferino [kofiˈɾ̃inʊ] ... já era tarde [ˈtahdʲɪ] já e eu trabalhei até mais tarde [ˈtahdʲɪ], e esse [ˈesɪ] dia eu acabei me envoveno [ẽvoˈvẽnʊ] de mais lá dento [ˈdẽtʊ] desse [ˈdesɪ] deposito [dɛˈpɔzitʊ], lá conferino [kofiˈɾ̃inʊ] um monte [ˈmõtʲɪ] de mercadoria pequena, é coisa bem pequinininha assim, eu tava contano [kõˈtɐ̃nʊ] e fazeno [faˈzẽnʊ] ... tinha um monte [ˈmõtʲɪ] lá vencida, tava fazendo [faˈzẽnʊ] a separação, e ai eu não (init), não percebi tinha trancado [tɾɐ̃ˈkadʊ] o, o deposito [dɛˈpɔzitʊ] e eles já tavam fechano [feˈʃɐ̃nʊ] o caixa pra ir embora (...)

– Ninguem foi lá, rapaz, aí eu tive [ˈtʲivɪ] que ligá (init) com o telefone [tɛlɛˈfõnʲɪ], liguei pra qualqué comeciante [kɔmɛsiˈɐ̃tʲɪ] lá, que eu não sabia diretamente [dʲiɾɛtaˈmẽtʲɪ] o numero dele [ˈdeli], né?

(Inf. 09, homem, 22 anos – Seabra)

ANEXO F – Algumas transcrições: QFF – Beco e Seabra

QFF - Beco

(001)

INF. – É o que eu falei, é alfaç [awˈfas], é quent [ˈkwẽt], cenora, beterraba, é pipin [piˈpĩn], quiab [kiˈab]... É milho [ˈmiʎʊ], fejão tamém

(002)

- quiab [kiˈab])

(003)

INF. – Fum [ˈfũm]

(005)

INF. – Covo [ˈkovʊ]

(006)

INF. – Can [ˈkɐ̃n]

(010)

INF. – Em dinher [dʒĩˈeɾ], só vend em dinher [dʒĩˈeɾ]

INF. – Todo mund [ˈmũd] no dinher [dʒĩeɾ]

(012)

INF. – O caroç [kaˈros]

(013)

INF. – O cach [ˈkaʃ] da banana, né?

(014)

INF. – Os galho [ˈgaʎʊ]?

(015)

INF. – Frang, né [ˈfrɐ̃gˈnɛ]?

(016)

INF. – Elefant [ɛlɛˈfɐ̃t]

(017)

INF. – Sap [ˈsap]

(019)

INF. – Porc [ˈpohk]... Era porc [ˈpohk] ... Mais nam criei mais não

(021)

INF. – Frang [ˈfrɐ̃g]

(022)

INF. – Pex [ˈpeʃ] (Inf. 01, homem, 52 anos)

QFF - Seabra

(001)

– Mais é o tomate [tɔˈmatʲɪ], mesmo ... o tomate [tuˈmatʲɪ] predomina

(002)

– Quiabo [kiˈabʊ]

(003)

– Fumo [ˈfũmʊ]

(005)

– Aface, côve [ˈkovɪ]

(006)

– Cano [ˈkɐ̃nʊ]

(010)

– Na fera de sábado é a dinheiro [dʲɐ̃ˈɛɾʊ]

(012)

– Caroço, né? [kaˈɾosʊˈnɛ]

(013)

– Cacho [ˈkaʃʊ]

(014)

N. O.

(015)

– Cachorro [kaˈʃoxʊ] ... Cachorro, [kaˈʃoxʊ] cavalo ... cavalo

(016)

– Elefante [ɛlɛˈfɐ̃tʲɪ]

(017)

– Macaco ... sapo [ˈsapʊ]

(018)

– Cabo [ˈkabʊ]

(019)

– Porco [ˈpohkʊ]

(021)

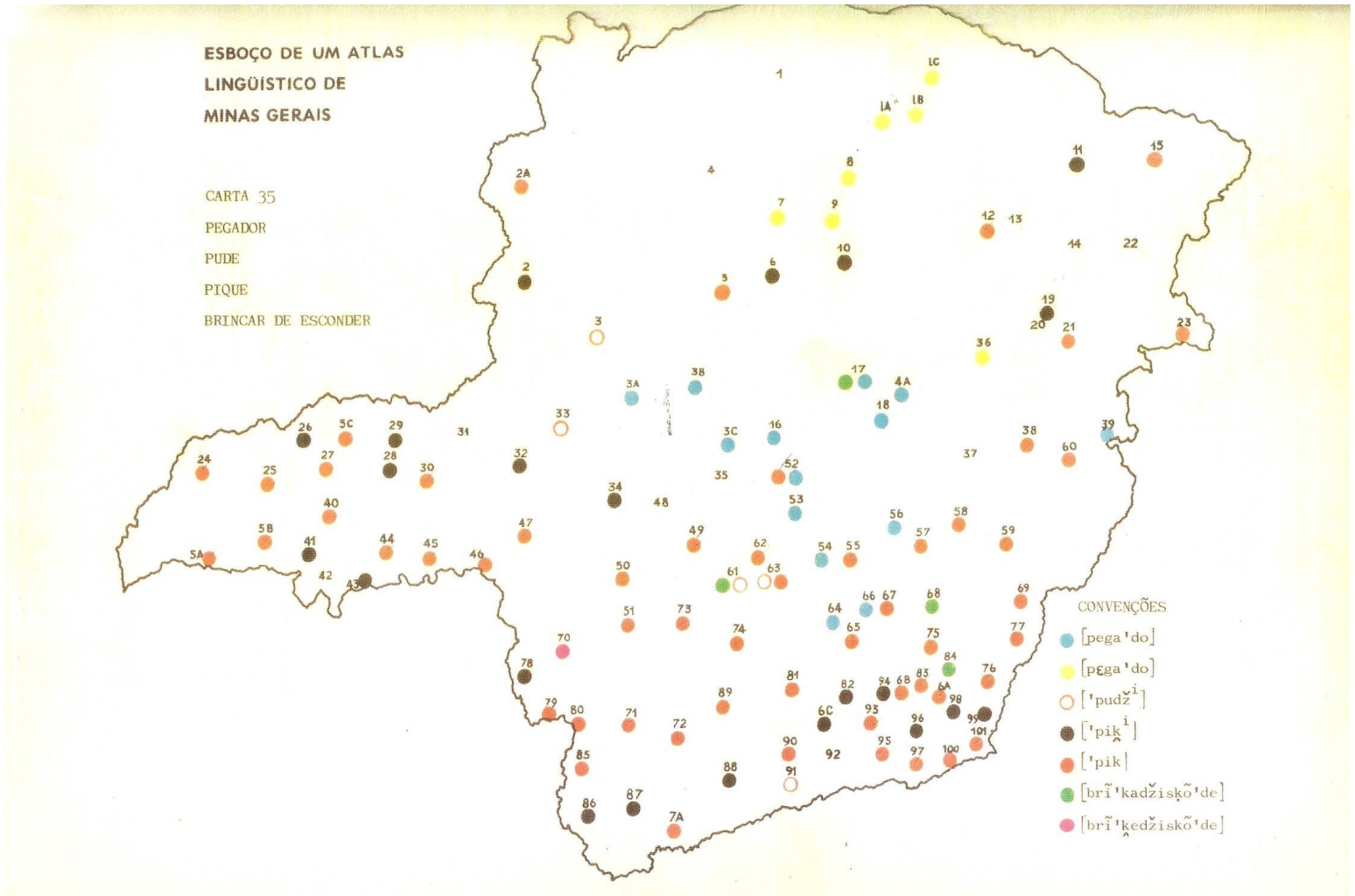
– Frango, né? [ˈfɾɐ̃gʊˈnɛ]

(022)

– Pêxe [ˈpeʃɪ]

(Inf. 13, homem, 61 anos – Seabra)

ANEXO G – Carta 35 do EALMG



ANEXO H - Distribuição da apócope nos três estados do Sul do Brasil, segundo o ALERS

Estado	Caso	Variante	Carta	Localidade/ponto
Rio Grande do Sul	sete	[ˈsɛt]	08	Soledade (709)
Rio Grande do Sul	dezessete	[dɪzeˈsɛt]	32	Guarani das Missões (621)
Santa Catarina	dezessete	[dɪzeˈsɛt]	32	Chapecó (433)
Paraná	americano	[ɐmeriˈkãn]	07	Santo Antonio da Platina (079), Mandaguari (141), Itaguajé (029), Ortigueira (205)
Paraná	homem	[ˈɔm]	09	Londrina (056), Ibaiti (094) Ipiranga(209), Sengés (217)
Paraná	homem	[ˈom]	09	Andirá (064), Ivaiporã (176)
Paraná	compadre	[ˈkõˈpad]	19	Cambé (055), Palotina (179)
Paraná	dezessete	[dzeˈsɛt]	32	Sertanópolis (047), Alto Piquiri (126), Barbosa Ferraz (151),), Goio-Erê (152), Apucarana (160), Marechal Cândido Rondon (185), Medianeira (194)
Paraná		[dɪzeˈsɛt]	32	Jaguapitã (050), São José da Boa Vista (100), São Jorge do Ivaí (132), Engenheiro Beltrão (142)
Paraná		[dᵉzeˈsɛt]	32	General Carneiro (293)
Paraná		[dezeˈsɛt]	32	Guaraniaçu (197)
Paraná		[dᵉzɐˈsɛt]	32	São Mateus do Sul (236)
Paraná		[dɛzˈsɛt]	32	Tijucas do Sul (255)
Paraná	vinte	[ˈvĩⁿt]	33	Arapongas (053), Marilândia do Sul (167), Guaratuba (263)
Paraná	advogado	[ˈɐdevoˈgad]	35	Rondon (106)
Paraná	fervendo	[fɛɽˈvẽn]	36	Siquiera Campos (089), Icaraíma (107)
Paraná		[fɛrˈvẽn]	36	Porecatu (034)
Paraná		[fɛrˈvẽⁿ d]	36	Campo Mourão (150)

ANEXO I – Chave de codificação do grupo de fatores – Vogal [u]

VARIÁVEL DEPENDENTE

1. Presença ..... +
   Ausência ..... -

VARIÁVEIS INDEPENDENTES INTERNAS

2. **Consoante pré-vocálica:**
   Oclusivas bilabial surda..... P
   Oclusiva bilabial sonora..... B
   Oclusiva dento-alveolar surda..... T
   Oclusiva dento-alveolar sonora ..... D
   Oclusiva velar surda..... K
   Oclusiva velar sonora ..... G
   Fricativa labiodental surda ..... F
   Fricativa labiodental sonora V
   Fricativa dento-alveolar surda ..... S
   Fricativa dento-alveolar sonora..... Z
   Fricativa palatal surda 4
   Fricativa palatal sonora 3
   Fricativa velar surda X
   Nasal bilabial sonora ..... M
   Nasal dento-alveolar sonora ..... N
   Tepe dento-alveolar sonoro ..... A
   Lateral alveolar sonora L
   Lateral palatal sonora 6
   Grupo consonântico obstruinte + tepe..... R

3. **Vogal/semivogal da sílaba antecedente**
   Vogais/semivogais posteriores: ..... o
   Vogais/semivogais anteriores: 3
   Vogal baixa, central ..... a

4. **Dimensão do vocábulo**

Dissílabo 2

Trissílabo 3

Polissílabo 4

5. **Classe morfológica (pela gramática tradicional)**

Substantivo ..... S

Adjetivo ..... J

Verbo V

Numeral ..... N

Advérbio ..... A

Pronome substantivo..... P

Pronome adjetivo ..... D

6. **Tipo de frase**

Afirmativa ..... +

Interrogativa + interrogativa-negativa ..... -

7. **Posição da palavra na frase**

Início I

Meio ..... M

Fim ..... F

8. **Contexto fonético seguinte**

Consoante C

Vogal sem ressilabação V

Ausência do segmento fônico ..... P

9. **Tipo de questionário**

Questionário fonético-fonológico ..... Q

Discurso semidirigido ..... D

VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTERNAS

10. **Gênero**

Homem ..... H

Mulher ..... M

13**. Informantes**

Beco

INF.: 01 M.J.S, homem, 52 anos 1

INF.: 02 E.J.S, homem, 56 anos.....2

INF.: 03 J.S.T.M, mulher, 22 anos 3

INF.: 04 Z.M.O. mulher, 50 anos 4
INF.: 05 L.J.S. homem, 22 anos 5
INF.: 06 L.J.S, mulher, 18 anos 6
INF.: 07 N.R.S, mulher, 56 anos 7
INF.: 08 C.A.C, homem, 27 anos 8
Seabra
INF.: 09 L.O.A. homem, 22 anos ....a
INF.: 10 - V.M.S., mulher, 53 anos ..... b
INF.: 11 - J.F.R., homem, 61 anos c
INF.: 12 V.V.A, mulher, 19 anos .....d
INF.: 13 J.P.M., homem, 24 anos (ALiB) .....e
INF.: 14 S. M. B. N., mulher, 30 anos (ALiB).....f
INF.: 15 M.J.S., homem, 63 anos (ALiB) .....g
INF.: 16 S. R. S. A., mulher, 60 anos (ALiB) ....h

ANEXO J – Chave de codificação do grupo de fatores – Vogal [i]

VARIÁVEL DEPENDENTE
1. Presença ..... +
Ausência ..... -
VARIÁVEIS INDEPENDENTES INTERNAS
2. **Consoante pré-vocálica:**
Oclusivas bilabial surda..... P
Oclusiva bilabial sonora..... B
Oclusiva dento-alveolar surda..... T
Oclusiva dento-alveolar sonora ..... D
Oclusiva velar surda..... K
Oclusiva velar sonora ..... G
Africada palatal surda..... 2
Africada palatal sonora..... 5
Fricativa labiodental surda ..... F
Fricativa labiodental sonora V
Fricativa dento-alveolar surda ..... S
Fricativa dento-alveolar sonora..... Z
Fricativa palatal surda 4
Fricativa palatal sonora 3
Nasal bilabial sonora ..... M
Nasal dento-alveolar sonora ..... N
Tepe dento-alveolar sonoro ..... A
Lateral alveolar sonora L
Lateral palatal sonora 6
Grupo consonântico obstruinte + tepe ..... R
3. **Vogal/semivogal da sílaba antecedente**
Vogais/semivogais posteriores: ..... o
Vogais/semivogais anteriores: 3
Vogal baixa, central ..... a

4. **Dimensão do vocábulo**

Dissílabo 2

Trissílabo 3

Polissílabo 4

5. **Classe morfológica (pela gramática tradicional)**

Substantivo ..... S

Adjetivo ..... J

Verbo V

Numeral ..... N

Advérbio ..... A

Pronome substantivo..... P

Pronome adjetivo ..... D

6. **Tipo de frase**

Afirmativa ..... +

Interrogativa + interrogativa-negativa ..... -

7. **Posição da palavra na frase**

Início I

Meio ..... M

Fim ..... F

8. **Contexto fonético seguinte**

Consoante C

Vogal sem ressilabação V

Ausência de segmento fônico ..... P

9. **Tipo de questionário**

Questionário fonético-fonológico ..... Q

Discurso semidirigido ..... D

VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTERNAS

10. **Gênero**

Homem ..... H

Mulher ..... M

11. **Faixa etária**

Faixa 1 1

Faixa 2 2

12. **Localidade**

Beco ..... B

Seabra ..... S

13**. Informantes**

Beco

INF.: 01 M.J.S, homem, 52 anos.....1

INF.: 02 E.J.S, homem, 56 anos.....2

INF.: 03 J.S.T.M, mulher, 22 anos 3

INF.: 04 Z.M.O. mulher, 50 anos 4

INF.: 05 L.J.S. homem, 22 anos 5

INF.: 06 L.J.S, mulher, 18 anos 6

INF.: 07 N.R.S, mulher, 56 anos 7

INF.: 08 C.A.C, homem, 27 anos 8

Seabra

INF.: 09 L.O.A. homem, 22 anos ....a

INF.: 10 - V.M.S., mulher, 53 anos ..... b

INF.: 11 - J.F.R., homem, 61 anos c

INF.: 12 V.V.A, mulher, 19 anos .....d

INF.: 13 J.P.M., homem, 24 anos (ALiB) .....e

INF.: 14 S. M. B. N., mulher, 30 anos ALiB.....f

INF.: 15 M.J.S., homem, 63 anos (ALiB) .....g

INF.: 16 S. R. S. A., mulher, 60 anos (ALiB) ....h